UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA RUSSA

CATREN DA SILVA HAN

VLADÍMIR G. KOROLIENKO – CONTOS SIBERIANOS

Versão Corrigida

SÃO PAULO
2016

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA RUSSA

CATREN DA SILVA HAN

VLADÍMIR G. KOROLIENKO – CONTOS SIBERIANOS

Versão Corrigida

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura Russa, do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Literatura e Cultura Russa

Orientador: Prof. Dr. Mário Ramos Francisco Júnior
De acordo

SÃO PAULO

2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

H233v

Han, Catren da Silva
Vladímir G. Korolienko - Contos Siberianos / Catren da Silva Han ; orientador Mário Ramos Francisco Júnior. - São Paulo, 2016.
202 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Orientais. Área de concentração: Literatura e Cultura Russa.

1. Literatura Russa. 2. Tradução. 3. I. Júnior, Mário Ramos Francisco, orient. II. Título.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO ……9

CAPÍTULO 1 - Korolienko e a Sibéria 24

1.1 A Poética Siberian.....33

CAPÍTULO 2 – Tradução do conto “Iachka” 56

2.1 Comentários sobre o conto.....92

2.2 Judaísmo, Ortodoxia, Demência, Devoção e o Niilismo.....98

CAPÍTULO 3 – Tradução do conto “Sokolínets” 108

3.1 Comentários sobre o conto.....154

3.2 Iacútia, a resistência e o sonho. 159

CONSIDERAÇÕES FINAIS 166

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 169

ANEXOS 175

Nome: HAN, Catren da Silva
Título: Vladímir Korolienko - Contos Siberianos

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em:_____.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Mário Ramos Francisco Júnior Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento:_____ Assinatura:

Prof. Dr. Noé Oliveira Policarpo Polli Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento:_____ Assinatura:

Prof. Dr. Gutemberg Araujo de Medeiros Instituição: Universidade Estadual de Londrina

Julgamento:_____ Assinatura:

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, por todo o seu amor e pelos valiosos conselhos recebidos nesta ainda curta trajetória. Não há palavras que possam expressar toda a minha gratidão pelos seus incontáveis esforços.

Ao meu marido, por ser o meu melhor amigo e companheiro de todas as horas. Obrigada por todo o seu apoio e por acreditar em mim. Te amo muito.

Ao meu pai, seis anos já se passaram, mas sei que a sua maior preocupação sempre foi a minha educação. Onde quer que esteja, muito obrigada.

Ao meu orientador Mário, que mesmo diante de tantos imprevistos ao longo desta pesquisa, esteve presente e me ajudou a tomar as melhores decisões.

À Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo, onde cursei a graduação e me aprofundei na fascinante literatura russa.

A todos os meus professores do curso de russo da USP, que sempre foram atenciosos e gentis com as minhas dúvidas.

Aos meus amigos e familiares, que sempre me apoiaram e torceram para que este trabalho fosse concluído.

À Ekaterina, pelas valiosas informações e pela ajuda prestada no decorrer dos cotejos dos contos.

Aos Professores Doutores Radha Balasubramanian e Mark Conliffe, que gentilmente me enviaram informações e materiais sobre o autor, ampliando a minha compreensão acerca da vida e obra de Vladímir Korolienko.

À CAPES, pelo suporte financeiro, fundamental para que eu pudesse me focar nas leituras, cotejos e traduções.

RESUMO

HAN, C. S. Vladímir G. Korolienko - Contos Siberianos. 2016. f. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2016.

Ainda pouco estudado e traduzido no Brasil, Korolienko compôs ao longo de sua trajetória dois ciclos de contos com a temática prisional, além de inúmeros artigos e enredos ficcionais. Neste trabalho, serão apresentadas duas traduções de parte de sua poética, os contos “Iachka” e “Sokolínets”. Estas narrativas refletem as experiências do próprio autor, que foi enviado para o exílio na Sibéria e que retratou artisticamente as suas impressões. Cumpre notar que a representação realista da riqueza cultural siberiana, com dados precisos sobre as organizações sociais e os modos de vida dos inúmeros povos que convergiram para aquelas terras, sugerem toda a preocupação de um literato que, mais do que escrever, se preocupou com os descasos sofridos pela massa camponesa e atuou em uma série de julgamentos, defendendo cidadãos que lutavam contra a fome e a arbitrariedade de seu governo. Com esta pesquisa, o público leitor de língua portuguesa poderá reconhecer a importância de um intelectual verdadeiramente consciente de sua missão política, em uma Rússia que estava prestes a vivenciar uma grande transformação, com o fim do *tsarismo* e a vitória do partido Bolchevique. Ele enxergou os conflitos de sua época, sem nunca deixar de lado aqueles que mais necessitavam. O nome Vladímir Korolienko sempre será lembrado como aquele que representou a consciência de seu país.

Palavras-chave: Exílio. Sibéria. Iachka. Sokolínets.

ABSTRACT

HAN, C. S. Vladímir G. Korolienko - Siberian Stories. 2016. f. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2016.

Still little-studied and translated in Brazil, Korolienko composed along his path two cycles of short stories with the prison topic, in addition to several articles and plots in fiction. In this work, we are going to present two translations of part of his poetry, the stories “Iachka” and “Sokolinets”. These narratives reflect the experiences of the author himself that was sent to exile in Siberia and portrayed artistically his impressions. It is important to note that the realistic representation of the Siberian cultural richness, with accurate data on social organizations and lifestyles of numerous individuals that converged to those lands, suggest all the concern of a literary man who, more than writing, was worried with the disregard suffered by the rural mass and has served in different trials, defending those citizens who were fighting against the hunger and the arbitrariness of the government. With this study, the Portuguese reading public may recognize the importance of an intellectual truly aware of his political mission, in a Russia that was about to experience a major transformation, with the end of the *tsarism* and the victory of the Bolshevik party. He saw the conflicts of his time, never leaving aside the neediest. The name Vladimir Korolienko will always be remembered as the one who represented the conscience of his country.

Keywords: Exile. Siberia. Iachka. Sokolinets.

Introdução

As obras de Vladímir G. Korolienko[1] condensam uma pluralidade de temáticas e eventos históricos que pintam um vivo retrato da Rússia do século XIX. Os dois ciclos de contos prisionais que serão apresentados, segundo a crítica russa, compreendem o que há de melhor em sua realização literária. Por ter convivido ao longo de seu exílio interno com inúmeros tipos sociais, o autor apreendeu a essência da concepção de vida de condenados, vagabundos, sectários e dos povos locais siberianos, com atenção especial aos iacutos.

Para a seleção de duas das composições mais representativas para esta dissertação, as considerações de críticos e contemporâneos do escritor foram pontualmente analisadas. Tomando por base a recepção de suas produções, selecionamos, neste primeiro momento, narrativas incluídas na primeira etapa, escritas ao longo de seu degredo e alguns anos após o cumprimento de sua pena na região de Iacútia, são elas "Iachka" (1880) e "Sokolínets" (1885).

Nestes trabalhos, identificamos a abordagem e a reprodução de toda a multiplicidade étnica, bem como as questões políticas, a diversidade de línguas, culturas e crenças dos residentes e dos prisioneiros russos, narradas em um tempo presente. Com o emprego de diálogos vivos, somos guiados para um universo de lutas e confrontos, onde as personagens buscam driblar as leis autoritárias e as imposições de seu tempo. Em contrapartida, aqueles que cumprem ordens, aparecem sempre prontos a minar qualquer desvio de conduta ou ideologia contrária às prescrições estabelecidas ao cárcere.

As referências constantes aos guardas, aos chefes de polícia, aos carcereiros, aos pavilhões e aos corredores onde os detentos passam os seus dias trancafiados, revelam quadros realistas daquilo que o próprio escritor foi obrigado a experienciar. Em "Iachka", temos um vivo testemunho sobre a rotina em uma prisão, com paredes que se fecham sobre aqueles que vestem os roupões cinzentos e onde as relações amistosas entre os presos refletem a única saída possível para a sobrevivência em meio à desordem, às práticas de torturas e à violência declaradamente instituídas.

Com a leitura de "Sokolínets", veremos uma nova abordagem sobre o degredo,

[1] É preciso ressaltar que os contos traduzidos neste trabalho foram retirados das obras completas do autor em edição russa (Sobranie sotchineni v 5 tomakh. T. 1-2 Moskva: Moskovski Rabotchi, 1971, 448c.).

sendo que aquela aura obscura, cerrada e essencialmente grotesca de “Iachka”, cederá espaço a uma pluralidade de tipos sociais, como os fugitivos e seus históricos criminosos, cujo objetivo comum converge para a fuga da ilha de Sacalina. Desta vez, no plano inicial, seremos introduzidos a um narrador solitário, que passa os dias em sua pequena habitação, ao lado de seu fiel cão Cérbero, sob o conhecido frio iacuto, aguardando apenas momento de sua morte, tendo como único momento de alegria o crepitar da lenha sendo consumida pelo fogo. Esta realidade deprimente cede espaço para uma explosão de vida e de novas perspectivas, com a fascinante história contada pelo vagabundo Baguylai.

Logo, evidenciam-se neste conto episódios que transitam entre o tempo presente e as memórias de um sobrevivente da ilha penal. Conforme ele relata a sua aventura bem-sucedida de fuga, o narrador, que o escuta com uma extrema atenção, preenche-se de imagens e parece encontrar um alento para aquela noite angustiante, uma vez que, até então, ele apenas lamentava a sua desventura: a de um homem lançado em uma terra inóspita, muito distante de sua casa e de seus familiares.

Natália N. Zakírova (2016, p.43) observa que há uma técnica composicional empregada por Korolienko que consiste na combinação de multicamadas, sendo que o foco narrativo é preenchido por reflexões do presente e do passado, o que promove a observação e a avaliação dos fenômenos e episódios a partir de ângulos distintos. É isso que garante às personagens a possibilidade de analisarem as suas próprias ações e escolhas, que repercutem de um modo decisivo nos caminhos tomados por elas.

Por conseguinte, os dois trabalhos aqui selecionados reúnem aspectos, tópicos e eixos que serão aprofundados pelo autor ao longo de toda a sua trajetória como escritor e jornalista, além de receberem uma atenção especial da crítica pela originalidade como são recriados diferentes protótipos humanos, tais como os sectários, guardas, os inúmeros habitantes da Sibéria e os vagabundos russos.

Merece atenção que nestas narrativas, os protagonistas, assim como o próprio escritor, são identificados pela condição de presos políticos, imersos em uma atmosfera totalmente nova para eles, onde são confrontados com representantes de diferentes estratos sociais e com ideologias muito bem definidas. Daí o importante contraponto de valores, sendo que estes mesmos heróis passam a questionar os seus pontos de vista e opiniões que, em princípio, pareciam irredutíveis e plenamente definidos. O que nos autoriza a compartilhar um sentimento de mudança, de reconfiguração de ideias, uma vez que esta é, justamente, a força motriz de todo o ciclo de contos prisionais.

Bóris V. Avérin (1978), docente e especialista em literatura russa, ao realizar uma

análise detida das obras de Korolienko, afirma que de modo algum devemos interpretá-las unicamente como ficção, pois elas possuem, de um modo até significativo, elementos "extremamente realistas" e, por vezes, "reminiscências de pesquisas etnográficas" realizadas durante e após o seu exílio interno.

E ele reitera que da mesma forma que os protagonistas destas histórias externam a sua rara gentileza e a capacidade de enxergar o mundo com um outro olhar, eles também são combatentes ousados e inflexíveis quando necessário, já que no convívio social o escritor acreditava que o homem deveria moldar as suas virtudes e mostrar as suas habilidades naturais. Para Avérin, quando ele se deu conta de que "na atmosfera da sociedade enraizavam-se a injustiça, o ódio, as perversidades ou indiferenças" ele não hesitou e, "obedecendo diretamente ao seu impulso espiritual, marchou em direção aos camponeses famintos...".

Sendo assim, podemos afirmar que para entendermos a figura política e o papel social de Korolienko, em finais do século XIX e começo do XX, devemos ter em mente que há um momento em que ele se dedicará intensamente à ficção, ao longo das décadas de 1880 e 1890, com a temática do exílio assumindo um primeiro plano, uma vez que nesse período a experiência de prisioneiro político ainda estava muito viva em sua memória e para ele havia a premência em retratar tudo o que havia visto e vivido, além dos desafios superados até o seu retorno do degredo. Todavia, os artigos jornalísticos nunca perderam espaço entre as suas produções. Como exemplo, ele se tornou membro editorial e o repre- sentante oficial da revista *Rússkoe Bogátstvo* [Riqueza Russa] no ano de 1895.

A partir de 1900, ele retomará em suas obras as lembranças do cárcere, dando continuidade a uma tendência presente desde os seus primeiros esboços, a de ficcionalizar eventos e figuras reais, para estabelecer um paralelo com a sua crítica às perseguições religiosas, à exploração da classe trabalhadora e para indicar os sinais dos novos caminhos que a sociedade russa estava prestes a percorrer. Cumpre ressaltar que a sua posição contra os pressupostos do capitalismo, bem como a desigualdade entre ricos e pobres, que contaminavam a cada dia as relações humanas, serão frequentemente discutidos por ele em toda a sua trajetória jornalística.

Em suas cartas ao eminente crítico Anatoli V. Lunatchárski (1920), nos anos finais de sua vida, ele deixa claro o seu descontentamento com os rumos da ditadura da revolução bolchevique, que privava a humanidade da justiça e, segundo ele, "diluía a essência da revolução", impondo atos de crueldade e tirania que superavam o *tsarismo*.

Segundo Nikolai V.Vitruk (2003, p.66), Korolienko chegou à conclusão de que a conduta dos membros do partido bolchevique não diferia da arbitrariedade da autoridade imperial, por conta da supressão da liberdade e dos direitos para todos.

Vladímir B. Katáiev (1987), crítico literário e historiador, considera impossível compreender o papel de Korolienko "sem conhecer, ainda que em termos gerais, a personalidade deste homem notável e os acontecimentos de sua vida, que levaram a escrita a assumir um lugar imediato [...]". Deste modo, para analisarmos a prosa siberiana, devemos imergir diretamente em recordações, sentimentos e impressões advindas do degredo do autor, o que também nos impõe a seleção de dados e fatos de sua carreira como jornalista, já que os elementos de ficção e realidade estabelecem um contato frequente em suas obras.

A experiência em traduzir parte das produções de Korolienko, revela uma busca pelo aprofundamento psicológico e um retrato das emoções e dilemas de personagens vindas do povo, influenciadas diretamente pelas paisagens circundantes. Cumpre salientar que ele fará uso constante de descrições, com a recorrência dos termos "sombra", "escuridão" e "luz", para ilustrar o interior das celas, os efeitos do cárcere, além das relações entre os detentos, os guardas e as lembranças nostálgicas do passado.

Todavia, os temas de seus enredos não se limitam às paredes cerradas dos presídios, eles também contemplam episódios ligados à sobrevivência do lado de fora, sob extremas condições climáticas, com frequentes disputas pelo poder, sendo que as "tempestades de neve", a "chuva", os "primeiros raios de sol" e a "aurora boreal" assumem um papel primordial em suas histórias. Lembrando que a própria configuração espacial siberiana, tal como é evidenciada, também deve ser encarada como uma fria prisão sem paredes, abrigando homens que são submetidos a incontáveis suplícios e até à morte.

Sobre este aspecto, Oksána I. Ivánova (2013, p.217) avalia o conceito "Sibéria" na poética de Korolienko e atesta que para a literatura clássica do século XIX, mais precisamente na região de Iacútia, para onde ele foi enviado para cumprir o exílio, fixou-se uma imagem de um local hostil, odiável, onde só por obrigação as pessoas conseguiam viver, além de ter conquistado na cultura russa "características e propriedades de uma terra mitológica da morte". O que para a crítica pode ser evidenciado logo na introdução de "Sokolínets", onde o narrador é tomado por um pesar incontrolável, ao se dar conta de sua solidão e da distância que o separa de casa, sentindo-se preso para sempre em uma verdadeira "sepultura", apenas aguardando os seus últimos suspiros.

Daí a importância que o elemento “fogo” assumirá nestas narrativas, uma vez que ele irá se contrapor a toda uma atmosfera álgida e se tornará um aliado contra o pernicioso frio, “crepitando”, “sibilando” e preenchendo de júbilo a iurta dos presos políticos e dos iacutos com quem o escritor, inclusive, cultivou uma grande amizade e respeito. Sentimentos que se estenderão para além do cumprimento de sua pena, por meio de suas pesquisas e estudos do folclore e da cultura desse povo.

Para Dmítri S. Merejkóvski (1889), as composições de Korolienko são marcadas pelo que ele denomina como “paisagens sonoras” que, por sua vez, alimentam a construção de seus quadros dramáticos impressionistas. De fato, a prevalência sinestésica nas referências ao cárcere, nos percursos pelas florestas e em diferentes paragens permeiam todo o discurso das personagens dos ciclos siberianos. Como exemplo, podemos citar a configuração das celas, das janelas quase sempre quebradas, das ondas de miasmas e dos sons dos corredores prisionais em “Iachka”. Lembrando que o conto foi escrito em um momento em que o próprio autor se viu sozinho e isolado em um presídio localizado em Tobólsk, na Sibéria, presenciando todo o descaso e as arbitrariedades daqueles que o monitoravam.

Veremos também que as construções imagéticas da natureza e da ação do tempo assumem um papel tão importante nesses enredos, que elas acompanham e até interferem nos destinos e na psicologia dos protagonistas, sendo dotadas, inclusive, de comportamentos humanos. Como exemplo, com a leitura de “O sonho de Makar” podemos notar que quando o herói se vê perdido, ele imerge em uma atmosfera que, em um primeiro momento, escarnece dele e o ridiculariza por não conseguir sair da taiga, “prendendo o seu cabelo”, “batendo em seus olhos” e “gargalhando” e, logo em seguida, com a sua morte, ela lamenta por suas “travessuras”.

As referências à sobrevivência em um ambiente carcerário, com uma rotina permeada por confrontos de valores, julgamentos arbitrários, violência, torturas, perversões humanas, onde o homem é colocado em condições extremas, curiosamente, continuam atraindo o interesse do leitor e expectador do século XXI. Em *Vigiar e Punir* (1975), Michel Foucault discorre sobre a problemática da punição, desde a prática dos suplícios, com base em documentos históricos franceses, levando-nos a uma reflexão sobre o desenvolvimento do conceito de prisão na era moderna e a sua função na sociedade. A sua análise é pautada, acima de tudo, nas relações de poder que movem o mundo, em uma humanidade centralizada e que se submete a múltiplos modos de encarceramento.

Os efeitos psicológicos daqueles que vivem trancafiados em solitárias, nos confinamentos estritos, nas celas e a postura que os "roupões cinzentos" impõem aos presos em "Iachka", revelam os mesmos dramas que estudiosos da Universidade Stanford buscaram recriar em seu famoso *Experimento de Aprisionamento*, ocorrido em 1971, liderados pelo professor Philip Zimbardo, provando que as condições situacionais, muito mais do que a personalidade individual, promovem determinadas formas de conduta. Sendo que em poucos dias, os estudantes que haviam assumido a função de carcerários, violaram os direitos dos detentos, sem nenhum pudor e com uma desmedida violência.

Aliás, causa surpresa o modo como a indústria de cinema nacional e internacional também tem se interessado pelas reproduções artísticas de corredores prisionais e campos de trabalho forçado, basta analisarmos a variedade de seriados e filmes sobre o assunto lançados só na última década[2]. No caso russo, do mesmo modo que o exílio transformou a visão de mundo de Korolienko, a ponto de essa experiência se refletir em toda a sua poética, Dostoiévski, décadas antes, no seu romance *Recordações da casa dos mortos* (1862), ilustrou os abusos e humilhações impostas aos presos na Sibéria, para onde ele fora enviado por também externar as suas críticas à maneira como a Rússia era governada pela autocracia.

Na referida obra, o misto de ficção e realidade, que também observamos na prosa siberiana, se faz presente pelas impressões de um narrador, que sofre com a sua inaptidão para os trabalhos forçados e se vê imerso em um universo completamente indiferente a ele, ainda mais por ser um nobre entre homens do povo, o que acaba o isolando até mesmo dos presos com quem convive, uma vez que eles não o reconhecem como um igual.

Aos poucos, as relações que ele começa a travar com os outros presos esboçam os mecanismos de defesa e a natureza da condição humana, suscitando uma revisão de conceitos sobre aquele universo, onde as distinções de classe do mundo exterior se reproduzem mecanicamente. A mesma reflexão pode ser observada nos ciclos de contos de Korolienko, onde somos introduzidos a uma atmosfera completamente desconhecida, com personagens pertencentes a distintos grupos étnicos, determinadas e leais às suas convicções, com uma plena consciência de sua fé ou com uma total descrença nos preceitos religiosos ortodoxos.

[2] Apenas como exemplo, o filme The way back, de 2010, (apresentado ao público brasileiro com o título: Caminho da Liberdade) é um envolvente drama sobre a história de sete prisioneiros de Stálin, que aproveitam uma nevasca para escapar de um gulag na Sibéria. Inspirado no livro do polonês Slawomir Rawicz ,The long walk (1956), um ex-preso de guerra enviado para Irkutsk, no ano de 1941.

Para os críticos, de um modo geral, a influência ideológica e criativa de Dostoiévski sobre Korolienko é inquestionável. Morózova (1973, p. 622) reforça que desde os anos 1860, ainda nos tempos de escola, o escritor estudava os mestres Gógol, Turguéniev, Tolstói e Dostoiévski e, tão logo se mudou para São Petersburgo, após finalizar o secundário, ele acabou vivenciando a mesma aura ambientada no romance *Crime e Castigo* (1866), principalmente por conta de sua dificuldade financeira e pela distância de sua família, que também possuía poucos recursos, uma vez que seu pai havia falecido anos antes. Desse modo, o autor prontamente sentiu a necessidade de retratar a realidade pelo prisma da literatura, daí a sua rápida associação com os núcleos literários.

Morózova também ressalta que Dostoiévski era considerado pelo escritor como um dos maiores literatos russos, principalmente pela sua capacidade excepcional de revelar as profundezas do espírito humano e de "traçar as complexas reviravoltas de sentimentos, paixões e ideias", o que será trabalhado e reproduzido muito bem com os seus protagonistas das narrativas prisionais. Nessas histórias, a presença de um olhar humanista também será uma herança dostoievskiana, que poderemos constatar com a leitura de "Sokolínets", onde o narrador procura nos ensinar que até em presença de um assassino, devemos estar preparados para compreender as "complexas motivações humanas".

O tema do exílio interno também encontrou um solo fértil com as produções de Varlam Chalámov (1907-1982), enviado para o campo soviético de Solovkí, com uma pena imposta de quase duas décadas. O local em que ele permaneceu seria, futuramente, denominado Gulag[3], onde ele suportou uma jornada de trabalho de em média dezesseis horas por dia nas minas de carvão e ouro, sob condições extremamente desumanas e sofrendo, como consequência, com a subnutrição e doenças. Todo o seu sofrimento e dolorosas recordações foram reunidos em seis volumes nos *Contos de Kolimá*[4], sua obra-prima, composta ao longo de quase vinte anos, uma literatura de testemunho que mostrou ao mundo as atrocidades que eram cometidas na era Stálin.

Diferentemente da ênfase minuciosa nos traços psicológicos e na atmosfera onde as personagens sobreviviam, típicas das composições do século XIX, ele se guiou por uma definição própria de "nova prosa". Para Chalámov, a literatura deveria ser simples, direta, com frases curtas, trazendo o sentimento vivido à tona e empregando pormenores somente

[3] Sigla para "Glávnoe Upravlenie Lagueréi" (Direção Geral dos Campos), termo que passou a ser empregado amplamente como designação de qualquer sistema soviético de trabalho escravo, com suas formas e variedades. (APPLEBAUM, 2006, p.19 apud SILVA (2014, p. 30).

[4] O primeiro volume possui tradução para o português por Denise Sales e Elena Vasilevitch (Contos de Kolimá, São Paulo: Editora 34, 2015).

quando eles assumissem um papel simbólico. Além disso, segundo o escritor, apenas a experiência é que garantiria "o direito, e a obrigação moral também, de escrever"[5].

Já Aleksandr I. Soljenítsin (1918-2008), com a obra *Um dia na vida de Ivan Denísovitch* (1962) retomou o emprego da ficção para descrever realisticamente episódios vividos por ele em um gulag no Cazaquistão. O seu enredo gira em torno da história de um fugitivo, acusado injustamente de realizar trabalhos de espionagem em benefício dos alemães e que, após a sua captura, resolve relatar, ao longo de um único dia, todo o horror do sistema prisional soviético. Com a leitura, somos realmente projetados para imagens realistas das péssimas e degradantes condições de trabalho, de alimentação, além das precárias vestimentas e das acomodações dos presos.

As mesmas condições climáticas severas, apresentadas pela voz dada aos prisioneiros, fugitivos, cocheiros e homens livres em toda a poética siberiana, com as frequentes tempestades de neve e a presença constante de temperaturas muito abaixo de zero, traduz-se agora sob a perspectiva de trabalhadores forçados que, no limite de seus sofrimentos, torcem por uma temperatura inferior a -41° C para conseguirem a dispensa em mais um dia no cumprimento de suas penas. A repercussão da publicação desse manuscrito, na era Khruchtchov, foi imenso e denunciou a forma como os detentos eram tratados e reprimidos a mando de Stálin.

Como é possível verificar, o tema do exílio interno encontrou um amplo espaço nos meios jornalísticos e literários russos, principalmente entre os intelectuais que buscaram denunciar os problemas e as condições desumanas impostas a eles e aos demais presos. A maior prova do impacto da longa "tradição" repressiva é que hoje dificilmente encontraremos uma família russa em que ao menos um de seus entes não tenha cumprido pena em algum campo de trabalhos forçados. Uma realidade que, de modo inevitável, imprimiu-se em toda a constituição política e social da nação.

No entanto, tomando por base uma análise da fase literária inicial de Korolienko, daremos especial atenção ao período pré-revolucionário, quando o sentimento de insatisfação generalizada abria caminhos para uma grande mudança. O autor procurou em toda a sua trajetória combater as tiranias e as ilegalidades impostas ao seu povo, basta nos determos em seus contos para identificarmos a sua busca por um retrato de um universo que não é de todo ficcional, muito pelo contrário, vemos em suas composições dados históricos e críticas pontuais que se somam ao plano artístico de suas criações

[5] Ibid. (2014, p.35)

realistas.

Ao discorrer sobre os seus trabalhos, como o *História do meu contemporâneo* (1921), obra em quatro volumes escrita ao longo de quase duas décadas, onde é narrada a trajetória desde a infância até a fase adulta de Korolienko, passando pelo degredo e lutas sociais, Sokolóv (1922) reitera que da memória dos contatos travados com o literato, fica a representação de que por mais difíceis e tristes que fossem as situações impostas aos protagonistas e às pessoas com quem ele conviveu, ele conseguia sempre extrair uma espécie de "centelha", um raio de esperança. E que por mais estranhas e assustadoras que elas pudessem parecer, em um primeiro momento, ele possuía a capacidade de "descobrir a verdadeira bondade na natureza humana".

Logo, podemos concluir o quanto a projeção é uma palavra-chave para que possamos interpretar os contos prisionais aqui estudados, uma vez que neles encontramos narradores que operam como ouvintes atentos e que sabem se colocar no lugar daqueles que se prontificam a contar as suas desventuras. A poética siberiana nos ensina a enxergar o homem com meticulosidade, buscando, acima de tudo, driblar as primeiras impressões e as típicas imposições de classe, para só assim chegarmos ao que há de mais natural, aquele "brilho" que ilumina a consciência e a espiritualidade das personagens, escondido sob a dor das inúmeras privações impostas a elas.

Nas produções aqui estudadas, podemos observar a completa indissociação entre a discussão política e as recriações artísticas. Como na narrativa miniatura "Luzes", em que por meio de metáforas o autor revela a sua crença na vitória da população contra as ações do *tsar*. No trecho "há luzes à frente", ele guia o leitor da época para um movimento afirmativo de ação por uma existência digna, contra as desigualdades, as ações truculentas presentes na sociedade russa e que atingiam e subjugavam, como sempre, a massa trabalhadora.

Podemos inferir que em sua trajetória, Korolienko realmente compreendeu o seu dever literário, externando a sua crença inabalável na força que vinha das ruas, dos campos e bairros pobres espalhados pela Rússia, inspiração para os esboços de sua literatura democrática e comprometida com a verdade. Os seus protótipos revelam a sua ambição em reproduzir a vida e as relações humanas, sendo que só assim ele se comunicou e ainda se comunica de um modo profundo com aquele que o lê. É o que Aleksandr. A. Kótov (1953) resume brilhantemente:

> No nosso país, a criatividade de Korolienko goza de grande popularidade. Os soviéticos o reverenciam como um literato excepcional, que cedeu o seu talento para proteger o povo das deformações do sistema capitalista. Eles o distinguem como um ardente patriota [...] As suas produções estão incluídas no rico patrimônio da literatura clássica, não perderam a sua importância artística e, até os dias de hoje, continuam servindo na luta contra as forças obscuras de reação global[6].

Em suas recordações sobre o convívio com o autor, Kornéi Tchukóvski[7] (1882- 1969), poeta, crítico e jornalista, atesta que "a consciência de escritor o impelia a imergir nos meios jornalísticos", onde ele retratava heroicamente os horrores da civilização e os episódios ligados às vítimas de erros judiciários. Temas que se imprimiam tão intensamente em seu espírito, que diferentes estudiosos atestam o quanto a persistente insônia acabou impedindo-o de trabalhar e viver de modo satisfatório. Não obstante, ele não se poupava quando entrava em combate com a odiável desordem que se havia instaurado em todos os âmbitos da sociedade, lutando até o limite de suas forças.

Para esse poeta e admirador de toda a vida política e literária de Korolienko, fica o registro daquela marcante generosidade, da forma como ele recebia cordialmente nobres, homens do povo e atendia aos que lhe pediam ajuda. De fato, os registros de intelectuais contemporâneos acerca do literato são testemunhos de sua personalidade vigorosa e do quanto para ele era um imperativo prestar ajuda aos cidadãos que não tinham voz na Rússia autocrática, o que se imprime em toda a sua obra.

E, não por acaso, Gumiliévski (1922), literato e jornalista do período soviético, atribuiu a Korolienko não apenas o importante e memorável papel de representante da "consciência cívica da Rússia", mas também o papel de símbolo da "consciência literária" de seu país, inspirando gerações a se sensibilizarem principalmente com a causa agrária, a razão de suas maiores lutas e dos confrontos com o poder estabelecido na época.

Já Dmítri Sviatopólk-Mírski (1890-1939), escritor, historiador e crítico russo, situa o autor como um dos mais proeminentes membros ativos entre os *naródniks*[8] após a morte de Nikolai Mikhailóvski (1842-1904), um dos idealizadores do movimento, por conta de sua participação e defesa nos julgamentos realizados de forma ilegítima em toda a Rússia, que culminavam na morte e nas prisões de homens que, muitas das vezes, acabavam

---

[6] (tradução nossa)

[7] Em artigo intitulado "Korolienko v kurugy druziei" [Korolienko entre amigos], publicado na revista *Oktiabr* [Outubro], 1960, nº 9, p. 191-205.

[8] 8 Intelectuais que pertenciam a uma corrente que lutava pelos direitos do campesinato russo, dando visibilidade às suas causas, eles eram também grandes opositores da administração tsarista. O termo advém da expressão "khojdenie v naród", que significa "ir ao povo".

condenados unicamente por suas condições de classe.

Acerca de suas considerações sobre a poética siberiana, Mírski atesta a presença marcante de uma "poesia emocional" e de "pinturas da natureza", influências diretas do escritor Turguéniev (1818-1883), que em seu *Memórias de um caçador*[9] (1852) deu voz a camponeses iletrados e a tiranos proprietários de terras, que se utilizavam da violência e da exploração para atingirem os seus intentos.

Entre os críticos, de modo geral, a menção a Turguéniev no modo como Korolienko elaborou as suas narrativas é reiteradamente reforçada, principalmente pela forma como são empregadas as descrições das paisagens, que refletem muito da subjetividade dos narradores e que se contrapõem aos episódios em que são retratadas as claras violações de conduta dos representantes da aristocracia.

Kulechov (1984), ao discorrer sobre o papel social do autor, atesta que "o seu nome na Rússia pré-revolucionária possuía um extraordinário efeito de prestígio moral". Além disso, a liberdade e a justiça foram, segundo ele, os pilares de toda a sua obra, razão pela qual que ele foi amado e reverenciado, inclusive após a sua morte. O crítico cita como exemplo o memorável conto "Iachka", pela presença de um camponês que protesta contra as autoridades e luta por sua liberdade de modo veemente, revelando a alma insurgente dos cidadãos russos, com um tom religioso muito presente em todo o enredo. Apesar disso, conforme veremos, esta personagem se mostra incapaz de estabelecer novos arranjos de ideias, daí o seu fracasso no sistema penitenciário.

Com efeito, as obras de Korolienko revelam elementos profundos da psicologia do campesinato, que pode parecer impassível e indiferente a tudo, em um primeiro momento, mas que possui uma marcante energia, inteligência e desenvoltura, além de uma enorme força física e espiritual, que lhe permite tomar decisões importantes. O crítico conclui que ao nos referirmos ao nome do escritor, devemos compreender que "todo o seu trabalho foi dedicado à luta pela emancipação integral do povo", além da "conquista da felicidade" e dos ideais de "liberdade democrática". No tocante às questões estéticas, assim como os seus contemporâneos, Tolstói, Tchékhov, Górki e Gárchin, ele buscou incorporar em suas composições ficcionais as "técnicas realistas de trabalho" e o "imaginário romântico".

Acerca de suas considerações sobre a poética siberiana, Dmítri atesta a presença marcante de uma "poesia emocional" e de "pinturas da natureza", influências diretas do escritor Turguéniev (1818-1883), que em seu *Memórias de um caçador*[9] (1852) deu voz a camponeses iletrados e a tiranos proprietários de terras, que se utilizavam da violência e da exploração para atingirem os seus intentos.

Entre os críticos, de um modo geral, a menção a Turguéniev no modo como Korolienko elaborou as suas narrativas é reiteradamente reforçada, principalmente pela forma como são empregadas as descrições das paisagens, que refletem muito da subjetividade dos narradores e que se contrapõem aos episódios em que são retratadas as claras violações de conduta dos representantes da aristocracia.

Kuleshov (1984), ao discorrer sobre o papel social do autor, atesta que "o seu nome na Rússia pré-revolucionária possuía um extraordinário efeito de prestígio moral". Além disso, a liberdade e a justiça foram, segundo ele, os pilares de toda a sua obra, razão pela qual que ele foi amado e reverenciado, mesmo após a sua morte. O crítico cita como exemplo o memorável conto "Iachka", pela presença de um camponês contumaz, que protesta contra as autoridades e luta por sua liberdade de modo veemente, revelando a alma insurgente dos cidadãos russos, com um tom religioso muito presente em todo o enredo. Apesar disso, conforme veremos, esta personagem se mostra incapaz de estabelecer novos arranjos de ideias, daí o seu fracasso no sistema penitenciário.

Com efeito, as obras de Korolienko revelam elementos profundos da psicologia do campesinato, que pode parecer impassível e indiferente a tudo, em um primeiro momento, mas que possui uma marcante energia, inteligência e desenvoltura, além de uma enorme força física e espiritual, que lhe permite tomar decisões importantes. O crítico conclui que ao nos referirmos ao nome do escritor, devemos compreender que "todo o seu trabalho foi dedicado à luta pela emancipação integral do povo", além da "conquista da felicidade" e dos ideais de "liberdade democrática". No tocante às questões estéticas, assim como os seus contemporâneos, Tolstói, Tchékhov, Górki e Gárchin, ele buscou incorporar em suas composições ficcionais as "técnicas realistas de trabalho" e o "imaginário romântico".

Ao nos determos em suas narrativas, marcadas por retratos nostálgicos das angústias e tormentos das personagens, com emoções que se conectam com as representações da

[9] Com tradução para o português de Irineu Franco Perpetuo (Memórias de um caçador, São Paulo: Editora 34, 2013).

natureza e das paisagens, temos acesso a uma prosa que discute o papel do homem em confronto com o seu meio, onde ele quase sempre não consegue se adequar às prescrições que lhe são impostas. É exatamente aí que o poder da literatura de Korolienko se manifesta, com a problematização das múltiplas reviravoltas do destino, onde não há sequer a possibilidade de emitirmos clássicos juízos de valores.

Por conseguinte, somos capazes de identificar em sua poética um clamor legítimo, de um escritor verdadeiramente humanista e livre de partidarismos. Com efeito, ele não pode ser analisado por uma perspectiva partidária, e sim como um homem que lutou ativamente pela causa agrária, uma vez que em suas viagens ele testemunhou inúmeras injustiças e acabou concluindo que os cidadãos iletrados e desprotegidos de toda a Rússia eram os que mais sofriam com as omissões e iniquidades impostas pelo governo instituído.

Dentre os registros de convivência com o autor, o escritor Maksim Górki (1918)[10], ao relembrar alguns encontros e conversas, revela as suas primeiras impressões sobre ele:

> Fiquei muito surpreendido com a sua aparência: V. G. não correspondia à ideia que eu tinha de um literato e de um exilado político. Eu o imaginava como uma pessoa esquálida, nervosa e eloquente [...] ele era robusto, surpreendentemente calmo, possuía um rosto saudável, envolto por uma barba espessa e crespa, com olhos claros e penetrantes.[11]

E ele reforça aquela conhecida simplicidade e clareza na forma como Korolienko se comunicava e transmitia as suas opiniões que, segundo Górki, diferia e muito daqueles com quem ele estava acostumado a conviver, já que elas empregavam quase sempre a "linguagem nebulosa e densa" dos artigos de periódico. Por fim, ele tece seus últimos comentários, que merecem reprodução neste trabalho:

> Para mim, de modo particular, este grande e belo literato disse muito sobre o povo russo, de uma forma que ninguém antes dele ousou dizer. E ele costumava se comunicar com a serenidade de um sábio, que compreendia muito bem que todo o saber é relativo e que a verdade eterna não existe. [...] estou certo de que este grandioso projeto de construção da nova

[10] Em um discurso proferido no dia 28 de junho de 1918, em São Petersburgo, homenageando o 65º aniversário de nascimento de Vladímir Korolienko [Iz vospomináni o V. G. Korolienko, 1918].
[11] (tradução nossa).

> Rússia encontrará o valor e a excelência do trabalho deste honesto escritor [...] um homem com um coração grande e poderoso.[12]

Acerca daquela presença constante de elementos locais no retrato da diversidade étnica, tão cara aos contos siberianos, somos levados a uma reflexão sobre a conexão humana em um mundo onde as pessoas, a cada dia mais, se mostram desconectadas umas das outras. É exatamente o que enfatiza Mikhail M. Gorbunóv-Possádov (1864-1940), pedagogo e jornalista russo, em seu discurso memorável sobre o escritor, ocorrido em janeiro de 1922. Cumpre salientar que um ano antes eles haviam promovido uma organização assistencial aos famintos de Poltáva (Ucrânia), cidade natal de Nikolai Gógol e onde Korolienko residira, trabalhara e viera a falecer de pneumonia.

> Acercando-se de seu túmulo, com um amor fraterno e dominados pela comoção, todos convergiram para o mesmo lugar: povos de distintas nacionalidades, ucranianos, russos, judeus, figuras de diferentes partidos, ateus e cidadãos de todas as religiões. Integralmente unidos, possivelmente, pela primeira vez nos últimos anos, plenamente tomados por um sentimento de comunhão [...]Ele foi o epítome da humanidade.[13]

E ele conclui que o legado e o espírito de Korolienko permanecerão eternamente vivos e fundidos em todos nós, com o seu amor, verdade e comprometimento. Sendo filho de mãe polonesa, com um pai de origem cossaca e crescendo entre ucranianos, desde cedo ele sentiu o chamado para a união, harmonia e o fim das guerras entre as nações. Por meio de sua prosa, ele buscou transmitir as suas crenças e valores, como no já citado "Luzes", onde somos ensinados a acreditar que, com a chegada da aurora, a luz vencerá a escuridão.

Piotr S. Kogan (1922, p. 238), historiador e crítico literário russo, ao relembrar o papel político do autor de "Iachka", reforça que até os seus últimos dias de vida ele acreditou que sua missão era tão-somente defender a verdade, assim como o seu herói, que golpeou até o fim a sua própria porta, invocando as "escrituras sagradas" e, por vezes, contraindo-se nervosamente ao avistar os carcereiros. Segundo ele, ao discorrer sobre os rumos da revolução, Korolienko "não desejava que tudo acabasse em sangue e violência", pois ele "queria que a liberdade e a felicidade fossem conquistadas sem o ódio", sendo que apenas com a sua influência foi possível conjecturar meios pacíficos e soluções para as trágicas contradições sociais de seu tempo.

[12] (tradução nossa).
[13] (tradução nossa).

No artigo escrito no ano de celebração do sexagésimo quinto aniversário de Korolienko e quadragésimo ano do início de sua carreira literária, o eminente Lunatchárki (1918), que o considerava o "pesadelo da autocracia russa", exalta a importância do escritor para a Rússia e para todos os seus leitores: "Seus trabalhos possuem o selo da eternidade, ao lê-los, você é capaz de sentir a perfeição artística, a paz interior, o equilíbrio e a amplitude, inerentes às obras clássicas". E ele conclui que com a leitura de cada um de seus contos, nos sentimos pessoas renovadas e melhores, pois ele conseguiu unir os nossos irmãos mais distantes, para juntos experienciarmos as fascinantes emoções e conquistas espirituais.

Na majestade cruel do inverno siberiano, surgiu um "incomparável inventor" de personagens ilustres que, por vezes, foram frutos de inspirações reais, construídas com o seu potente e grandioso talento artístico e influenciadas pela nobreza de seu caráter. Somos, até os dias de hoje, gratificados não apenas com a leitura de suas memoráveis produções ficcionais, mas também com os relatos vivos de todo o seu heroísmo social e político. Ele foi um intelectual comprometido, acima de tudo, em alcançar a justiça para os que mais necessitavam, que chegou às camadas emocionais mais profundas da psique humana, onde reside aquele primordial humanismo, tão caro à sua vida e obra e inerente a qualquer menção feita ao nome Vladímir Korolienko.

KOROLIENKO E A SIBÉRIA

Vladímir G. Korolienko (1853-1921), nascido em Jitómir, na Ucrânia, em um período em que essa nação integrava o Império Russo, introduz em suas composições prisionais aspectos etnográficos que revelam dados e elementos que transcendem os limites da ficção e nos transportam para enredos repletos de lirismo, com quadros ricos das paisagens locais e dos povos e culturas estabelecidos em toda a extensão siberiana, sem deixar de lado todo um panorama das rotinas impostas aos presos, dos diferentes tipos sociais e dos excessos daqueles que exerciam o poder dentro dos pavilhões.

Com efeito, o autor notabilizou-se pelos seus contos, ainda que a novela *O músico cego*[10] (1886), denominada por ele como um estudo sobre a cegueira, mereça realce por sua ampla difusão no Ocidente. Conhecido e estudado na Rússia soviética pelas produções "O sonho de Makar[11]" (1883) e "Crianças do subterrâneo" (1885), nas últimas décadas, uma crescente abertura para o estudo de suas produções literárias pode ser comprovada com expressivas traduções[12].

Ao falarmos de literatura na Rússia, devemos ter em mente que a sua função de denúncia político-social é muito marcante. Korolienko viveu em um período de transição do *tsarismo* aos anos iniciais da Revolução, posicionando-se abertamente contra as opressões e injustiças sofridas pela população. Em suas obras, a presença do autoritarismo maquiavélico, da exploração e torturas psicológicas em um ambiente sufocante e sombrio, onde os sentidos do leitor a todo o tempo são aguçados, ilustram um tipo específico de narrar e permitem que a leitura transcenda os limites históricos, promovendo uma reflexão sobre as diferentes formas de controle da sociedade.

Discorrer sobre a produção literária desse escritor é, antes de tudo, rememorar eventos reais que foram fundamentais para o desenvolvimento de uma consciência de classe e um despertar das massas, temas que também serão inerentes à sua biografia. Como exemplo, podemos citar a Libertação dos Servos, ocorrida em 1861, que será muito bem discutida em "Iachka", um episódio que já sinalizava o início do processo de industrialização russa e que culminou na migração de camponeses para os centros

[10] Com tradução para o português de Klara Gouriánova dessa e da obra *Em má companhia* (1885) em uma belíssima edição em caixa feita pela Editora Carambaia, São Paulo: 2016.

[11] Traduzido por Denise Sales e presente na *Nova Antologia do Conto Russo*, Editora 34, São Paulo: 2011.

[12] Há, de fato, uma importante seleção de contos de Korolienko, traduzidos do russo para o espanhol por Ricardo San Vicente: At-daván y otros relatos. Madrid: Alianza Literaria, 2013, 408p.

urbanos, sem extinguir as lamentáveis condições de miséria e as injustiças continuamente impostas a eles.

A esse respeito, como não lembrarmo-nos do conto *O Artista dos Topetes* (1883), de Nikolai Leskov, publicado, de modo proposital, no mesmo dia em que havia ocorrido a Libertação dos servos (em 19 de fevereiro de 1861), sendo esta, no entanto, uma composição muito posterior a esse ano, onde ele buscou assinalar, justamente, a persistência dos vestígios de servilismo nas relações sociais, nas instituições públicas e na mente e psicologia dos antigos servos e ex-proprietários russos. Aliás, a sua ficção é marcada por personagens que modificam os seus destinos por meio de suas ações, refletindo a crença na concretização de seus ideais e sonhos, muitas das vezes, utópicos, diante de realidades aparentemente traçadas por suas condições sociais e determinadas pelos interesses de uma aristocracia estabelecida.

A relação entre a literatura e o retrato de classes, que Korolienko emprega em suas obras, também o aproxima de Dostoiévski e Tchékhov, principalmente pelo retrato feito por esses literatos de aspectos ligados às suas trajetórias pessoais. Assim como o já citado Leskov, que através de suas viagens a trabalho coletou materiais para reproduzir os reais modos de vida de seu povo e como, efetivamente, ele enxergava o mundo à sua volta, Korolienko e Dostoiévski produziram uma literatura voltada para ambientes descentralizados, retratando os conflitos e as tiranias que presenciaram, como no período em que estiveram exilados, de um modo muito autêntico e na contramão dos romances tradicionalmente burgueses.

O movimento de dar voz a personagens vindas do povo, que na França já era explorado por Zola e Balzac (que, por sua vez, introduziu a realidade na literatura), tem em Victor Hugo um olhar mais detido em relação à miséria. Como exemplo, na obra *Os Miseráveis* (1862) vemos um claro aprofundamento da temática social, onde o leitor passa a nutrir um sentimento de comiseração pelos povos marginalizados, que sofrem constante exploração moral, física e social; algo que Dostoiévski soube delinear muito bem em seus romances, tais como *Humilhados e Ofendidos* (1861) e, mais especificamente, com a temática do exílio que lhe foi imposto, com *Recordações da Casa dos Mortos* (1862).

Korolienko, que desde criança já conhecia a popularidade de seu pai, juiz que lutava pelas causas dos pobres, dará continuidade a essa mesma luta ao longo de toda a sua trajetória de vida, tanto como escritor, quanto como publicista, sempre com o seu olhar expressivamente humanista. As suas narrativas prisionais, carregadas de fortes impressões sobre os lugares e pessoas com quem ele travou contato, nos ensinam sobre a sobrevivência

em condições extremas de fome, frio e sob o jugo de autoridades execráveis, prontas a coibir qualquer ato ou ideologia que se mostrasse uma ameaça aos intentos do seu autocrata.

Cumpre notar que em finais do século XIX, havia em torno de trezentos e dez mil presos, de diferentes categorias criminosas, encaminhados para cumprir o degredo na Sibéria[13]. Muitos executavam trabalhos pesados e por sucessivas horas, o que culminou na prática frequente de fuga e na morte de muitos deles. Além disso, grande parte deste contingente era composto por vagabundos. Por conta de sua natureza errante, eles não possuíam a motivação e o empenho necessários para engajarem-se em uma atividade laboriosa, nem acreditavam na possibilidade de passarem o resto de suas vidas em um único local, dados que serão muito bem captados no conto "Sokolínets", conforme veremos na tradução e comentários que se seguem.

Podemos afirmar, sem exageros, que os heróis de Korolienko são tipos rebeldes, prisioneiros solitários e, quando preciso, ardilosos combatentes, que desconhecem o sentido da resignação diante de seus infortúnios. Pelo contrário, eles se atêm ao desejo incontrolável de liberdade. Sendo assim, verificamos quanto a jornada de cumprimento do exílio interno garantiu a esse escritor a capacidade de compreender de forma muito precisa as intricadas relações humanas. As paisagens, os folclores locais, as línguas, a convivência com inúmeros tipos sociais e as situações vividas por eles, serviram de alimento para as suas obras, que carregam poesia, mas também os dramas e as tragédias da vida.

Pela ótica de Korolienko, que foi enviado para a Iacútia no ano de 1881, estabelecendo-se mais precisamente em Amga, temos acesso hoje a registros precisos de sua rotina e das formas de subsistência da população que ali residia. Tão logo ele chegou, conforme atestam os seus diários e anotações, ele constatou um pequeno e humilde vilarejo, habitado por moradores iletrados. Sobre essa questão, é preciso mencionar a forma como ele se dedicou à educação e as suas valiosas contribuições para a formação da juventude iacuta, com importantes trabalhos de alfabetização.

O povo iacuto, os presos políticos, os camponeses russos e os demais grupos étnicos que ele irá retratar em sua ficção e com os quais ele se relacionou durante o cumprimento do degredo, servirão de inspiração para a composição de seus protótipos literários, como o eterno Makar, de "O sonho de Makar". O que comprova quanto essa etapa foi produtiva e proporcionou uma abertura de mente para o autor, que chegou a confessar em uma carta a

[13] Margolis, A. D. (1978, p.135 apud Riezun, D. I.; Chlóvski, M. V. In: *Sibír koniéts XVI,natchálo XX vieká* [A Sibéria no final do século XVI e começo do XX], Novasibírsk, 2005.

Tatiana Andreevna Afanásseva: “Em Amga eu vivi por três anos. Não diria que foi o período mais feliz da minha vida. Não obstante, foi o mais saudável” e relembrou: “com os meus companheiros pude me ocupar com as atividades agrícolas[14]”.

Os aspectos que remetem à realidade serão, acima de tudo, representados pelo escritor por uma perspectiva que irá se pautar pelo lado exótico. Para ele, a sobrevivência na Sibéria só é garantida pela união e harmonia de princípios essencialmente exóticos. Daí a curiosa combinação em sua poética das estéticas romântica e realista, uma vez que ele se utilizará do lirismo, do sonho e da busca por esse mesmo exótico, como ferramentas para retratar a diversidade russa. E ele também irá propor um desnudamento dos vícios e perversidades humanas, sobretudo quando retrata as vilezas dos homens a serviço do Império, na figura dos vigias, carcereiros e guardas, muito bem sintetizados e explorados no conto “Iachka”, conforme veremos.

Sabemos quanto a literatura e a cultura russa incorporaram, principalmente a partir do século XVIII, com Catarina II (1729-1762), os modelos estéticos franceses, que se tornaram hegemônicos nesse período. Aurora Bernardini (2004, p. 31) atenta para o fato de que foi Jukóvski[15] quem introduziu na Rússia o sistema de “pés” na poesia, influenciado pela metrificação greco-latina clássica e também utilizado por alemães e ingleses.

Contudo, foi Aleksandr Púchkin (1799-1837) quem consagrou esse modelo e também se valeu dos poemas épicos e as poesias populares medievais nacionais para compor suas obras, garantindo a identidade que faltava à literatura em seu país. Hoje, reconhecemos quanto ele definiu os novos rumos da literatura moderna russa. Esse é, inclusive, o movimento natural dos grandes literatos russos, uma vez que, ao absorverem os princípios das técnicas europeias de composição, os restituem para o mundo de uma forma singularmente enriquecida.

Cumpre salientar que esse grande poeta também foi enviado ao exílio interno, imposto pelo *tsar* Aleksandr I, e sofreu as consequências da censura. O que prova quanto o pensamento crítico sempre esteve sob constante monitoramento e controle nessa sociedade, refletindo um fazer literário muito próprio e, por isso, possivelmente muito mais elaborado, o que demandava uma força espiritual e reflexiva incessante de seus literatos. Ainda assim, muitos escritos ficcionais e artigos jornalísticos só puderam chegar ao grande público no século XX, já que era definido com rigor o que poderia ou não ser lido e qualquer tentativa de intervenção na ordem estabelecida era prontamente coibida.

---

[14] Uma residente de Amga, com quem Korolienko estreitou forte laço de amizade. A correspondência citada é posterior ao exílio, datada de cinco de outubro de 1885. (IVÁNOVA, O. I. e NAZÁROVA, I. V., 2015)

[15] Vassíli Andréievitch Jukóvski (1783-1852), poeta, tradutor e crítico russo.

A título de exemplo, em novembro de 1886, os trabalhos de Korolienko foram avaliados pelo censor Nazariévski, do Comitê de Censura de Moscou[16], que recebeu uma Coletânea de contos que já haviam sido publicados separadamente, sem prévia análise, em algumas revistas de grande circulação, como a Rússkaia Mysl [Pensamento Russo]. Chama a atenção o tom que ele empregou para manifestar a sua reprovação:

> [...] Apresentando ao público a sua sombria e irritante visão sobre a vida dos presos, dos vagabundos, dos condenados e de semelhantes elementos amargurados, estas composições imbuem-se não apenas de comiseração por eles, mas de tendenciosas predileções, chegando até a causar antipatia a esses sujeitos, rejeitados como escórias da sociedade. Decididamente, o autor destes contos, empunhando uma leve e fascinante pena, pode com facilidade inspirar as mesmas emoções em seus leitores[17].

Em sua crítica, ele ainda fez menções à composição "Sokolínets" onde, segundo ele, o escritor fantasiava "em versos poéticos o desejo de liberdade", enquanto eram "narradas manifestações de criaturas repugnantes" e, "Iachka", que para ele explorava, tão somente, a figura de um demente que não fazia "nada além de incomodar as autoridades prisionais". Por fim, ele concluiu que esses trabalhos contribuíam sobremaneira para a "perversão do entendimento do público". No entanto, a Administração Central acabou aprovando a publicação da Coletânea. O episódio ilustra o importante papel político da literatura na Rússia, que sofreu sucessivas imposições por parte do governo *tsarista* e, futuramente, do regime soviético.

Em defesa da atenção dada a esses tipos "humilhados", Merejkóvski[18] enxergou a sua importância e originalidade no contexto do sistema literário russo. Segundo ele, pela primeira vez, "os direitos humanos desses renegados" eram proclamados, enfatizando que agora eles não careciam da compaixão que os heróis de Dostoiévski invocavam, nem da "adoração mística", com a qual Tolstói admirava o homem. Para o crítico, os condenados de Korolienko possuíam, em sua força moral, um contraste trágico com a fascinante impotência de seus protestos, que se imprimiam para sempre na memória do leitor, como algo completamente original e que ninguém ainda havia ousado expressar, daí a sua grande conquista.

Acerca das formas ficcionais, em seu posfácio à tradução, Schnaiderman (1986, p.328) contrastou o conceito de estrutura narrativa de Poe, com seus famosos desfechos impactantes, com o de Tchékhov e asssinalou que o último "libertou o conto do esquema

---

[16] Conforme atesta a Revista histórica *Krásnyi arkhiv* [Arquivo Vermelho], 1922, n. 1 (p. 420-421).
[17] (tradução nossa).
[18] Em artigo publicado para a revista *Sévernyi Viéstnik* [*Mensageiro* do Norte], 1889, № 5, c.1-29.

que o constrangia e deu o máximo de liberdade à arte de construir estórias". Sendo assim, podemos dizer que esse intelectual russo inaugurou um novo estilo de composição, abrindo possibilidades para um gênero que agora não se encerra em si e que invoca a participação daquele que o lê, o que causa um efeito de continuidade, muitas das vezes, com a própria realidade, conforme ele atestou "Quando eu escrevo, confio inteiramente no leitor, supondo que ele próprio acrescentará os elementos subjetivos que faltam" (TCHÉKHOV, 2002, p. 296).

Por conseguinte, torna-se evidente a contribuição de Tchékhov para o conto russo, pois ele transformou os seus enredos em janelas para a vida e garantiu uma abertura de suas obras para uma construção coletiva. Deste modo, conforme atesta o crítico, ele torna o momento da leitura "significativo quando quebra os seus próprios limites com essa explosão de energia espiritual que ilumina bruscamente algo que vai muito além da pequena e às vezes miserável história que conta (CORTÁZAR,1974, p.153).

Em Korolienko, veremos, até com certa frequência, a presença da forma "ótcherk", comumente definida pelo emprego de um narrador em primeira pessoa, onde a experiência narrada apresenta-se como algo vivido, além de caracterizar-se pelo amplo uso de descrições. Gussieva (2009, p. 88), ao discorrer sobre as nomenclaturas dadas por esse escritor às suas produções ficcionais, assinala que essa mesma forma se caracteriza pela combinação de "narrativa literária com reflexões jornalísticas sobre fenômenos sociais específicos".

Contudo, Pokatílova (2006, p.97) reforça que na poética siberiana é impossível falar sobre uma unidade de estilo, uma vez que ele reúne diferentes estéticas em seus trabalhos, como o "rasskáz" e "póvest[19]". E, ao mesmo tempo, ele consegue garantir a sua originalidade, algo "tipologicamente característico da literatura feita no final do século XIX", inspirada na "Escola Natural' dos anos 1840.

Schnaidermann (apud1982, p. 62) evidencia que a "Escola Natural" russa expôs a vida das populações pobres da cidade por meio de uma descrição "daguerreotípica[20]" que, apesar do tom de objetividade esperado, possuía um evidente caráter de protesto, e ressalta que o crítico literário russo Bielínski foi um grande defensor dessa tendência. Gógol foi considerado por esse mesmo crítico, inclusive, como o precursor desse movimento, com sua originalidade artística, que superou o que se concebia, até então. Ele despontou com uma

[19] Ambos difundidos como "conto" e "novela", respectivamente. Todavia, devemos compreender que é muito difícil estabelecer fronteiras entre as formas de composição, ainda mais quando levamos em consideração as interpretações e nomenclaturas, tal como são traduzidas em diferentes países.
[20] Uma forma de reprodução fotográfica, criada pelo inventor francês Louis J. M. Daguerre.

obra “solidamente plantada em sua época”, que transcendeu os limites conhecidos, apontando para a sua modernidade (CAVALIERE,1990, p.92).

Andrew Wachtel (2009, p.109) assegura que para os críticos de 1840 e 1850, explorar a figura do homem vindo das massas com as suas personagens sociais foi “o grande legado deixado por Gógol na literatura russa” e, sem dúvidas, esse literato foi uma das grandes influências para as gerações que se seguiram. Ao dar a voz a protagonistas que não pertenciam a uma elite consolidada, o eixo das discussões passou a centrar-se agora nos anseios daqueles que viviam nas áreas pobres das cidades e fora dos centros urbanos, além de despertar a consciência de como as relações humanas estavam contaminadas pela ganância e pelo poder, como podemos verificar com a leitura da peça *O Inspetor Geral* (1836).

Cumpre notar que Korolienko também seguiu a tradição dos escritores Turguéniev e Dostoiévski, na busca por alcançar o balanço preciso entre a mensagem social e a realização literária (texto de fronteira). O mérito de suas composições está, justamente, na difusão e valorização de tipos, culturas e modos de vida de habitantes de classes baixas da Sibéria do século XIX, terreno onde o autor melhor desenvolveu toda a sua capacidade artística.

Nas narrativas prisionais siberianas aqui estudadas, encontraremos claros paralelos com a mescla de elementos de memória e ficção, presentes desde o mestre Púchkin, com *Viagem a Arzrum*[21], uma vez que o leitor é levado a identificar aspectos autobiográficos e históricos que nutrem os entrechos e as descrições das aldeias e vilarejos percorridos pelos narradores. Porém, a ênfase desses trabalhos recairá sobre o retrato curioso de protagonistas que estarão sempre dispostos a compreender os costumes e a forma como são organizadas as relações sociais de distintos grupos étnicos.

No caso de Korolienko, o exílio interno também o impulsionou a lutar por melhorias na qualidade de vida dos povos siberianos. Os seus enredos estão repletos de dados que assinalam a experiência de quem presenciou, ao longo das centenas de verstas percorridas, graves incidentes que apontavam para as arbitrariedades da administração *tsarista*. Ao compor as suas personagens, podemos notar como ele se empenhou em representar, de um modo autêntico, heróis camponeses, desprovidos de riquezas, mas compelidos a atingirem os seus intentos.

Mark Conliffe (1999, p.03) assegura que no ano de 1876 Dostoiévski já atentava para uma mudança de paradigma da literatura feita em seu país, onde todos iniciavam um

[21] Baseado em uma viagem ao Cáucaso, ocorrida em 1829, onde é retratada a batalha de Arzrum. Foi publicado primeiramente na revista *Sovremiénnik* [O Contemporâneo], em 1836, sendo o seu último trabalho em prosa.

processo de maior introspecção. Em sua tese, o crítico canadense ressalta que em finais de 1870 e 1880, Gárchin, Tchékhov e Korolienko buscaram aproximar "os temas de suas prosas curtas de ficção de modo particularmente compassivo, apontando adições singulares à evolução do conto russo". E reitera que nesses trabalhos, "o tema do isolamento aparece de modo consistente".

Sendo assim, estamos diante de um escritor que também viveu sob a influência de intelectuais da corrente realista, que o levaram a compreender e a se dedicar ao estudo, acima de tudo, de uma literatura socialmente engajada. Para Watt (1982), os críticos associam o termo Realismo à escola realista francesa, utilizado como designação estética, em 1835, para indicar a "verdade humana" de Rembrandt, por oposição ao "idealismo poético". Já Todorov (1982, p.12) conclui que:

> [...] As interpretações do realismo estão em si mesmas sujeitas à interpretação, e a crítica da ideologia realista é feita a partir de uma posição ideológica específica; tal como as obras realistas, em vez de nos dizerem a verdade, renovam o diálogo dos textos e estimulam o prosseguimento.

Lukács (2000, p. 160), ao analisar Dostoiévski e Tolstói, apostou no romance como a única forma de se representar a realidade e distinguiu na obra dostoievskiana uma espécie de superação do Realismo, que para ele estaria inserida em uma concepção de "novo mundo". Ainda que saibamos que esse método transcendeu as formas de composição, chama a atenção o fato de que o crítico identificou a singularidade artística daquele que concebeu a obra *Crime e Castigo* (1886).

Makárova (2006, p. 38), ao analisar as produções com a temática siberiana nas obras de Korolienko, levanta diferentes aspectos, como os estudos das populações locais, das características sinestésicas dos contos e exemplifica as considerações do próprio autor:

> [...] Os realistas modernos esquecem que o realismo é apenas a condição da arte, condição que corresponde ao gosto moderno, mas que ele não pode servir como um fim em si mesmo e [assim] toda a arte não se esgotará... Parece-me que há uma nova direção, que está destinada a substituir o extremo do realismo [...] Descobrir o valor do indivíduo, com base no valor das massas, essa é a tarefa da nova arte que substituirá o realismo.[22]

Em sua análise, ela considera que através da conexão com as "imagens do cotidiano" e o "idealismo dos sentimentos" é que surgirá a fusão especial de Realismo e Romantismo na obra do escritor. De fato, em suas composições os enredos são organizados de forma

[22] (tradução nossa)

apurada, o que para muitos estudiosos remetem a poemas em prosa. Há também, em toda a sua poética, o princípio da oposição entre matizes, vida e morte, realidade e ficção, frio e calor, todos organizados de modo a apresentar um cronotopo da taiga, das prisões e estepes. E, claro, as paisagens sempre são encaradas como lugares de ação e elas operam, efetivamente, na psicologia das personagens, revelando os seus dramas interiores.

Acerca da apreensão e valorização das diferentes paisagens do solo russo, muito da reflexão lírica que presenciamos nas composições de Korolienko, pode ser observada desde o grande poeta Liérmontov[23], que em seu poema "Pátria[24]" já expressava o seu "amor" e a conexão entre a atmosfera e a vida de camponeses pobres, buscando conceber o retrato da natureza, da alma e da simplicidade do povo russo.

A representação da realidade introduzida nas narrativas prisionais, preenche-se, conforme assinalamos, de tipos exóticos, que compõem a própria diversidade da vasta Sibéria, com os seus motivos folclóricos e com o retrato dos mais variados estratos, como vagabundos, sectários, presos políticos, senhores de terras e camponeses. Contudo, para sentirem-se plenos de felicidade, os heróis estarão sempre idealizando a sua vida pregressa ao cárcere ou elaborando planos de fuga.

De uma perspectiva biográfica, podemos dizer que o despertar social de Korolienko está fortemente relacionado com a mudança drástica em sua vida, causada pela morte de seu pai, um juiz cossaco, quando ele ainda era adolescente, representou para toda a sua família. Sem ter tido tempo de deixar uma pensão, a morte do patriarca representou o início de uma grande transformação social. A partir desse momento, os estudos realizados pelo autor se somaram à necessidade de ganhos financeiros em outras áreas.

Como exemplo, no ano de 1871, no Instituto Tecnológico de São Petersburgo, ele iniciou os trabalhos como encarregado de colorir desenhos para atlas botânicos, além de revisor, para que assim garantisse o seu sustento. Em 1874, na Academia de Agronomia e Engenharia Florestal de Petrogrado, ele ampliou e desenvolveu sobremaneira a sua visão política. Já em 1876, por conta de algumas declarações que criticavam as ações da administração *tsarista*, ele foi preso e enviado para a província de Vólogda e, em seguida, retornou para Kronstadt, sob vigilância policial (KÓTOV, 1953).

Somente no ano seguinte, ele regressou a São Petersburgo, onde atuou, juntamente com os irmãos, entre outros trabalhos, como revisor, chegando a trabalhar, por um curto período de tempo, no pequeno jornal *Nóvosti* [Notícias]. Em seguida, ele começou a

[23] Mikhaíl Iúrevitch Liérmontov, consagrado poeta russo que viveu de 1814 a 1841.
[24] Publicado na revista *Otétchestvenie Zapíski* [*Notas da Terra Natal*], 1841, Tomo XV, №4, p.283.

produzir artigos jornalísticos e escritos ficcionais. O primeiro exemplo do início de sua carreira como ficcionista é a redação de *Episódios de um investigador da vida*[25] (1879). Onde um jovem narrador, em primeira pessoa, Borís Gavrílovitch Dubrav, relata uma visita à fazenda de um amigo, onde inicia uma amizade com o servo Iakub, inicialmente apresentado como pouco sociável e calado. O enredo se concentra nas relações que ele trava neste período, bem como nas decisões tomadas, que acabam definindo a sua jornada futura.

Finalmente, vivendo sob um clima de constante tensão e controle, ele foi preso, sob a suspeita de envolvimento com lideranças revolucionárias. Ao se recusar a prestar juramento a Aleksandr III, acabou sentenciado a cumprir o degredo na Iacútia, no ano de 1881, onde foram recolhidos materiais para os seus melhores enredos de ficção. Foi na prisão de Tobolsk[26], inclusive, que ele compôs "Iachka", tomado pelo mais absoluto sentimento de pessimismo, retratando as suas emoções em um poema, onde transparecem a sua angústia e desilusão, como no verso: "O mundo é a prisão... Eu estou sozinho". O único registro em que a falta de esperança parece ter dominado o espírito do escritor, que não voltou a expressar-se desse modo, nem sequer em seus artigos jornalísticos.

1.1 A Poética Siberiana

Os estudiosos russos das obras de Korolienko, tradicionalmente, dividem os seus contos siberianos em dois ciclos. O primeiro deles contempla os escritos no período em que o autor vivenciava o exílio e alguns anos após deixar a Sibéria, ao longo da década de 1880, são eles: "A Estranha[27]" (1880), "Iachka[28]" (1880), "O Assassino[29]" (1882), "O Sonho de Makar[30]" (1883), "Sokolínets[31]" (1885) "O desabrigado Fiodor[32]" (1886) e "O circassiano[33]" (1888). Já o segundo ciclo, compreende as produções escritas entre o período de 1890 a 1900, quando essas mesmas experiências são apresentadas em um tempo passado,

[25] Publicado na revista Slovo [Palavra], em 1879, № 7.
[26] Antiga capital da Sibéria.
[27] Publicado primeiramente em Nova Iorque, no jornal *Progress* [*O Progresso*], № 11-15, 1892. Por conta da proibição da censura, só pode ser publicado na Rússia em 1905, na revista *Pússkoe Bogátstvo* [Riqueza Russa], № 9.
[28] Publicado na revista *Slovo* [Palavra], em 1881, № 2.
[29] Publicado na revista *Sévernyi Viéstnik* [*Mensageiro* do Norte], 1885, № 1.
[30] Publicado na revista *Rússkaia Mysl* [Pensamento Russo], 1885, № 3.
[31] Publicado na revista *Siévernyi Viéstnik* [Mensageiro do Norte], 1885, № 4.
[32] Em um primeiro momento, este conto não foi aprovado pelo censor, e o manuscrito não foi restituído ao autor. Korolienko, então, decidiu reescrevê-lo, com o título "Pelo caminho", com significativas alterações, só assim ele foi publicado na revista Siévernyi Viéstnik [Mensageiro do Norte], 1888, № 2. Já o conto com o título "O desabrigado Fiodor" foi publicado no Krásnyi arkhiv [Arquivo Vermelho], 1927, n. 5.
[33] Publicado no *Sibírskaia Gazieta* [Jornal da Sibéria], 1888, № 16.

mas que ainda repercutem no presente, são eles: "Tentação[34]" (1891), "At-Davan"[35] (1892), A *zaímka*[36] de Marússia[37] (1899), "Luzes[38]" (1900), "O último raio[39]" (1900) "O frio[40]" (1900-1901), "Soberanos cocheiros[41]" (1904) e "Senhores feudais[42]" (1904).

"A Estranha" foi escrito em março de 1880, quando o escritor aguardava em uma prisão política a deportação para outro presídio na Sibéria e sofria, por conseguinte, um momento de forte crise ideológica. Cumpre notar que esse trabalho, ainda em forma de manuscrito, foi muito apreciado por G. I. Uspénski[43], de quem Korolienko herdou o caráter de observador da vida das massas, com narrativas que buscaram retratar fatos legítimos e imagens de personalidades reais, criando um "método particular e com uma máxima aproximação entre a arte plausível, a vida e a verdade". (BIALYI, 1983, p.313 apud GUSSIEVA, 2009, p.88)

Nesse conto, são introduzidas situações que seriam discutidas e aprofundadas em futuras estórias, tais como: o embate de valores entre as personagens, além da energia empregada por elas para externarem suas opiniões, principalmente sobre questões políticas e religiosas. O protagonista é estimado por sua capacidade de compreender a realidade de uma prisioneira e tentar estabelecer contato com ela, colocando o seu lado humano acima de tudo, com base em seus valores cristãos. (GUSKOV, 2009).

O enredo concentra-se na viagem de um prisioneiro, escoltado por dois guardas, que ao chegar a uma casa para aguardar o fim de uma forte tempestade de neve, aceita escutar de seu vigia de escolta Gavrílov a história de sua primeira missão de suboficial: escoltar uma jovem, na condição de presa política, juntamente com outro suboficial mais experiente, encarregado de supervisioná-lo, chamado Ivanóv.

As inserções de episódios ligados ao passado do próprio autor nas composições siberianas, que se somam ao plano presente da enunciação, serão muito recorrentes. Como a referência à prisioneira Evelina Ulánovskaia, que ele conheceu em uma de suas

---

[34] Publicado na revista *Pússkoe Bogátstvo* [Riqueza Russa], 1914, № 8.
[35] Publicado na revista *Pússkoe Bogátstvo* [Riqueza Russa], 1892, № 10.
[36] Denominação antiga a um terreno ocupado com direito de posse, geralmente afastado de terras aráveis.
[37] Publicado no Compêndio da revista *Pússkoe Bogátstvo* [Riqueza Russa], intitulado *Marússia*, 1899.
[38] Publicado pela primeira vez no livro *Para ajudar os judeus afetados pela má colheita*, 1901.
[39] Publicado na revista *Pússkoe Bogátstvo* [Riqueza Russa],1901, № 1.
[40] Publicado na revista *Pússkoe Bogátstvo* [Riqueza Russa], 1901, № 1.
[41] Publicado na revista *Pússkoe Bogátstvo* [Riqueza Russa], 1901, № 2.
[42] Publicado na revista *K sviétu* [Em direção à luz ou À luz], 1904.
[43] Gleb Ivánovitch Uspénski (1843-1902), escritor russo e figura politicamente engajada, que lutou contra as ações arbitrárias do governo *tsarista*. Os dois só se conheceram, efetivamente, quando Korolienko retornou do exílio e foi para São Petersburgo, no ano de 1887, na ilha de Vassíliev, por meio de um convite ao apartamento onde residia Uspénski. (Obras completas de V. G. Korolienko, tomo 8, 1955 (p. 12-45).

deportações e que serviu de modelo para a construção de sua heroína, que é comparada e apresentada, inclusive, à mártir Feodósia Morózova. De fato, Morózova foi uma personagem real, grande defensora dos velhos crentes, cidadãos que eram contrários às reformas da igreja ortodoxa russa. No ano de 1671, ela foi exilada e reclusa no monastério de Bórovsk, na Rússia Central, onde sofreu inúmeras privações e acabou morrendo de fome[44].

Em todos os percursos até o seu desterro, a jovem prisioneira deixa claro o seu desprezo aos dois guardas que a acompanham. Afinal, mesmo em convalescença, ela repudia aqueles que apenas seguem ordens e que, por esse motivo, serão seus eternos inimigos. Gavrílov, após ter cumprido a sua primeira missão, ciente do estado de saúde daquela prisioneira e aguardando no mesmo povoado, a mando de seu chefe, uma correspondência que lhe daria as prescrições para as suas futuras atribuições, resolve visitá-la, apesar de repetidamente hostilizado.

Contudo, em seus últimos dias de vida, ela aceita cumprimentá-lo, nutrindo a esperança de que ele um dia reconhecesse o seu papel naquela sociedade que estava prestes a, mais uma vez, levá-la para longe de sua terra natal. E o leitor toma conhecimento do fato tão somente com a chegada de alguns papéis pelo correio, quando ela já havia falecido. Aliás, essa é a única razão para que uma nova ordem não fosse cumprida.

Diferentemente de Morózova, o presente narrador, que também é um prisioneiro, demonstra-se capaz de agir de modo cordial com aquele que poderia ser o seu potencial inimigo, o que reforça um aspecto frequente na poética siberiana, o de ressaltar que as situações extremas não eliminam as boas emoções humanas e que a nobreza de caráter consegue superar qualquer dogma, seja ele político, religioso ou social.

Na parte final, muito consternado, Gavrílov termina de relatar a sua história. Todavia, o preso que escutou atentamente a todo esse drama, em uma noite fria, fica tão absorto, que só consegue preencher-se de tristeza, ao imaginar a dolorosa imagem da jovem morta. Se nos detivermos nas modulações da nevasca ao longo do conto, vemos que ela diminui conforme tem início o relato do guarda. A natureza, pintada com quadros sombrios, associa-se diretamente aos estados de espírito das personagens, imersas na escuridão de uma noite aterradora e capazes, tão somente, de distinguirem os lamentos surdos da tempestade, como se ela também estivesse de luto.

Veremos nas narrativas de Korolienko, a presença de protagonistas que a todo custo buscam compartilhar as suas emoções, lembranças e ressentimentos do passado, o que até

[44] Conforme atesta Ricardo San Vicente em nota à tradução “Una joven extraña” (2013, p.134).

remete ao conto posterior de Anton Tchékhov: “Angústia” (1886), cujo subtítulo “A quem confiar minha tristeza? ” retrata a jornada, no tempo presente, do cocheiro Iona Potápov, que recorre a todos os seus passageiros para relatar a dor da irreparável perda de seu filho, porém ninguém lhe dá atenção, pois o menosprezam e o agridem por sua condição social, o que acaba fazendo com que ele recorra ao seu “cavalinho”.

A conduta do rocim, em meio a esse desabafo, lhe faz acreditar, ainda que de forma alucinada, na existência de um ouvinte para a sua história e que garante a possibilidade de ele prosseguir em sua árdua rotina de trabalho. A exteriorização de seu luto é, deste modo, o único meio que ele descobre para sobreviver ao martírio da vida. No caso dos heróis de Korolienko, ao se depararem com um interlocutor apto a embarcar em suas histórias e aventuras, vemos o quanto esses mesmos interlocutores passam a se projetar e recriar as imagens que ouvem, enchendo-se de compaixão, respeito e aquela necessária e sempre presente curiosidade das personagens dos ciclos de narrativas prisionais.

Acerca dos elementos da estética impressionista na poética siberiana, vemos quanto as personagens apelam para os espaços e os elementos da natureza que as rodeiam, como o fogo, os raios de sol, a neve, as estrelas, a lua, o vento, a neblina e o marulhar do oceano, com suas diferentes nuances de tons, para ilustrarem episódios ligados às suas memórias ou que definirão os caminhos que estão prestes a seguir. Sendo assim, o retrato de suas emoções e estados de espírito mais profundos conectam-se intimamente com o meio em que elas estão ou estiveram imersas.

No tocante à recorrência ao passado, decididamente, este é um aspecto que irá sempre contemplar essas narrativas, o que em certas ocasiões retira os heróis da objetividade de suas vidas para um estado profundo de devaneio. O memorialismo se fará presente, principalmente, quando são resgatados os períodos de pleno gozo, esperança e liberdade. Em tais instantes, as personagens parecem reaver certas experiências e trazê-las para a enunciação, até se darem conta de que não se encontram mais nesta espécie de sonho ou projeção de uma vida que, no fundo, ambicionam recuperar.

Alguns dos narradores, como o próprio vagabundo Baguylai de “Sokolínets”, por exemplo, esforçam-se na busca por uma adequação aos preceitos cristãos e às normas sociais de seu meio. Entretanto, conforme veremos nos comentários que se seguem à essa tradução, o protagonista angustia-se com a perda de sentido de sua existência, ao se dar conta de que vive como qualquer outro colono russo.

As percepções individuais e a forma como são interpretados os diferentes ambientes onde os narradores acabam inseridos, seja por imposição ou por vontade própria,

aproximam ainda mais esses escritos ficcionais da arte impressionista. Os vagabundos, tipo social frequentemente empregado pelo autor, são apresentados pela sua natureza transgressora, sendo que os seus estímulos e valores influenciam as suas ações. Porém, também são revelados os seus mais intensos dramas interiores; cumpre notar que as significações dadas aos olhares despem os pensamentos e os estados de espírito dos protagonistas.

Além disso, o descritivismo será uma técnica que Korolienko empregará para suspender o ritmo de sua composição e enfatizar a impressão que determinada realidade suscita naquele que narra ou ouve uma história. Nesses instantes, o lirismo se fará muito presente, elevando as categorias sensoriais e se aliando, quase sempre, aos elementos oníricos. É a partir daí, que o leitor poderá compreender o porquê de determinados narradores envolverem-se tão intimamente com as histórias e em como elas se imprimem em suas memórias, a ponto de mudarem as suas concepções de mundo e as suas interpretações acerca das relações humanas.

Os elementos da natureza também atuarão como metáforas da instabilidade presente nos sentimentos e pensamentos dos heróis. Kedrini Santos (2011, p.17) considera que ao falar do impressionismo, devemos observar que as pinceladas de luzes e sombras, construídas por meio das palavras, restabelecem o equilíbrio entre o universo dito real, externo a nós, e um outro universo, tão real quanto o primeiro, mas que se caracteriza pelo primado das emoções e sentidos. E reitera que "diante da impossibilidade de mostrar e descrever o real em todos os seus aspectos, o artista impressionista ensina-nos a olhar os pormenores, a fim de distinguir os diferentes matizes da vida."

Na poética siberiana de Korolienko, veremos que as suas produções estão carregadas de marcas de seu passado, impressas em sua memória, e ele irá se utilizar, ao reconstruir imagens e sensações, da figura de linguagem sinestesia, onde da união de palavras, ele conseguirá transportar o leitor para a mesma paisagem, espaço ou atmosfera em que ele almeja narrar determinado fato. E, claro, como não ressaltar a relação entre a natureza e as fases da vida que, conforme vimos, caminham juntas e ressentem-se com os sofrimentos e a morte dos protagonistas, sempre com as frequentes nuances de sombras e o despertar da vida em forma de luzes, claridade e brilhos intensos.

Decididamente, o autor conta com a projeção imagética daquele que o lê para a concretização de seu fazer literário. Aliás, é inquestionável quanto as etapas de narrativas prisionais trazem de um modo muito vivo e autêntico as impressões da vida e da luta pela sobrevivência das personagens que cumprem, já cumpriram ou fogem do degredo na

Sibéria. Sempre sob as margens do Lena, em uma ilha, na taiga selvagem, em penhascos, sob cedros, dentro da prisão, percorrendo montanhas, nas florestas, nos rios, sob tempestades de neve, sob a frequente neblina ou sob os raios vívidos e consoladores do sol.

De volta às etapas de composições prisionais, em "O Assassino", uma das melhores descrições do período em que Korolienko viveu em Amga (Iacútia) e seus arredores, é retratada a jornada de um narrador que conhece um cocheiro, Fiodor Mkháilov Sílin, cujo sobrenome remete ao termo russo "sila", que significa "poder", "força", sendo ele literalmente um "homem de força". O enredo concentra-se, inicialmente, nas percepções do narrador ao longo de sua viagem e nos diferentes elementos da floresta que ele percorre, até que tem início uma conversa, que acaba revelando um importante incidente do passado.

O cocheiro evoca uma passagem de quando ainda era jovem em seu ofício. Na realidade, ele faz uma confissão ao seu passageiro: ter assassinado um bandido perigoso em uma de suas viagens, para que só assim pudesse salvar a vida de uma mulher e de seus filhos, que corriam perigo. Um episódio que o atormenta e o consome, já que o peso em sua consciência o acompanha em todos os seus dias. No entanto, ainda não será essa revelação que definirá os rumos da narrativa. Tendo cumprido a viagem em segurança, ambos se despedem e prosseguem com os seus trabalhos.

A reviravolta do conto consiste no retorno do narrador à mesma floresta percorrida anteriormente, um mês depois, quando acaba por ver o corpo massacrado daquele homem que o havia conduzido, com a cabeça ensanguentada e as mãos amarradas atrás das costas, sinais claros de um crime brutal. Ele passa a fazer parte das investigações que objetivavam descobrir quem havia empreendido tamanho ato de crueldade. E, de fato, após um certo tempo, chega-se a um suspeito, apresentado apenas na oitava parte do conto, o vagabundo Ivan, que assume a execução do cocheiro. Cumpre salientar que o desenrolar do julgamento é explicitado em minúcias ao longo de toda a narrativa.

É interessante notar que Sílin é caracterizado como uma personagem que busca sempre a justiça para as pessoas honestas e boas, com sua consciência e moral cristãs, apesar de ter sido obrigado a matar um homem. Os vagabundos atuarão como os seus inimigos e maiores ameaças, principalmente em seus percursos pela floresta, onde ele é reconhecido por sua coragem e pela sua bravura, sempre protegendo as possíveis vítimas daqueles cidadãos intrusos, que parecem espreitar cada movimento que ele executa.

Sendo assim, o vagabundo do conto é retratado por sua índole criminosa, capaz de se moldar a qualquer situação e que, no primeiro momento, apenas assume com frieza o seu homicídio. Contudo, ele não é capaz de responder à pergunta do narrador "Você lamenta a

morte de Sílin?", já que ele é tomado por um ódio incontrolável. Cumpre notar que ele também alega um dia ter acreditado em Deus, "há muito tempo". Aqui, o autor não problematizará a psicologia e o passado de sua personagem, como ele fará com Baguylai, em "Sokolínets". Ivan, de trinta e oito anos, acaba confessando ter cometido o assassínio de Fiodor unicamente por razões financeiras, já que a ele um comerciante havia prometido uma recompensa.

De fato, tal como Raskólnikov e os demais heróis de Dostoiévski analisados por Bakhtin (2008), as personagens nas composições aqui discutidas possuem traços que não delimitam suas classes e personalidades, pois elas refletem sobre as suas ações e sobre as suas visões de mundo. Ao serem dotadas de consciência e autoconsciência, o leitor não obtém uma imagem planificada de suas naturezas, o maniqueísmo não se aplica à forma como elas são construídas e trabalhadas pelo escritor. E até a forma como os narradores expõem os fatos, permite que a leitura se liberte de rígidos juízos de valores, pois ainda que eles discordem e externem as suas considerações sobre determinado assunto, eles buscam compreender o lado do outro e são capazes de incorporar valores e, por conseguinte, estabelecer novos arranjos para as suas próprias existências.

Em "O sonho de Makar", vemos a reprodução de uma outra atmosfera, com um protagonista inspirado no camponês Zakhar Tsikunov, em cuja iurta Korolienko residiu ainda nos tempos de Amga. Nessa composição, vemos o reflexo de sua convivência com os iacutos, povo que o atraiu por seu folclore, cultura e língua, que ele chegou a estudar. Aliás, esse foi um período em que ele travou relações com outros presos políticos que viviam na região, mas também com as populações locais, com quem ele construiu grandes laços de amizade.

Agora, veremos que o herói será um camponês, que após a sua morte é guiado pelo padre Ivan e colocado na presença de anjos e de Toion, que para os iacutos correspondia ao chefe tribal, para que fossem julgados todos os seus pecados cometidos em vida. Ao longo do julgamento, verifica-se que muitos erros pesam em sua balança, como o consumo excessivo de álcool, o uso de linguajar impróprio, além de sua pouca atenção e apego aos preceitos cristãos.

Acerca da questão religiosa, o papel que ela assume e como é discutida na poética siberiana, chama a atenção os dados fornecidos pelos historiadores Riezun e Chilóvski (2005), que atestam em seu estudo etnográfico sobre a Sibéria do século XIX, que a união de russos e indígenas locais (como iacutos e buriates) deu início a uma dualidade de crenças nessa região e que essas populações passaram a também acreditar nos poderes mágicos dos

xamãs e muitos começaram, inclusive, a dirigir as suas súplicas a eles.

E os estudiosos ressaltam que as tentativas políticas de assimilação de grupos étnicos indígenas ao modelo ocidental de civilização acabaram gerando uma cisão sociocultural no interior de suas lideranças, que defendiam formas alternativas de defesa de sua identidade nacional, como também a "integração dos povos da Ásia Central, que professavam o Budismo e o Islamismo". Ao longo de toda a trajetória de Korolienko, podemos verificar o quanto o papel da religião será um tema polêmico e ocupará grande parte de sua ficção, em artigos de jornais e revistas.

De volta à discussão dos traços da tradição romântica nos ciclos de contos, cumpre notar que o elemento onírico atuará como um mediador entre o texto e a realidade. Dmítri I. Iúrkov (2012), ao mencionar "O sonho de Makar", atenta para o fato de que nessa narrativa nós podemos vislumbrar todo o conteúdo da obra literária ser condensado, justamente, no sonho de uma personagem, e que esta técnica parece auxiliar o leitor a migrar da realidade para uma contemplação estética, onde se torna impossível estabelecermos onde termina a realidade e onde começa o sonho.

Korolienko conceberá em suas obras o Romantismo europeu que Raquel Ribeiro (2010, p. 4), ao discorrer sobre a forma como o termo *romantic* era interpretado no século XVIII, define como o apego àquilo que "agrada à imaginação", "que desperta o sonho e a comoção da alma", por meio do retrato de montanhas e florestas, mas também da manifestação "sobretudo dos aspectos melancólicos e selvagens da natureza".

Acerca dos seres vivos que compõem a floresta de Makar, dotados de comportamentos jocosos, é importante observar que eles assumem movimentos que objetivam deter o protagonista que, perdido na taiga e exausto de tanto caminhar, parece receber golpes das árvores. Além disso, as raposas zombam de sua situação e as lebres gargalham. Deste modo, verificamos que a atmosfera e as modulações do tempo são capazes de definir o seu destino, pois operam nos entrechos. Como exemplo, na cena de sua morte, ocorre a extinção da aurora boreal e a suspensão do repique. Logo, a mesma natureza que caçoara dele em vida, ressente-se por ter escarnecido:

> [...] os larícios curvavam-se pacíficos sobre ele, quietos, como se tivessem vergonha das travessuras anteriores. Abetos frondosos estendiam as suas garras largas, cobertas de neve, e balançavam muito mansamente. [...] Do céu azul, estrelas brilhantes e bondosas espiavam através dos galhos densos e pareciam dizer: "Vejam só, o pobre homem morreu".

Sendo assim, o universo sempre irá integrar-se aos estados de espírito, às nuances de

otimismo e à perda da esperança, bem como à vida e à morte das protagonistas dos contos siberianos. Conforme veremos também com a descrição dos últimos instantes do vagabundo Buran, ao pé de um cedro, em uma notável passagem de “Sokolínets”.

O herói Makar parece sentir-se renovado em seu sonho, pois é onde ele desperta enquanto sujeito de suas próprias ações. Em vida, o álcool deturpa a sua compreensão dos fatos e mascara as suas reais ambições. Além disso, é curioso notar que por conta do obscurecimento da transição do sonho para a realidade, o leitor até o final fica em dúvida sobre o seu desfecho. Afinal, tudo se trata de um sonho ou de uma visão antecipada da morte?

Cumpre salientar que os posicionamentos do autor são inseridos em diferentes graus em suas produções ficcionais. Todavia, em algumas situações eles emergem através de observações diretas, como na caracterização de seu protagonista Makar. Em seus primeiros trabalhos, vemos que Korolienko conduz os seus enredos para uma abertura marcadamente autobiográfica e, principalmente na segunda etapa, ele começará a se distanciar daquilo que é representado, o que também aponta para a construção de estruturas mais complexas, com histórias organizadas em multicamadas, além da ramificação dos planos narrativos (POKATÍLOVA, 2006, p.98).

Em seu juízo final, Makar será possuído pelo dom da palavra, que lhe garantirá uma chance de defesa contra todos os crimes que ele havia cometido em vida. Mais uma vez, vemos renascer um herói russo vindo das massas, que externa a sua perspectiva sobre as razões que o motivaram a se desviar dos caminhos da fé e da retidão. E, assim, o prato de ouro executa um movimento descendente, enquanto o prato de madeira ergue-se “mais e mais alto”, revelando que os seus pecados eram continuamente perdoados, uma vez que ele também havia sofrido inúmeras privações em vida, que lhe tiraram as esperanças de dias melhores e o brilho em seu olhar.

Radha Balasubramanian (1997, p. 44) observa que logo na abertura do conto já podemos identificar elementos de tradições literárias russas e expectativas populares que apontam que Makar também estará destinado a sofrer, como no uso dos provérbios “que perdeu as botas em países distantes e sombrios” e “sobre cuja cabeça, como se sabe, caía todo o tipo de desgraça”.

“O desabrigado Fiodor” (1886) é uma narrativa que aborda um tipo social muito bem explorado pelo escritor, introduzido logo no subtítulo “Das narrativas sobre vagabundos”. A taiga siberiana é apresentada por mais uma vez, com os seus típicos lariços, pântanos, névoas, planícies e abetos. Vemos ressurgir também as referências à conhecida e complexa

relação entre os prisioneiros e as autoridades prisionais. As primeiras personagens introduzidas serão Fiodor, um chefe dos prisioneiros, conhecido pela alcunha de "Desabrigado", e Semiónov, um representante da *intelligentsia*[45], que acompanhado pelo grupo de criminosos, resolve narrar a sua relação com o vagabundo.

Olhando para Fiodor, o narrador dificilmente identifica quem ele foi no passado, antes de vestir o roupão cinzento, a ponto de ele questionar para si: seria ele um camponês, um lavrador, um pequeno-burguês? Contudo, conforme os dois estreitam as relações e começam a falar de seu passado, Semiónov descobre que ele desde cedo havia-se estabelecido na Sibéria, juntamente com o seu pai. Crescendo, aprendendo a conviver com as leis dos trabalhos forçados, sobrevivendo ao exílio interno e estudando os trejeitos daqueles homens rudes, com quem ele acabou criando intimidade e neles se espelhando.

Conforme eles estreitam os laços, o narrador se dá conta do quanto eles possuem os mesmos desejos reprimidos, como o de reverem as suas famílias e serem plenamente aceitos na sociedade pelo que são, sem mascararem as suas naturezas. Merece nota o fato de que Fiodor é representado como alguém dotado de consciência e que sofre com inúmeros conflitos morais, fazendo que ele questione para si a razão e os motivos que levaram à sua condição presente, o que faz Semiónov refletir e lamentar a forma como a vida, de um modo geral, sempre o tratou.

Deste modo, o leitor é introduzido a um tipo distinto de vagabundo, que lê e interpreta livros, que respeita a sua família e que rememora os bons e os maus tempos com o seu pai, já falecido, a sua amada irmã e sobrinho, pessoas que ele já não via havia tempos. A capacidade de este prisioneiro se expressar e até ser capaz de assumir uma superioridade moral, deve ter motivado toda a censura feita ao conto.

Como é possível verificar na passagem em que a figura arrogante e prepotente de um Comandante é inserida na narrativa. Ele reconhece o vagabundo "Desabrigado", um conhecido de vinte anos atrás, quando ainda estava iniciando sua carreira, ainda como vigia de presos, e faz questão de exaltar o fato de ter ascendido em sua profissão, deixando claro o contraste de posições entre os dois, além de reforçar que possuía uma bela e estruturada família, enquanto aquele mal sabia onde estava a sua. O modo como ele se comporta e a pronta antipatia que ele causaria no leitor russo, certamente, não poderia agradar o censor, pois há uma crítica clara às formas de poder que reinavam na época e, também, uma desmitificação dos vagabundos, sempre taxados como marginais, sem nenhum traço de

[45] Movimento russo do século XIX que buscava uma reestruturação da sociedade russa. Seus adeptos eram comumente eruditos e engajados em lutas políticas e sociais.

bondade e cultura.

Korolienko irá, com frequência, tratar desse tema em suas composições prisionais, ou seja, uma proposta de revisão de conceitos morais. Lê-lo é também despir-se de preconceitos e de "estamentos" que, sem nos darmos conta, admitimos e ajustamos, de modo até impensado, nos arranjos de nossa própria existência. A experiência de exílio que ele transmite em forma de ficção, em seus diários ou em suas cartas, atestam todo um trabalho reflexivo, que culminou em um novo olhar para o seu próprio povo e cultura e, consequentemente, ele consegue extrair de seus leitores uma percepção ampliada de mundo, por meio de suas produções atemporais, que discutem os sentimentos, as emoções, os dramas e, sobretudo, os reveses da vida.

O conto "O circassiano" apresenta como personagens centrais: o narrador, viajando em uma carroça desconfortável e barulhenta, acompanhado de dois oficiais, um irritado e nervoso, chamado Tcherpunikóv, outro sonolento e gordo, chamado Puchnikh, e, mais para frente, a figura de um escrivão se soma aos diálogos que se seguem, com a chegada de um circassiano. A princípio, eles partem para a Iacútia, mais precisamente, em direção a uma estação, em uma noite sombria de novembro e sob o já conhecido frio siberiano.

Chama a atenção a constante caricatura que é feita das hierarquias na Rússia, uma crítica aberta que revela muito da experiência do próprio autor, que sempre se posicionou contra a forma como era praticado o poder em seu país e que presenciou claros exemplos de puro autoritarismo, intransigência e despreparo nos guardas no período em que esteve exilado. Esta mesma crítica poderá ser notada com a leitura do conto "Iachka", onde as experiências na prisão de Tobólsk ainda estão muito vivas na memória do escritor, e onde os carcereiros assumem traços claramente grotescos.

Ao longo do percurso, o sentimento de superioridade de Tcherpunikóv será frequente, até pela forma como ele se reporta a Puchnikh, sempre o ofendendo. Além disso, ele reclama constantemente de sua condição financeira. Ao chegarem à estação, eles realizam uma parada, mas tão logo o narrador vislumbra em sua mente mais uma viagem que logo seria iniciada, em direção ao seu destino final.

Ao deparar com uma parede, ele observa a imagem do filho pródigo ajoelhado e pedindo perdão ao seu pai. Essa parábola de Jesus assume na narrativa um sentido claro que remeterá, posteriormente, a toda a ganância dos oficiais russos. Ao darem início a uma conversa, acerca de um conhecido circassiano que vendia álcool nas minas com os seus companheiros e que, com o ouro recebido, comercializava naquela região com os chineses, eles começam a pensar em como capturá-lo, uma vez que no dia seguinte ele estaria por

aquelas redondezas. Obviamente, a cobiça dos oficiais para capturá-lo e ficar com o ouro aumenta. Com a chegada do já esperado circassiano, no entanto, eles se veem despreparados e temerosos.

O semblante do criminoso surpreende, pois ele já era um homem experiente, aparentando cinquenta e cinco anos, com expressões apáticas, porém, com trejeitos que denunciavam a sua condição de um exilado das montanhas. Prontamente, Tcherpunikóv procura as suas armas, só que elas estavam na carroça, o que o desagrada sobremaneira, já que o seu oponente estava armado. E, claro, ele lança a sua ira contra Puchnikh.

Dando-se conta do perigo, todos ficam alertados e o visitante senta-se ao lado do narrador, que é sutilmente orientado, por meio dos olhares dos oficiais, a tentar dominar o intruso, mas ele resolve manter-se, por segurança, em posição neutra. Por fim, tem início uma negociação entre eles e, curiosamente, os oficiais são persuadidos com a venda, por trinta rublos, de uma carroça.

Em seguida, o circassiano segue seu caminho, deixando o soberbo oficial desconcertado diante de sua covardia em detê-lo quando pode. Desta vez, vemos que a articulação e a perspicácia de um criminoso em terras russas se contrapõe à crença infundada de Tcherpunikóv em sua própria astúcia, uma vez que sem uma arma em mãos, ele não consegue se proteger e é vencido pela tentadora proposta que recebe.

Passado esse primeiro ciclo, quando a experiência e as impressões do exílio interno ainda estavam muito presentes na vida de Korolienko, seguem-se as composições escritas entre os anos 1890 e 1900. Lembrando que a partir de 1890, iniciou-se na Rússia um período de renovação literária e cultural, com o "início da escola literária simbolista", sendo que Merejkóvski é quem liderará este movimento emergente e formulará os seus três elementos principais: "o conteúdo místico, o símbolo e a expansão da sensibilidade artística". No campo político, em 1894, com a morte de Aleksandr III e a ascensão de Nikolai II, tornam-se evidentes as condições para mudanças radicais não apenas na literatura, mas na vida pública russa (MAGOMEDOVA, 2005, p.6).

Em "Tentação", cujo subtítulo já assume um tom memorialista: "Uma página do passado", diferentemente das demais composições aqui assinaladas, insere-se como um testemunho direto do autor, pela segunda vez preso, agora em Tobólsk, em quinze de agosto de 1881. Em realidade, alguns críticos russos não consideram este relato, quando comparado com os demais trabalhos ficcionais do escritor, todavia, com base no artigo de Makárova (2006, p. 37), resolvemos citá-lo no presente capítulo, pois a crítica considera que ele faz parte do que os pesquisadores de Korolienko tradicionalmente consideram como "o segundo

ciclo da década de 1890”.

Agora, vemos a descrição de sua segunda experiência na prisão, por meio de uma rememoração da primeira, onde é criada uma situação paralela entre esses dois episódios, já que ele aparece ocupando a cela de um conhecido que havia ali permanecido um ano antes. A segunda parte da narrativa reforça o desejo de fuga, quando Vladímir resolve se utilizar de uma identidade falsa. Contudo, a sua tentativa fracassa, sendo até melhor para o cumprimento de sua pena. Esta é a única vez em que vemos Korolienko empregar o seu nome e sobrenome no conto, o que traz um tom de legitimidade à sua própria jornada, por meio de um narrador discretamente ficcional.

Nos anos finais de sua vida, ele incorporou esta composição à sua obra *História do meu contemporâneo* (1921), com alterações substanciais daquele conto ficcionalizado. Balasubramanian (1997, p. 28) compara as alterações feitas e conclui que “Em “Tentação”, os eventos passados são dados na forma de *flashback* no presente. Em *História*, não está contido este apelo da vida na prisão de Tobolsk”. E reitera que em ambos, ressurgem detalhes realistas do prisioneiro Fomin, todavia, apenas em “Tentação” há um foco no plano de fuga do narrador, algo que em *História* ocupa apenas meia página, quando é revelado o desejo de liberdade.

Ao rememorar as grades e paredes da prisão, as faces pálidas dos prisioneiros, a impossibilidade de reagir diante de sua própria condição, o narrador se dá conta de que as “pessoas continuam sendo pessoas em qualquer lugar, mesmo atrás das paredes de prisões militares para condenados” E, assim, ele retrata as suas lembranças ao chegar e se ver dentro de uma solitária, isolado do mundo e até dos demais presos.

De fato, ele enfatiza a força necessária para suportar aquela atmosfera obscura, dando pormenores acerca da rotina nos primeiros dias em que chega, habituando-se com os guardas, a sua própria cela com uma janela. Ele é apresentado também a um antigo prisioneiro político que ali residia, chamado Fomin, detido por envolvimento com grupos revolucionários. Por meio de recados entregues ao prisioneiro Efrémov, ele relata como era o tratamento no temido confinamento estrito.

A leitura permite que identifiquemos as relações travadas entre os detentos e em como o narrador procura auxiliar aqueles que necessitam de sua ajuda. Além disso, em uma passagem em que ele solicita que seja liberado para ao menos poder caminhar um pouco pela prisão, vemos claros paralelos com o conto “Iachka”, não apenas pela forma como ele narra esse evento, mas na reação sempre intolerante dos guardas e aquela conhecida apreensão sinestésica de sua própria realidade, trancado em uma cela, ouvindo os passos e

os sons dos cadeados, ansiando pela liberdade, idealizando uma fuga, com aqueles conhecidos contrastes de luzes, cores e sons

Quando ele deixa a prisão, ao final da narrativa, ele parece renascer, tal como os vagabundos, demais presos políticos e os condenados dos contos siberianos: "Eu estava cheio de vida e esperança". A temática do sonho de liberdade preenche todo o enredo, com breves instantes de nostalgia e da lembrança materna, sempre muito presente nestes contos e que resgatam os tempos de pureza e a juventude das personagens.

Em "At-Daván", cujo título se refere a uma estação localizada no Lena, a trezentas verstas de Iakutsk, conforme nota do autor, é apresentada ao leitor o retrato do homem sem importância ou, literalmente, o "homem pequeno" (em russo: *málienki tcheloviék*) por meio da personagem Krúglikov, o chefe desta estação. Meletínski (1998, p. 209) assinala que Dostoiévski aprofundou a psicologia de seus protagonistas, seguindo a linha gogoliana, contudo, sem o "invólucro maravilhoso-mitológico".

Korolienko irá reproduzir esta mesma linha de raciocínio neste conto, onde o isolamento social imposto a Krúglikov terá início com a sua desilusão amorosa, quando ele ainda era jovem, a partir de sua tentativa malsucedida de assassinar o General que desposaria a sua amada Raíssa, que o repudia depois deste ato. Ao longo do conto, veremos quanto ele será subjugado e tomado pelo sentimento de ódio, principalmente com a humilhação que lhe será imposta na parte final por Arabin, um tirano a serviço do *tsar*, conhecido por nunca pagar pelos cavalos solicitados e que, ao ser confrontado, desfere um golpe contra o rosto daquele que ousou questionar a sua "autoridade".

Em "At-Daván", há a presença daquela vaga ansiedade, tristeza e a antecipação de eventos dolorosos, que se relacionam com a desordem climática e que serão reproduzidas em toda a poética do escritor. Balasubramanian (1997, p. 93) aproxima essa narrativa da obra *O herói do nosso tempo*, de Liermontov, por conta da presença de um narrador que ao ouvir um relato acerca da personagem Pietchórin, acaba deparando com ele, assim como o narrador do conto siberiano. E ela observa que o retrato de Maksím Maksímitch e Petchórin e os contrastes presentes nesta interação, parecem ter influenciado substancialmente Korolienko na composição de seu enredo.

Com efeito, a narrativa gira em torno de Mikhailo Ivánovitch Kopilénkov, Vassíli Spiridónovitch Krúglikov, Arabin e as demais personagens. Tatárinov (1989, p.106) nota que, curiosamente, neste conto não temos um protagonista. Ainda que Krúglikov narre sua trajetória de um amor não concretizado com Raíssa Pávlovna, o subtítulo "Da vida na Sibéria" predispõe o leitor para uma percepção de enredo que deve ser encarado como o

relato de um dos fragmentos da existência humana que, para o crítico, estabelece uma aproximação reminiscente com os princípios artísticos de recriação da realidade de Tchékhov, que se mostraram muito produtivos para essa literatura de virada do século.

O crítico ainda ressalta que em "At-Daván" podemos encontrar a condensação e síntese de muitos tipos sociais explorados na literatura produzida na Rússia, como o jovem intelectual Dmítri Oréstovitch, que remete à personagem Bazárov, de Turguéniev, e que acaba se casando com Raíssa. Além disso, a disputa dos pais de Krúglikov e Raíssa pela escolha de seu casamento em nome da concretização de seus anseios paternais e financeiros, correlaciona-se bem com a imagem dos mercadores tiranos e o manifesto despotismo familiar retratados nas peças de Ostróvski.

Cumpre notar que essa composição foi escrita com base em um evento real. De fato, existiu um Governador Geral de nome Arabin, enviado para a Sibéria Oriental com as notícias da morte de Aleksandr II. Porém ele agia de modo inescrupuloso e dava pouca atenção às normas e regulamentações de seu cargo. Além disso, ele costumava aterrorizar os povos locais durante suas incursões em pequenas estações e uma delas foi, justamente, a At-Daván, onde é dito que ele atirou, sem hesitar, em um chefe dos correios.

Muito interessado pelo assunto, o autor chegou a publicar artigos baseados nas ações cruéis de mensageiros da capital. Ainda que não o tenha conhecido pessoalmente, ele resolveu se utilizar do mesmo incidente com Arabin para compor a sua narrativa. Conforme ele escreveu na época "de fato, não me encontrei com Arabin", sublinhando que todas as cenas em At-Davan e as personagens eram parte de sua criação artística. (DERMAN, 1928, p. 16 apud TATÁRINOV,1989, p.106).

Nesta segunda fase, Korolienko também aprofundará as suas temáticas, de modo a transcender os enredos que se concentravam, de um modo geral, em uma personagem central que narrava sobre passagens de sua vida e, em seguida, prosseguia com a sua jornada, sendo que ele quase sempre empregará elementos autobiográficos. Agora, ele ampliará substancialmente, em uma mesma composição, a discussão de diferentes problemáticas, situações e tipos sociais que, como vimos, resgatam motivos, aspectos e arquétipos presentes na ficção que era produzida por seus contemporâneos, mas também por seus predecessores.

Kotov (1953) assinala que diferentemente do primeiro ciclo de composições ficcionais, onde Korolienko focalizou um eixo específico da natureza de seu herói; no segundo ciclo, ele irá avançar em uma apreensão mais realista do cotidiano, com uma expansão dos conflitos dramáticos, onde as imagens adquirem maior extensão e são

aprofundadas. E observa que "a exaltação de uma atitude positiva perante a vida, o chamado para a luta contra a opressão social, a repressão feudal e as ilegalidades cometidas pela força policial, constituirão a base dos temas e demais trabalhos desse período de atividades do autor[46]".

E é muito interessante observar que até em um eixo específico de narrativas que possuem a característica peculiar de discorrer sobre as experiências prisionais, sobre o desejo da fuga e sobre a realidade iacuta, vemos uma multiplicidade de tipos sociais e étnicos que nos ensinam e muito sobre a vida na Sibéria. Acerca do retrato da diversidade social russa, podemos citar Tchékhov, contemporâneo e amigo de Korolienko, que conseguiu condensar muito bem em seus contos breves e em suas peças uma crítica às formas de poder e opressão, como na seleção da obra *A dama do cachorrinho e outros contos*[47] (1999).

Nela, o leitor observa a presença de funcionários de categoria superior ("Nos banhos",1883); empregadas domésticas, como a cozinheira Aksínia Stiepânova ("Casa-se a Cozinheira", 1885); camponeses russos ("Crime premeditado", 1885); mendigos e sapateiros ("Um dia no campo",1886); certo diretor de escolas públicas do governo ("Senhoras",1886); homens de condições medianas, que transitam entre as personagens de classe alta e as de classe baixa, como a personagem Ivan Dmítrich ("Bilhete premiado", 1887) e há também a presença de médicos ("Inimigos", 1887, e "Ventoinha",1892).

Deste modo, no campo ou na cidade, seus enredos enfatizam as condições de tipos muito presentes no regime autocrata russo, sempre enfatizando os conflitos, dificuldades ou desventuras destas classes. O que fica evidente é que diante de universos tão complexos, o escritor enfatiza o retrato das formas de tratamento, das hierarquias e quanto, muitas das vezes, as posições sociais repercutiam nas ações e nas decisões tomadas pelas personagens, demonstrando um conhecimento preciso de seu tempo e de seu povo, algo que Korolienko também compartilha com ele.

Em "A *zaímka* de Marússia", o leitor é introduzido àquela conhecida atmosfera vasta e plural de Amga, com suas cores, texturas e vegetação característica, em meio às relações travadas entre o narrador, seu companheiro e o povo iacuto. Ao percorrerem as estradas siberianas, eles se acercam de uma pequena cabana, coberta por um telhado de palha, onde vislumbram um belo terreno, repleto de vegetais, tais como batatas, repolhos, pepinos e cenouras. É a partir daí que, ao falar na língua iacuta, eles são recebidos por uma jovem que,

[46] (tradução nossa).
[47] Com trinta e seis contos traduzidos do russo por Boris Schnaiderman (Editora 34).

em princípio, se mostra receosa e parece querer se despedir o quanto antes dos dois desconhecidos.

Isso até à chegada de Stepan, que estava ausente e os recebe, sob o olhar hostil de Marússia. Aos poucos, no entanto, ela começa a aceitar a presença de novos residentes. É curioso notar o casal finca as suas raízes nesta região, após se reunirem a um grupo de fugitivos no passado, sendo que todos eles se enquadram na categoria de exilados. Durante todo o desenvolvimento do conto, os modos de vida, o clima, a cultura e o folclore iacutos são particularizados, assim como em "O sonho de Makar".

A narrativa, que começa no verão, invoca a claridade e a fartura desta estação do ano. Já com a chegada do frio e das tempestades de neve, voltamos a presenciar a conhecida relação em Korolienko entre o tempo e os infortúnios das personagens. A falta de alimentos e a pobreza assumem um primeiro plano, em meio às lembranças e narrativas trágicas de sobreviventes, como Timofiei, além de outras personagens secundárias, que expõem as suas desventuras e as perdas que foram obrigadas a suportar, diante das dificuldades da vida, sempre com a marcante presença das nevascas.

Diferentes passagens também retratam a fome e a miséria de iacutos e tártaros, que começam uma desavença ligada a roubos das habitações iacutas, o que culmina em sanções e uma sucessão de atos criminosos:

> [...]O duelo, aparentemente, intensificava-se. A indignação mútua crescia. A princípio, os tártaros roubavam, mas não praticavam assassinatos. Agora, eles passaram a fazer de tudo. E na ocorrência de tiroteios, aparecem feridos em ambos os lados.[48]

Nesta onda ascendente de insegurança, a presença de exilados começa a ser questionada pelas autoridades russas que administram a região. De fato, eles já começavam a formar uma comunidade muito numerosa, com mais de um terço dos habitantes locais, algo considerado fora das regulamentações e, finalmente, em meio a um clima de constante tensão, Stepan decide fugir para as minas de ouro.

Ao final do conto, o narrador recebe uma carta, muitos anos depois, com notícias sobre os destinos de seus conhecidos em Amga e descobre que nenhuma informação sobre Stepan foi sequer encontrada, já que tudo que dizia respeito a ele havia sido "de algum modo, esquecido". Marússia acaba se casando com Timofiei e dá à luz dois filhos, um deles torna-se um jovem trabalhador, todos eles passam a residir em uma *zaímka* afastada. Ela relata que,

[48] (tradução nossa)

por vezes, o seu marido bebia e a agredia, no entanto, por mais estranho que parecesse, ela não lamentava nenhum desses episódios, até sentia um certo orgulho, o que era legitimado naquela região, levando o narrador a concluir que, decididamente, "Cada um possui a sua própria ideia de felicidade".

No entanto, aquela incerteza do destino de Stepan permaneceu em seu pensamento presente, já que ele não deixou de nutrir por aquele seu amigo do passado uma "simpatia involuntária" e, por mais que não quisesse acreditar no desfecho obscuro de sua jornada, ele sabia que, muito provavelmente, ele já havia falecido "havia muito tempo".

Em "Luzes", temos uma narrativa miniatura, com apenas uma página, onde vemos surgir um estilo que cumpre um papel transpessoal, com uma introdução genérica: "Há muito tempo, em uma noite escura de outono, eu navegava por um inóspito rio siberiano. De repente, na curva do rio, sob as abrumadas montanhas, brilhou à minha frente uma luz..." que, todavia, é capaz de infundir um plano filosófico que se relaciona diretamente com o ponto de vista que o autor assumiu em toda a sua trajetória:

> [...] Com frequência, eu me recordo daquele rio sombrio, obscurecido pelas montanhas rochosas, e daquela animada luz. Tanto antes como depois, muitas luzes já me seduziram com a sua aproximação. No entanto, a vida flui entre margens tão soturnas como aquelas, e as luzes jazem ainda mais distantes. E mais uma vez devo inclinar-me sobre os remos... Porém, ainda assim... ainda assim, há luzes à frente![54]

O foco narrativo, desta vez, concentra-se nas reflexões de uma personagem que percorre o Lena, acompanhada de um remador. A metáfora da felicidade na forma como são apresentadas as modulações das luzes é notável por sua capacidade de condensar elementos poéticos em prosa. Apesar de excepcionalmente curta, esta composição carrega em si as noções de contraste referente ao tempo e ao espaço, como a noção de proximidade e distância, além de claridade e escuridão, que se unem às conjecturas e questões existenciais do narrador.

No que diz respeito a esse segundo momento, Pokatílova (2006, p.99) enfatiza que em "Luzes", especificamente, temos uma composição com uma estrutura tripartite, que sustenta todo o desenvolvimento da história. A primeira delas, refere-se a uma retrospectiva como motivo primário (Há muito tempo...); a segunda, o desenvolvimento das ações na forma de estruturas elípticas, que conduzem a uma ambiguidade de interpretação, como na passagem: "Brilhou vivamente, intensamente, muito próxima."; a terceira, por fim, seria a expressão das intenções do autor, caracterizada não tanto pela generalização, mas pela

polissemia de um plano específico “Estas luzes noturnas possuem a virtude de se aproximar, vencendo com o brilho a escuridão, de prometer, de seduzir com a sua aproximação.” Sendo assim, para a crítica, o retrospecto funciona como um duplo sentido:

> [...] Por um lado, ele claramente se correlaciona com as descrições da natureza, com os infinitos esboços, apresentados como uma recordação do que ele viu [...] Do outro, com esta marca do passado sendo reinventado em dimensões de períodos distintos, como a coexistência de dois planos temporais, do “então” e do “agora” [...] O resultado é uma viva impressão inicial do que já ocorreu, que não se perde na memória.[55]

Os mesmos procedimentos são observados no conto “O último raio”, tendo como plano de fundo, por mais uma vez, as margens do gigantesco Lena. Agora, a narrativa se concentra em duas personagens, um avô e o seu neto de oito anos, os Tchernichovs. O experiente homem transmite ao jovem os seus conhecimentos sobre as aves locais e lhe ensina que os raios de sol desaparecem no outono, quando os eixos da Terra se deslocam, reaparecendo apenas no fim da primavera ou no começo do verão.

Tudo ocorre na presença do narrador, que trava conversa com o ancião, que afirma descender do general exilado Zakhar Grigórievitch Tchernichov, a serviço da *tsarina* Ekaterina. Ao olhar para o céu e vislumbrar os últimos raios dissiparem-se no horizonte, anos depois, ele relembra consternado o fato de não ter encontrado referências precisas da família Tchernichov. De fato, ao retornar para a Rússia, ele procura investigar dados sobre eles, como uma marca de sua vida na Sibéria. Porém, ele apenas encontra a menção a um certo general Tchernichov, que não havia sido exilado.

Depois de investigar, ele descobre que Zakhar havia retornado para a Rússia, se casado e vindo a falecer para além das fronteiras. Apesar de ainda incerta a origem do menino que ele havia um dia visto, a sua lembrança permanece para sempre em sua memória, como a de um episódio de uma geração que simplesmente desapareceu.

No conto “O frio”, o enredo concentra-se na trajetória de um narrador viajante, em uma noite consideravelmente fria e ao longo do rio Lena, com o seu companheiro de viagem chamado Sokólski, que ao rememorar o seu antigo amigo Ignátovitch, um polaco exilado, começa a discorrer sobre como ele dizia amar as pessoas e os animais. Apesar de sua força e determinação, Ignátovitch é retratado como um sujeito que adquiria, em determinadas ocasiões, sentimentos de misantropia, tornando-se quase um sujeito insuportável, que exaltava os animais, colocando-os acima dos homens.

O clima tipicamente hostil da Sibéria a eles imposto, segundo ele, além de modificar

os seus estados de espírito, punia até os animais, como na passagem onde Ignátovitch arrisca a própria vida para salvar dois patos retardatários de um bando, que estavam prestes a congelar. Um deles, por fim, acaba afundando no rio, enquanto que o segundo perece pelo caminho, sob o terror do frio e de sua capacidade de lentamente invadir os músculos, os ossos e subtrair o brilho da vida.

Para Pietróva (2003), esta passagem, na voz dada a Sokólski, ressalta a importância para o escritor da moral e do "motivo do auto-sacrifício", com base nos valores das personagens exiladas, mas também de todos aqueles que possuíam uma comedida, porém sólida, fé cristã. Cumpre notar que o protótipo da personagem Ignátovitch foi o professor polonês Florian Bogdánovitch, com quem Korolienko retornou do exílio. Em uma carta a A. G. Gornfeld, datada de nove de fevereiro de 1916[49], ele afirma:

> [...] Era um polaco, de meia idade, um romântico, que havia participado da revolta polonesa[50]. Eu o tive parcialmente em mente ao escrever o meu conto "O frio". Ele acreditava que no mundo "o mal triunfava". Contudo, para ele ainda havia aqueles bons combatentes, que lutavam e morriam. Ele havia decidido que seria melhor se juntar aos que morriam e, por essa razão, viajou da Galícia[51] para a Rússia, para se unir aos terroristas russos. Ele aderiu a essa causa, sem depositar nela nem sequer um raio de esperança de que pereceria, em meio aos fragmentos de bondade, neste mundo condenado ao mal.[52]

Sokólski também relembra a ocasião em que ambos ignoraram o pedido de ajuda de um homem que estava prestes a morrer na estrada, sob um clima congelante, enquanto eles próprios estavam aquecidos e protegidos em uma carroça. E, então, ele repete o argumento de Ignátovitch, atormentado por essa omissão, que sob a influência de um longo período no frio, até a própria consciência humana parecia congelar-se.

Chama a atenção que essa é mais uma das composições onde o cenário se constrói nas margens do rio Lena. Ivánova (2013) observa que os enredos contendo descrições deste rio serão sempre carregadas de uma atmosfera soturna, como é possível observar com a leitura de "At-Daván", "Luzes", "O último raio" e "O frio". E reitera que o poder da água, por meio não apenas dos rios, mas dos mares, com a sua força incontrolável, não pode ser ignorado na prosa de Korolienko, uma vez que ele é a manifestação da linguagem da natureza,

---

[49] In: Korolienko, V. G. Sobránie sotchinéni, v 6 T. – M.: Právda, 1971.

[50] Conhecida como A Revolta de Janeiro, ocorrida em 22 de janeiro de 1863, teve início com um protesto dos jovens poloneses contra o alistamento no Exército russo, ganhou força com o apoio de oficiais e políticos. Sem grandes conquistas e vitórias, as represálias contra os poloneses foram desde execuções públicas, até deportações para a Sibéria.

[51] Localizada no sul da Polônia.

[52] (apud, Ivánova, O. I. "Contsépt Sibír v próze V. G. Korolienko [O conceito da Sibéria na prosa de V. G. Korolienko, Iakutsk], 2013, c. 215-225, tradução nossa).

que se alia aos discursos humanos.

Em “Soberanos cocheiros”, acompanhado de dois amigos, o narrador prepara-se para uma viagem de Iakutsk para Irkutsk, uma distância de quase três mil verstas, sob inúmeras dificuldades financeiras e intempéries. Uma discussão com um oficial tem início logo na primeira parte do conto e esse último resolve fazer uso de sua posição para se vingar, dificultando a liberação de um documento que lhes garantiria três cavalos para prosseguirem com sua viagem nas diferentes paragens, reduzindo, deste modo, os custos. Contudo, eles resolvem partir sem sequer aguardar a burocrática resolução de sua queixa. A partir de então, eles acabam deparando no caminho com uma série de imprevistos por conta daquele pedaço de papel.

Merece atenção o fato de que eles testemunham situações de fome extrema nos povoados locais. Em um determinado episódio, ouvem o relato de Ostróvski e sua família, que havia tentado em vão sobreviver com a venda de pão, porém sem sucesso, restando-lhes a fome e a consequente morte de sua esposa por inanição, fazendo com que ele perdesse a fé e ficasse apenas com a sua filha, sob o nocivo frio iacuto.

Nesta narrativa, assim como em “Senhores feudais”, vemos uma crítica à forma como é organizada a administração siberiana, marcadamente corrupta e burocrática, tanto para russos, como para os iacutos. A dificuldade em sobreviver, seguir trabalhando, o medo daqueles que governavam a vida de todos, sob leis opressoras, acaba fazendo com que essas personagens se rebelem e acabem juntando-se aos vagabundos.

A questão religiosa e a crença em Deus também são apresentadas e questionadas neste conto, uma vez que as personagens se encontram em situações tão desgastantes, que a sua fé, de uma maneira inevitável, é abalada. Como quando perguntam a Ostróvski: “Você acredita em Deus?”, a única resposta que ele consegue externar é: “Eu não sei”, seguindo o raciocínio do pequeno-burguês de Kamyshin, do conto “Iachka”, que alega não acreditar em nada e ainda questiona ao guarda se ele já havia, por acaso, visto algum Deus.

Estas questões, colocadas em um texto no século XXI não possuem o mesmo impacto de quando lidas na Rússia autocrática do século XIX, a religião ortodoxa sempre foi uma questão muito mais do que visceral para a sociedade russa, já que ela era a representação do estado autocrático religioso, “um braço do Estado”, questioná-la, ainda que em uma composição ficcional, desestruturava a ideologia implementada por aqueles que governavam a massa de cidadãos, muitos deles iletrados e que viam nas proposições religiosas um alento para suas vidas, quase sempre, miseráveis.

Em “Senhores feudais”, episódios ligados a cenas que Korolienko testemunhou em seu

caminho de volta da Iacútia são apresentados ao leitor. Nesta narrativa, são apontados fatos incomuns para o universo, até então, explorado pelo escritor: o mundo de homens que estavam enriquecendo por conta do ouro. É curioso notar o sentimento de surpresa que domina o narrador, após anos afastado dos luxos da civilização, onde um simples poste com uma lâmpada de querosene já parece causar grande admiração.

O contraste entre o luxo e a vida de um simples cocheiro é explorada nesta composição, por mais uma vez, com uma reflexão social das desigualdades que reinavam onde quer que ele passasse. Ao mesmo tempo, o narrador rememora as paisagens frias e inóspitas que foi obrigado a enfrentar, naquela combinação frequente entre reverberações do passado e do presente.

O autor, de fato, absorveu as influências dos diferentes povos com quem conviveu para compor os seus temas, imagens e motivos. Mas, acima de tudo, os três anos de exílio interno, de novembro de 1881 a setembro de 1884, imprimiram-se de um modo muito intenso em seu espírito. Convivendo com a massa camponesa pobre dos inúmeros vilarejos e povoados que percorreu, ele despertou mais ainda para a sua missão social e para o seu papel como um intelectual realmente preocupado com os destinos de seu povo.

A crítica russa enfatiza, de um modo geral, que o ativismo do jornalista Korolienko, muitas das vezes, ofuscou suas realizações literárias e, por esse mesmo motivo, justificamos ao leitor do século XXI a importância em reconhecermos ao menos parte de suas produções, que trazem muito da personalidade vibrante e da consciência de um homem até hoje estudado, respeitado e admirado na Rússia e, mais especificamente, na Iacútia, onde suas contribuições foram inestimáveis e repercutem até os dias de hoje.

Os vagabundos, condenados, guardas, vigias, cocheiros, sectários, iacutos e russos apresentados nos contos prisionais siberianos, nos ensinam a compreender muito melhor o papel da Sibéria, do ponto de vista social, político, cultural e econômico, para toda a Rússia. A natureza jornalística de Korolienko garantiu a ele, de um modo único, uma apreensão da realidade de distintos povos, crenças religiosas e concepções eminentemente partidárias.

A grande qualidade de um escritor, certamente, consiste em transformar aquele que o lê, seja por uma revisão da condição humana ou pela apreensão de elementos que se acomodam perfeitamente no tempo presente da leitura, garantindo a atualidade de seus textos. Korolienko consegue transportar o leitor para imagens e quadros poéticos da taiga, dos penhascos, das montanhas, das árvores, rios e mares siberianos. Os seus heróis ambicionam a liberdade, o desprendimento e a aventura.

Realizar um recorte da produção desse autor foi uma tentativa de apreendê-lo no seu

despertar literário, com produções muito mais intimistas no primeiro ciclo, que se encaminharam, gradualmente, para uma reflexão mais abrangente, mas sem deixar de lado a sua raiz memorialista e, sobretudo, humanitária. Com “Iachka” e “Sokolínets” poderemos constatar duas abordagens distintas, uma sobre a vida na prisão e outra dos caminhos que culminam na fuga da ilha de Sacalina por um grupo de vagabundos, revelando uma multiplicidade étnica que transcende a nossa visão da tão somente fria e distante Sibéria do século XIX.

2.0 Tradução do conto

Iachka[53]

Costumes cruéis, senhores[54]...

Ostróvski

...Fomos conduzidos ao corredor de uma das prisões siberianas, longo, estreito e sombrio. Havia uma parede, quase toda ocupada por gigantescas janelas, onde os prisioneiros habitualmente caminhavam na hora dos passeios ao ar livre. Agora, por ocasião de nossa chegada, eles receberam uma ordem e foram arrastados[55] para as suas celas. Ao longo de outra parede, a uma curta distância das demais, localizavam-se as portas das "solitárias". Essas portas estavam enegrecidas devido ao tempo e ao constante roçar de corpos, que nitidamente se distinguiam na parede suja e imunda, na forma de retângulos escuros. Logo acima das tais portas, determinadas placas penduradas destacavam-se pelas inscrições "Por roubo", "Por assassinato", "Por furto", "Por vadiagem" e, na parte central de cada uma delas, orifícios quadrados com um pequeno vidro, fechado na parte externa por uma tampa de madeira. Naquela ocasião, todas as tampas haviam sido removidas e os prisioneiros nos observavam curiosos, através do vidro, com aqueles olhares atentos.

Nós seguimos por uma série de curvas, em direção aos outros corredores. Acima da primeira porta do terceiro pavilhão, observei a inscrição: "Demente", na porta seguinte, o mesmo foi notado. Sobre a terceira porta não havia nada inscrito e na quarta, mais uma vez, deparei-me com a mesma inscrição. Contudo, não havia a necessidade de uma inscrição para adivinhar quem habitava aquele cubículo; atrás da porta da cela alguém executava um movimento rápido, de um modo brutal, melancólico, com um coração que parecia se ater aos sons que ouvia. O sujeito, ao que parecia, caminhava para frente e para trás, dentro de sua cela, gritando algo semelhante a uma canção judaica; com um pranto amargo e repleto de lamentações ele iniciou, de repente, uma dança selvagem. Quando, por fim, ele se acalmou e o corredor retomou aquele silêncio habitual, pude distinguir, desta vez, a leitura monótona de algumas orações, proferidas na primeira cela daquele corredor por uma voz

[53] Diminutivo do nome próprio Iákov.

[54] Referência à peça em cinco atos de Ostróvski (1823-1886) "A Tempestade", escrita em 1859.

[55] É preciso ressaltar a ênfase do autor ao tratamento dispensado aos prisioneiros, em diferentes momentos do conto, similar ao modo como nos referimos a animais no pasto. A escolha do verbo "zagnat" (загнать) reforça esta ideia.

um tanto quanto tediosa. Seguindo em frente, vimos as mesmas portas e, através delas, ouvimos um tilintar rítmico de correntes. E foi assim que nos deparamos com a inscrição: "Por assassinato".

Aquele era o "corredor do departamento de investigação", onde fomos instalados por falta de celas aos prisioneiros em trânsito. Pelo mesmo motivo, ou seja, pela ausência de celas especiais, no mesmo corredor eram mantidos três dementes. A nossa cela, sem nenhuma inscrição, estava localizada entre as celas de dois deles; à direita de uma delas havia uma escada, sobre a qual pendia uma placa com a inscrição: "Entrada para o pequeno piso superior".

Enquanto os carcereiros procuravam no molho a chave que abriria a nossa cela, o vizinho do lado direito, um terceiro demente, não esboçava nenhum sinal de sua existência. Na janela da porta de sua cela evidenciava-se uma profunda escuridão, que mais se assemelhava a um túmulo.

− Olha só, o Iachka está calado hoje, − disse em voz baixa o "carcereiro-chefe" ao subalterno.

− Não olhe... Deixe-o! – respondeu o outro carcereiro, também em voz baixa.

De súbito, pelo pequeno vidro da porta, emergiu um par de olhos brilhantes; por um instante foi possível avistar o seu nariz, os grandes bigodes e parte de sua barba. Logo, a porta começou com um chiado e, em seguida, cessou. Iachka a golpeava com o seu pé na parte inferior de um modo tão brutal, que os ferros dos parafusos chegavam a dobrar e a ranger. A cada golpe, distinguia-se um som potente que retumbava e retornava sob o alto teto, repetindo-se em forma de eco nos demais corredores. Os carcereiros estremeciam. O "carcereiro-chefe" – de cabelos grisalhos, um judeu velho e com a aparência de uma velha ratazana de cadeia, no auge de sua pequenez e maldade, com olhos penetrantes que cintilavam sob suas sobrancelhas hirsutas, − encolheu-se todo, sem olhar, moveu-se para trás em direção à parede e espiou, carregado de um profundo ódio e malícia, aquele que golpeava.

− Basta, Iachka, o que tanto lhe chateia? – questionou o carcereiro de seu corredor, um senhor sério, com longos bigodes que pendiam para baixo, vestindo uma enorme *papakha*[56]. – Você não viu? Pois veja, chegaram novos prisioneiros!

Aquele, que chamavam de Iachka, lançou em nossa direção um olhar atento. E, como que se convencendo, apesar de nossas vestimentas de "homens livres", que éramos

[56] Típico chapéu masculino de pele. No século XIX era usado por unidades do exército russo, na Sibéria.

definitivamente prisioneiros, deteve seus golpes e resmungou algo por detrás de sua porta. Nós não conseguimos distinguir as palavras, a "solitária" já parecia nos aceitar, na sua fria e bruta acolhida. Fomos trancafiados, ouvimos o estalar da porta, os passos dos carcereiros aos poucos cessaram no final do outro corredor e, assim, a vida no "departamento de investigação" seguiu, mais uma vez, a sua rotina.

Cinco passos de comprimento, três e meio de largura, estas eram as dimensões da nossa nova residência. Um pequeno vidro na janela quebrada medindo um *archin*[57] e, visível a uma distância de duas braçadas, a parede cinza da prisão. Os cantos da cela fundiam-se em uma espécie de penumbra. Os frisos possuíam destaques fúnebres, com debruados antigos repletos de poeira acumulada, a pintura das paredes estava desbotada e, num olhar mais detido, era possível identificar algumas manchas específicas, sinais de uma luta de algum mártir sofredor com percevejos e baratas, luta que, possivelmente, persistiu por um longo tempo. Eu não pude me livrar de sentir um odor especialmente desagradável que, como me pareceu, estava correndo pelas paredes. Na parte inferior, próxima ao chão, havia uma argola grossa de ferro, fixado a um tijolo, que tinha para nós um propósito muito claro: junto dele, há não muito tempo, fora anexada uma corrente curta...Duas camas, uma cadeira e uma pequena mesa juntas representavam um verdadeiro luxo naquela "solitária" que, muito provavelmente, pela primeira vez fora vista daquele modo. Nas demais celas, iguais a nossa, não havia nada além de um colchão atirado ao chão para a primeira criatura que nele fosse jogada...

Certa vez, ouvimos por detrás da parede os ruídos de uma *telega*[58] e, pela janela, o som do que parecia um caixote quadrado, carregado com dificuldade por um pangaré semimorto. Atrás, dois prisioneiros lentamente se arrastavam, patinhando com os "kengas[59]"pela lama. Detiveram-se não muito longe, abriram a tampa e, com apatia, iniciaram os trabalhos... Um odor repulsivo soprou pelas nossas janelas quebradas e, aos poucos, começou a preencher toda a cela...

Meu colega, que mal se deitara no leito, pôs-se de pé e melancolicamente circunvagou o olhar pela cela.

− É im-pos-sí-vel! – disse ele, prologando-se.
− S-sim! – assenti.

Não queríamos proferir mais nada, não era preciso, compreendemos um ao outro. Olhavam e falavam por nós aquelas paredes escuras, os cantos da cela, as teias de aranha

[57] Medida que equivale a 0,71 m.
[58] Típica carroça de quatro rodas.
[59] Um tipo de calçado de pele.

entrelaçadas, a porta firmemente trancafiada...Da janela, ondas de miasmas irrompiam e não havia nenhum lugar onde pudéssemos nos esconder. Por quanto tempo teríamos de viver ali: Uma semana? Duas?.. Aquilo era ruim, muito ruim! E, de fato, ao lado, nossos vizinhos ali eram mantidos não há uma ou duas semanas. Naquela mesma cela, depois de nós, outra vez seriam alocados prisioneiros, que permaneceriam por meses, talvez, até por anos...

E os prisioneiros deram continuidade ao trabalho, aquelas eram suas tarefas diárias. Todos os dias chegavam com seus caixotes fétidos e, transcorridas uma ou duas horas, partiam e depois regressavam, tudo ao lado de uma série de janelas mal ajustadas, que com frequência estavam quebradas.

Em certa ocasião, fechamos o buraco da janela quebrada com um travesseiro fornecido pelo Estado. O odor diminuiu um pouco ou fomos nós que acabamos nos acostumando, mas tão somente uma desolação, produzida pelo nosso desamparo, permaneceu e, naquele silêncio, na ociosidade da solitária, aquela intensidade converteu-se em uma crônica sem sentido...Nossos ouvidos acabaram adaptados a determinados ruídos, de dentro das nossas celas ouvíamos o sussurrar da vida exterior, que conseguia driblar a solidez das portas.

O nosso conceito de vida exterior resumia-se aos passeios no pátio e no corredor da prisão. Quando esqueciam a janela da nossa porta aberta, pela parte externa, onde ficava a tela, observávamos a passagem dos prisioneiros. Eles “trombavam” em pares para dentro de suas celas quadrangulares, vindos diretamente do pátio, sempre calados e sem alarde. Era como se aquelas vestimentas cinzentas impusessem aquela determinada forma de conduta.

Em horas familiares, o comando seguia pelo pátio nos apressando: “Vá buscar água para o chá”, “Vá pegar o pão”, “Vá almoçar”, “Vooolte para a cela!”. Por um tempo estabelecido, os prisioneiros sob investigação e os acorrentados, condenados ao trabalho forçado, eram liberados do confinamento estrito nas solitárias. Os últimos, por sinal, caminhavam pelos corredores com aquela postura típica de presidiários: o percurso em si já impunha, sem sombra de dúvidas, aquela conduta. À noite, em certo ponto no terceiro pátio, a sineta tocava: aproximava-se, deste modo, o momento da “vistoria”. Todos os

dias, às sete horas, um vigia ou o seu ajudante passavam com o oficial da guarda e realizavam a contagem de todos os prisioneiros para as suas celas.

E era desta maneira que transcorria o dia no "departamento de investigação". ...Uma, duas, três, quatro vezes... – de tempos em tempos ressoavam os sons de golpes potentes. Era o Iachka, que perturbava o sossego no corredor. Em meio ao silêncio absoluto de uma vida excepcionalmente depressiva, os golpes que ele executava, repletos de violência e rebeldia, compunham uma espécie de estranha, latente e desagradável situação contrastante. Recordo-me de como o carcereiro "chefe" encolhia-se por completo ao ouvir os sons daqueles golpes. A violação do silêncio habitual daquela residência fúnebre parecia, até mesmo para mim, uma pessoa estranha, dissonante, de estourar os tímpanos, especialmente os das "autoridades".

Não sei precisar o motivo real que fez com que eu passasse a contar os golpes. Um, dois, três... com a aproximação do sexto golpe a batida intensificava-se; sete, oito, nove... a partir daí iniciava-se um estrondo terrível, por alguma razão na décima primeira, raramente na décima segunda vez, o som interrompia-se abruptamente. Naquele instante, era como se eu mesmo sentisse uma dor momentânea na perna direita. De fato, a impressão que tinha era de que Iachka cessava os seus golpes por, justamente, sentir aquela dor em sua perna. Após alguns segundos, ouvia ainda de cinco a seis golpes, até que voltava a reinar no corredor um forçado silêncio ou alguma espécie de murmúrio de Iákov, em um tom ameaçador, em meio ao pesar gritante do outro judeu.

Com mais frequência do que os demais, um velho carcereiro fazia o seu turno no nosso corredor. Ao que parecia, o velho já estava há muito acostumado com a prisão e os seus habitantes, ele havia encontrado naquele lugar uma forma especial de paz interior, do tipo que facilita a vida e o contato com as pessoas de qualquer ocupação. Pela sua aparência, podia-se inferir que era um sujeito que possuía um conhecimento preciso do mundo, ele era filosoficamente equilibrado e invariavelmente apático, jamais erguia o tom de sua voz, não repreendia os prisioneiros e nem os constrangia sem necessidade. Ele era um carcereiro, aquela era sua posição social, que lhe impunha conhecidos deveres. Os demais eram prisioneiros e aquela, novamente, era a posição social deles, o que também lhes conjugava uma série de obrigações. A cada um cabia cumprir com as suas responsabilidades, neste caso: "agir de forma sensata, honestamente e, por conseguinte, não chamar a atenção das autoridades". Aquelas eram as bases de sua filosofia e ele sabia como conduzi-las na vida dos subordinados de seu "departamento". A principal regra moral era "não chamar a atenção", regra presente em cada pormenor daquela vida. O próprio velho Mikheitch agia

e se movia sem pressa, como um bom e preciso robô. Jamais o presenciei tendo qualquer tipo de altercação com os prisioneiros das solitárias, quando esses lhe pediam permissão para "pegar um pouco de ar fresco", como faziam com os demais carcereiros. Ele simplesmente se dirigia até a porta e a abria. Entretanto, se Mikheitch se negasse a oferecer qualquer tipo de assistência, certamente, seria por uma boa razão, como a proximidade de alguma das autoridades prisionais, que poderiam estar de olho. Neste caso, a recusa era sempre categórica e resoluta. Quando, como era de costume, o velho Mikheitch sentava na janela do corredor e cochilava, em sua *papakha*, sempre puxada para baixo das sobrancelhas, distinguia-se até a ponta de seu longo bigode e de seu nariz de falcão, cochilando e bicando "graciosamente" em uma soneca tranquila; no corredor de investigação estabelecia-se uma certa liberdade e até um desprendimento. É claro, na medida do que era possível para os limites daquele lugar. Os prisioneiros que se consideravam mais importantes que os demais, andavam para lá e para cá com o cigarro entre os dentes, passando ao lado do filósofo-chefe, cientes da impossibilidade de apresentarem-se "daquele jeito" nas demais horas do dia. Naquele tempo, tudo aquilo era um grande privilégio. Os próprios presos entreolhavam-se, de modo a não serem flagrados "daquele jeito" por algum membro das autoridades penais superiores e para não cair em falta com o velho Mikheitch, uma vez que compreendiam bem que tal distração não poderia se caracterizar nem como uma "conveniência", nem como uma "gentileza". Até mesmo os dementes compreendiam o grandioso impacto da filosofia de Mikheitch. Quando as volatas do insano judeu, possuído por uma espécie de mania musical, atingiram uma tensão expressiva, quando pareceu que suas cordas vocais logo se recusariam a produzir qualquer tipo de som e os ouvidos de quem o escutava corriam um sério risco de perder toda a capacidade de apreensão, Mikheitch calmamente saiu de perto da janela e caminhou em direção à cela, ele bateu na porta do judeu com o molho de chaves e pronunciou tranquilamente, sem exaltação:

− Ei, você, orelha de porco! Por que está gritando? A pergunta soou determinada, como se o inquiridor acreditasse na possibilidade de existir "razões" para os gritos e, até mesmo a alcunha de "orelha de porco" pareceu simplesmente um inofensivo nome próprio. O judeu abandonou sua força expressiva, reduziu o tom de sua voz e interpretou volatas de forma compromissada.

− Você quer as braçadeiras? – perguntou Mikheitch, com sua costumeira calma e, mais uma vez, na sua pergunta parecia haver a real possibilidade de que o judeu gozasse de tais desejos artificiais.

− Continue gritando, eu vou trazer braçadeiras para você. Isso, irmão, é algo que

está à disposição o tempo todo...− assentiu Mikheitch; as volatas do judeu, aos poucos, diminuíram até o costumeiro diapasão.

− O vidro de novo, por que razão você o devora, hein? Está realmente prescrito a você devorar o vidro de uma propriedade estatal? Veja, ontem mesmo ele foi colocado e você outra vez o devorou, orelha de porco! – disse Mikheitch, pegando os restos de vidro da janela da porta que o judeu, de fato, tinha o costume de quebrar e roer com os dentes.

Ao trazer o judeu à razão, Mikheitch dirigiu-se, novamente, ao seu lugar favorito na janela, onde ao regressar logo fixou seu corpo pesado em um espaldar, em certo ponto da guarnição; o seu nariz e bigodes assumiram, deste modo, a sua costumeira posição. O judeu, por sua vez, prosseguiu com a sua volata, retornando às notas mais características da voz humana e iniciando um misterioso ressoar na parede, como se objetivasse transmitir determinada mensagem a alguém que agora estivesse ouvindo o mesmo que ele.

Um outro demente, o ostiaco[60] Timochka[61], instalado na primeira cela, na entrada do corredor de investigação, apreciava algo de benevolente em Mikheitch. Certa vez, quando eu passava pelo corredor, Mikheitch, com uma visível satisfação, indicou a cela de Timochka:

− Aqui está preso o Timochka, Timofiei, o ostiaco... É um devoto... Conhece todas as orações. Provavelmente, está rezando neste instante...

Olhei pela janela. A cela era longa e estreita, ainda mais escura do que a nossa, uma vez que a lateral da parede, adjacente ao prédio, impedia o acesso à luz. A princípio, não pude distinguir ninguém entre as paredes escuras, mas ao olhar mais detidamente pude enxergar sob a janela uma figura humana ajoelhada. Timochka balançava o corpo de forma rítmica, com os joelhos dobrados diante de alguns ídolos em um canto da parede, que não se podia enxergar por conta da ausência de luz. Na janela, destacava-se algo que se assemelhava a um chapéu. O mobiliário, como nas demais solitárias, era inexistente, na cela havia somente uma "latrina", próxima dos ídolos. O ostiaco rezava de forma monótona, com uma voz peculiarmente bruta, em um tom de leitor experiente. De tempos em tempos, ele articulava, sem interrupções, algumas sentenças longas, incompreensíveis, provavelmente em ostiaco[62]. Por vezes, sem modificar a entonação, ele começava a

[60] Ostiacos são nativos indígenas siberianos.
[61] Diminutivo do nome próprio Timofiei.
[62] Ostiaco também é o nome da língua úgrida, falada por esse povo. No entanto, há menções a uma lenda entre os russos siberianos de que os ostiacos não possuem uma língua própria, como é o caso da russa.

pronunciar impropérios desagradáveis, como se fossem parte da composição de seu culto.

Ele estrangulou três pessoas com as próprias mãos, − introduziu-me, certa vez, o velho Mikheitch. – Ao observá-lo, ele pode parecer um sujeito incapaz de realizar tal feito, contudo sua força é enooorme!

− O que é aquilo que ele colocou no canto da parede? – indaguei.

− São ídolos...Deus...E cooomo são! Ele mesmo os confecciona. Quantas vezes já foram confiscados e agora, por mais uma vez, ele os fabricou.

− A partir de que material?

− Nesta invenção arriscada é que reside a desgraça dele! A faca é feita com o estanho retirado da janela, que ele lapida na pedra. E o chapéu que vocês viram...repousando na janela da cela? Também foi ele quem confeccionou. Pelo fato da janela estar quebrada, o diabo lhe presenteou com um gato selvagem, que ele tratou de agarrar, arrancar a pele com os próprios dentes e fez um chapéu! A agulha ele já possuía, as linhas ele retirou do colchão... Bem, ao mesmo tempo é um devoto: sabe rezar melhor do que muitos clérigos. Deus possui suas próprias preces e nós rezamos...Ele reza... sim! E também é obediente... − Timochka, comece a cantar uma canção! − Timochka interrompeu a sua oração, tomou um cajado nas mãos e voltou-se em direção a Mikheitch.

− Com o tambor? – ele questionou.

Em sua voz bruta, uma certa nota humorística pareceu ressoar. Ao que parecia, a transição da oração para o bufo era algo fácil para ele.

− Não precisa, sem o tambor, esquisitão! – respondeu-lhe Mikheitch. Timochka entoou uma interminável canção, tamborilando ritmicamente com o cajado. Na canção, com uma batida rápida, distinguiu-se algo peculiar e melancolicamente selvagem. Com certo esforço, meu amigo e eu tentamos reproduzir a melodia, todavia ela não ficou efetivamente guardada em nossa memória.

− É uma canção interminável, − observou Mikheitch. – Agora, irá cantá-la até que eu diga: Basta! Uma vez, esqueci de interrompê-lo. Ele continuou cantando. Foi chegada a hora da vistoria, o encarregado perguntou: “O que você está fazendo?” – “Estou cantando, disse ele, Mikheitch ordenou-me que cantasse”. É verdade, ele é obediente!... E com as próprias mãos foi capaz de estrangular trêês pessoas. As pernas foram arrebentadas no hospício; ele não pode mais caminhar como antes. Pouco a pouco, ele

começa a dar sinais de que vai levantar, mas ainda com muita dificuldade. Acho que quem o espancou, sabia onde bater!

− Você acredita que no hospital são capazes de cometer semelhantes atos? Isso é...

− É, você pensou que lá as coisas não funcionassem assim? Nada é perfeito. Mais uma vez e em vão: é um sujeito obediente o tal ostiaco. Ele se exprime de forma minuciosa, e ele ouve. Lá no hospício, a decisões são tomadas de forma rápida, por qualquer motivo eles podem até matar. Este sujeito aqui, que fica batendo, em breve terá o mesmo fim. Com certa hostilidade, Mikheitch balançou a cabeça na direção da porta de Iachka.

De súbito, dissiparam-se em sua voz as notas brandas, o tom da conversa mudou; o que Timochka era capaz de cometer, estrangular pessoas com as próprias mãos e arrancar a pele de gatos vivos, era menos terrível do que Iachka poderia fazer, aos olhos de Mikheitch o prisioneiro Iachka era muito pior do que o ostiaco.

De um modo geral, aquele estranho sujeito passou a ter uma posição excepcional para mim e em tudo me interessava, cada vez mais. Por fim, comecei a distinguir uma sistemática em seus golpes. Em determinado momento, quando ele deu início à reprodução de um som muito elevado, percebi que Mikheitch começou a olhar ao redor, inquieto, como se esperasse que alguém fosse aparecer. Em seguida, o velho homem se virou e caminhou em direção a Iákov:

− O que foi? Por que golpeia? Não há ninguém...

No mesmo instante, Iachka ficou em silêncio. Ao que parecia, ele não golpeava a porta pura e simplesmente por golpear, mas ele direcionava aqueles estrondosos sons a alguém apto a ouvi-los. Sem demora, convenci-me de que com os seus golpes ele saudava todas as autoridades, começando pelo "carcereiro-chefe" e, seguidamente, os comandantes. Em geral, quanto mais elevados fossem os postos das autoridades, mais altas eram as suas saudações. À noite, elas ressoavam de forma consideravelmente mais baixa, Iachka golpeava prontamente a porta, ainda semiacordado. Ao que me parecia, ele despertava para golpear e, logo depois, dormia, dando batidas por três ou quatro vezes na porta e, cumprida a sua missão, por mais uma vez, resolvia dormir. Em certa ocasião, em meio ao silêncio noturno, os golpes de Iachka ecoaram tal como um estrondo produzido por um canhão. Na manhã seguinte, descobrimos que no transcorrer da noite anterior, "na

pequena ala superior da prisão, alguns kerjákis[63] causaram uma extraordinária briga" e, de tal modo, compareceram àquele local as mais altas autoridades prisionais.

Os golpes produzidos por Iachka não lhe saíam baratos. "Suas pernas ficam totalmente inchadas"− disse-me, certa vez, Mikheitch, − "e tudo por conta de sua ansiedade".

No terceiro dia do nosso confinamento, pedimos às autoridades prisionais algum meio de sair para caminhar um pouco, fomos ordenados a sair apenas após a "vistoria", ao anoitecer, quando os demais prisioneiros já estivessem trancafiados em suas celas. Naqueles instantes, eu sempre resolvia fazer uso do tempo para conhecer melhor o Iachka.

II

A campainha. "Posicionem-se para a vistoria!"

No departamento de investigação reinava a tranquilidade. Em algum ponto distante, talvez no terceiro ou quarto corredor, distingui um barulho que veio de uma das portas, uma espécie de estrépito, era exatamente como um estrondo distante, que preencheu todo o ambiente. A "Vistoria" invadiu o nosso departamento. Iachka tratou de iniciar o seu compromisso diário.

Quando a "vistoria" inspecionou as nossas celas e subiu em direção ao "pequeno piso superior", Mikheitch abriu a nossa porta. O prisioneiro do corredor do departamento de investigação, Merkuri, que fazia o papel de "escravinho", finalizava a limpeza das celas e corria atrás de qualquer tipo de afazer para os prisioneiros "privilegiados", ele é quem aparecia com um samovar na nossa cela. Enquanto a "vistoria" não finalizasse os seus trabalhos, Mikheitch pedia, para cumprir o "regimento", que não saíssemos para o corredor.

E, do mesmo modo, os encarregados pela "vistoria" desceram as escadas. Da nossa porta, que naquela ocasião não estava trancada, ouvimos claramente não apenas os golpes de Iachka, mas também as suas exclamações:

− Ímpios! – gritava Iachka, enquanto a "vistoria" seguia ao lado da porta de sua cela. − Por que me seguram, por que me fazem passar fome? Digam, servos do Anticristo!

Recordei-me da inscrição, logo acima da porta de Iachka. Seria possível, vislumbrei em minha mente, que tudo aquilo fosse apenas um mal-entendido? Seria possível que aquele

[63] Grupo étnico russo, o seu nome advém do rio Kerjéniets, localizado na região de Níjni Nóvgorod. Constam como os primeiros habitantes de língua russa na Sibéria.

homem preso, fortemente trancafiado naquele terrível buraco, naquela verdadeira tumba, não estivesse de todo louco e fosse capaz de distinguir todo o terror de sua própria situação?...

− Para que manter o Iachka assim, nesta solitária? – perguntei, certa vez, a Merkuri.

− O Iachka matou, ele é um prisioneiro foragido. – interferiu Mikheitch, com um tom de voz de quem já estava plenamente convencido.

−Nãão! – prolongou-se Merkuri, − Que é isso, Mikheitch! Que conversa fiada é esta! Antes, ele caminhava livremente por toda a prisão! – E ele se virou em minha direção. – Ele não revela o seu sobrenome e nem a sua posição social. Dizem por aí que por ele não reconhecer o poder das autoridades foi enviado para o exílio. Se, de fato, ele escapou, bom, isso é algo que certamente não tenho como saber...

− Logo acima da porta dele há uma inscrição, ele é um "demente"?

− Isso não se sabe, − disse Mikheitch, como de costume, de forma breve e assertiva.

− Nãão... prolongou-se aquele, como na vez anterior...vai saber! Pode ser que ele não seja um demente, − disse outra vez Merkuri, de forma evasiva. – De fato, ele é mantido na solitária unicamente por não reconhecer o poder das autoridades, por ser um sujeito rude. Desde o chefe da polícia, que chega, até mesmo o próprio governador pode se dirigir até aqui, ele prossegue com essa sua maneira grosseira de dizer que todos são "servos ímpios do Anticristo"! E mesmo fazendo tudo isso... Pode caminhar por toda a prisão, sem nenhuma interferência...

− E por qual razão ele golpeia a própria porta?

− Mais uma vez, como posso dizer...Resumindo, para protestar!.. E, sem demora, Merkuri foi embora. Nós fervemos o chá e saímos em direção aos corredores para a "caminhada". Em determinado ponto do terceiro corredor, ainda foi possível escutar os passos dos encarregados por realizar a "vistoria", que aos poucos tornavam-se escassos. Pela janela de Iachka consegui enxergar seu bigode, parte da barba e a ponta de seu nariz. Ele permaneceu inerte, como se esperasse por algo.

De súbito, por mais uma vez, a porta começou a vibrar com aqueles conhecidos golpes furiosos.

− Por que você faz isso, Iákov? Golpeia a porta? Quem você ouve? Afinal de contas, aqui não há ninguém! – disse.

− Olha lá!– respondeu Iachka com seriedade, meneando a cabeça na direção da janela do corredor, por meio da qual foi possível enxergar, do lado oposto, a fachada

quadrangular do prédio e, através dela, o brilho dos enormes portões que davam acesso ao outro pátio.

Neste mesmo relance, avultou-se no crepúsculo a figura do último soldado encarregado pela "vistoria". Figura essa que prontamente desapareceu. Iachka considerou, deste modo, a possibilidade de cessar os seus golpes e, em seguida, virou-se na minha direção.

Foi então que ele se inclinou, para poder lançar um olhar atento sobre mim, através de sua janela. Eu não consegui enxergar o seu rosto por completo. Agora, observavam-me aqueles olhos cinzentos e expressivos, cobertos por uma espécie de névoa, a mesma presente em uma pessoa profundamente cansada. Sua testa protuberante franzia-se, de tempos em tempos, de uma forma incisiva, não por raiva, nem por tristeza, enrugava-se apenas. Ao que parecia, Iachka era um homem alto e muito vigoroso. Acerca de sua idade, provavelmente, girava em torno dos cinquenta anos.

− O que faz aqui, homem? – ele perguntou. – Para onde você será desterrado?

Apresentei-me e comuniquei para onde seria desterrado.

− E qual é o seu nome? – perguntei.

− Era Iákov... Costumavam me chamar de Iákov.

− E qual é o seu sobrenome? De que lugar você é?

Iákov olhou para mim com atenção, de forma suspeita e, após uma pausa silenciosa, respondeu prontamente:

− Não me recordo (Depois, eu soube que ele vinha da província de Perm).

Aos poucos, nós começamos a conversar.

Como um prisioneiro, mantido com certos direitos especiais, vestindo uma "indumentária de homem livre", entre outras coisas mais, eu representava na vida de Iachka um fenômeno, de certo modo, atípico. Aos meus olhos, ele era um prisioneiro comum, que se comunicava de forma cautelosa, direta, geralmente informal.

− Você é um sujeito inquieto, − falei. Que a nada se acostuma,− disse ele, rindo. – Durante a noite eu bato mais baixo. O servo do Anticristo aparece, volta e meia, só por obrigação, é por isso que eu golpeio.

− Diga-me Iákov, por qual motivo você golpeia a porta? – perguntei. Iákov lançou-me um olhar, com aqueles olhos enormes e, pelo tom de sua voz ao responder a minha pergunta, seguramente aquilo tudo lhe garantiu uma certa grandiosidade, aplicada ao seu "ritual":

− Apoio-me em Deus, no grande *tsar*, nos princípios de Cristo, no sagrado batismo, em toda a pátria e em todas as pessoas.

Fiquei um pouco surpreso de que, aparentemente, Iákov apreendesse isso.

− Eu reprovo os comandantes, − explicou ele, − os comandantes condenam injustamente. E, diante disso, golpeio.

− O que você ganha fazendo isso?

− O que ganho? Há um ganho...

− Sim, qual seria, então? O que você ganha com isso?

− Há um ganho, − repetiu ele, obstinado. – Escute com os ouvidos: apoio-me em Deus, no grande *tsar*...− e ele tratou de repetir todo aquele discurso que havia formulado anteriormente.

Agora eu consigo compreender: Iákov não estava buscando fatos, causas palpáveis para o seu golpear, nas quais pudesse "apoiar-se" de forma tão inabalável, em meio às surdas paredes e as não menos surdas acusações das pessoas; ele enxergava o "valor" de tal "posicionamento" diante de Deus, do grande *tsar*, agindo daquele modo ele demonstrava uma busca "pela satisfação pessoal".

− Por que razão eles consentem que você permaneça preso? – indaguei, em seguida.

− Por quê?.. Ímpios! – Iachka começou a se articular de forma excitada e dirigiu-se, logo depois, à sua própria porta. – Por que me prendem? Diga, sem nenhum crime... Não cometi crime algum. E se houvesse algum crime cometido por mim, caberia a eles julgá-lo?.. Apenas Deus é quem pode julgar!

− Você matou um homem, − disse Mikheitch, ouvindo a nossa conversa atentamente. – Por que você se faz de louco?

− É mentira, mentira, − Iachka começou a proferir essas palavras com um tom de voz que esboçava, de um certo modo, uma excitação dolorosa. – Olhe o que eles foram capazes de inventar, ímpios! É mentira, não acredite neles, Volodímer[64], não acredite nos servos do Anticristo. Não cometi crime algum. Imagine, eles me falam "negue o seu Deus, o grande *tsar*" e dizem "se você o renegar, então o libertaremos". Como vou renegar?... É impossível para mim. Você sabe: aquele que renuncia a Deus, a verdadeira escritura, já está morto. O corpo está vivo, mas a alma já não vive...

Naquele instante, do corredor sombrio, sob um ângulo diretamente adjacente a nós, surgiu uma figura vestindo um casaco cinza, com botões de cobre. Reconheci o "chefe". Uma ratazana de cadeia grisalha, que se arrastava precisamente para fora de seu buraco tencionando apanhar uma vítima. O velho esgueirou-se e ficou acomodado ao longo da

[64] Forma mais afetuosa de se referir a alguém. É também um costume linguístico da região, acrescentar vogais às sílabas.

parede, em um ângulo no qual Iachka não conseguiria enxergá-lo de seu cubículo. Nas mãos, ele carregava um caderno e um lápis. Todas as noites ele pousava o caderno sobre a janela do corredor e, durante este período, ele era obrigado a registrar: “estava a tal hora”. Nestes momentos, ressoavam as pequenas batidas de Iachka.

− Abra a “pequena ala superior”, − sussurrou a Mikheitch o tal “chefe”, deslizando-se rapidamente ao longo da porta de Iachka.

Mikheitch, em silêncio, retirou os cadeados das portas que conduziam à escada com a inscrição: “Entrada para o pequeno piso superior”. Neste tal “piso superior” havia uma dependência reservada especialmente aos ladrões. Acerca dela, diziam sempre:

“Durante a noite houve uma briga entre os ladrões”. “À noite, eles brigam no jogo de cartas”. Não era por acaso que chamavam esse “piso superior” de “pequeno”. O fato é que a prisão fora projetada para comportar menos da metade do número de detentos que possuía. O uso de artimanhas para abrigar todos os detentos fez-se mais do que necessário. Eis que a maestria da arquitetura provinciana, de alguma forma, optou por montar sobre as enormes celas uma nova cobertura, que para eles parecia claramente reduzir o espaço e servir como um novo pavimento para a “o pequeno piso superior”.

Parte das enormes janelas ficava nesses mezaninos e, cabe ressaltar, no “pequeno piso superior” estava estabelecida a garantia no fornecimento de luz. Não é preciso dizer que o fornecimento estava longe de ser satisfatório e os ladrões deixavam o local em condições lastimáveis de higiene.

− Aqui não é tão ruim, − disse-me Mikheitch, acerca de nossas instalações. – Aqui as pessoas boas e educadas ainda podem sobreviver, com o tempo isso se torna possível... Contudo, na ala dos ladrões, Deus que me livre! O fedor, a escuridão e a umidade... É a pura morte!...

De modo a compensar minimamente a falta de ar puro e de iluminação adequadas, as autoridades prisionais garantiam aos ladrões certos privilégios. Eles não precisavam, por exemplo, ficar trancafiados à noite em suas celas. Até mesmo sob o ponto de vista siberiano acerca das regulamentações de higiene, parecia impossível reunir os ladrões à noite naquelas fétidas “latrinas”. Sendo assim, quando começavam a ficar sufocados na cela, os ladrões no “pequeno piso superior” podiam, de fato, ir até outra cela se sufocar. Seja como for, “o pequeno piso superior” premiava por certos inconvenientes que acabavam por se desenvolver naquela organização social. Durante a noite, daquele lugar, ouvíamos alguns sons de vozes que, de tempos em tempos, precipitavam-se como gritos desesperados. Quando isso ocorria, as autoridades eram chamadas, às vezes até a escolta

era acionada, e os "ladrões", que quebravam a ordem, eram encontrados jogando cartas e bebendo, semelhantes a pardais retorcidos, que normalmente os meninos pegam na rua.[65]

E, por mais uma vez, Mikheitch retirou lentamente o cadeado e o "carcereiro- chefe" assinou em seu caderno, passando rapidamente ao lado da porta de Iachka, em direção à escada. "Por vodka"...− sussurrou-me Mikheitch – os ladrões jogam cartas e bebem vodka...Ele os pegará no flagra! "

Naquele momento crítico, quando o velho predador da prisão começava a subir as escadas, com o seu instinto, Iachka adivinhou a presença do "ímpio" se aproximando e, de súbito, começou a golpear a porta. O velho estremeceu, como um escaldado. Eu pude imaginar, com clareza, o quão doloroso deve ter sido tencionar os nervos com aquela inesperada e estrondosa interferência. Ele pulou do chão, como se estivesse caindo em alguma emboscada, tentou correr em direção ao piso superior, mas compreendeu que já era uma causa perdida e que, muito provavelmente, os ladrões já estariam escondidos, foi neste instante que resolveu que o melhor seria retornar.

− Tranque! – disse exausto, seguindo em direção a Mikheitch. – Oh, Iachka, Iachka! – disse entre dentes, enquanto caminhava até sua porta. – Está claro que se eu pudesse já o teria liquidado, maldito, e como teria!...

Ele apertou os punhos, um contra o outro, e começou a imaginar no processo de fricção Iachka entre eles.

E, assim, Iachka emergiu de sua porta exultante, pois os seus golpes dirigidos em nome do Senhor haviam atingido visivelmente um alvo e, ao que pareceu, com precisão.

− Não lhe agradou, ímpio? – esbravejou, de imediato. – Até quando serei mantido aqui, servos do Anticristo?

− Es-pe-re, a-guar-de! – falou agora entre dentes: "ímpios"; ele estava ferido em seu âmago e lançou alguns olhares indiretos, como se entre a nossa presença e a necessidade de Iachka "esperar" houvesse alguma relação inexplicável.

O sentido daquele termo "espere" foi claramente compreendido: Iachka estava sozinho, sob o mando daquela velha ratazana de cadeia, sem aliados e, não obstante, ele incomodava muito aquele que dependia por completo. E, de fato, ele o incomodava. Para mim, ficou evidente aquela relação que estava estabelecida entre Iachka, mantido em uma solitária, e os "ímpios". Ao que parecia, o Iachka que estava preso, no final das contas, podia ser ignorado. Todavia, ele conseguia com o seu protesto irritar os nervos das

[65] O emprego desta metáfora, em russo, também remete às relações de poder presentes no conto, com a dicotomia: autoridades e prisioneiros, nas figuras, respectivamente, dos "meninos" e dos "pardais".

autoridades prisionais ao limite, até que aquilo tudo culminasse em um efeito doloroso, causado por aqueles golpes e, deste modo, ele parecia triunfar diante dos inimigos, os mesmos que lhe atavam as mãos e as pernas. Embora estivesse fisicamente vencido, ele não considerava a possibilidade de render-se ao vencedor; não enquanto ainda tivesse o "suporte do Senhor", na única forma possível de lutar: "Eu estou golpeando aqui". E nisso ele enxergava uma missão e sua maior vitória.

− É sempre deste jeito: golpeia, sem que para isso exista algum propósito... Na realidade, mesmo sem um objetivo preciso, ele só consegue piorar as coisas... − disse Mikheitch, ao trancar as portas das celas, localizadas ao longo da escada. – Qual é o sentido de golpear? Veja bem, ele já foi trancafiado, já ficou no confinamento estrito por diversas vezes, já lhe colocaram os braceletes, no entanto, para ele ainda não é o suficiente. Você vai ver, dirigiu-se Mikheitch à cela de Iachka – você será transladado para um hospício e lá não permitirão que você golpeie! Lá você será tratado pior do que o Timochka...

− Não me importa para onde você me enviará, tanto faz! Nada temo, − respondeu Iachka. Eu me apoio em Deus, no grande *tsar*, em Deus, servos do Anticristo, é em quem me apoio! Ouviram? Pensam que por estar trancafiado me renderei a vocês? Nãão! Golpeio e com a glória do Senhor, o rei dos céus... apoio-me em Deus! Não me sujeito às ações do Anticristo.

− Braceletes... você precisa é de braceletes e de cordas, seu batedor, você vai ficar daquele jeito...Você não vai mais bater...

Com o entardecer de outono, todos os corredores da prisão ficaram no escuro.

− É o momento da oração, − disse-me Iákov − Adeus! Ele se afastou da porta e, após algum tempo, olhei para a sua janela e notei que já "estava em oração". Trapos estavam pendurados em sua janela, por onde uma meia-luz entrava, anunciando a aproximação do anoitecer. A figura de Iachka surgiu ante essa meia-luz. Ele fez o sinal da cruz, não obstante, de um modo meio compulsivo, moveu o seu tronco para frente e, em seguida, levantou o seu corpo, um pouco mais calmo. De repente, ele pareceu "estremecer".

Com um amigo, caminhamos pelos corredores escuros. Ao nos aproximarmos da porta da cela de Timochka, ouvimos um som ritmado, era precisamente a leitura de um réquiem. Da porta do judeu, junto aos sons bizarros de grunhidos, corriam pelas celas terríveis ondas de miasmas. Na cela adjacente à dele, um condenado ao trabalho forçado, alocado naquele lugar pela conhecida falta de espaço, realizava sua costumeira caminhada, seus grilhões emitiam ruídos; entrementes, no piso superior, os ladrões caiam em efusivas gargalhadas e executavam movimentos ruidosos. As demais celas permaneciam

silenciosas com a aproximação da hora de dormir. Dois vagabundos, sentados juntos, cozinhavam algo no fogão. Aquilo visivelmente lhes agradava, “o fogo”. Ocupavam-se todos os dias em procurar galhos e toda a sorte de coisas que pudessem ser usadas, coletadas no pátio da prisão; na última compra que haviam realizado, adquiriram “sêmolas” e à noite, quando todos os prisioneiros estavam trancados, eles faziam fogo em seu fogão à lenha. Naqueles instantes, por algumas ocasiões, aproximava-me da porta da cela e os observava em silêncio, de modo a não interferir naquele momento de sereno prazer. Um vagabundo robusto, beirando os quarenta anos de idade, sentava-se exatamente na frente do fogão, envolvendo os joelhos com as mãos e olhando atentamente a pequena caçarola, sobre o fogo cozinhavam os grãos. Um outro prisioneiro arrastava-se em direção ao fogão com o próprio colchão e deitava-se, com o rosto virado para o lume, colocando o queixo sobre as mãos. Ele era ainda quase um menino, com sua face pálida, típica de quem está na prisão, com grandes e expressivos olhos. Ele, certamente, estava sonhando. A chama fazia crepitar e borbulhar a água dentro da caçarola, mas na cela reinava o mais absoluto silêncio. Os vagabundos temiam perturbar a música improvisada do fogo na cela prisional.... Em seguida, quando a chama se extinguiu e os grãos ficaram prontos, eles retiraram a caçarola e, então, os irmãos de cela começaram a dividir porções microscópicas de mingau que, ao que parecia, possuía para eles um caráter simbólico, para ser exato, um valor sacramental, muito mais notável do que o fato de ser um alimento nutritivo.

Em uma cela localizada em um ponto bem mais distante das demais e que servia como um prolongamento do corredor, os detentos eram continuamente alternados. Essa cela não se distinguia em nada das outras, exceto por sua destinação e também por não possuir uma janela na porta que, no entanto, era satisfatoriamente substituída por enormes rachaduras. Ao olhar através daquelas rachaduras, enxerguei dois indivíduos que repousavam nas duas extremidades da cela, sem colchão, deitados diretamente no chão. Um deles estava envolto em uma espécie de bata, até a cabeça, e parecia estar dormindo. Já o outro, olhava de forma assombrada ao redor, com as mãos atrás da cabeça. Ao lado, o sebo da vela queimava.

− Antípka! − articulou o último, abruptamente, após brandir, irrompendo de uma árdua explosão de pensamentos dolorosos e, por fim, sentou-se no chão.

Enquanto isso, o outro colega de cela mantinha-se imóvel.

− Antípka, canalha!.. Devolva-me agora... Pensa, por acaso, que eu possuo cinquenta rublos?.. Nada disso, eram os últimos... – Antípka fingia estar dormindo.

− Ooh, alma vil! – disse o prisioneiro e, sem demora, deitou-se exausto sobre a sua

cama dura; todavia, de súbito, ele esbravejou mais uma vez, com uma expressão diabólica.

− Ouça, Antípka, não se atreva a escarnecer, pilantra! Eu te mato!.. E não vou pestanejar...Mesmo depois de morto, acabarei com você, filho de Caim.

Antípka roncava docemente, como se repousasse em um colchão macio de plumas, e não em uma cela com um vizinho maligno ao lado; mas para mim, por alguma razão, parecia que ele havia realizado alguns preparos indispensáveis, por baixo de sua bata.

− Estes kerjákis...brigaram durante a noite toda no piso superior, − explicou-me Mikheitch, − um vigia enviou os dois para o confinamento estrito. Antip foi quem pegou o dinheiro de Fiódor. Dizem que foram dois rublos.

− Então, por que os encerraram no confinamento juntos? Deste jeito, eles vão brigar outra vez, não?

− Eles não vão brigar, − respondeu Mikheitch, com um sorriso nitidamente irônico. − Eles se recordam! Nosso chefe, nestes casos, não espera! "Tranquem-nos juntos, e se vocês, filhos de uma galinha, iniciarem uma briga novamente, aí eu vou castigá-los[66]. Vocês sabem..." Eles sabem... E eu posso garantir: isso vai acabar levando-os à morte. Ele vai enfiá-los em um lugar tal que o já conhecido confinamento estrito vai parecer o céu... É isso! – Passar o inverno no confinamento estrito era algo até melhor, por assim dizer. Caso permanecesse naquele outro confinamento por vinte e quatro horas, acabaria arrastado direto para o hospital. Em seguida, suportaria um dia ou outro e, sem demora, morreria.

Ocorreu-me um dia ver como era originalmente um confinamento estrito. Ou melhor dizendo, não ver, e sim sentir, vivenciar .... Para mim, será muito difícil descrever o que vi e só peço que acreditem que eu não estou exagerando.

Havia no pátio quadrangular quatro torres antigas de pedra, cujas laterais eram cobertas por musgo, com partes viscosas semelhantes a cuspes. As torres fixas estendiam- se junto ao interior das laterais do prédio, formando um retângulo que progredia pelos corredores. Ao passar pelo nosso corredor, observei uma porta que, ao que me pareceu, conduzia a uma daquelas torres; o nosso conhecido Merkuri disse-me, certa vez, que se percorresse o caminho na direção daquela porta seria possível chegar ao antigo confinamento estrito. A porta encontrava-se aberta e nós decidimos entrar.

O corredor que nós percorremos era tenebroso, contudo, no interior do confinamento estrito era ainda mais sombrio. Havia um fino feixe de luz que vinha do topo e espalhava-se por toda a extensão do frio e úmido confinamento. Após dois passos, tropecei em alguns

[66] Cabe ressaltar, a expressão idiomática "kuzkina mat" (Кузькина мать) implica em uma ameaça ao interlocutor, o que no conto ficou melhor explicitado com o termo "castigo".

destroços no chão. “O caldeirão já estava aqui antes, − explicou-me Merkuri, − a água que ferviam aqui deixou certa umidade, que ainda permanece – É um problema! Havia ainda um fogão, que já não se encontra mais aqui...” Uma sensação congelante, penetrante, sufocante, viscosa e repulsiva, compunha uma atmosfera que era muito similar a de um túmulo... No inverno, obviamente, ele congelava por completo... Alí está – o “ verdadeiro castigo” – pensei.

Quando saí atordoado de dentro da solitária, o carcereiro-ratazana, assumindo o seu posto de “chefe”, por mais uma vez, arrastou-se furtivamente pelos corredores para pegar as chaves dos carcereiros e fechá-las no escritório durante toda a noite e, novamente, Iachka executou intrepidamente o seu protesto, afirmando que continuaria a apoiar-se em Deus, no grande *tsar* ...

“Oh, Iachka, − pensei, enquanto entrava em minha cela para passar a noite, − você é um sujeito destemido de verdade, uma vez que presenciou o verdadeiro “castigo” e não sentiu medo!...”

III

− Por que a cela de Iachka é tão fria e escura? – indaguei, ao notar que a cela era sombria como uma tumba, além de sentir de sua porta um vento que vinha direto do pátio.

− Este debochado destruiu o caixilho, − respondeu Mikheitch. – Ele é muito inquieto! ... Já a escuridão, deve-se ao fato de que na parte externa da janela há trapos de pano pendurados, para evitar o frio. Ele quebra o vidro e tampa com trapos, assim acredita que tudo fica mais aquecido!... Não seria isso uma estupidez? “Por Deus, pelo grande *tsar*”. De que adianta, se você não possui o vidro...

Mikheitch desdenhosamente deu de ombros.

Dirigi a mesma pergunta a Iachka.

− Pois veja, − respondeu ele com gravidade, − os ímpios querem que eu morra de frio, por isso eles não instalam o caixilho.

− Por que você o quebrou?

− Não, não o quebrei!.. Por que razão eu o quebraria?.. Eu vi: os servos do Anticristo vieram em massa até a minha cela. Não vieram com boas intenções, mas com braceletes. Você sabe: o homem teme a morte. Saiba que me agarrei à janela... pelo caixilho. Eles começaram a me puxar e o caixilho caiu... Foi isso! ... O que se pode fazer? Cometi um pecado: os braceletes deixaram-me assustado...

Algumas considerações acerca dos tais braceletes.

A ideia de se fazer uso dos braceletes é oportuna e, até mesmo, humana, caso

prefiram. No caso de um sujeito impetuoso ou louco, as mãos não devem ficar livres, para que não venha a se ferir. Para tal fim, braceletes de couro eram colocados bem firmes, ajustando perfeitamente as mãos ao corpo. Para que as mãos permanecessem na mesma posição, as mangas eram apertadas a dois cintos resistentes, que faziam com que os dois elos fixados cobrissem parte das costas e do tórax. Em essência, a ideia de se fazer uso dos braceletes possuía unicamente um caráter de precaução, se Mikheitch as tratava como ferramenta de punição e vingança, isso atesta, mais uma vez, que a dura realidade distorce todos os tipos de ideias. Entretanto, é preciso confessar que essa distorção permitia o surgimento de critérios significativos, que acabavam promovendo o uso dos braceletes como artifícios que facilmente levavam a "exageros". As fivelas, por exemplo, serviam para apertar os cintos dos braceletes, não mais do que isso, eram necessárias apenas para fixar as mãos às costelas, no entanto, elas eram eventualmente utilizadas de forma exagerada, o que acabava até ferindo as costelas de quem os vestia. (E eu já nem estou me referindo aos notáveis atos infracionais no próprio arranjo dado aos braceletes. Há também casos em que, por exemplo, adicionava-se a eles um cinto extra, que puxava o pescoço para baixo. Este recurso adicional acabava por agregar como resultado graves ferimentos. Eu conheci um sujeito forte que após cinco horas de uso dos braceletes, com o cinto adicional, teve como resultado uma hemorragia da garganta que deixou o tórax permanentemente danificado.) Se levarmos em conta que muito raramente (para ser mais preciso: nunca) um indivíduo manifesta interesse em colocar os braceletes de forma voluntária, é óbvio que os colocavam à força, então é bem compreensível o porquê de Iachka comparar a colocação dos braceletes à morte.

IV

Entre os prisioneiros, o tratamento dispensado a Iákov era marcado pela indiferença. Havia, no entanto, um sujeito espertalhão que vinha quase que diariamente testando o prisioneiro "em clausura[67]" (desta vez, emprego este termo em seu sentido literal) com a sua persistente bufonaria.

Ele era um daqueles indivíduos dotados de uma esperteza que não se vê muito naquele lugar. O sujeito parecia impor para si aquela conduta, como uma dura tarefa, buscando entreter o público com suas as palhaçadas; aquela mesma conduta possuía

[67] A escolha do termo "clausura" exemplifica os múltiplos sentidos que o termo russo "tiemnitsa" (темница) abarca, podendo se referir a uma área onde jovens mulheres eram separadas, a partir de certa idade; pode se referir também a um sujeito, em um determinado povoado, isolado de todos por ter cometido algum delito.

muito pouco de humor e menos ainda de graça, era algo completamente sem sentido. Tratava-se somente de uma torrente de palavras mantidas com esforço e que eram dignas de certas ocasiões alegres; de tempos em tempos, diminuíam e tornavam-se estressantes, por mais uma vez, até o próprio espertalhão não permitir ver todos os seus esforços desaguarem em furiosos frenesis. No entanto, levando-se em consideração a boa alma do cidadão russo, os ouvintes encontravam uma forma de recompensá-lo pelo "esforço" altruísta, dando algumas risadas frouxas.

Iachka, por alguma razão, considerou necessário estabelecer certas objeções fundamentais àquele bufão, atacou os servos do Anticristo, em referência direta à autoridade do "governador geral" (que ele estava convicto de estar atrás dele, só que por alguma razão não obtinha êxito), geralmente ele atirava as suas próprias pérolas[68], que eram imediatamente pisoteadas de uma forma estúpida.

− O governador geral! – bramiu o bufão com uma voz grave de bêbado. – Veja, para que se surpreender?! Também temos os nossos contatos importantes... Ho-ho-ho! Ainda não ouviu esta história? Olhe só, como o governador geral quis me assustar...Ha-ha-ha!

Quando Iákov se deu conta do quanto as objeções do "contatos importantes" eram disparatadas, cuspiu e afastou-se para não iniciar, em vão, uma discussão. Entretanto, o dos "contatos importantes" tinha tempo o suficiente para incandescer-se no fogo da própria perspicácia e começava, deste modo, a bater com o pé na porta de Iachka, interrompendo o seu "momento de oração". A isso, somava-se, como de costume, o tom de voz alto do judeu, que se manifestava ante qualquer forma de ruído forte, resultando, portanto, em um concerto demasiado barulhento, que acordava Mikheitch e fazia com que ele fosse acalmar a sua fúria no dos "contatos importantes". O bufão, por sua vez, acabava se retirando, muito satisfeito consigo mesmo. Os expectadores também se dispersavam com bocejos e apaticamente felicitavam o bufão "Muito bom, Sokolóv! Com as palavras sempre na ponta da língua! "

Não obstante, as evidências indicavam que em algum lugar da prisão, entre aqueles invariáveis roupões cinzentos daquelas celas imundas, o que Iachka possuía não eram aliados, mas ao menos determinadas pessoas que compreendiam a façanha de seus golpes persistentes na porta e aprovavam aqueles gestos que possuíam um caráter de "denúncia". Em certa ocasião, ao passar pelo corredor, pude observar que ao lado da porta de Iachka

[68] O sentido que a construção "atirar pérolas" possui no conto aplica-se a um tipo de discurso incapaz de ser compreendido pelos interlocutores, muito menos pelo bufão, na visão de Iákov.

havia um homem alto, em idade avançada, vestindo um roupão cinza de prisioneiro. O sujeito possuía cabelos grisalhos e um semblante sisudo, essa gravidade parecia suavizar- se, de certo modo, pela sua peculiar expressão de "enfermo". Em relação a Iákov, ele mantinha uma postura de notável respeito. Ambos conversavam sobre um assunto qualquer, ao lado da janela, em um tom silencioso e grave.

− É verdade, estou lhe falando, − disse o velho para Iákov. – Efrém já foi sentenciado e o Sídor também. Estão dizendo que vão mandá-los para a própria província, por etapas[69]... E você, olha como está...

Eu não consegui apreender o final da frase. Quando estava retornando, Iákov, que já era mais do que um conhecido meu, apontou na minha direção e o velho saudou-me, porém, logo em seguida, virou-se em direção à janela. Não logrei ver novamente aquele prisioneiro. Evidentemente, ele vinha para cá de algum outro departamento.

Certa vez, dei dinheiro ao carcereiro do corredor e pedi que comprasse para Iákov algo de que ele precisasse. No entanto, ele não me compreendeu plenamente e entregou o dinheiro em mãos. Após o ocorrido, Iákov deteve-me, enquanto eu estava de passagem pelo corredor.

− Ouça, Volodímer, − disse ele. – Agradeço-lhe. A tua caridade foi dada por Cristo e sei que deu o dinheiro para que o carcereiro do corredor me entregasse... Contudo, veja só: eu não pego em dinheiro. Antes, na vida cotidiana, eu pegava, porém, agora não cometo mais este pecado! Por isso, ele está aqui, jogado ao chão. E se você puder, faça uma caridade com pão! Partindo de mãos afetuosas, a caridade com pão é muito mais agradável. Os tiranos me dão apenas uma porção e meia ao dia. Você sabe o quanto é insuficiente essa uma porção e meia ao dia... Basta dizer que eles querem me matar de fome. Está bem, só que Deus ainda não me abandonou, as pessoas boas me apoiam: ontem alguém me deu dois pedaços de bolo de aveia, que chegaram até mim por cima, através de uma corda. Obrigado, os cristãos ortodoxos não estão me abandonando.

Seja como for, apesar daqueles fatos indicarem uma atmosfera de compaixão, não obstante, nos momentos mais terríveis, quando o espírito vivo de Iachka vibrava com a aproximação do sopro da morte, que chegava a forçá-lo a recorrer febrilmente aos caixilhos e às frias grades da janela da prisão; naqueles instantes aquela alma, seguramente, devia reprimir a consciência da terrível e apavorante solidão...

---

[69] O processo de seguir "por etapas" era algo que ocorria efetivamente nas prisões da vasta região siberiana. Ou seja, indivíduos eram alocados temporariamente em determinadas prisões, até o destino final, onde cumpririam a sua pena.

Teria Iachka enlouquecido? Certamente, não. No entanto, a psiquiatria siberiana havia decidido esta questão positivamente e, tão logo, Iachka teria de provar o mesmo método simplificador de tratamento que o ostiaco Timochka havia suportado. Entretanto, não me restavam dúvidas de que Iachka não era louco, ele era tão somente um devoto.

Pois bem, se no nossa era ainda existem os devotos rigorosamente fiéis à ideia (não importando qual seja) de que não sentem pena de si mesmos, "que não provaram a carne do ídolo sacrificado" e renunciaram inteiramente a este mundo pecaminoso, então é este mesmo devoto que se encontra atrás desta sólida porta de uma das solitárias do departamento de investigação.

− Você tem família? – perguntei, certa vez, a Iákov.

− Tinha... – respondeu ele, de forma áspera. – Eu tinha uma família, ganhava[70] a vida, tinha tudo...

− Mas e agora, seus filhos estão vivos?

− Deus é quem sabe...Que Deus os proteja...Eu não sei...

− Deve ser muito angustiante para você estar fora de casa, não é? Você não poderia, talvez, escrever uma carta?

− Não, não é angustiante, − ele sacudiu a cabeça, como se estivesse lutando para se dispersar de pensamentos dolorosos. – Exceto por uma coisa: como manter-se fiel às verdadeiras escrituras, sem recuar, − ando muito preocupado a respeito disso...

Por algum tempo, ele permaneceu em um rigoroso silêncio, dentro de sua cela.

− Salvar a alma, no dia a dia, − disse ele, pensativo, − não há nada melhor... Sim, é difícil. O mundo vence, ele vence você. Estamos em tempos difíceis...Agora, se vivermos juntos, tal como o pai abraçado ao filho e a mãe à filha, vamos perecer...E a alma será enganada...Oh, como é difícil, não há como uma pessoa sozinha realizar essa tarefa ...ah, como é difícil! O diabo confunde, ele seduz... os tiranos nos maltratam... "Negam a Deus, o grande *tsar*"... A alma chora, – oh, como ela chora!...Eles querem nos matar de fome e de frio.

Seria mais fácil, até mesmo para Mikheitch, corromper-se naquela trajetória de sólida paz de espírito que ele havia encontrado, do que obrigar Iachka a desviar-se do caminho tortuoso que somente o havia levado a infortúnios... Ao que parecia, ele não se sujeitava ao medo, à lisonja, às ameaças e nem às torturas.

Certa vez, em um belo dia, apesar de consideravelmente frio, já passado o outono

[70] O termo *khoziánstvo* (хозяйство) é muito abrangente, pode ser empregado para englobar a família, lucros, terras. A opção escolhida objetivou traduzir a ideia que o termo abarca neste trecho do conto.

siberiano, Iachka acrescentou um componente novo à sua queixa, em sua costumeira reprovação à vistoria:

− Por que vocês querem me matar de frio? Por que razão vocês tiraram o caixilho, servos do Anticristo? Por que não o colocaram de volta?

No dia seguinte, colocaram o caixilho. A cela de Iachka ficou aquecida e iluminada, entretanto, durante a noite, ele continuou a golpear a porta, como já era habitual.

Este gesto de obscura ingratidão feriu o "orgulho daquele", até as profundezas da alma.

− Você não passa de um canalha, Iachka, um verdadeiro canalha! – disse o vigia, em um tom de censura, estacado do lado de fora da porta de Iachka. – Eu inseri o seu caixilho e você continua com esses mesmos golpes.

− Você é um ímpio! – disparou Iachka em resposta a ele. – Você quer calar a minha boca com um caixilho?... Quer comprar a minha alma com um caixilho?... Não, é impossível, você não me atou com o seu caixilho, eu ainda não pertenço a você. Você colocou o caixilho para você mesmo, e não para mim. Sem o caixilho eu me apoiava em Deus, e com ele tudo permanece do mesmo jeito...

E a porta começou a chacoalhar mais vezes, com aqueles vigorosos golpes.

− Você viu? – disse-me Iachka após o ocorrido, com um profundo desdém. – O ímpio surge fazendo uso de qual artifício? Ele disse, coloquei o caixilho, − por isso você deve renunciar a Deus, o grande tsar!... Até mesmo um tirano do comando também veio me perturbar!...Com kalatchás[71]!... Fui levado por etapa até Tiumen. Um vigia comprou dois kalatchás, deu-me e disse: "Aqui está, pegue esta esmola de dois kalatchás, em nome de Cristo, porém você tem que me obedecer. Você tem que se comportar"...Você ouviu? − "Eu pego a esmola que foi dada em nome de Cristo... Embora o próprio diabo tenha entregado esta esmola para mim, eu vou pegar...Porém, eu não pertencerei a você, seu ímpio." Nããão! A bajulação não me compra. Glória a ti, Senhor, que me sustenta, rei dos céus. E, por isso, continuo a bater!...

Mas, afinal, o que seriam aquelas tais "verdadeiras escrituras" que Iachka havia aceitado para si em forma de martírio?

Tive a ocasião de ser solicitado a redigir uma declaração oficial, o que acabou me levando ao escritório prisional. Colocaram-me sentado diante de uma mesa, ofereceram-me papel, caneta e todas as condições para que eu redigisse a tal declaração, em meio aos sons habituais de quem trabalha naquele tipo de repartição. Naquele exato instante, "um

[71] Pão de trigo, com o formato de um cadeado.

novo grupo foi recebido". O escrivão convocou uma lista de prisioneiros e começou a interrogá-los, classificando-os com base em suas condições sociais, idades, antecedentes criminais, e assim por diante. Um vigia estava sentado ali mesmo e, com um olhar distraído, assistia aos prisioneiros recém-chegados. Tudo aquilo era pouco interessante para a sua honradez, já para mim, aquilo tudo era menos interessante ainda, por esse motivo, tratei de redigir a declaração, sem dar muita atenção ao que estava ocorrendo ao meu redor.

Entretanto, de súbito, a conversa monótona começou a ficar mais animada. Ao erguer os olhos do papel, pude vislumbrar a cena que tratarei de narrar agora.

À frente da mesa, havia um homem com uma estatura baixa, vestindo o roupão cinza de prisioneiro. A sua aparência não diferia de ninguém em especial. Ao que parecia, era algum membro da pequena burguesia, sua classe havia se fundido nas pequenas cidades e subúrbios com as rústicas massas camponesas. Ele aparentava ser indiferente a tudo, talvez, até fosse possível descrevê-lo como um sujeito apático, se não fossem os instantes em que um sorriso sarcástico brotava em seu rosto, já em seus olhos, não brilhava a menor faísca de superioridade ou ar triunfante. Não obstante, determinadas faíscas tornavam-se perceptíveis; elas surgiam apenas por um instante, avivando os rasgos imóveis de sua face e, imediatamente, ele retomava as suas expressões letárgicas. Aparentando certa preocupação com o processo interrogatório, os prisioneiros, que lotavam o gabinete prisional, procuravam apoiar-se uns nos outros e esticavam o pescoço para observar a conversa de um de seus companheiros de prisão com as autoridades prisionais. Por que você não fala? – Inquiriu enfurecido o escrivão. – Por que fica aí calado? Por acaso você é um pequeno-burguês[72] de Kamychin[73]? Aqui na sua ficha isto está claramente descrito. Veja!

O escrivão apontou em determinado ponto da ficha e a ergueu até a altura do nariz do prisioneiro. Ele se virou e as faíscas em seus olhos incendiaram-se de um modo mais intenso.

– Está bem, já que é isso o que está escrito, − articulou calmamente o prisioneiro.

– Pois é, você precisa responder. Qual é a sua religião?

– Nenhuma.

O vigia virou-se rapidamente na direção do locutor daquela resposta e sustentou por um longo período um daqueles olhares carregados de expressividade. O prisioneiro

[72] Trata-se de um habitante pobre da cidade, tal como um pequeno artesão.

[73] Trata-se de uma subdivisão administrativa de Volgograd. Está localizada na margem direita do reservatório Volgograd do rio Volga, no estuário do rio Kamyshinka.

sustentou o mesmo olhar, em seu semblante era mantida aquela mórbida indiferença.

− Como assim nenhuma? E em Deus, você acredita?

− Qual Deus, onde ele está? Você, por acaso, já o viu?

− Como você se atreve a responder desta forma? – disse o vigia, em um tom de ataque. – Se depender de mim, te deixo apodrecer aqui, filho de uma meretriz!... Você não passa de um canalha!

O pequeno burguês de Kamychin deu de ombros.

− Bem, − disse ele. – Seria mesmo o caso de me deixar apodrecer. Eu acabei de dizer abertamente... Por isso, fui preso.

– Mentira, seu canalha, provavelmente você está preso por ser um assassino. Imagino o tipo de sujeito que você é!

O pequeno-burguês de Kamychin fez um gesto, como se estivesse prestes a protestar, só que mais uma vez deu de ombros...

− Você julga com um propósito que só você sabe.

− Qual é a sua língua materna? – prosseguiu o escrivão, interrogando e fazendo rubricas.

− Agora mais esta? – perguntou novamente o pequeno-burguês, com evidente desprezo. – Que negócio é esse de língua materna?... Eu não sei...

− Ah, seu canalha! Vê-se que você não fala alemão. De uma vez por todas, fala o russo?

− Você mesmo está ouvindo a língua que eu falo.

− Ouvir nós até ouvimos, porém isso não é o suficiente. Escreva você então, maldição! Nós temos que saber se você é russo ou tchuvásh[74], se é algum mordvá[75]. Compreende?

− Compreender o quê?.. Eu não sei, − retrucou decidido o pequeno-burguês de Kamychin.

O escrivão estava certo de que com ele nada poderia ser feito e o pequeno-burguês de Kamychin foi liberado. Neste ínterim, o vigia fez uma promessa muito significativa:

− Espere, − disse ele, acompanhando o ateu com o seu olhar de carcereiro. – Nós ainda nos veremos, companheiro, conversaremos em uma hora qualquer. Possivelmente, ainda teremos muito o que conversar.

Após ouvir estas palavras, coloquei-me no lugar dele e senti o quanto eu ficaria

[74] Grupo étnico de turcomanos, nativos em uma área que se estende da região do Rio Volga até a Sibéria.
[75] Outro grupo étnico da região do rio Volga.

aterrorizado. No entanto, o prisioneiro apenas deu de ombros...

Quando terminei de redigir o depoimento e deixei o gabinete, o interrogatório do grupo de prisioneiros ainda não havia terminado e, na antessala, eles permaneciam aglomerados. Os prisioneiros estavam rodeados por um bando de pequeno-burgueses de Kamychin, que apresentavam o mesmo semblante de mórbida indiferença, embora naquele instante estivessem, ao que parecia, em seus instantes heroicos.

− Qual é, esquisitão! – disse um sujeito com ar de filósofo, ruivo e com um Ás nas costas.[76] – Beem, esquisitão! Se você diz, por exemplo: "Deus não existe", então o que existe para você? Hein?

− Nada! – interrompeu, de forma sucinta e clara.

"Nada!" O que acabou ocorrendo é que o pequeno-burguês de Kamychin foi preso, condenado, aprisionado, mandado por etapa ao exílio e preparado para receber uma medida ainda desconhecida de punição, devido a... nada! Ao que parecia, era característico dele o uso do termo "nada", podia-se dizer que havia naquilo uma certa relação com a sua peculiar indiferença. Enquanto isso, o pequeno-burguês de Kamychin continuava a tratá-lo com cordialidade, o que fazia com que ele aparentasse ser um devoto da mais pura negação, intrépido e sempre pronto a confessar o seu já costumeiro "nada" diante dos inimigos daquela filosofia.

Já Iachka, por sua vez, possuía uma outra marca, caracterizada pelo uso da fórmula: "Diante de Deus, do grande *tsar*!.." Ele era um seguidor das "antigas verdadeiras escrituras", entretanto, quando eu voltei do gabinete, passei ao lado de sua porta e um pensamento incontrolável abateu-se sobre a minha mente: quantas coisas há em comum entre esses dois penitentes! Iachka havia rompido os laços com a sua pátria, com a sua família, com o povo de seu vilarejo. O pequeno-burguês de Kamychin havia feito o mesmo que ele, ainda que não quisesse admitir este laço, que está claramente escrito no papel. "Eu não me submeto a vocês", − diria Iachka. O pequeno-burguês de Kamychin também não reconhecia o poder das autoridades, às quais ele devia prestar obediência. "Não cometi crime algum, − diria Iachka, − mas se, por ventura, cometi algum, não cabe a vocês julgá-lo – Cabe somente a Deus!" "Julguem apenas sobre o que tiverem conhecimento"− diria o pequeno-burguês de Kamychin, não querendo tomar partido, ainda que indiretamente, no processo do julgamento. Todavia, enquanto o pequeno-burguês de Kamychin, com todo o seu ceticismo perguntava: "Qual Deus? Alguém, por

[76] Um símbolo era fixado na parte de trás das roupas dos prisioneiros perigosos, para serem mais facilmente alvejados pelos guardas, em caso de fuga.

acaso, já o viu? ”, Iachka optava por produzir golpes constantes, em nome do Senhor.

Quem seriam eles: inimigos implacáveis ou aliados? Seria aquilo um fenômeno similar ou um fenômeno de ordem distinta? Naquele caso, o que seria mais significativo: os pontos de semelhanças ou as diferenças, − o que eles possuíam em comum: seria a negação total às condições existentes ou os pontos de vista religioso-sectários, que persistiam em Iachka e que acabaram por levar o pequeno-burguês de Kamychin ao exílio?

Aparentemente, Iákov possuía uma visão positiva do mundo, baseada em “Deus, no grande *tsar*”. Contudo, aquilo era uma mistura estranha de mitologia e realismo! Os inexistentes ateus seriam encaminhados aos também inexistentes ministros da Finlândica[77] (ministros das finanças), que preencheriam o mundo, capturando as almas e reivindicando a renúncia “de Deus, do grande *tsar*”. E teríamos, sem sombra de dúvidas, mais sofrimentos e inequívocas perseguições. Iachka parecia reconhecer muito bem aquelas razões, consciente de sua disposição em perecer e, por mais assustador que fosse refletir sobre aquele assunto, havia uma possibilidade enorme de que ocorresse tal desfecho... De alguma forma, ele conseguia prever tudo, com base na sua própria teoria fantástica, e Mikheitch confirmava aquelas previsões como verdades indubitavelmente satisfatórias. “Este golpeador vai conseguir o mesmo que Timochka, ou talvez algo ainda pior...”

Para o pequeno-burguês de Kamychin, a utilização do termo “nada” denotava, justamente, a total ausência de finalidade e sentido na vida. De acordo com Iákov, tudo neste mundo estaria, de algum modo, inclinado para a maldade. Segundo ele, já haviam ocorrido três “substituições”... Quais seriam elas? Sobre este assunto Iachka possuía apenas noções vagas.

− Veja bem, − disse ele, certa vez, respondendo à minha pergunta sobre as tais substituições. – Eu li no “Livro de Estudo[78]” e, claro, já ia quase me esquecendo... Primeiro, Roma sucumbiu...Essa foi a primeira... Segundo, foi a vez de Bizâncio... Dois... Bem, na terceira foi a vez de Moscou[79]. Agora será a quarta, ainda pior do que as primeiras. Teve início no ano de 1861[80].

− O que seria?

---

[77] Tentativa de aproximação com a própria incoerência do sufixo russo, ao se referir à Finlândia.
[78] Não há referências sobre o tal livro e, deste modo, optou-se por traduzir o termo desta forma.
[79] Cabe destacar que a alcunha de Terceira Roma, dada à Moscou, remonta ao século XV, quando Ivan III, após casar-se com Sofía Paleólog, sobrinha do último imperador bizantino, Constantino XI, acreditou que seria o herdeiro deste império e, assim, difundiu essa ideia no território russo.
[80] Ano da Emancipação dos Servos, reforma decretada pelo *tsar* Aleksandr II.

− O quê? Como você se intitula agora? – Iákov lançou-me, de forma inesperada, aquela pergunta.

Eu não sabia, de fato, como me intitulava, mas Iákov tratou de responder por mim:

− Você agora se intitula: um ex-camponês do Estado. Entenda: Ex! Significa que você era, porém não é mais. Pois veja que grande mudança!.. Agora, administram as *ziemstvos*[81], as autoridades civis e as do Estado foram abolidas[82].

Desde o ano de 1861 o mundo partira-se em dois princípios: Um, o Estado e o outro, o poder civil. O primeiro Iachka reconhecia, já o segundo ele negava por completo, sem nenhuma concessão. Acerca do primeiro, ele chegava até a erguer o seu crucifixo e o igualava às verdadeiras escrituras. Em relação ao segundo, ele denominou como o reinado do futuro Anticristo.

− Então, Iákov, as autoridades civis são detestáveis, é isso?

− Como são detestáveis! Viver tornou-se uma tarefa impossível. Antigamente, você pagava os impostos para o Estado, só que agora a *ziemstvo* determinou tributos em todos os níveis que dependem dela.

− Você não pagava tributos? – perguntei, começando a presumir as causas do aprisionamento de Iachka.

− Para o Estado pagamos. Nós pagamos o suficiente para o grande *tsar*. Todavia, nas *ziemstvos* somos obrigados a pagar tributos. É por isso que os ímpios nos obrigam e nos atormentam. Tiraram até as cruzes.

− Bem, há cruzes nas igrejas.

− Não são as verdadeiras... Não há mais as verdadeiras... E também o batismo agora não é verdadeiro, as pessoas não se benzem[83]... Agora, restou apenas o sinal da cruz.

− Espere aí, Iákov! O que você acha sobre tudo isso: pois o grande *tsar* vai às mesmas igrejas?

− O grande *tsar*, − respondeu Iachka em um tom de profunda convicção, − acredita nas antigas verdadeiras escrituras... Bem, mas o *tsar* polonês, o grande *kniáz*[84] da Finlândia[85]...ele está na nova...

Acontece que o futuro pertence aos novos princípios. Cedendo às pressões desses

---

[81] Novo sistema de administração local dos anos de 1864-1918, eleito pelas classes dominantes da Rússia e introduzido por uma das reformas decretadas pelo *tsar* Aleksandr II.

[82] Para Iákov, as mudanças sociais e políticas deveriam ocorrer de forma natural, sem intervenções.

[83] "Schepotiu" (Щепотью) – ato de benzer-se com os três primeiros dedos da mão direita, sinal que representa a trindade, gesto comum dos seguidores da igreja ortodoxa.

[84] Termo eslavo que por convenção traduz-se por "príncipe".

[85] Possível menção a Nikolai II – Último imperador da Rússia, Rei da Polônia e grão-duque da Finlândia.

princípios, o grande *tsar* emitiu uma circular, na qual estava escrito: "Seja assim e que assim seja", o que quer dizer que: aqueles capazes de serem seduzidos pelos servos do Anticristo, que se deixem seduzir. Ele exerce poder sobre aqueles que devem pagar impostos, e suas almas passam a lhe pertencer. E aquele que não assumir tal compromisso, aquele que se mantiver firme nas verdadeiras escrituras, contra esse ninguém se atreverá a usar a força.

Os novos princípios tomam cada vez mais e mais força. Os "ímpios" foram contra aquela circular e começaram a empregar, com naturalidade, a força. Com isso, tudo acabou ficando mais difícil... O que motivou ações sem precedentes...

− Para os trinta e seis governos locais, soltaram trinta e seis raposas.[86] Com a honra e a lisonja destruíram tudo... mataram o povo, um horror!..

Não há proteção em lugar algum. O princípio do Estado está fazendo com que desapareça a cruz de oito pontas[87]. Os poderes das autoridades estão "muito frouxos". O povo serve, sem ter um apoio. "Escrevem algumas circulares, porém sem força..." Os tribunais agora são civis, passam inauditos...

Os tribunais inauditos[88] de 1861, ou seja, desde aquela época a vida passou a ser invadida pela *glasnost*[89]! Eu não pude conter a vontade de tentar arruinar a fantasia criada por Iachka e discorrer sobre o que haviam se tornado as bases dos novos procedimentos judiciais. Iákov parecia ouvir a tudo com muita atenção.

− Espere, − disse ele, interrompendo-me, finalmente. – Você acha que eu não fui julgado? É claro que eu fui! Sem ter cometido crime algum estou condenado a viver encarcerado. Não reconheço o julgamento deles ... Mas, fazer o quê? Eu fui julgado. O Juiz da Suprema Corte até me disse: "Não foi encontrado nada que pudesse incriminá-lo. Libertem-no, guardas!... Fui retirado da Corte de Investigação". Está bem, pensei, finalmente livre, você foi absolvido, agora me deixarão ir... E foi assim que os tribunais inauditos me jogaram aqui!

Eu entendi: a corte absolvera publicamente Iákov, contudo a administração tratou de enviá-lo para a prisão... Iachka acreditava que o julgamento público era um truque do Anticristo e que com exceção daquela sentença, ainda havia uma outra, silenciosa. "Veja

---

[86] Referência histórica à divisão administrativa, introduzida em 1864.

[87] Na Rússia, a imagem da cruz com oito pontas remonta ao século XII, representando a coroa de espinhos. A cruz possuía dois traços horizontais e um traço transversal à direita, onde assentavam-se os pés de Cristo.

[88] Solução para o termo "tíkhiie". Há uma crítica evidente à nova organização judicial, que Iachka tanto reprova. Os famosos tribunais, nos quais o próprio Korolienko lutou em defesa dos camponeses injustiçados, estão presentes no conto através da voz dada aos prisioneiros.

[89] Aqui com um sentido de "liberdade", em referência ao sistema de administração da população.

só, que truques estão tramando. ” Tudo possuía para ele um propósito determinado: a Câmara de Justiça, os Ministros, os Governadores, os vigias prisionais, Mikheitch... Todos eles estariam conspirando para entregar ao Anticristo a alma de Iachka...

Em consequência “viver tornou-se uma tarefa impossível” neste mundo. “Pais perecem abraçados aos filhos”. As relações sociais foram afetadas. Era preciso ter ânimo para sobreviver completamente isolado, em uma solitária. A vitória dos “servos do Anticristo” estava quase garantida. Iachka abandonara a família, a casa, tudo que preenchera sua vida de campo fora deixado para trás, agora ele estava sozinho, sob o julgo de autoridades “ímpias”.

E me martirizam para quê? – disse-me Iachka, surpreso. – Para mim, é impossível recuar diante das verdadeiras escrituras. Jamais o farei, nunca! Eu cuspo na cara deles. Eles podiam simplesmente me matar, entretanto...eles me martirizam em vão! − Ele estava plenamente seguro de que até aquele momento ainda “não o haviam matado”, unicamente porque a alma viva de Iachka era um deleite para o Anticristo.

Contudo, até mesmo aquela situação parecia melhor aos olhos de Iachka, do que a que estaria prestes a vir “ao mundo” a todos que aceitassem a marca do Anticristo. Novas ordens, sem demora, ameaçariam o inevitável desastre universal...

− O que está por vir será algo bem pior do que imaginamos. Precisamos esperar o mal, porque o bem não virá, assim estava descrito no “Livro de Estudo”... A terra será vendida.

− Todavia, a terra agora também pode ser comprada, − adverti.

− É isso mesmo, e agora também, − respondeu calmamente Iachka. – E o futuro será ainda pior. Quem tiver doze mil, este será o dono da terra. Mas, quem tiver mil ou dois mil, este morrerá sem terra. O que estou lhe dizendo é a verdade. Você ainda é jovem, viverá para ver – lembre-se disso.

− Como é possível, Iákov, que você acredite que o Anticristo seja mais poderoso do que Deus? Será possível que a verdade divina não possa vencer a mentira?

Iákov refletiu por um instante. Percebi pelo o seu semblante que ele realizava um intenso trabalho mental. Finalmente, de algum lado recebi uma resposta conclusiva:

− Pois bem, − disse ele, − tal fato não irá ocorrer. Trabalharão e, então, morrerão...É certo!..− e passado um minuto ele repetiu. − Trabalharão e, então, morrerão. Entretanto, não veremos a verdade...

V

− Você, Iákov, não reconhece o Tribunal Civil. E o Estado, você reconhece? – procurei indagar mais uma vez.

− Eu reconheço o Estado.

− O que representa para você o poder do Estado? Como a figura, por exemplo, do governador geral?

− O governador geral é o Estado...De parte do grande *tsar*. Ele é correto.

− Quer dizer que a decisão dele é a que devemos considerar a correta?...

− Há muito tempo, ele ordenou que me pusessem em liberdade. Pois é, veja você como são as coisas...

− Espere um pouco. Bom, vamos supor que o seu caso fosse julgado pelo governador geral.

− Por que razão seria julgado? Por nada.

− Espere aí! Você está dizendo que não fez nada, não obstante, as autoridades civis estão dizendo que sim, há um motivo para você estar aqui. Afinal de contas, alguém precisará dar o veredito. A autoridade na figura do Estado, você reconhece? Pois bem, são eles, justamente, que realizam os julgamentos e o caso contra você...

− Não, eles não podem... Eles devem ser justos...

− Reflita de forma adequada. As autoridades civis lhe dirão: é o governador geral quem julgará o seu caso. Afinal, é ele quem possui o direito de decidir todos os casos, correto?

− É mesmo? – disse Iákov, aguardando para ver onde aquilo tudo acabaria.

− Você deve obedecê-lo, como aquele que representa o verdadeiro poder do Estado?...

− É meeesmo?? – prolongou-se Iákov, evitando dar uma resposta e, certamente, interessado na possibilidade de um novo arranjo de ideias.

− Então é isso, e chega-se à sua conclusão: deve-se obedecer, Iákov, ao novo sistema, trazido na forma de tributos pela *ziemstvo*...

Iachka pareceu desconcertar-se.

− Olha lá! Veja bem... É que... − disse ele, esforçando-se para encontrar uma resposta.

− Agora me responda: você se rende a esse novo sistema, sim ou não?

− Pois isto[90] (Pois isto... usam estas mesmas palavras os nativos da província de

[90] "To-onó" é uma expressão regional intraduzível. A escolha objetivou aproximar o sentido original, com o emprego de termos que remetessem ao gênero neutro russo.

Perm ou Viátka. É empregada nesses lugares todas as vezes que o locutor sente dificuldade e não encontra uma expressão apropriada para se comunicar) ... Veja ... acho que não.. Não! – resumiu, finalmente. – Onde poderia me submeter. Eu não posso me submeter... É algo impossível para mim...

E em seu semblante surgiu a mesma expressão de inflexível e inabalável perseverança.

− Ouça o que vou lhe perguntar, Volodímer, − disse-me ele, certa vez. – Com quais verdadeiras escrituras você está de acordo? Com a nossa, certo?

A fim de saber até onde chegaria a tolerância de Iachka, rejeitei de forma abrupta sua solidariedade com as tais verdadeiras escrituras e posicionei-me diante dos fanáticos das "antigas verdadeiras escrituras", baseando-me na absoluta heterogeneidade de seus ensinamentos. Com uma linguagem compreensível para Iachka, desenvolvi uma espécie de corpus, que se distinguiu pelas práticas morais, tendo por base a fraternidade e a igualdade entre todos. Abusando um pouco de sua ignorância acerca das questões dogmáticas e das Escrituras Sagradas, guiei-me pelo ditado "Serás reconhecido por suas ações" e levei em conta os escritos deixados por João, rejeitando completamente os rituais, substituindo-os por "ações", ou seja, a aspiração prática da concretização da fórmula do amor. Tudo isso eu apresentei como a minha religião.

Iachka ouviu atentamente o que eu dizia, todavia, para a minha surpresa, ele não apreendeu o mais importante em minha confissão.

− Então, o quê? – surpreendeu-me. – Nós pensamos exatamente assim: tudo a Adão.

Coloquei a questão de uma forma clara e investi sobre ele com toda a crítica acerca do sinal da cruz com os dois dedos[91].

− Você por acaso leu nas escrituras: "Reverenciem em espírito e verdade? "... E o que há nesse gesto com os dedos: o espírito ou a carne? Ao que parecia, aquilo sim Iachka havia compreendido.

− Também está dito... – disse ele, de forma vagarosa, − Reverenciem o corpo e a alma...

− E onde está dito isso? – perguntei. Iákov refletiu e não soube responder.

− E então? Isso também está bem...− disse ele, pensativo, − está certo que cada um possui um jeito próprio de compreender as coisas da vida.

[91] Gesto religioso com a mão direita, utilizando-se de dois dedos para fazer o sinal da cruz no próprio corpo. É também um gesto de bênção a alguém, praticado pelos cristãos.

E, suspirando, acrescentou ao seu discurso uma excêntrica sentença:

− Cada louco com a sua loucura...

VI

E assim, passadas duas semanas desde a nossa chegada à prisão, ao anoitecer, mas muito antes do início da vistoria nas celas, os prisioneiros foram orientados a retornar para os seus respectivos aposentos. Os corredores, por conseguinte, ficaram completamente vazios e no departamento de investigação estabeleceu-se um certo ar silente, o qual já havíamos nos acostumado a sentir. E nós aguardamos, sentindo, como esperado, a aproximação das altas autoridades prisionais. Tão logo a porta do longínquo corredor ressoou, foi possível distinguir o tilintar dos armamentos de uma multidão de guardas e seus numerosos passos vindo em nossa direção.

Cada vez mais, ouvíamos com clareza o som de sua aproximação. E, finalmente, aquela multidão irrompeu no nosso corredor. Os passos desta vez, no entanto, ressoaram de forma distinta, cessando na porta de Iachka. As fechaduras rangeram e a porta foi aberta. Por alguns segundos, estabeleceu-se um silêncio sepulcral, em seguida, ouvimos o som da voz de um homem velho – "ajudante":

− Saia, Iákov... está livre.

− É mentira! – ressoou o som grave da voz de Iákov, em resposta. – É mentira, vocês estão me enganando, ímpios! Agora não são épocas para que vocês me libertem facilmente...

A escolta policial invadiu o interior da cela: foi possível ouvir certa resistência e, de repente, reproduziu-se o som de algo pesado abatendo-se sobre o chão.

− Vieram me buscar!– exclamou Iákov abatido, como se estivessem sufocando sua voz. – Vieram me buscar, acuda-me, senhor!... É o fim, é o meu fim! – ele gritava cada vez mais alto. Em seu tom de voz constrangido, intenso e alto, conseguimos captar algo que se assemelhou a uma profunda agonia e medo da morte.

O meu coração bateu acelerado... Sobre mim começou a se apoderar a imagem de Iachka e a sua reação junto aos comentários realistas de Mikheitch: "Eles saberão te acalmar rapidamente!". Iachka foi pego para ser levado ao hospício, onde já eram famosas as técnicas simplificadoras de tratamento. E foi assim que Iákov chegou ao seu último grau de desespero.

− Volodímer, Volodímer! – gritou ele, de súbito, lembrando-se de que ao seu lado havia um homem capaz de compreender a sua situação.

− Volodímer, Volodímer, Volodímer!.. A fantasmagoria apoderou-se de mim por

completo. Dei início a uma sequência de golpes altos na minha porta.

− O que é isso agora? – foi possível distinguir a voz do assistente do guarda. – Quem é esse que está golpeando a porta?

− Os presos políticos estão batendo, vossa senhoria, − disse Mikheitch.

− Pergunte a eles, o que desejam? ... Espere, eu mesmo farei a eles a pergunta. Um homem com uma idade avançada, com cabelos grisalhos, vestindo um casaco e uma *papakha* dirigiu-se à nossa porta e fixou os olhos em mim, com apatia, típica de quem já viveu muito e também de alguém que já não podia enxergar tão bem.

− O que você deseja?

A pergunta deixou-me desconcertado. O que eu poderia desejar? A realidade olhou para mim através do rosto do velho eu não sabia o que realmente dizer. Eu era somente mais um, que estava trancafiado em uma solitária, atrás de uma porta sólida. De repente, encontrei-me intercedendo por Iachka? Por que razão?

− O que está acontecendo aqui? – perguntei. – O que vocês farão a Iákov?

− Isso... permita-me dizer... Em que lhe diz respeito? Isso não é da sua conta... Recebemos uma ordem de autoridades superiores: enviar o prisioneiro número cinco para o hospício. Por esse motivo, nós estamos enviando...Em que isso poderia lhe interessar?

VII

Estabeleceu-se um absoluto silêncio no departamento de investigação, Iachka foi atado e conduzido pelos inúmeros corredores, posicionaram-no em uma *telega* e levaram-no para fora da prisão.

Será que Iákov irá ceder "diante de Deus, do todo poderoso"? Será que a psiquiatria siberiana abrirá mão de seus métodos simplificadores de tratamento? A resposta estava clara... Penosos pensamentos acumulavam-se no meu cérebro: fui dominado pela quietude sepulcral das solitárias e dos corredores.

Em silêncio, o velho Mikheitch trancou a porta da cela de Iachka, permanecendo em pé diante dela por um tempo, de um modo pensativo e, prontamente, sentou-se no seu lugar favorito. A velha ratazana de prisão caminhou alegremente pelo corredor, lançando um olhar satisfeito para o cubículo liberado, onde agora não se ouviam mais os fortes golpes de Iachka. O velho balbuciou algo e sorriu com malícia.

À noite, a "vistoria" inspecionou as celas, como era de costume. Estava tudo no mais absoluto silêncio.

− Não há mais aqueles golpes na porta, − disse a vossa senhoria, satisfeito, dirigindo-se ao oficial de escolta. – Hoje o levaram para o hospício.

De súbito, no corredor distinguiram-se ruidosos golpes...Vossa senhoria tremeu, a ratazana de prisão deixou cair um lápis e o caderno, já o oficial, de certo modo nervoso, virou-se na direção de onde provinha o ruído. Todos da "vistoria" ficaram simplesmente paralisados.

− Por que razão vocês me mantêm aqui, por que me atormentam, ímpios?! – foi ouvida, subitamente, a voz trêmula do ostiaco Timochka e todos romperam em efusivas gargalhadas.

Aquele ato audacioso foi simplesmente inesperado. A voz sarcástica do ostiaco, de tão risível, perpetrava uma paródia aos fortes gritos de Iachka; tudo isso, de um modo geral, transformou-se em uma paródia de tal maneira hilariante e lastimável, que Vossa Senhoria caiu em gargalhadas. Em seguida, todos da "vistoria" começaram a rir. Ria o velho assistente, piscando com um dos olhos parcialmente cegos; gargalhava o oficial gordo, balançando o seu corpo pesado; deliciava-se a velha ratazana; o riso escondia-se sob os bigodes longos de Mikheitch; riam sob as barbas os soldados, parados em gesto de formação, com as armas apoiadas sobre seus pés...

No dia seguinte, seguimos para o nosso destino.

(1880)

2.0 Comentários sobre o conto

Conforme discutido, o conto “Iachka”, escrito no presídio de Tobólsk, insere-se em um período permeado de conflitos internos do autor. Korolienko encontrava-se envolto pela atmosfera de repressão, sofrendo as consequências impostas pelo *tsar* Aleksandr II. O exílio nesta obra será explorado sob diferentes aspectos, como nas relações entre os detentos e os guardas, na busca incansável pela liberdade, nas descrições das trajetórias individuais e no aprofundamento psicológico das personagens, marcadas por ideais que quase sempre se chocam com os preceitos de seu meio e tempo, como pudemos observar com o herói Iákov, que acabou duplamente isolado: no cárcere e em sua concepção mitológica de mundo.

A epígrafe de Ostróvski ilustra perfeitamente a atmosfera e o confronto político e social em que o leitor irá se deparar: “Senhores, que hábitos cruéis...”. Uma sentença hoje presente no discurso cotidiano russo, que assume um significado sombrio e violento nesta composição. Cumpre notar que a oposição entre “humilhados e ofendidos”, a opressão econômica e social, assim como nos notáveis romances de Dostoiévski, serão ilustradas pelo escritor sob o espectro do camponês russo.

Conforme Merejkóvski (1889) assinala em seu estudo sobre a poética de Korolienko, diferentemente daquela áurea fantástica, presente em “O sonho de Makar”, o leitor agora é transportado para a projeção de um mundo real, onde o drama salta aos olhos de um modo singular, com protagonistas vibrantes e todo um esboço etnográfico, que capta a essência dos diferentes povos e habitantes da Sibéria.

De fato, em “Iachka”, “Sokolínets” e em “O Circassiano”, muito elogiados pela crítica e repletos de lirismo, constatamos o retrato de heróis que ao serem subjugados por suas escolhas, até o último instante não abrem mão da lealdade aos seus valores. Eles são introduzidos como homens russos rudes ou pouco instruídos. Todavia, eles são muito autênticos e ainda que o regime da tirania e do medo estejam a todo o tempo lhes constrangendo, eles não cedem e permanecem fiéis aos seus valores e crenças.

Seguindo a epígrafe, pudemos observar ao longo da leitura do conto que um narrador em primeira pessoa chega à prisão acompanhado de outro preso político. Este fato merece destaque, porque a presença destes indivíduos será um contraponto social frequente com as demais camadas da população russa apresentadas pelo escritor. Para Pokatilova (2006, p. 98), ao explorar o exílio em suas produções prisionais, ele faz uso em quase todos os casos, da primeira pessoa, permitindo que o leitor insira abertamente um viés

autobiográfico à narrativa.

A riqueza descritiva, as passagens referentes aos povoados, bem como aos povos locais, os modos de vida, o cárcere, todos esses elementos refletem a experiência de quem, efetivamente, sofreu os traumas e conflitos de um exílio. Em seus diários, Korolienko enfatiza constantemente o seu contato com diferentes etnias. Já no ano de 1881, quando seguia de Perm para Iakutsk em um barco a vapor (por se recusar a prestar um juramento a Aleksandr III), ele narra algumas considerações acerca dos cossacos e o povo ostiaco[92], que vivia da pesca.

Todos os dados, impressões e fatos que presenciou, colhidos em suas viagens e durante os seus exílios internos, permitiram que o escritor produzisse uma ficção carregada de uma forte mensagem social. Conliffe (1999, p.222) aproxima o conto "Iachka" de uma reportagem investigativa, tamanha a riqueza descritiva e dos vivos diálogos que nos colocam em contato com o sombrio universo carcerário.

Em seu artigo sobre a vida política na Sibéria, na segunda metade do século XIX e começo do século XX, os historiadores Riezun e Chilóvski (2005) fornecem um amplo panorama etnográfico e social desta região. É possível citar, como exemplo, o papel dos "Velhos Crentes" no desenvolvimento agrícola, povo que ainda reside em toda a extensão siberiana, cultivando um modo muito próprio de vida e fugindo das grandes transformações da sociedade globalizada.

Em relação ao léxico empregado, a reprodução do tratamento dispensado aos presos é um elemento muito importante para a construção desta composição. A todo o instante, há a polarização entre os guardas e os seus "gados", uma vez que os verbos reforçam exatamente esta ideia, a de que bandos de animais são "arrastados" para as celas, contados, alimentados e jogados, até o cumprimento de suas penas.

Cumpre notar que a violência nos pavilhões está presente em todos os aspectos possíveis da vida de seus residentes. A forma mais constante de desrespeito poderá ser observada pela conduta das autoridades, com a prática de diferentes métodos de tortura. Entretanto, as celas apertadas, fétidas, imundas, as "ondas de miasmas" irrompendo pelas janelas quebradas, a própria privação da liberdade em um corredor escuro e a atmosfera opressora criada, compõem de um modo singular as impressões do narrador, um prisioneiro político que seguia "por etapa" até o seu destino final.

O processo de seguir "por etapa" era algo que ocorria, efetivamente, nas presídios siberianas. Na Rússia pré-revolucionária, havia o procedimento de envio de criminosos

[92] Referência ao dia 30 de Agosto de 1881.

para o exílio com pontos de parada em determinadas prisões. Levando-se em conta a extensão do território russo, essas paradas tornavam-se mais do que necessárias, pelas dezenas de *verstas* percorridas. Teoricamente, em cada um destes pontos os presidiários deveriam ser alocados em instalações especiais, mas em "Iachka" fica evidente que eles acabaram trancafiados no "departamento de investigação" unicamente pela ausência de celas aos que estavam em trânsito.

Merece atenção o fato de que caminhar até estas paragens já era algo marcadamente desumano, muitos presos adoeciam pelo caminho e, por conseguinte, morriam de frio e fome. O quadro do pintor Valeri Iakóbi, "O descanso dos prisioneiros[93]" (1861), ilustra perfeitamente a lamentável situação a eles imposta. Com o desenvolvimento da rede ferroviária, os convictos gradualmente começaram a ser transportados para a Sibéria em vagões especiais, o primeiro trem com estas características possuía oito vagões e foi utilizado no ano de 1864, o que foi extinguindo o processo de seguir "por etapa". (FROLOV, 2015)

Acerca dos tipos sociais presentes no conto, a introdução precisa de uma personagem será a do ostiaco Timochka, um devoto, encarcerado por estrangular três pessoas com as próprias mãos. O fato dele ter vindo de um hospício, onde teve suas pernas arrebentadas, tamanha a violência no tratamento dispensado aos presidiários, torna-se um elemento fundamental para o desenvolvimento da narrativa. É neste momento inicial que o leitor irá se deparar com o horror latente e a crueldade daqueles que os monitoravam. E a fala do carcereiro: "Lá no hospício, as decisões são tomadas de forma rápida, por qualquer motivo eles podem até matar", apenas reforça a atmosfera de tiranias e a truculência que será detalhadamente aprofundada.

Por conseguinte, Timochka servirá de contraponto a todo o desprezo com que o narrador será introduzido ao suposto demente Iákov que, segundo ele, já em tom de ameaça, em breve teria o mesmo fim. Estes sentimentos claros de ódio e de repulsa chamarão a atenção de Vladímir, pois até mesmo os movimentos repetitivos daquele detento serão estudados por ele, até concluir que quanto mais altas as patentes dos guardas, mais audíveis eram os golpes empreendidos.

É muito característico dos narradores de Korolienko uma acentuada curiosidade, o que os leva a querer conhecer melhor os caminhos percorridos pelas personagens que os rodeiam ou que acabam conhecendo ao acaso. O interessante é que há sempre o retrato

[93] "Prival arestántov".

da força dos homens do campo, dos vagabundos e dos fugitivos, que conhecem os mistérios da vida e da luta pela sobrevivência em meio a inúmeras adversidades. E, assim, surgem histórias que se somam ao enredo principal, contadas por homens que relembram as suas aventuras e os eventos que marcaram as suas trajetórias, como em "O Murmúrio da Floresta[94]" (1886).

Acerca dos recursos sensoriais empregados pelo autor, as descrições do presídio, conforme já assinalamos, exploram texturas, cores, odores, sons de cadeados e passos, que a cada instante ilustram a rotina de quem habitava uma cela minúscula e sombria. Os dois trechos destacados ilustram perfeitamente este processo:

> [...] Olhavam e falavam por nós aquelas paredes escuras, os cantos da cela, as teias de aranha entrelaçadas, a porta firmemente trancafiada...Da janela, ondas de miasmas irrompiam e não havia nenhum lugar onde pudéssemos nos esconder.
>
> [...] Nossos ouvidos acabavam adaptados a determinados ruídos, de dentro das nossas celas ouvíamos o sussurrar da vida exterior, que conseguia driblar a solidez das portas.

Na primeira parte do conto, quando é introduzida a atmosfera do cárcere, fica evidente a configuração de um espaço soturno e a ênfase na condição claustrofóbica a que são submetidos os detentos do departamento de investigação e, mais para frente, dos ladrões do "pequeno piso superior". Esses últimos, por sinal, viviam em condições lastimáveis de higiene, em um piso arbitrariamente dividido ao meio. Mantê-los soltos durante a noite ressalta a engenhosidade na representação das autoridades prisionais, para que a prática de sufocamento não se firmasse naquelas celas apertadas e imundas.

Ao analisarmos a recorrência das diferentes intensidades de cor e dos sons na poética siberiana, constatamos uma conexão com os movimentos da alma. O que significa que as "luzes" estabelecem uma relação íntima com aspectos da psique humana em sua esfera emocional e assumem consistentes propriedades comunicativas. Por consequência, a atmosfera opera na vida das personagens, revelando os seus dramas pessoais.

De tal modo, verificamos a ocorrência de uma fusão da natureza com a própria existência humana, o que deixa claro que as paisagens não são meramente contemplativas, mas também revelam toda uma ação subjetiva, que transcorre no mesmo instante.

---

[94] Publicado na Revista *Rússkaia Mysl* [Pensamento Russo] em 1886. Sob a ótica de um narrador experiente, que relembra os fatos ocorridos em sua infância, o enredo concentra-se na imposição social e na cobiça de um proprietário de terras, sempre com a presença da floresta, atuando sobre os acontecimentos e os destinos das personagens.

Estes são elementos observados em escritores do final do século XIX e começo do século XX, ou seja, "o desenvolvimento da tendência impressionista na literatura". (MAKAROVA, 2006, p. 40-42)

Ao assumir esta estética, vinda inicialmente da pintura francesa, que prima pelo retrato das diferentes percepções do artista ante a realidade, vemos que nos ciclos siberianos são estabelecidas conexões com o meio, as ações das personagens e as modulações do tempo. A importância dada às nuances de claridade e escuridão serão elementos marcantes de toda a poética do escritor, que constrói cenários sinestésicos por excelência.

Outra definição possível entre a oposição claro e escuro refere-se também ao período de residência do escritor em Iacútia, com o seu clima acentuadamente continental e "uma lacuna distinta entre a ambição pela luz, o sol, a felicidade e a presente realidade", o que acabou influenciando o estilo de Korolienko. Deste modo, os contrastes são sempre mais pontuais em suas obras, que passam de sua acepção concreta e assumem sentidos emocionais e poéticos. (IVÁNOVA, 2011, p.96)

Acerca da conduta dos guardas e a configuração dos espaços prisionais, uma leitura detida, que analise as inúmeras práticas abusivas destes indivíduos, nos permite reconhecer, por mais uma vez, o sentido que a epígrafe assume no conto. Desde as solitárias, o confinamento, as celas compartilhadas, o piso superior, até o hospício, uma série detalhada de práticas de tortura são elencadas e ilustram todo o horror no interior e fora da prisão.

Aos poucos, os espaços transfiguram-se em uma atmosfera verdadeiramente infernal. A cada corredor percorrido, uma situação contrastante e violenta é, de alguma forma, explorada. Chama a atenção a passagem em que é descrita a cela de dois ladrões no confinamento estrito, Fiodor e Antip, que lança ameaças constantes ao seu colega por ter lhe roubado dois rublos. Fica evidente que a união dos prisioneiros em uma mesmo espaço configura-se como uma antecipação de uma tragédia. O curioso é que parece ser este o real intento do carcereiro-chefe, o que ilustra toda a perversidade maquiavélica de quem governava aquele pavilhão.

A solitária, com toda a sua lastimável condição, ainda não representa a pior das formas de controle. Vladímir, movido pela sua conhecida curiosidade, começa a descrever a sua visita ao que seria originalmente um confinamento estrito, um local frio e que suscitava um sentimento incontrolável de repulsa, onde Iachka, inclusive, fora enviado e havia saído com vida: "Para mim, será muito difícil descrever o que vi, e só peço que

acreditem que eu não estou exagerando". O processo de se reportar ao leitor aproxima mais ainda o conto de um relato-reportagem, o que se torna mais um recurso de verossimilhança da narrativa.

As ameaças, como se constata na leitura, tornam-se cada vez mais concretas, o que se configura também como uma violação, pois além dos danos físicos, os presidiários vivem e sofrem um terror psicológico constante. Certamente, o mais assustador meio de tortura empregado pelos guardas são os braceletes, acerca deles cabe a seleção de um trecho significativo, que ressalta os danosos efeitos de sua utilização:

> [...]Eu conheci um sujeito forte que após cinco horas de uso dos braceletes, com o cinto adicional, teve como resultado uma hemorragia da garganta, que deixou o seu tórax permanentemente danificado [...] nunca, um indivíduo manifesta o interesse em colocar os braceletes de forma voluntária, é óbvio que os colocavam à força...

E os braceletes, de todos os métodos de tortura, serão os únicos que abalarão a missão que Iákov havia proposto para si. Em determinado episódio, ele agarra o caixilho de sua janela, quando as autoridades seguiam "em massa" para a sua solitária. Se tudo foi apenas um devaneio ou um relato de quem realmente foi atormentado por seus carcereiros, isso fica a cargo do leitor, que toma conhecimento do desprezo como a história é contada por Mikheitch.

De fato, o que se sabe é que, a partir deste episódio, o indesejado adorador das antigas escrituras é obrigado a passar sucessivas noites trancafiado com um frio insuportável. E, até mesmo para o herói, a aversão de vestir o tal instrumento de tortura supera todas as suas convicções e revela uma fraqueza: o medo. Ora, inserido em uma atmosfera opressora e assombrosa, tal como a descrita, como superar incólume a tantas e sucessivas ameaças?

O autor, evidentemente, não garantiu ao seu herói um final feliz. Aquele devoto, que a todo o tempo vociferava contra as novas políticas vigentes e as mudanças da sociedade russa, teve como resultado da sua maior arma de protesto e a mais incômoda (o constante golpear na porta) o envio para o hospício. O que atesta que aquela não era uma sociedade apta a ser questionada.

A presença do ostiaco Timochka será retomado ao final da narrativa, aquele mesmo que desde o princípio serviu de exemplo para os guardas, que alertavam sobre o futuro próximo de Iachka, caso mantivesse aquele comportamento perturbador em sua cela prisional. Será ele, um sobrevivente do hospício, que mal conseguia caminhar, por conta das torturas sofridas, quem irá reproduzir os golpes na porta, paralisando todos aqueles que executavam a vistoria e relembrando o antigo golpeador do departamento de investigação.

Ao analisar a diacronia do grotesco, Silva (2008, p.5) atenta para o fato de que no século XIX ele adquire nuances de "humor negro", com um sentido expressivamente pejorativo. Em "Iachka", os risos finais transformam-se em mais uma das muitas formas de violação de conduta. Em diferentes passagens, ele assume o papel de ironia, sarcasmo e, por fim, o parágrafo final sintetiza um riso de escárnio:

> [...] Ria o velho assistente, piscando com um dos olhos parcialmente cegos; gargalhava o oficial gordo, balançando o seu corpo pesado; deliciava-se a velha ratazana; o riso escondia-se sob os bigodes longos de Mikheitch; riam sob as barbas os soldados..."

Os mesmos procedimentos, que ilustram uma crítica ao poder e às instituições na Rússia, também podem ser observados em Gógol, com "O inspetor geral" e "O nariz", que repercutem em Korolienko com o seu desfecho trágico, marcado por um riso amargo, leviano e opressor. A construção até mesmo dos traços físicos dos que riem, já remete a toda uma degradação do papel dos carcereiros nos pavilhões. Para Bakhtin (2008, p.38) a deformidade é um aspecto essencial do grotesco, sendo que "a estética do grotesco é em grande parte a estética do disforme".

2.1 Iákov ─ Judaísmo, Ortodoxia, Demência, Devoção e o Niilismo

Com a leitura, pudemos constatar que as discussões religiosas foram tematizadas amplamente e o próprio nome dado ao herói do conto remete à personagem bíblica, cuja descendência deu origem às famílias de Israel. Contudo, a sua simples menção em uma obra do século XIX, especialmente na Rússia, suscita uma série de discussões e a principal delas será o papel do judaísmo, com o seu conhecido histórico de perseguições.

Desde o período despótico de Ivan IV (1530-1584), a entrada de judeus em solo russo era vetada e a sua permanência apenas autorizada em caso de conversão. Por

conseguinte, a perseguição acabou levando uma massa de cidadãos para as atuais Polônia, Lituânia e Ucrânia, onde numerosas comunidades floresceram. (MORASHÁ, 2006)[95]

Já no século XVIII, com a anexação do território polonês, eles outra vez encontraram-se na condição de indesejáveis súditos do Império Russo. A tentativa de "russificação" resultou na prática em violência e hostilidade. Ao subir ao trono, Catarina II reforçou o encalço aos judeus e ao que ela considerava uma perigosa influência às massas russas. Finalmente, ela restringiu a livre movimentação, impedindo que eles se deslocassem para fora das fronteiras estipuladas e os obrigando a viver em confinamento forçado.[96]

Os *tsares* que se seguiram mantiveram a postura de rejeição, ora cedendo certos direitos, ora alimentando ainda mais a repressão. Sempre com o objetivo de russificá-los e de minar a fé judaica. No momento em que o conto é escrito, portanto, sob o reinado de Aleksandr II, há uma certa abertura para a contribuição de judeus abastados para o desenvolvimento econômico da Rússia, mas não sem futuras e trágicas ondas de ataques e perseguições que se estenderam nas décadas subsequentes, mesmo após o regime *tsarista*.

Korolienko manifestou-se plenamente contrário à prática comum de se culpar a fé judaica de todos os males sociais ocorridos na Rússia, o que pode ser comprovado com o seu conto "O Dia do Perdão"[97]. A intolerância generalizada foi trabalhada em sua ficção com representações naturalistas cristãs e judaicas. Desta maneira, ele buscou "corrigir o popular bode expiatório de judeus vendedores de mercado. " (GLASER, 2012, P.89)

O curioso é que, apesar do nome, Iákov é um fiel seguidor da ortodoxia. Seria ele um judeu convertido? Provavelmente, não. Aliás, Iachka defende a sua fé até perder a ciência dos limites de sua condição de preso, prestes a seguir para um hospício, não sem sucessivas ameaças dos guardas que percorriam o seu corredor. Conforme veremos em "Sokolínets", havia um determinado costume entre os prisioneiros: o de modificar os seus nomes de origem na prisão, o que não será discutido nesta composição.

---

[95] Conforme publicação Eletrônica da Revista Morashá (Junho, 2006, n. 53) – (MinC).

[96] Em russo "chertá osédlosti", uma fronteira de residência restrita a judeus.

[97] Em russo "*Súdnyi Dien"*, escrito em 1890 e publicado primeiramente no jornal *Rússkie Vedomosti* [Notícias Russas], em 1891, n.43, com o subtítulo Yom Kipur (o que já reforça a coragem do autor em transcrever termos judaicos em épocas de latentes repressões) data em que é celebrado o perdão no Judaísmo, um momento de reflexão e de jejum. Neste enredo, uma superstição judaica é apresentada, uma vez que os judeus ucranianos acreditavam que neste dia o demônio viria à Terra e arrebataria um judeu ao longo de todo um ano. Os elementos presentes no conto permitem, como exemplo, uma comparação com "Sorotchinskaya Iarmarka" [A Feira de Sorotchínski] de Gógol, por conta do retrato do imaginário da vida ucraniana e seu folclore, com uma linguagem poética e uma atmosfera assombrosa (BALASUBRAMANIAN, 1997, p.102, tradução nossa).

Cumpre notar que o primeiro judeu formalmente introduzido no conto será um demente que rói o vidro de sua janela, apelidado por Mikheitch de "orelha de porco". Assim que chega, o narrador o distingue em seu percurso até a cela, devido ao modo muito próprio dele executar movimentos e entoar, a plenos pulmões, canções judaicas, o que chama a atenção de todos aqueles que passam pelo o seu corredor.

A figura mais grotesca explorada será, certamente, a "velha ratazana de prisão", o "carcereiro-chefe", um judeu com uma aparência e com trejeitos animalescos, sempre pronto a punir aqueles que interrompiam o silêncio dos corredores. Como é possível notar, em "Iachka" as personagens judias assumem funções díspares, mas na prática em nada diferem de todos os cristãos com quem elas convivem. O escritor não problematizará a fundo o antissemitismo russo neste conto, como o fez em seus futuros artigos, ainda que mereça destaque as feições caricatas e zoomorfizadas atribuídas aos representantes desta religião.

Contudo, ao introduzir em seu microcosmo cidadãos conhecidamente perseguidos e que ele abertamente tomou partido, defendendo contra as injustiças de seu próprio governo e povo nas décadas subsequentes, Korolienko esboça um panorama dos conflitos que permeavam a sociedade russa. No começo do século XX, por exemplo, ele redigiu o ensaio "Casa número 13[98]" sobre o *Pogrom*[99], ocorrido em 1903 em Kishiniov, sem poupar todo o seu horror aos ataques que afligiam até mesmo as crianças judias em idade escolar.

Korolienko também se posicionou publicamente em favor de Beilis, um judeu acusado de um ritual de assassinato de um menino russo, no ano de 1913, caso em que, após muitas batalhas judiciais, ele acabou inocentado. Estava claro para o escritor que todo o julgamento se guiava unicamente pelo sentimento antissemita russo e, diante disso, o defendeu praticamente sozinho, em meio a *intelligentsia*. (STONOV, 1995, p.7)

O tema da ortodoxia será apresentado também de um ponto de vista caricatural, principalmente quando se efetiva o confronto entre a devoção cega de Iákov, com o *niilismo* do pequeno-burguês de Kamyshin e, finalmente, com as convicções religiosas de Vladímir. As crenças e os valores apontados nesta narrativa comprovam que ao discorrer sobre uma diversidade étnica, o autor suscita no leitor variadas e complexas

[98] Publicado em forma de panfleto, em 1905. Apesar de sua redação ter ocorrido no verão de 1903, para a revista *Pusskoie Bogatstvo* [Riqueza Russa], o texto teve sua admissão recusada pela censura. Antes mesmo de ser impresso na Rússia, o ensaio havia sido publicado em várias edições estrangeiras.

[99] Movimento popular que praticou atos de violência e assassinato contra os judeus no território russo.

relações antagônicas que repercutiam em seu tempo.

Deste modo, mais do que um material de riqueza etnográfica, “Iachka” possui um valor histórico e político muito claro. A questão religiosa, por exemplo, será tematizada de um modo muito particular, pois longe de lançar dogmas e preceitos de sua fé, quem narra o conto objetiva mostrar ao leitor que a religião deve ser, acima de tudo, “a aspiração prática da concretização da fórmula do amor”.

Cumpre salientar que antes mesmo de qualquer introdução formal a Iákov, há uma identificação de que ele possuía uma condição psiquiátrica muito delimitada: acima de sua cela, uma inscrição o distinguia dos ladrões, homicidas e vagabundos, ele era um demente. A categorização dos prisioneiros, como será possível constatar, além de arbitrária, acaba por ditar a conduta dos carcereiros em relação a esses mesmos “residentes indesejados”.

A perda da razão, como a do “insano judeu”, com suas volatas estridentes e a suposta demência de Iachka, levam a uma problematização já apresentada por uma das influências marcantes de Korolienko: o escritor Nikolai Gógol, que em seu “O diário de um louco” discorre acerca desta questão, o que assume para a crítica um papel “característico de qualquer grotesco, uma vez que permite observar o mundo com um olhar diferente, não perturbado pelo ponto de vista normal, ou seja, pelas ideias e juízos comuns” (BAKHTIN, 2008, p.35)

A conduta violenta, as ofensas e o costumeiro ato de produzir golpes na porta despertam gradualmente a atenção de Vladímir, que estudará as motivações daquele preso indesejado. O golpear é um protesto tão marcante, que o narrador desenvolverá, desde o princípio, uma teoria para decifrá-lo. Cada gesto, cada movimento é, deste modo, necessário para a construção e desconstrução do leitor acerca dos fatos apresentados.

Em um primeiro momento, pudemos observar que a condição psicológica do devoto é discutida por uma perspectiva que se assenta no terreno da dúvida. Afinal, seria ele um insano ou não? Tal fato pode ser atestado com um trecho específico da segunda parte do conto, onde a sanidade daquele indivíduo em seu corredor promove a reflexão e o questionamento acerca de um possível julgamento arbitrário dos guardas:

> [...] Seria possível que aquele homem preso, fortemente trancafiado naquele terrível buraco, naquela verdadeira tumba, não estivesse de

> todo louco e fosse capaz de distinguir todo o terror de sua própria situação?...

As conversas entre os carcereiros Mikheitch e Merkuri reforçam que nem mesmo o sistema prisional possuía condições para qualificá-lo como um demente. Na verdade, tratá-lo daquele modo foi a ferramenta escolhida por eles, unicamente porque Iachka não reconhecia o poder das autoridades. De fato, ele estava tão apegado aos seus valores religiosos e políticos, que todas as formas de poder, para ele irreconhecíveis, prontamente eram rejeitadas e hostilizadas com a sua máxima "servos ímpios do Anticristo".

Em um outro episódio significativo contado por Vladímir, um determinado preso, denotando respeito por Iachka, consegue ter parte de seu diálogo captado pelo narrador em sua caminhada pelo corredor: "Éfrem já foi sentenciado e o Sídor também. Estão dizendo que vão mandá-los para a própria província, por etapas...E você, olha como está".

Ou seja, este pequeno fragmento elucida a situação em que se encontravam dois prisioneiros conhecidos do devoto e vindos, provavelmente, do mesmo povoado que ele.

E qual seria a resposta para a sua permanência em uma cela para dementes? Certamente, a desobediência a todas as formas de poder que se constituíam na época. Cumpre notar que ele já é apresentado ao leitor como um indivíduo impassível do convívio em sociedade, fato que atesta a sua contenção em uma solitária. Contudo, o seu desajuste social se estenderá até mesmo neste local, que aos poucos tratará de lhe mostrar a sua derradeira saída.

O tema do exílio interno tornou-se popular a partir do século XVII, no autobiográfico "Vida", pelo arcebispo Avvakum, que questionava com veemência as reformas dos rituais da igreja impostas por Níkon. Os seus trabalhos inspiraram as massas conservadoras da população russa a lutarem contra a Ocidentalização da Igreja e do Estado e a migrarem juntas para um refúgio seguro, no caso, a taiga siberiana.

Tendo sido enviado para o exílio na Sibéria por dez anos, com sua esposa e filhos pequenos, Avvakum teve de presenciar a morte de alguns deles, por conta das inúmeras e imagináveis privações que lhes foram impostas. Não obstante, foi ele quem legou uma primeira paisagem real desta vasta região, com toda a sua gravidade, mas também com um registro de toda a sua majestade. A sua obra assumiu "um papel educativo e mostrou aos fiéis a necessidade de se superar qualquer fraqueza na luta contra o Anticristo" (PLATONE, 2000, p. 228-229)

No conto de Korolienko, reverbera essa veemente não-aceitação de Iákov a qualquer mudança que ouse abalar a tradição e fé ortodoxas, onde qualquer tentativa de

modificação ou alteração dos antigos ritos são encarados como uma ameaça do Anticristo. As autoridades, para ele indignas de respeito, reduzem-se na figura do "grande *tsar*", com um poder dado por "Deus, o todo poderoso". As suas ações rompem, portanto, com a ordem estabelecida e ele se torna um porta-voz daqueles que não recebem com "bons olhos" o poder dado às *ziemstvos* e as mudanças da sociedade russa do século XIX.

Para um leitor que desconheça os rituais de bênção e símbolos ortodoxos, chama a atenção a inserção desses elementos historicamente atestados no conto, como a cruz de oito pontas, que ressignifica até mesmo o ritual de crucificação de Cristo e a disposição de benzer-se com os três primeiros dedos da mão direita. Vemos, portanto, que as mudanças criticadas por Iachka promovem discursos inflamados, porque para ele uma nova orientação e compreensão de mundo levaria o Império Russo ao declínio e à perda da identidade nacional.

Com movimentos bruscos e imposições, ele apenas cede ao poder do autocrata e das escrituras sagradas. Esta espécie de missão, que ele acredita estar incumbido, o afasta de sua vida agrícola e de sua família. E ele atesta sua fé inabalável ao afirmar: "Apoio-me em Deus, no grande *tsar*, nos princípios de Cristo, no sagrado batismo, em toda a pátria e em todas as pessoas", um verdadeiro mantra repetido e no qual ele se atém para justificar a sua solidão.

Com diálogos repetitivos, ele exemplifica o camponês russo, que preocupado com seu pedaço de terra, não quer que a ordem "natural" *tsar* e ortodoxia sejam abaladas. E, muito menos, se imagina pagando tributos para assembleias de homens que ele julga incapazes e que rompem com a antiga "ordem", a qual ele estava habituado, aceitava e obedecia cegamente. Para ele, todo esse discurso, efetivamente, transcende as mudanças práticas dos cerimoniais religiosos, dos sinais de bênçãos e da da cruz nas igrejas. Ele também acredita que as modificações na estrutura política afetarão sobremaneira toda a composição econômica e a qualidade de vida de seu povo.

Conforme o narrador Vladímir estreita os seus laços com Iachka, o leitor compreende que o papel dessa personagem migra da demência peremptória para a devoção. Gradualmente, reconhecemos que ele é apenas um homem imbuído de sua missão de negar as mudanças ocorridas na Rússia. Evidencia-se, ao longo do conto, que ele pagará um preço caro por tal imposição no cárcere, que por si só já se configura como um microcosmo, com leis próprias e intangíveis para um sujeito como ele.

É interessante notar que as indagações acerca do passado de Iachka e detalhes de sua vida antes da prisão são suscitados gradativamente. Antonio Candido (1968, p.61), ao discorrer

sobre a personagem de ficção, conclui que para a garantia da verossimilhança e da sensação de realidade, dependemos da "unificação do fragmentário pela organização do contexto", sendo justamente essa organização o "elemento decisivo da verdade dos seres fictícios, o princípio que lhes infunde vida, calor e os faz parecer mais coesos, mais apreensíveis e atuantes do que os próprios seres vivos". Este processo revela aspectos da vida e psicologia de Iákov, sempre sob a ótica do narrador, que maneja muito bem os seus traços e os elementos que o constituem.

Acerca do papel dado ao protesto físico, fica evidente que esse gesto é uma resposta clara ao controle que lhe é imposto. Para ele, interferir no silêncio dos corredores é um triunfo contra aqueles que seguem as ordens de autoridades arbitrárias e que agem a favor do Anticristo. O que esse idealizador do poder autocrático não enxerga (e isso será discutido) é que tudo ocorre com a aprovação de quem ele tanto idolatra. Ele não consegue compreender a sua situação no sistema político russo e, evidentemente, ao acabar aprisionado pela mesma sociedade que o rejeitou e sem sinais de que irá ceder, ele tão logo é compelido a deixá-la, de uma vez por todas.

Com o episódio da solicitação para que Vladímir redigisse uma declaração oficial no escritório prisional, efetiva-se uma comparação, fundamental para o desenvolvimento da narrativa, entre o devoto e o pequeno-burguês de Kamychin, que ele encontra naquele local sendo interrogado pelos guardas. A defesa das "verdadeiras escrituras", o poder de Deus e do grande *tsar* são confrontados por um membro de uma classe que "havia se fundido nas pequenas cidades e subúrbios com as rústicas massas camponesas".

E será ele, um representante do *niilismo* que a tudo nega com o seu costumeiro "nada", quem também suscitará todo o desprezo dos carcereiros que, sentindo-se ultrajados, tratarão de puni-lo pela intransigência à ordem estabelecida. Qual seria a importância do cidadão de Kamychin para a obra de Korolienko? Do ponto de vista religioso, tantas vezes ilustrado pela voz dada ao devoto, o filósofo Berdiáiev[100] atesta que Dostoiévski descobriu que foram os preceitos religiosas russos que alimentaram ou que serviram de fonte para o *niilismo* em seu país e reitera:

> [...] A ideia do império ortodoxo era a ideia fundamental russa, uma ideia messiânica. As influências gregas, a emenda dos livros santos, as ínfimas modificações do ritual, foram consideradas como uma traição ao reino ortodoxo, uma traição operada pelo poder secular e pela

[100] (1941, apud Oliveira, 2012, p.50).

> hierarquia eclesiástica. [...] o Anticristo penetrou no reino ortodoxo, no Estado como na igreja; a hierarquia foi contaminada e ferida, a verdadeira igreja se retira para o deserto, se aloca no subsolo.[101]

Mesmo condenando as mudanças sofridas pela igreja ortodoxa, Iákov mantém-se fiel a ela. Sendo assim, ele assume o papel de uma parcela da população que lamenta profundamente a "contaminação" dos rituais, remontando à divisão da igreja. Ora, mas será a partir do embate entre Ocidente e Oriente que o povo russo se formará e será constituída a sua identidade. E claro, impossível não mencionar a obra *Pais e Filhos* (1862) de Turgueniev, ao falar de *niilism*o na Rússia, como o expoente literário desse embate que permeou as discussões dos círculos literários nas décadas subsequentes.

Para o prisioneiro Vladímir, tornam-se claros os pontos de contato entre os dois e ele tratará de discorrer acerca deles. Ou seja: ambos romperam os laços com a terra natal, com a sua família e com seu povo; ambos não reconheciam o poder das autoridades que, para a sua própria sobrevivência, deveriam obedecer e, por fim, ambos negavam em absoluto a prática de crimes. A principal diferença entre esses indivíduos será justamente a questão religiosa, enquanto um renegava ceticamente a existência de um Deus, o outro golpeava a sua porta em nome do Senhor. Entretanto, é importante destacar que para o narrador essas crenças radicais e exageradas não passavam de uma "mistura estranha de mitologia e realismo".

Mais do que acreditar em sua missão, Iákov elabora a sua teoria para os rumos da sociedade russa. Segundo ele, haviam ocorrido "três substituições" no mundo, a primeira com o fim do Império Romano, a segunda com Bizâncio e a terceira vez com Moscou. Para ele, a quarta grande substituição, que estaria prestes a ocorrer, havia se iniciado em 1861. Como sabemos, este foi o ano da Libertação dos Servos, que na prática não eliminou as formas de controle sobre as terras e os tributos pagos pela massa camponesa.

Acerca da interpretação de Moscou como uma Terceira Roma, merece atenção que esse dado histórico parte de uma lenda do ano de 1147. Segundo ela, quando o Príncipe Dolgorúki viajava de Kíev para Vladímir, teria avistado em um pântano uma fera "miraculosa", com três cabeças e uma pelagem colorida, conforme atesta Américo (2011, p.59):

> "O pelo multicolorido significa que nessa cidade iriam se juntar pessoas de todos os povos e tribos [...] o Príncipe Dolgorúki dirigiu-se ao filósofo para revelar o significado da estranha aparição. Assim é traçada a ligação cultural e religiosa hereditária entre a Rússia e o Império Bizantino devido à qual Moscou seria posteriormente chamada de Terceira Roma,

[101] (tradução nossa).

depois de Roma Propriamente dita e de Constantinopla.

O autor dá voz a uma personagem que reflete a reconfiguração social e política da Rússia do século XIX, que ele acreditava que seria destruída tal como os grandes impérios da Antiguidade. O embate ideológico acerca das *ziemstvos* acaba, mais uma vez, com a não-aceitação de Iachka, enquanto que o narrador conclui que o novo sistema na forma de tributos deveria ser obedecido. Por fim, ambos acabam discorrendo sobre as tais verdadeiras escrituras sagradas. Vladímir, por sua vez, estabelece a proposição de um corpus do que para ele constituía uma religião, baseada na prática de boas ações.

E, de tal modo, são apresentados pressupostos acerca do valor da reverência ao espírito, e não a carne. Vladímir objetiva esclarecer, ciente de sua capacidade mais ampla de compreensão dos fatos, com o emprego da mesma linguagem conhecida pelo devoto, que toda a martirização que esse impunha para si, ferindo a perna com o constante golpear na porta, hostilizando os vigilantes que passavam próximo de seu corredor, além da postura austera diante das ações punitivas, acabaria o levando ao hospício e a consequente morte.

Diante das diferentes circunstâncias ameaçadoras de Mikheitch e do carcereiro-chefe, tudo se encaminhou para o mesmo "método simplificador" vivido pelo ostiaco Timochka, que também era um sectário, mas sem a garantia de regresso ao pavilhão prisional, uma vez que Iachka mostrou-se muito mais intolerante às formas de controle dos guardas. De fato, as ameaças contra ele eram muito mais contundentes, deixando claro que uma vez que ele saísse, dificilmente seria visto novamente naqueles corredores.

Por fim, o crítico Conliffe (p.212) atesta que Korolienko enxergou em sua ficção a necessidade de "desafiar e aprimorar as experiências e pontos de vista do homem, ao invés de inibi-los e encerrá-los, como os soldados estavam acostumadas a fazer"[102]. A ênfase na singularidade do indivíduo e no uso de sua força para criar, em meio ao caos e a opressão total, certamente garantem ao escritor um papel de relevo no cenário literário russo.

Mais do que a confluência de tipos sociais, a atmosfera retratada explora os modelos de autoridade e o papel das expressões individuais. As convicções religiosas que Iákov assumiu como missão de vida, acabaram o isolando de sua família e, até mesmo, da prisão. Ele criou para si um mundo próprio, incapaz de conceber as mudanças que ocorriam no mundo em que vivia, a principal causa de seu fim.

[102] (tradução nossa).

Podemos concluir que Iachka é retratado muito mais pelo seu mundo interior, controverso e complexo, do que por uma perspectiva idealizante. O autor assume neste conto uma postura de ampla oposição à visão tradicional do camponês russo, pois ele pontua que "nenhuma "intuição" ou "espírito nacional" poderá ajudar um homem de origem camponesa, se ele não for capaz de expandir o seu pensamento. " (PILD, 1987, p.33)

A força desta composição não reside no seu desfecho trágico, e sim no processo de construção de uma personagem singular no contexto russo e em toda a poética siberiana, com marcas claras das impressões e críticas de Korolienko sobre o significado do cárcere. A ação transformadora de Iákov na vida do narrador é inquestionável, uma vez que ele passou a cultivar uma profunda admiração por ele, tornando-o parte de sua vida e história. No dia seguinte, Vladímir partiu para o seu destino, mas na medida do que foi possível para aquele espaço, ainda que dominado pelo medo, ele intercedeu por aquele que suplicou a sua ajuda no seu último percurso pelo corredor prisional.

Sokolínets[103]
Das narrativas sobre vagabundos

I

...O meu companheiro partiu. Tive que passar a noite sozinho em nossa *iurta*[104].

Não consegui trabalhar, não acendi o fogo e, reclinado sobre a cama, sem me dar conta, encontro-me sob as garras de um silêncio grave e sombrio, enquanto se dissipa o curto dia nórdico entre a neblina fria. Os últimos raios tênues de sol esvanecem, pouco a pouco, pela janela congelada da pequena habitação; uma bruma densa se arrasta desde os cantos, anuviando as paredes oblíquas que parecem se fechar de um modo intenso sobre a minha cabeça. Por um tempo, ainda distingui o contorno de uma enorme lareira, localizada na parte central desta residência. Ao que parecia, um penate[105] inábil das moradias iacutas estendia os braços abertos à penumbra, em uma espécie de batalha silenciosa...Entretanto, estes vagos contornos também desapareceram... Escuridão!...Tão somente em três pontos cintilavam surdamente feixes fosforescentes, que vinham do lado de fora da janela coberta pelo gelo e, de tal modo, o frio mortal dos iacutos observava o seu interior.

Minutos, horas corriam discretamente sobre a minha mente, e nem pude notar a aproximação daquela momento fatídico, quando a tristeza imperiosamente domina meu peito, quando a "terra estranha" hostilmente o invade com toda a sua áurea soturna e álgida, quando na minha imaginação atormentada soerguem-se distantes montanhas, florestas e infinitas estepes, que ficam entre mim e tudo aquilo que estimo, distante e perdido, que tanto me atrai, mas neste instante parece desaparecer por completo e é apenas observável na forma de traços distantes de luz, dos frágeis feixes das minhas esperanças... E o sofrimento dominado, não obstante, ainda presente, escondido em algum lugar nas profundezas do meu coração, corajosamente eleva a cabeça sinistra e, entre a calmaria da obscuridade, claramente sussurra as terríveis e assombrosas palavras: "Para sempre... nesta sepultura para sempre!..."

O suave e afetuoso ruído de um uivo chega aos meus ouvidos de cima, através do tubo da lareira, tirando-me do meu profundo estado de estupor. É o meu sábio amigo, o fiel

[103]. O título dado ao conto remete diretamente ao animal falcão (em russo: sókol), que é um predador livre e corajoso, ressaltando o espírito sempre presente de anseio por liberdade das personagens. Por outro lado, cabe ressaltar que os próprios prisioneiros no conto denominavam a ilha de Sacalina como "A ilha do Falcão". Finalmente, ao se manter o título original foi possível resgatar a força expressiva condensada em um único termo proposto por Korolienko.

[104] Moradia que muito se assemelha a uma tenda, utilizada por nômades da Ásia Central e Sibéria.

[105] Penates eram os deuses do lar da mitologia romana.

cão Cérbero[106], congelado em seu posto de guarda, que questiona o que há de errado comigo e o porquê que diante deste clima terrível eu não acendi a chama.

Agitei o meu corpo, senti que estava exausto neste combate com o silêncio e a escuridão, decidi recorrer a um instrumento salvador que estava ao meu alcance. Esse instrumento é o deus do lar, o poderoso fogo.

No decurso do inverno, ele jamais se apagava nas residências dos iacutos e, por essa razão, eles não possuíam dispositivos de fechamento. Nós é que, de certa maneira, elaboramos um meio de inventar e posicionar estes dispositivos, a nossa chaminé era fechada pelo lado externo e todas as vezes que havia necessidade escalávamos a superfície plana do teto da habitação.

Eu subia através dos degraus que se moldavam com o acúmulo de neve, que cobria a *iurta* até o topo. A nossa moradia localizava-se no extremo do vilarejo, um pouco afastada... Normalmente, da parte elevada era possível vislumbrar toda a extensão da pequena pradaria, que terminava em formações montanhosas, e as luzes das demais moradas, habitadas por um povo que em parte descendia dos russos, em parte dos tártaros exilados. Esses mesmos moradores queriam deixar seus descendentes russos assentados, além de parte do povo tártaro que cumpria o degredo. No entanto, agora era como se tudo desaparecesse entre a neblina gris, gelada e impenetrável aos olhos. Esta névoa era praticamente estática, parecia se espremer do ar de quarenta graus negativos e, por conseguinte, pesava mais sobre a terra silente; em todas as direções o olhar só encontrava a massa cinzenta, disforme, morta e, tão somente acima, diretamente acima da cabeça e em um ponto distante, pendia uma estrela solitária que irradiava um brilho intenso, atravessando a capa fria.

Ao redor, tudo estava aparentemente estático. A margem acidentada do rio, os aposentos pobres da aldeia, a pequena igreja, os prados cobertos de flocos de gelo, uma faixa escura na taiga, tudo imerso em um infinito oceano enevoado. O telhado, com uma chaminé rústica de barro, no qual agora eu me encontrava em pé com o meu cachorro pegado a mim, assemelhava-se a uma ilha, arremessada em um mar sem fim... Ao redor, nem um ruído sequer...Frio e tenebroso... A noite silenciosa, sob as garras do terror, apresentava-se de um modo sensível e exuberante.

Cérbero uivava baixinho e de um modo penoso. O pobre cão também estava assustado com a iminente visão do reinado do pernicioso frio; ele aninhou-se junto a mim e, pensativo, esticando o seu focinho aguçado, posicionando as orelhas em guarda, atentamente espreitou desolado a penumbra acinzentada.

---

[106] Na mitologia grega, *kerberus* era um monstruoso cão de três cabeças, que vigiava a entrada para o inferno.

De súbito, ele ergueu as orelhas e começou a rosnar. Eu fiquei atento. A princípio, estava tudo em silêncio, como de costume. Nesta marcante calmaria, um som foi ouvido, seguido de outro e um terceiro... Naquele ar glacial, principiaram-se ao longe alguns baques muito tênues de um cavalo em disparada pelos prados.

Refleti acerca de um viajante solitário que, a julgar pelos frágeis ruídos dos cascos, deveria percorrer ainda umas três *verstas*[107] até o vilarejo; desci rapidamente do telhado pela parede inclinada e corri para dentro da *iurta*. Um minuto do lado de fora e com o rosto descoberto, poderia congelar o meu nariz ou as bochechas. Cérbero, emitindo um ruidoso e potente latido na direção daqueles passos, seguiu em minha direção.

Em pouco tempo na lareira, que se assemelhava a uma bocarra aberta na parte central da *iurta*, surgiu o lume da tocha que eu acendi. Para que ela acendesse, coloquei lenha seca de um pinho repleto de resina e, em poucos minutos, minha habitação ficou irreconhecível. De repente, a soturna residência preencheu-se de estalos e estrépitos. O fogo atravessou a lenha com centenas de labaredas, cobrindo toda a sua superfície, brincando, pulando, sibilando e estalando. Algo intenso, vívido, célere e incansavelmen-te eloquente instaurou-se naquele lugar, como se estivesse espreitando cada canto e recanto. De tempos em tempos, a flama crepitante e brincalhona diminuía. Nestas ocasiões, eu ouvia como saltavam as centelhas quentes pelo tubo da chaminé, silvando e rachando-se sob o ar. Apesar disso, após um breve instante, elas recobraram o seu vigor, retomaram a sua brincadeira e, do mesmo modo, as frequentes fagulhas tornaram a ecoar na habitação, semelhantes ao som de tiros de uma pistola.

A partir deste momento, já não me senti tão sozinho. Parecia que tudo ao meu redor começava a se movimentar, a falar, a se agitar e a dançar. A neve das janelas, que há pouco refletia apenas um anoitecer glacial, agora cintilava e transbordava com o reflexo das chamas, como pedras preciosas. Uma sensação de alegria invadiu os meus pensamentos, ao imaginar que naquela noite fria a minha solitária morada realmente fulgurava com o brilho do gelo, como um pequeno vulcão, dispersando a nuvem de faíscas que trepidava convulsivamente no ar, entre a fumaça branca.

Cérbero acomodou-se na frente da lareira, fixou o seu olhar e ficou sentado imóvel, como uma estátua branca; de vez em quando, ele tão somente virava a cabeça em minha direção e, em seus olhos sábios de cachorro, compreendia toda a sua gratidão e ternura. Passos pesados ressoaram no pátio, junto às paredes, porém Cérbero mantinha-se calmo e uivava em sinal de aprovação; ele sabia que somente os nossos cavalos é que permaneciam

[107] Medida russa que corresponde a 1, 06 Km.

em determinado local, na direção da cerca, aproximando-se agora da flama, apertando as orelhas e tremendo de frio; eles se detêm por um tempo ao lado da parede, assistindo o divertido saltitar das centelhas e uma ampla faixa quente de fumaça branca.

De súbito, o cachorro descontente virou-se em um sentido oposto a mim e rosnou. Um minuto depois, correu para a porta. Deixei que Cérbero saísse e, enquanto ele agia de um modo frenético e ocupava o seu costumeiro posto de guarda sobre o telhado, espreitei a antessala[108]. Era evidente que o viajante solitário, que eu havia escutado anteriormente, naquela noite fria e silente, foi seduzido pelo meu fogo alegre. Ele agora abria as hastes do meu portão, para guiar o animal encilhado e carregado até o pátio.

Eu não esperava a vinda de nenhum conhecido. Um iacuto raramente chegaria tão tarde ao seu povoado e, caso chegasse, sem dúvida saberia muito bem onde estariam alocados os seus *dogores*[109], e não entraria ao primeiro fogaréu no caminho. E, assim sendo, pensei que poderia ser unicamente algum colono. De um modo geral, nós não gostamos destas visitas, mas agora uma viva alma seria muito oportuna. Eu compreendi: em breve, o alegre lume cessará e uma chama preguiçosa e lânguida lentamente lamberá a madeira quente, em seguida, restarão tão somente pilhas de carvão e, sobre elas, um estalido sussurrante correrá de forma ardente, feito uma serpentina, que vagarosamente se silenciará até interromper-se por completo.... Por fim, na *iurta* será instaurado, por mais uma vez, um silêncio tenebroso e o meu coração retomará a sua amargura. Distinguirei as flamas, crepitando debilmente sob a escuridão, apenas os meus olhos permanecerão semicerrados, lançarei um outro olhar, mais um e ... ela se apagará. E eu, de novo, ficarei sozinho...sozinho diante de um longo, deprimente e infindável anoitecer.

A ideia de que pudesse, por acaso, passar a noite ao lado de um sujeito que no passado houvesse sujado as mãos com sangue, não me ocorrera. A Sibéria nos ensina a ver em um assassino uma pessoa e, claro, ao observá-lo melhor não será possível idealizar o "infeliz", que destrói fechaduras, rouba cavalos ou quebra as cabeças de seus conhecidos; contudo, apesar disso, este primeiro encontro permite que você compreenda as complexas motivações humanas. Você é capaz de identificar quando e o que pode esperar de uma pessoa. Um assassino não é aquele que simplesmente mata, ele ainda vive uma vida e sente as mesmas emoções que todas as pessoas sentem, incluindo a gratidão àquele que lhe oferece abrigo em um dia frio e sob um mau tempo. Todavia, quando me ocorresse estabelecer novas amizades por estas cercanias, se o novo conhecido possuísse um cavalo encilhado e na cela

[108] Em russo "sieni", espaço de entrada em uma residência.
[109] Dogor é um amigo, companheiro (N. do A.)

ainda pendurasse “bolsas” carregadas, sem demora, essa aquisição e os bens que ele, por ventura, transportasse, fariam com que eu refletisse sobre a sua procedência, assim como o seu método de obtenção.

A porta da *iurta*, pesada e revestida com pele de cavalo, ergueu-se sobre a inclinação da parede; do pátio, precipitou-se uma onda de vapor e o visitante desconhecido seguiu na direção da lareira. Ele era um homem de estatura alta, com ombros largos e imponentes. À primeira vista, podia-se notar que ele não era um iacuto, embora estivesse vestido como tal. Nos pés, ele calçava *torbasás*[110] brancos como a neve, feitos de pele de cavalo. As largas mangas do casaco de pele subiam pelos ombros até as orelhas. A cabeça e o pescoço estavam envoltos por um enorme xale, que ficava amarrado ao redor do corpo. O xale e o chapéu iacuto (Bergues) estavam totalmente cobertos por flocos sólidos de gelo, congelados densamente.

Conforme o desconhecido se aproximava, desjeitoso, com as mãos completamente congeladas, ele começou a desatar o xale e, em seguida, as alças de seu chapéu. Quando ele atirou aos ombros o seu *treukh*[111], avistei um rosto jovem e corado do frio de um homem de aproximadamente trinta anos; ele possuía traços bem distintos, que lhe davam uma expressão peculiar que só tive oportunidade de ver, com uma certa frequência, nas feições de líderes de prisioneiros organizados e, em geral, nos rostos de pessoas habituadas ao reconhecimento e prestígio em seu meio, mas que, ao mesmo tempo, continuam compelidas a se manter em alerta na presença de pessoas desconhecidas. Os seus olhos negros e expressivos lançavam rápidos e precisos olhares. A parte inferior de seu rosto era levemente projetada, expondo certa energia e uma natureza entusiasmante, entretanto, o vagabundo (segundo indícios característicos que, embora muito difíceis de perceber, sugeriam que o meu hóspede era um vagabundo) já estava acostumado a reprimir toda esta energia. Tão somente uma ligeira contração do lábio inferior, um jogo nervoso dos músculos revelava, vez ou outra, uma intensa batalha interior.

A fadiga, o frio noturno ou, quem sabe, a angústia que sentia o viajante solitário ao caminhar entre a impenetrável neblina, aquilo tudo, de algum modo, atenuava os traços intensos de seu rosto, camuflados sob as suas sobrancelhas e no interior de seus olhos negros, que possuíam uma certa expressão de consternação, e que se harmonizavam com a minha disposição naquela noite, o que acabou suscitando em mim uma simpatia involuntária pelo visitante desconhecido.

---

[110] Botas feitas de pele.
[111] Gorro que se estende até a altura das orelhas.

Sem despir-se mais, ele se inclinou na direção da lareira e puxou um cachimbo de seu bolso.

− Olá, senhor, − disse ele, sacudindo o cachimbo em um canto e olhando, ao mesmo tempo, de soslaio e com atenção em minha direção.

− Olá, − respondi, prosseguindo e observando inquisidoramente aquele sujeito que eu não conhecia.

− Desculpe-me, senhor, desculpe-me por ter entrado direto em sua casa. Eu preciso apenas me aquecer um pouco e fumar um cachimbo. Eu já vou embora, visto que possuo conhecidos por estas redondezas que me receberão a qualquer hora, em uma *zaímka*[112]a duas *verstas* daqui.

Em sua voz, podia-se notar uma certa reserva, como a de alguém que não desejava parecer um intruso. Enquanto ele falava, lançava alguns olhares breves e atentos em minha direção, como se estivesse aguardando o que eu iria articular, para só assim prosseguir com as nossas relações futuras. "Como você me trata, eu também tratarei você" era isso que aqueles olhares pareciam dizer. De qualquer modo, as técnicas empregadas pelo meu visitante constituíam um agradável contraste com os já conhecidos inconvenientes dos colonos iacutos. Não obstante, para mim estava muito claro que se ele não tivesse a certeza de que ficaria comigo a noite toda, não teria colocado o seu cavalo no meu pátio e apenas o teria prendido do lado de fora, próximo da cerca.

− Quem é você? − perguntei − Qual é o seu nome?

− O meu nome? Meu nome é Baguylai, pois você entende o jeito local, mas o meu nome verdadeiro em russo é Vassíli.... Você já ouviu falar do distrito de Baiagantáiski[113]?

− Nascido nos Urais[114], vagabundo? ...

Nos lábios do desconhecido brotou um sorriso quase imperceptível de satisfação.

− Pois é, isso mesmo! O próprio. E, pelo visto, você já ouviu falar algo ao meu respeito?

− Sim, ouvi de Semion Ivánovitch. Vocês eram vizinhos.

− É verdade. Semion Ivánovitch me conhece bem.

− Exato, fico feliz em tê-lo como hóspede, seja bem-vindo. Você pode passar a noite aqui e, a propósito, eu vivo sozinho. Agora, vou preparar o *samovar*[115].

O vagabundo aceitou de bom grado o meu convite.

---

[112] Trata-se de uma propriedade familiar, ocupada sobre o direito de posse, normalmente afastada de áreas desenvolvidas.
[113] Um antigo distrito iacuto.
[114] Região montanhosa na Rússia, que define a fronteira entre a Europa e a Ásia.
[115] Utensílio russo, onde é fervida a água para o preparo do chá.

− Obrigado, senhor! Já que me convida, então eu ficarei. Eu preciso retirar as correias e trazer alguns produtos à *isbá*[116]. Eu sei que o meu cavalo está amarrado no pátio, mas assim ficará melhor: o povo daqui é esperto, principalmente os tártaros.

Ele se retirou por um instante da *iurta* e trouxe consigo duas bolsas. Após desatar as correias, começou a retirar alguns produtos: porções de manteiga congelada, de leite gelado, algumas dúzias de ovos e etc. Certos itens trazidos, ele colocou sobre as minhas prateleiras, o restante deixou no frio, na antessala, para não derreter. Em seguida, ele despiu o xale, o casaco, o cafetã, permaneceu com uma camisa de tecido escarlate e calças de "bilberet" (uma espécie de veludo) e sentou-se em uma cadeira, de frente para a lareira.

− Veja, senhor, − disse ele, soerguendo a cabeça e esboçando um sorriso, − vou lhe dizer a verdade, caminhei até o seu portão e enquanto caminhava eu pensava: será que ele realmente não me deixará passar o anoitecer em sua casa? Porque eu sei muito bem, entre os nossos irmãos há toda a sorte de índoles, alguns realmente não se pode deixar entrar. Bem, eu não sou um destes tipos, digo-lhe com toda a franqueza... Você mesmo disse que já ouviu falar ao meu respeito.

− Seguramente, eu ouvi.

− Pois é! Eu posso lhe dizer, sem mentir, que vivo de forma honesta e digna. Possuo uma vaca, um boi com três anos de idade, um cavalo... Lavro a terra e possuo uma horta.

O vagabundo dizia tudo isso com uma estranha entonação, de um modo reflexivo, fixando o olhar em determinado ponto e, ao proferir as últimas palavras, chegou até a exibir as mãos, como se estivesse dizendo: "E, afinal, tudo isso está certo! "

− Sim, − ele prosseguiu com a mesma entonação, − eu trabalho! E tudo está exatamente como deveria estar, conforme os mandamentos de Deus. Logo, compreendo que isso é bem melhor do que furtar ou ainda assaltar. Por exemplo, eu estou caminhando durante a noite, deparo-me com o brilho do fogo em sua casa e entro...Em seguida, você me mostra respeito, prepara o *samovar*... Eu devo apreciar este gesto. Está certo o que eu digo?

− Claro, − assenti, embora no fundo ele estivesse se dirigindo muito mais a si próprio, o vagabundo se convencia das vantagens de sua vida presente.

De fato, eu conheci Vassíli através de mexericos dos companheiros; ele era um vagabundo-colono, que há dois anos vivia em uma casa na taiga, na cabeceira de um lago, em um dos maiores povoados[117] iacutos. Naquele meio ocioso e perdido da vida dos

---

[116] Habitação típica dos camponeses russos, feita geralmente com madeira de pinheiro.

[117] A região da Iacutia divide-se administrativamente em *ókrugi*, correspondente aos nossos municípios. O *ókrug*, por sua vez, divide-se em ulucy e esse divide-se em *naslégui*. Se considerar o *uluc* tal como o nosso distrito, então o *naslég* será como uma parte do distrito, um povoado. Essas divisões possuem um caráter familiar, mas também de divisão administrativa. (N. do A.)

agricultores que passavam fome, que roubavam e ali assaltavam, ele era um dos poucos que optava por uma vida de trabalho, a mesma que aqui proporcionava as possibilidades de uma rápida ascensão. Em geral, o povo iacuto era muito bondoso e nos muitos distritos era costume prestar ajuda aos recém-chegados. Está certo que sem essa ajuda, um indivíduo que fosse lançado sob condições extremas e em terras desconhecidas, em muito pouco tempo poderia morrer de frio e de fome, ou acabaria optando pelos assaltos; é bem verdade também que o auxílio prestado em forma de ajuda "para um caminho" é o meio com que essa comunidade, o mais rápido possível, objetiva encaminhar o colono para alguma mina, porque de lá a grande maioria destes cidadãos incômodos não regressa. Contudo, do mesmo modo, eles auxiliam àquele que com seriedade aceita iniciar um trabalho. Vassíli recebeu deste povo uma casa, um boi e o grupo ainda plantou para ele no primeiro ano seis *pudi*[118] de pães. A colheita foi boa; além disso, ele começou a trabalhar para eles, cortando feno e comercializando o tabaco e, deste modo, em dois anos seus bens haviam prosperado. Ali ele era tratado com respeito. Na sua frente o chamavam de Vassíli Ivánovitch e apenas pelas costas o apelidavam de Vássika, os padres, quando saíam para as festas religiosas, visitavam com prazer a sua residência e o convidavam à mesa, quando ele passava por suas terras. Ele ainda possuía conhecidos em nossa comunidade, pessoas inteligentes[119], que pelo destino acabaram jogadas nestas terras distantes. Ao que tudo indicava, na vida do vagabundo o que faltava era unicamente um casamento, no entanto, era aí que residia o problema, porque normalmente vagabundos não se casam, todavia, neste lugar, por uma pequena quantia em dinheiro, uma vaca ou um bom bezerro, isso tudo poderia ser facilmente arranjado.

Não obstante, ao analisar o rosto enérgico do jovem, cada vez com mais facilidade eu distinguia algo estranho. Agora, o seu semblante me agradava um pouco menos do que no primeiro momento, porém era muito agradável. Com alguma frequência, seus olhos negros lançavam olhares pensativos e sábios, e todos os seus traços expressavam um vigor, ele possuía uma fala livre, distinguia-se em seu tom uma áurea de autoconfiança e uma natureza marcadamente orgulhosa. Apenas em determinados instantes, a parte inferior de seu rosto tremia nervosamente e o brilho do seu olhar se apagava. Estava claro que Baguylai empreendia um certo esforço para manter aquele tom suave, que quase evidenciava certa amargura, reprimida apenas por sua força interior...

De início, eu realmente não fazia ideia do que aquilo se tratava. Hoje, eu compreendo, o despretensioso vagabundo se enganava, afirmando que estava satisfeito com aquela vida

[118] Medida russa de pesagem, equivalente a 16,3 Kg.
[119] Uma referência aos presos políticos.

pacata, com sua residência, sua vaca, seu bezerro de três anos e com o respeito que todos lhe ofertavam. No fundo, ele sabia, embora fizesse o possível para reprimir, que aquela vida gris, em uma terra estranha, odiosa e hostil não era para ele. Em seu âmago, invocavam os chamados para a taiga, o seduzia a obscura empreitada, atraente e enganosa, que o levaria para mais longe dos dias cinzentos da vida cotidiana. E, de tal modo, eu arriscava explicar para mim mesmo aquele seu jeito, só que naquele instante eu tão somente observava o vagabundo, que apesar de aparentar tranquilidade, consumia-se em seu íntimo por algo capaz de explodir...

Enquanto me ocupava com o preparo do samovar, Vassíli estava sentado em frente a lareira, com uma expressão pensativa, na direção do lumaréu. Eu o chamei quando tudo ficou pronto.

− Obrigado, senhor, − disse ele, enquanto se levantava. – Eu ficaria encantado só com palavras afetuosas. Oh, senhor, senhor! – ele falou, de repente, tomado de emoção, – Você imagina, quando vi a sua luz, meu coração pareceu saltar dentro de mim, é verdade, não estou mentindo! Porque eu sei que na alma de um russo arde esta chama... Eu andei pelos prados...escuridão, frio... Encontrei uma *iurta* por onde saía uma fumaça, o meu cavalo queria seguir até lá, é evidente, o animal pertence aos iacutos. Bem, contudo o meu interior não respondia àquela direção. Eu não queria só uma *iurta*. É claro, eles me ofereceriam o fogo, talvez até um copo de vodka, Mas, não!... Eu vi o seu fogo e pensei, é para lá que eu devo ir, e ele me receberá. Obrigado por não me expulsar. Se um dia tiver ocasião de vir à nossa comunidade, você será muito bem-vindo à minha casa. Eu encontrarei algo para alimentá-lo, graças ao senhor! Vamos recebê-lo como se deve, de coração!

II

Tendo bebido o chá, Vassíli sentou-se, por mais uma vez, na frente da lareira. Ele ainda não podia se deitar, pois esperava até que a temperatura de seu animal baixasse, para só assim acomodá-lo no feno. O cavalo iacuto não é muito forte, porém é significativamente pouco exigente; ele pode ser carregado com manteiga e outros suprimentos por uma distante mineradora ou na taiga, onde residem os tungús[120], no remoto Utchur[121], percorrendo centenas de *verstas*, em lugares onde você nem pode imaginar conseguir um estoque de feno. Ao anoitecer, basta afastar a neve, acender uma fogueira e acorrentá-lo sobre a taiga selvagem, para que ele fique nas cercanias; o mesmo cavalo, que está acostumado, extrai

[120] Povo mongol da Sibéria Oriental.
[121] Utchur é um rio afluente do Aldán, que desemboca no Rio Lena (N. do A.)

por debaixo dos flocos de gelo a grama seca do ano anterior e, pela manhã, já está pronto para uma nova jornada exaustiva.

Ao mesmo tempo, eles possuem uma particularidade, não podem ser alimentados logo após uma viagem e antes de partir para outra jornada, ao ficar saciado, ele espera por um dia ou mais e, só então, pode partir novamente.

Vassíli teve que aguardá-lo por cerca de três horas. Eu também não quis me deitar e permanecemos sentados e trocando, vez em outra, algumas palavras. Vassíli, ou como já havia se acostumado a ser chamado, Baguylai, constantemente acrescentava mais lenha. Para ele, esta era a manifestação de um costume local, adquirido com o decorrer de longas noites sob o inverno iacuto.

− Está longe! – disse ele, de súbito, seguido de uma longa pausa silenciosa, como se estivesse respondendo aos próprios pensamentos.

− O que disse? – perguntei

− A nossa terra, a Rússia...Aqui nada é do nosso jeito, para onde quer que você olhe. Falemos acerca dos animais domésticos, um cavalo, por exemplo, os nossos, quando você chega de uma longa viagem, devem ser alimentados primeiro, mas os deles morrem se você os alimenta ainda quentes. Depois de sentir calor, o peito se converte em gelo e está acabado! Do mesmo jeito ocorre com a população que vive na floresta, que devora a carne de cavalo, a carniça, meu Deus, até isso eles comem...Urgh! Esse povo não tem vergonha, quando você tira o tabaco do seu bolso, dentro da *iurta*, todos os presentes esticam a mão para pedir: Dê!

− Bom, este é um costume deles, − contestei – por outro lado, eles também cedem. Afinal de contas, foram eles que te ajudaram quando você precisou e quando deu início à construção de sua propriedade.

− É verdade, eles me ajudaram.

− Você gosta de sua vida? – perguntei, olhando atentamente para o semblante do vagabundo.

Ele esboçou, de certo modo, um sorriso enigmático.

− É, a vida... – disse ele, ficando em silêncio e lançando mais lenha ao fogo.

As chamas iluminaram a sua face, mas não havia brilho em seus olhos.

− Ah, senhor, se eu lhe contasse!... Não vi em minha existência nada que fosse agradável e agora ainda não vejo. Só vi coisas boas até cumprir dezoito anos. Naquela época, a vida era prazerosa, até eu prestar atenção ao que os meus pais diziam. Parei de ouvir e a minha vida acabou. Desde então, eu acredito que não vivo mais neste mundo. É como se... Estivesse lutando em vão.

Pelo seu semblante encarnado era como se corressem sombras, do seu lábio inferior distinguiam-se tremores nervosos, como os de uma criança, parecia que ele havia regredido aos tempos de infância, quando "ouvia os seus pais" e era como se ele voltasse a ser um menino, só que este menino estava a ponto de desatar em lágrimas, diante da própria desgraça da vida!

Notando que eu o observava de um jeito perscrutador, ele caiu em si e sacudiu a cabeça.

– Pois bem, fazer o quê? ...Você não gostaria de ouvir como nós conseguimos escapar da ilha do Falcão?

Eu, com toda a certeza, consenti e durante todo o anoitecer, até a aurora, ouvi as narrativas do vagabundo.

III

Em uma noite de verão, no ano de 187*, o barco à vapor "Níjni Nóvgorod" navegava pelas águas do mar do Japão, deixando para trás, sob o céu azul, um rastro de fumaça negra. A costa montanhosa da província Primorski[122] já podia ser observada pelo lado esquerdo; à direita, ondas do Estreito La Pérouse[123] fluíam até uma distância infindável. Ele mantinha seu curso para Sacalina, entretanto, a costa rochosa daquela ínsula selvagem ainda não era visível.

No barco à vapor, reinava apenas o silêncio e uma calmaria. Sob o luar fulgurante, notávamos na cabine a presença dos imediatos e oficiais, que estavam de plantão. As luzes das escotilhas oscilavam, refletindo-se na superfície abrumada do oceano.

O "Níjni Nóvgorod" navegava com uma "carga de prisioneiros", designados para aportar na ilha. Os regulamentos marítimos eram, de um modo geral, muito rígidos, com uma carga tão específica como aquela, eles se tornavam ainda mais rigorosos. Durante o dia, os presos passeavam pelo convés em turnos, rodeados por uma vigilância ostensiva. Nas demais horas, eles ficavam dentro de seus aposentos, na parte de baixo.

Havia uma gigantesca cela no compartimento inferior, com um telhado pendente... A claridade penetrava através de pequenas escotilhas, que se destacavam sob um fundo escuro, semelhantes a duas fileiras de botões claros, que pareciam cada vez menores e esvaneciam nas curvas do casco. No meio do porão, havia um espaço similar a um corredor, colunas de ferro fundido e uma grade de ferro o dividiam da área com beliches para os detentos. Os

[122] Trata-se de uma província marítima localizada no território russo.
[123] Este estreite divide a parte sul da ilha russa de Sacalina, do norte da ilha japonesa de Hokkaido.

guardas de plantão, apoiados em seus rifles, faziam a ronda no local. Ao anoitecer, uma linha de lâmpadas iluminava tristemente o ambiente.

O dia-a-dia atrás da grade dos passageiros cinzentos transcorria à vista de todos. O mar podia ser iluminado pelo brilhoso sol tropical, podia soprar o vento, podia dobrar e ressoar a estrutura da engrenagem ou fazer mal tempo, uma terrível tempestade podia fazer a embarcação inteira gemer, recebendo golpes da tormenta, ali, ainda trancadas, centenas de pessoas até escutavam o uivar do vento, contudo elas nem sequer se importavam com o que ocorria lá em cima e para onde as levaria a sua prisão flutuante.

O vapor possuía muito mais presidiários do que autoridades prisionais, mas em compensação, cada passo ou movimento qualquer da aglomeração gris era conduzido com pulso firme, em um alinhado canal de ferro e, assim, os tripulantes tinham garantida a sua segurança contra qualquer possibilidade de motim.

No entanto, naquele lugar considerava-se até o impraticável: se um animal feroz[124] penetrasse na multidão e a mesma multidão, em seu desespero, atacasse o perigo latente, se os disparos através das grades não surtissem efeito e o mesmo animal ameaçasse romper as grades de ferro, neste caso, estaria nas mãos do próprio comandante uma poderosa ferramenta restante. Ele somente precisaria gritar, na direção da sala de máquinas, algumas poucas e decisivas palavras:

"A alavanca tal... puxe!"

"Positivo!" – após esta resposta, seria lançado ao ambiente reservado aos detentos jatos de vapor quente, semelhantes a uma fenda com baratas. Esta ferramenta aterrorizante objetivava conter qualquer possibilidade de desordem generalizada que partisse do povo cinzento que vivia no porão do barco à vapor.

Não obstante e diante da tensão do rigoroso tratamento dispensado, eles tentavam viver uma rotina atrás das grades de ferro. E, naquela noite, enquanto a embarcação batia as suas rodas[125] sobre o mar calmo, com a sua luminosidade nas profundezas escuras, os guardas cochilavam nos corredores do porão, inclinados sobre os seus rifles; as luzes suavemente piscavam, por conta das batidas da máquina que nunca dormia, difundindo sempre um brilho opaco que percorria o corredor e atravessava as grades de ferro...enquanto que nos beliches repousavam em fileiras as figuras cinéreas, imóveis e adormecidos, ali mesmo, atrás daquelas grades, deflagrava-se um silencioso drama. A sociedade cinzenta em grilhões incumbia-se da execução de seus renegados.

---

[124] Referência a um possível prisioneiro que ousasse se rebelar na prisão do barco.

[125] No vapor, as rodas de água ou rodas de pás funcionam como mecanismos de propulsão.

Na manhã seguinte, no momento da chamada, três cativos não se levantaram dos seus lugares. Eles permaneceram deitados sobre os beliches, mesmo diante dos gritos ameaçadores das autoridades prisionais. Quando as últimas cruzaram as grades e ergueram os roupões que eles se cobriam, logo concluíram que aqueles três homens nunca mais se levantariam.

Em qualquer comando criminoso, todos os importantes assuntos são resolvidos pelo núcleo influente e consolidado. Para a massa plúmbea, na linguagem dos presos "shpanka", multidão sem personalidade, semelhantes incidentes também ocorriam de forma completamente inesperada. Abatidos pela tragédia noturna, a população do porão do barco à vapor ficou calada; sob o baixo teto estabeleceu-se um tenebroso silêncio. Ouvia-se apenas o marulhar do oceano do lado de fora, correndo com fragor pela linha da água, que se quebrava em ondas no casco, e os pesados estrondos da máquina ressoavam juntamente com os surdos e cadentes golpes dos pistões.

Entretanto, logo iniciaram-se cochichos e conversas entre os presos acerca das consequências do "incidente". As autoridades não queriam, obviamente, abafar um assunto de natureza tão desagradável, atribuindo às mortes alguma casualidade ou doença súbita. Os indícios de violência eram claros e, diante disso, iniciaram-se os interrogató-rios. As respostas eram unânimes, provavelmente, em outras ocasiões eles não teriam dificuldade em encontrar alguns prisioneiros, cujo medo ou promessas de benefícios pudessem persuadi-los a denunciar o culpado, só que agora, além do sentimento de "camaradagem", as línguas estavam paralisadas diante do terror. Não importava quão ameaçadores fossem os guardas, nem quão assustadores fossem seus gritos, o "comando" era mais aterrorizante: naquela noite, lá nos beliches e à vista dos vigias, ele mostrou o seu terrível poder. Sem sombra de dúvidas, muitos não dormiram naquela ocasião; nem sequer um ouvido sensível conseguiu apreender os ruídos da luta "sob a tampa[126]", o barulho e os gemidos gerados não foram, certamente, similares ao suspiro dos que dormiam, porém ninguém delatou, nem sequer uma palavra foi dita. Os vigilantes não tiveram outra saída, senão culpar os responsáveis oficiais: o chefão e o seu ajudante. No mesmo dia, ambos foram acorrentados.

O ajudante em questão era Vassíli, até então, ele possuía outro nome.

Após dois dias, o debate acerca deste episódio prosseguiu com plena meticulosida-de. À primeira vista, parecia que o final da história havia sido omitido e os culpados não poderiam ser descobertos, e caberia aos representantes acorrentados do comando apenas

[126] "Fazer a tampa" – em meio aos jargões dos presos, havia o termo "tampa", que significava assassinar alguém dentro da prisão. Neste caso, era comum cobrirem a cabeça das vítimas com roupões, de modo que os gemidos fossem sufocados. Este seria, portanto, o sentido do uso do termo "tampa". (N. do A.)

uma punição disciplinar. Para todas as perguntas, eles se utilizavam de uma resposta direta e razoável: "Estávamos dormindo"!

Contudo, um exame mais detalhado do caso passou a suscitar alguns questionamentos. E esses acabaram levando a Vassíli. Para dizer a verdade, em situações como essa, o comando procede da mesma forma, para que assim os "primeiros responsáveis" pareçam intocáveis aos olhos de todos e, diante disso, Vassíli poderia muito bem provar que não havia assumido na tragédia noturna nenhum envolvimento direto. Todavia, os presidiários veteranos, que já haviam passado por tudo na vida[127], meneavam a cabeça, discutindo a situação do ajudante do chefão.

"Escute aqui, rapaz, − um experiente vagabundo aproximou-se, certa vez, de Vassíli, − depois de chegar à ilha do Falcão, "pernas para que te quero". Tua vida, irmão, está acabada. O teu caso está todo *tabak*[128]!"

"E por que isso?"

"É por isso!... É a primeira ou a segunda vez em que é condenado? "

"É a segunda vez"

"Aí é que está. Você se recorda quem o falecido Fiedka denunciava? Você. É por isso, graças a ele você teve que passar uma semana algemado, não é mesmo? "

"Foi isso mesmo. "

"Bem, e o que você disse a ele, então? Os soldados ouviram tudo! O que você acha disso? Afinal, você o ameaçou! "

Vassíli e os demais ouvintes compreenderam que ali havia o que se pensar.

"É isso! Você deverá refletir sobre tudo e se prepare para ser fuzilado!"

O grupo iniciou uma sequência ascendente de burburinhos.

"Deixe de besteira, Buran", − disseram os presidiários, incomodados.

"O velho está falando asneiras".

"Ele está senil, acho que está perdendo a razão. Está louco de dizer: se prepare para ser fuzilado! "

"Eu não enlouqueci, − disse o ancião com raiva, cuspindo em sinal de desprezo. – Vocês, *shpanió*[129], não sabem de nada! Vocês julgam no jeito russo e eu julgo como os nativos. Eu conheço bem as regras deste lugar... Estou te falando, Vassíli, o caso será enviado para o governador da província de Amur, te prepare para ser fuzilado. E se o grande

---

[127] É uma referência à expressão "*proiti ogon i vodu i miedyie trubyi*", a metáfora russa assume o sentido de sobreviver a todas as situações possíveis, sejam elas boas ou ruins.

[128] A expressão coloquial "dielo tabak" significa estar em má situação; sem esperanças; quando as coisas estão ruins.

[129] Forma depreciativa de apelido, originário da palavra "shpanka" (citada anteriormente). (N. do A.).

misericordioso ordenar que você seja deitado na *kobyla*[130], será ainda pior, com a *kobyla* você não poderá mais se levantar. Porque você entende: isso, irmão, é um barco! Em um barco, as leis são aplicadas com o dobro de severidade em relação às faltas cometidas em terra. Bem, de qualquer modo − o vetusto acrescentou baixinho, já quase sem fôlego diante de um discurso tão longo, − para mim, tanto faz, todos podem apodrecer juntos...”

Os olhos apagados do experiente vagabundo, combalido e com a vida devastada, há tempos que olhavam para o mundo com pesar e indiferença. Ele gesticulou com as mãos e posicionou-se ao lado.

Dentre a multidão de detentos, encontravam-se muitos juristas e se tal grupo, mediante todos os seus integrantes, após o debate do fato em questão propusesse uma sentença, essa quase sempre coincidiria com a realidade. No caso, todos os tais juristas concordaram com a fala de Buran e, a partir daí, ficou decidido que Vassíli deveria escapar. Como ele foi incumbido de sofrer com a “questão do comando”, então o próprio comando de carcerários sentiu-se obrigado a prestar-lhe ajuda. Um estoque de pão seco e biscoitos, racionado da “economia”, foi colocado à disposição de Vassíli, e ele começou a “formar um comando” dos que aspiravam participar da fuga.

O avelhentado Buran já havia fugido uma vez de Sacalina e, por essa razão, foi a primeira opção. Ele não pensou por muito tempo.

“Eu, − respondeu − deveria mesmo morrer na taiga. Que assim seja, talvez isso seja o melhor para um vagabundo. Só uma coisa: eu já não tenho os mesmos anos, estou bem gasto[131].”

O envelhecido vagabundo pestanejou com os seus olhos apagados.

“Está certo, forme um comando. Com duas ou três pessoas apenas, não há como ir, pois o caminho é difícil. Se você conseguir dez pessoas, já está bom. E eu irei até quando as pernas aguentarem. Espero morrer em um outro lugar, e não nesta ilha”.

Buran começou a pestanejar os olhos ainda mais depressa e, sobre o seu rosto enrugado e ressecado pelo vento, lágrimas senis começaram a correr.

“O velho vagabundo está fraco, − refletiu Vassíli e foi, em seguida, buscar outros companheiros para a empreitada.

IV

[130] Denominavam “kobyla” o assento, de aparência bem peculiar, no qual os prisioneiros eram amarrados para receberem medidas disciplinares, tais como as chicotadas (N. do A.)

[131] É preciso ressaltar que Buran é uma personagem que se utiliza de um discurso muito informal e rude. De modo a aproximar do original em russo, seus diálogos serão sempre simplificados.

Contornando o grande promontório, o barco à vapor entrou na baía. Os prisioneiros amontoaram-se junto às escotilhas e, com uma inquietante curiosidade, observaram a gigantesca costa montanhosa da ilha, que parecia aumentar com a aproximação da noite.

Cercada pela bruma noturna, a embarcação acercou-se do porto. O contorno da margem soergueu-se como uma massa enegrecida. O vapor atracou e a tripulação foi alinhada; os presos começaram a desembarcar.

Na penumbra da encosta, distinguiam-se alguns pontos luminosos em determinadas áreas; o mar chocava-se contra a borda litorânea e nuvens ainda estavam suspensas no céu; no interior de cada um dos presos residia aquela mesma obscuridade, a mesma tristeza iminente.

"Este é um porto, − disse Buran, em voz baixa − o Duia[132], como é chamado. Pela primeira vez, seremos obrigados a viver aqui, nestes pavilhões".

Feita a vistoria, em presença das autoridades locais, uma parte do grupo foi desembarcada. Por um instante inédito, após passarem alguns meses no mar, os prisioneiros sentiam sob os seus pés um chão sólido. O barco à vapor, no qual eles viveram por tão longo tempo, balançava na escuridão e suspirava, em meio às nuvens noturnas de névoa branca.

À frente, os tais pontos luminosos executaram movimentos. Podiam-se distinguir os sons de várias vozes:

"É um grupo? "

"Isso mesmo. "

"Traga-o ao sétimo pavilhão! "

Os cativos seguiram o clarão. Eles caminhavam de modo desordenado, caótico, e todos ficaram surpresos com o fato de que ninguém os empurrava do lado de fora a coronhadas.

"Irmãos, − ouviu-se uma voz surpresa, − não há nenhuma escolta conosco?

"Calado! – grunhiu sombriamente Buran, em resposta a ele – Por que você precisaria de uma escolta aqui? Te asseguro de que mesmo sem escolta, você não escaparia. Esta ilha é enorme e selvagem. Para qualquer lado que fosse, morreria de fome. E ao redor há unicamente o oceano. Você não está ouvindo, não é?

De fato, a ventania parecia aumentar naquela noite úmida; as luzes piscavam de forma irregular, sob a força do vento e do surdo balbuciar marinho soprando pela costa, como o rugido do despertar da besta.

[132] O porto Due, está localizado à oeste da ilha de Sacalina (N. do A.).

“Está ouvindo, como uiva? – disse Buran, dirigindo-se a Vassíli – Veja só, ao redor há simplesmente água, e no meio a desgraça...Com toda a certeza, você terá que atravessar estas águas, e ainda marchar pela ilha até o ponto de cruzamento, imagine o quanto você terá que caminhar... Pelas montanhas, pela taiga, pelos cordões fronteiriços!... Olha, já estou passando mal; o oceano está dizendo algo ruim, algo terrível. Acho que eu não poderei fugir. Não fugirei da ilha do Falcão, estou velho! Por duas vezes eu fugi; na primeira vez, em Blagovíschenske[133]; na segunda vez, capturaram-me na Rússia e, mais uma vez, estou aqui...Está claro, o meu destino é morrer na ilha.”

“Talvez, não morra! − disse Vassíli, encorajando-o”.

“Você é jovem, mas eu já estou gasto. Olhe só, a agitação furiosa do mar! ”

No pavilhão número 7, todos os condenados que nele residiam foram retirados e os recém-chegados conduzidos até ele, os vigias foram designados apenas por um período. Acostumados ao cativeiro prisional e aos fortes cadeados, seguramente eles se dispersariam pela ilha, como ovelhas ao serem soltas do aprisco. Os demais prisioneiros, que ali residiam há mais tempo, não estavam trancafiados, familiarizando-se com as condições impostas, eles se convenciam de que a fuga seria algo extremamente arriscado, quase uma sentença de morte e, por essa razão, só os mais audaciosos optavam por essa saída extrema e impetuosa, e isso após uma série de meticulosos preparativos. Entretanto, tais indivíduos, trancafiados ou não, acabavam escapando, se não da prisão, então do trabalho.

“Pois bem, Buran, dê um conselho agora, − disse Vassíli, importunando-o três dias desde a chegada à ilha − você será o nosso ancião, é você quem sempre estará à frente, é você quem dará as ordens. Pense, porque você deverá reunir as provisões.”

“O que vou aconselhar? – respondeu de um modo vagaroso o fugitivo veterano – É difícil...já não tenho aquela idade. Veja bem, passados mais três dias, os guardas serão retirados e, em seguida, diferentes grupos serão destinados a diferentes postos de trabalho, mesmo assim, você poderá sair do pavilhão. Só que eles não vão deixar que saia levando consigo uma bolsa. Aí é que você deve pensar. ”

“Invente, Buránushka[134], você é quem sabe melhor”.

No entanto, ele andava cabisbaixo, calado e esquálido. Não conversava com ninguém e somente balbuciava algo para si. A cada dia, parecia que o experiente vagabundo, que já estava preso pela terceira vez naquele lugar, ficava cada vez mais e mais “abatido”. Enquanto isso, Vassíli já havia escolhido dez voluntários “dos bons” e a todo instante

[133] Cidade e centro administrativo da província de Amur.
[134] Diminutivo de Buran.

importunava Buran, tentando dissuadi-lo a acordar e partir para a ação. Às vezes, era como se todo aquele esforço parecesse dar certo, não obstante, no final, o velho sempre acabava esvaziando o seu discurso com a mesma questão relativa à dificuldade imposta pelo caminho e os maus presságios.

"A ilha não deixa eu fugir[135]! " Esta era a sua máxima constante, que acabava resultando em desespero e na certeza do fracasso do vagabundo. Porém, nos poucos instantes de alegria, ele parecia se animar com as lembranças das tentativas anteriores e, de um modo geral, principalmente à noite, quando se deitava sobre o beliche ao lado de Vassíli, narrava para ele suas histórias sobre Sacalina e o caminho que os fugitivos teriam que percorrer.

"O porto Due está localizado na parte oeste da ilha, na direção da costa asiática. O estreito do Tartar possui nesta região em torno de trezentas *verstas* de extensão; para atravessar, a bordo de uma pequena embarcação, nem pensar, e é por isso que os fugazes deverão partir por um outro sentido. Escapar não é difícil. Você pode ir para onde quiser, − disse Buran − se quiser morrer, a ilha é grande, tudo é montanha e taiga. O forasteiro guiliak[136], mesmo acostumado com a sua terra natal, não sobrevive nestes lados. Se optar por avançar na direção leste, ficará perdido nos rochedos, ou vai acabar morto, os pássaros famintos bicarão você ou, até mesmo, pode acontecer o inverso, você mesmo voltará para cá. Se caminhar para o sul, alcançará a parte extrema da ilha, onde encontrará o mar-oceano, só conseguirá cruzar com um barco. Resta apenas uma única passagem, ao norte, devemos todos seguir a margem da costa. O próprio mar indicará o caminho. Após marcharmos por trezentas *verstas*, sairemos em um estreitamento; lá cruzaremos com um bote para o lado de Amur. "

"Bom, só que vou te falar, cara, − e Buran começou o seu costumeiro discurso melancólico, − e aqui será difícil, porque vamos passar pelos cordões fronteiriços e há soldados por ali. O primeiro cordão denomina-se Várki, o penúltimo Pángui e o último é a própria Poguíba[137]. E por que Poguíba? Pois lá, quase todos os nossos irmãos morreram. Eles foram dispostos de um jeito esperto, onde houver uma curva bem estreita, ali mesmo terá um cordão. Você anda, anda e, de repente, encontra um bem de frente. Deus que te livre! "

"Mas, você já foi por duas vezes, deve saber, não? "

---

[135] Novamente, uma ênfase no discurso despojado e inculto da personagem.
[136] Guiliak, povo que habitava a parte norte da ilha de Sacalina.
[137] O que em russo remete ao verbo "poguibnút", que significa morrer.

“Eu fui, cara, fui...− e os olhos apagados do velho brilharam novamente – Bom, escutem e façam tudo exatamente como eu estou mandando. Logo, terão início as obras do moinho e serão recrutadas pessoas, todos vocês deverão se colocar na fila; e, desta maneira, eles reunirão as provisões, só que vocês esconderão dentro da *telega* os seus próprios pães secos e biscoitos. No moinho, quem manda é o Petrukha, ele é um dos nossos. Ele prestará ajuda por lá. Três dias e ninguém irá procurá-los, estas são as ordens por aqui: por três dias vocês podem não comparecer à chamada e nada irá acontecer. O médico os protegerá do castigo, porque ele dirá que o hospital é muito ruim; será mais aconselhável àquele que adoecer no trabalho permanecer nos arbustos e aguardar uma melhora, do que ir até o hospital, no ar fresco é melhor. Bem, mas se no quarto dia você não se apresentar, então eles consideram que você fugiu. E mesmo que você apareça depois, de qualquer jeito, quando chegar, vai direto para a *kobyla*”.

“Por que para a *kobyla*? – questionou Vassíli – Se Deus quiser, não voltamos por vontade própria.

“E não volte, − resmungou surdamente Buran e, por mais uma vez, os seus olhos se apagaram − não volte, visto que ainda assim já corre o risco de acabar devorado por corvos em algum ponto do desfiladeiro, na altura do cordão fronteiriço. Porque no cordão, acredite em mim, ninguém vai se preocupar com a gente; eles não vão querer levá-lo de volta pelas centenas de *verstas*. Onde quer que eles coloquem os olhos sobre você, ali mesmo o matarão com a arma, e fim de papo. ”

“Não grasne, corvo velho!... Veja, amanhã nós partiremos. Fale para Bobróv o que você quiser, pois o comando vai conseguir. ”

O ancião resmungou algo em resposta e partiu, curvando a cabeça, contudo, Vassíli caminhou na direção de seus companheiros, para lhes dizer que todos deveriam se preparar. De sua função de ajudante do chefão ele já havia se demitido antes e havia outro escolhido em seu lugar. Os fugitivos fizeram as bolsas, trocaram as melhores roupas e sapatos e, no dia seguinte, quando começaram a solicitar trabalhadores para o moinho, eles se posicionaram na fila para serem convocados. No mesmo dia da construção, todos partiram para a mata. Somente Buran não se juntou a eles.

Um ótimo grupo foi reunido. Um amigo de Vassíli seguiu com ele, “na vida de vagabundo” chamava-se Volódka, o Makárov, fortão e valentão, já havia escapado por duas vezes de Kara[138], dois circassianos, um povo decidido e insubstituível no que toca a lealdade com os amigos, e também um tártaro, patife e desonesto, porém engenhoso e extremamente

[138] No extremo norte da Rússia há, de fato, o Estreito de Kara.

ágil. O restante do grupo era igualmente composto de vagabundos, experientíssimos nas viagens pela Sibéria.

O comando ficou nos arbustos por um dia, pernoitou e, no dia seguinte, quando o sol se pôs, Buran ainda não havia se juntado a eles. Decidiram enviar o tártaro de volta ao pavilhão prisional; ao chegar, de modo sorrateiro, ele chamou o velho prisioneiro Bobróv, amigo de Vassíli, que possuía certa influência e autoridade entre os demais presos. Na manhã seguinte, esse detento veterano chegou à mata para visitar os fugitivos.

"Irmãos, como posso ajudá-los? "

"Mande imediatamente Buran vir para cá. Sem ele, não seguiremos viagem. Se ele pedir provisões, dê. Só estamos aguardando por Buran."

Bobróv regressou ao pavilhão prisional, todavia, o velho nem pensava em fazer a bolsa. Andava pela cela e falava consigo mesmo, agitando as mãos.

"O que você pensa que está fazendo, Buran? " – questionou-lhe Bobróv.

"O que você quer? "

"Como assim? Por que você ainda não está pronto? "

"Já é hora de me preparar para a cova! "

Bobróv, por consequência, enfureceu-se.

"Que papo é esse! Pois o grupo te espera há quatro dias nos arbustos. Agora, só lhes resta uma saída, deitar na *kobyla*... E você ainda se chama vagabundo! "

O vetusto, subjugado, começou a chorar.

"Meu tempo acabou...a ilha não deixa eu fugir...Estou gasto! ... "

"Estando gasto ou não, você não decide nada. Se você não conseguir chegar, vai morrer no caminho, por isso ninguém irá julgá-lo; contudo, se você conduziu onze pessoas sob chicotadas, neste caso, você tem obrigação de ir. Bom, eu posso contar para o comando, já imaginou o que eles farão com você? "

"Eu sei, − disse Buran, em tom melancólico − eles farão a "tampa", porque eu não quero ir... Um vagabundo experiente não deve morrer deste jeito. Nesse caso, eu acho que devo partir. Entretanto, eu não juntei provisões, não tenho nada. "

"Eu consigo tudo rápido. O que você precisa? "

"Olhe, preciso que primeiro me traga doze bons roupões novos".

"Sim, mas o pessoal possui roupões".

"Ouça bem o que eu te digo, − disse o ancião irado − eu sei que eles possuem um roupão, só que serão precisos dois. Cada um deles terá que pagar um aos guiliaks. Além disso, preciso de doze boas facas de três quartos, dois machados e três tachos."

Bobróv reuniu o comando e explicou o que estava acontecendo. Todos que possuíam consigo roupões extras deram aos fugitivos. Qualquer prisioneiro possui um instinto de compaixão à valente tentação de sair daquelas paredes cerradas, rumo à liberdade. Os tachos e as facas foram adquiridos, uma parte de graça, outra parte através do dinheiro dos prisioneiros veteranos. Em aproximadamente dois dias, tudo estava pronto.

Desde a chegada do grupo à ilha, treze dias haviam se passado.

Na manhã seguinte, o influente detento guiou Buran até a mata com as provisões. Os fugitivos "formaram-se para orar" e realizaram algo semelhante a uma oração, sobre esse episódio, em especial, seguindo um regulamento dos presos, em seguida, despediram-se de Bobróv e partiram para o caminho.

V

− Bom, o começo da jornada foi animado, correto? – perguntei, ao distinguir que a voz do narrador tornava-se mais vigorosa e ao notar que ele parecia excitado naquele ponto específico de sua narrativa.

− Não tinha como não ser animado! Conforme saímos da mata, a mãe taiga parecia sussurrar para nós; acredite, parecia que nós estávamos renascendo. É por este motivo que ficamos tão felizes. Tão somente Buran caminhava à frente, com a cabeça baixa, murmurando algo para si. O ancião já havia começado a viagem com tristeza. Parecia que o seu coração pressentia que não iria longe.

À primeira vista, nos demos conta de que não daria para contar com o capitão. Embora ele fosse um vagabundo experiente e já houvesse escapado por duas vezes da ilha do Falcão; podia-se constatar que ele conhecia o caminho, pois andava de um modo desconfiado, nem sequer olhava para os lados, como um cachorro seguindo os rastros, entretanto, Volodka e eu duvidávamos dele.

"Veja, − disse-me Volodka − com Buran parece que não há como fugir dos problemas. Olhe, ele está fora de si."

"Ora, o que ele tem? " – disse.

"Bom, o fato é que o velho parece não estar raciocinando direito. Ele fala consigo mesmo, balança a cabeça e não dá nenhuma ordem. Nós deveríamos há muito tempo dar uma pequena parada e, no entanto, veja bem, ele está marchando sem parar. Ele não está bem, é verdade! "

Eu também notei que havia algo errado. Acercamo-nos de Buran e o chamamos:

“Tio, − dissemos, − tio! Para onde está seguindo? Não seria a hora de dar uma pausa, talvez deitar um pouco e relaxar? ”

Ele virou em nossa direção, lançou um olhar e, outra vez, seguiu em frente.

“Espere, − disse ele −, por que vocês estão com tanta pressa para deitar? Lá no Várki ou, provavelmente, no Poguiba serão baleados e se deitarão de vez. ”

“Oh, dane-se você! ” Todavia, não estávamos dispostos a discutir, porque ele era um vagabundo veterano. Ademais, nos demos conta de que estávamos dizendo asneiras, já que no primeiro dia devíamos, de fato, caminhar mais, porque ali não daria para descansar.

Passada certa distância, Volodka novamente me cutucou:

“Ouça, Vassíli, eu continuo achando que há algo errado! ”

“De novo, o que foi? ”

“Disseram que até o Várki percorreríamos vinte *verstas*; bem, já percorremos dezoito. Cuidado, uma vez que logo vamos nos deparar com o cordão.”

“Buran, ei, Buran! ...Tio! ” – gritamos novamente.

“O que vocês querem? ”

“ O Várki já deve estar próximo”.

“Ainda está longe”, − ele respondeu e continuou andando.

Algo muito ruim poderia acontecer, mas para nossa sorte, vimos no rio uma canoa atracada. Tão logo a canoa foi avistada, todos se detiveram. Makar segurou Buran à força. Nós presumimos que se a canoa estava ancorada, então seus ocupantes estariam por perto. – Pare, pessoal, todos para os arbustos!

E foi assim que seguimos pela taiga, naquela ocasião, caminhamos por um desfiladeiro, junto a um rio; dos dois lados haviam montanhas cobertas por árvores frondosas. Desde a primavera, uma neblina quente havia se desenvolvido na ilha do Falcão e, naquele dia, logo cedo, ela já estava presente. Conforme subimos a elevação, percorremos um pequeno trecho, já no cume, um vento começou a soprar por debaixo e a névoa, como que de modo proposital, seguiu toda para o mar. Vimos, de repente, o cordão fronteiriço, logo abaixo do morro, como se estivesse na palma da mão, os soldados caminhavam pelo pátio, os cachorros permaneciam deitados e dormindo. Todos nós estávamos ofegantes: por pouco quase seguimos de forma voluntária para a boca do lobo.

“E aí, – dissemos – tio Buran. Pois este é o cordão”.

“Cordão, respondeu Buran. É o próprio Várki”.

“Está certo, − dissemos a ele − você, tio, não fique zangado, embora você seja o mais experiente de todos nós, compreendemos, no entanto, que cada um deveria cuidar de si. Com você na liderança, estamos em apuros. ”

O ancião pôs-se a chorar.

“Irmãos! – disse ele, − eu estou velho, perdoem-me, pelo amor de Cristo. Estou andando há quarenta anos, estou cansado, acho que minha memória às vezes falha: de algumas coisas eu recordo, outras não. Não me julguem! Agora, devemos deixar este lugar o mais rápido possível, que Deus nos permita, já que alguém pode passar recolhendo bagas, ou o vento levará o nosso cheiro de vagabundos até os narizes dos cachorros, o que será um problema. ”

Nós seguimos em frente. No caminho, após uma debate entre nós, decidimos vigiar Buran. Eu fui eleito pelo grupo como o guia e, por conseguinte, fiquei incumbido de ordenar as paradas e dar as instruções; mas, em todo o caso, o veterano deveria seguir na frente, visto que somente ele conhecia o trajeto em que não nos perderíamos. As pernas dos vagabundos estão acostumadas, ele podia estar morrendo, contudo, as pernas ainda estavam vivas, caminhava de um modo cambaleante, de uma perna para a outra. E, daquele jeito, ele não parou de caminhar até a morte.

Marchamos quase o tempo todo pelas montanhas; ainda que fosse difícil, nos sentíamos seguros, ali nós ouvíamos apenas os ruídos típicos da taiga, além do riacho correndo e das pedras repicando. O morador guiliak reside nos vales, ao lado do rio e do mar, pois ele sobrevive do peixe, que entra no curso de água através do oceano, esse mesmo peixe é chamado de *kyta*[139]. Para aqueles lados havia, de forma até surpreendente, muitos deles. Quem nunca viu, terá dificuldade em acreditar: nós mesmos já tivemos, certa vez, a oportunidade de capturá-los com as mãos.

E, portanto, avançávamos sempre com muita cautela. Nos lugares menos arriscados, descíamos para o mar ou para o rio, porém, se ficássemos um pouco receosos, subíamos prontamente a elevação. Nós contornávamos os cordões com prudência, no entanto, eles estavam dispostos de diferentes maneiras: alguns possuíam uma extensão de vinte *verstas*, outros de até cinquenta. Logo, aquilo era algo que você não podia prever, de jeito nenhum. Bom, ainda assim, Deus nos ajudou, circundamos todos os cordões com sucesso, até o último...

VI

[139] Os russos denominam este peixe de Kietá (кета), muito famoso pelo seu uso no caviar. Ao modo guiliak, ele é chamado no conto de kyta (кыта).

O narrador franziu o cenho e ficou em silêncio. Após um instante, levantou-se de seu lugar.

− E depois, o que aconteceu? – perguntei.

− O cavalo que está aqui... Eu acho que já secou. Talvez, já seja a hora de desatrelar as correias.

Nós saímos em direção ao pátio. O frio havia diminuído e a névoa se dissipado. O vagabundo dirigiu o olhar para o céu.

− As Plêiades[140] estão bem no alto agora, − disse ele. – Já é mais de meia-noite.

Agora, já era possível distinguir claramente as *iurtas* do assentamento vizinho, uma vez que não havia a interferência da neblina. O assentamento já estava dormindo. O ar, envolto por feixes brancos de fumaça, parecia silencioso e sonolento; com alguma frequência, víamos tão somente alguma chaminé deixar escapar algumas faíscas, que saltavam de uma forma frenética, sob aquela friagem. Os iacutos mantêm o fogo durante toda a noite, sem parar para descansar, através de suas curtas chaminés descobertas, o calor rapidamente se dissipa e, diante disso, o primeiro a acordar com a *iurta* fria, já começa a inserir lenha fresca.

O vagabundo permaneceu em pé por um instante, calado, observando a aldeia. Em seguida, suspirou:

− Aqui está, igualzinha à da minha aldeia! Há tempos que eu não via uma aldeia de verdade. Os iacutos vivem em povoados, como animais em florestas, todos são solitários... Ah, eu deveria me mudar para cá. Quem sabe eu pudesse sobreviver por aqui.

− Bem, mas você não vive em um povoado? Pois você até possui terra e posses. E, além disso, você disse que está satisfeito com a sua posição.

O vagabundo não respondeu de imediato.

− Eu não aguento mais, esta é a questão! Eu não consigo nem olhar mais para este lugar.

Ele se aproximou do cavalo, apalpou a sua juba e acariciou o seu pescoço. O sábio animal virou a cabeça em sua direção e começou a relinchar.

− Bom, está bem, está bem! – disse gentilmente Vassíli – Vou deixá-lo livre. Veja, Sierko, amanhã você terá que se comportar!... Amanhã permitirei que você siga com os tártaros. Ele é um bom cavalo, eu o explorei muito, agora ele pode competir com qualquer corcel. Vento!

[140] Constelação de Touro.

Ele retirou o cabresto e o cavalo seguiu trotando alegremente, em direção ao feno. Já nós, regressamos à *isbá*.

O semblante de Vassíli mantinha uma expressão grave. Era como se ele não recordasse ou não quisesse prosseguir com a narração de sua história. Eu tratei de lembrá-lo que estava aguardando pela continuação.

− E para que contar? − disse ele, com um visível mau humor − Não sei, ao certo, o que dizer...A nossa viagem não procedeu bem. Apesar disso, se eu comecei, devo terminar...

... Já estávamos há doze dias caminhando, porém, ainda não havíamos saído da ilha do Falcão e, com efeito, devíamos ter cruzado para o lado de Amur no oitavo dia. Isso porque todos nós estávamos com medo, não confiávamos no nosso comandante. Em algumas superfícies planas deveríamos apressar os passos, só que nós caminhávamos sobre as montanhas, atravessando barrancos, andando pelas pedras, na taiga, repleta de troncos e galhos caídos... E, de tal modo, as nossas provisões já estavam acabando, tudo havia sido reservado para o período de doze dias. De início, reduzimos a quantidade; distribuíamos pequenas porções de pães secos, até cada um se tornar responsável pela própria barriga e, como você deve saber, na taiga há muitas bagas. Com sorte, conseguimos chegar a uma foz, que chamamos de estuário. Ela era salgada, todavia, nas temporadas vinha água doce de Amur. Bem, seria oportuno encontrar naquele lugar um bote, para a travessia na direção de Amur.

Começamos a raciocinar e conjecturar, onde conseguiríamos um bote? Dissemos para Buran: aconselhe. Não obstante, o velho já estava absolutamente cansado: os olhos não brilhavam mais, estava deprimido e não dava nem sequer algum conselho. “Precisamos conseguir os botes dos guiliaks”, mas onde eles estariam àquela altura? Como, por exemplo, deveríamos proceder para conseguir os botes? Estas questões ele não explicava.

E, então, Volodka e eu fomos conversar com os demais: “Esperem aqui, enquanto isso nós vamos contornar a costa, possivelmente nos depararemos com alguns guiliaks: um ou dois botes nós conseguiremos. Já vocês, pessoal, enquanto estiverem aqui, caminhem e mantenham os olhos atentos, pois o cordão fronteiriço está próximo. ”

Por conseguinte, os demais permaneceram onde estavam e nós seguimos pela costa. Chegamos a um penhasco, ao olhar para baixo, do lado direito do rio, avistamos um guiliak fazendo reparos em sua aparelhagem. Deus estava conosco, por nos enviar o Orkun.

− O que seria Orkun, um nome ou o quê? – perguntei ao narrador.

− O que significa? Talvez seja um nome ou signifique “chefe” na língua deles, nós não sabíamos. Apenas nos acercamos dele de um modo sorrateiro (pensamos: tomara que

ele não escape) e o rodeamos, ele começou a cutucar com o dedo o próprio peito: Orkun, disse, Orkun; e o que aquilo significava, nós não fazíamos ideia. Entretanto, decidimos conversar com ele. Volodka pegou um galho e começou a desenhar na terra um bote; o que queria dizer: eis o objeto que queremos de vocês! O guiliak rapidamente compreendeu o que desejávamos; sacudiu a cabeça e tratou de nos mostrar os seus dedos, mostrou inicialmente dois deles, em seguida cinco, até todos os dez. Não compreendemos de imediato o que ele queria nos mostrar, mas depois Makárov deduziu:

"Irmãos, − disse − está claro que ele precisa saber em quantos nós estamos ao todo, para preparar o tipo adequado de embarcação. "

"Claro! " – Estabelecemos uma comunicação com ele, indicando que estávamos em um total de doze. Ele acenou com a cabeça, indicando que havia compreendido.

Em seguida, ele nos ordenou que o levássemos até os nossos companheiros. Neste instante, refletimos, mas há outra saída? Pelo mar não se consegue andar! Decidimos levá-lo. Nossos amigos começaram a protestar: "Por qual motivo vocês o trouxeram aqui? Vocês queriam que ele nos visse?..." "Ora" – dissemos − "Fiquem calados, uma vez que estamos tratando de negócios com ele." E o guiliak não estava com medo, caminhava no meio de nós sem receio; ele tão somente apalpava os nossos roupões.

Demos roupões extras, ele os atou com um cinto, colocou sobre os ombros e seguiu, com tranquilidade, para baixo. Nós, evidentemente, fomos atrás dele. Logo que descemos, enxergamos algo que parecia uma aldeia, repleta de *iurtas* guiliaks.

"O que faremos agora? – disse o pessoal, em um tom de dúvida – Pois ele está indo para a aldeia reunir o povo!..."

"Bom, que assim seja, − dissemos a eles – Eles possuem ao todo umas quatro *iurtas*, vocês acreditam que há muitas pessoas vivendo lá? Apesar de que estarmos em doze, possuímos facas que medem de três a quatro *archines*, todas em bom estado. Além disso, onde os guiliaks poderiam se equiparar à força de homens russos? O homem russo se alimenta de pão e ele só engole peixe. Você acha que ele tem força só com peixe? Sem chance!"

No entanto, para falar a verdade, certa apreensão parecia arranhar o meu peito: espero que não haja problemas. Eis a margem da ilha do Falcão, todavia, será que Deus nos permitirá visitar o outro lado de Amur? A terra está logo ali, após o estreito, uma parte do céu está coberto por montanhas azuis[141]. Se fosse possível, voaríamos para lá, como aves.

[141] Ao longe, a imagem que se tinha era de uma sombra azulada do céu sobre as montanhas.

Sim, você consegue enxergar o cotovelo, que está próximo, porém não consegue mordê-lo[142]! ...

E, sendo assim, aguardamos um pouco e vimos que um grupo de guiliaks vinha em nossa direção. À frente deles estava Orkun, e eles carregavam lanças em suas mãos. "Vejam, − disse o pessoal − os guiliaks vêm para lutar!" – Bem, o que se pode fazer... Preparem suas facas, pessoal. Atenção: lutem até morrer, já que vivos não podemos cair nas mãos deles. Se alguém morrer, fazer o quê? É o destino! Mas, aquele que ainda estiver respirando, por ele deveremos lutar. Ou todos seguirão, ou todos morrerão! Permaneçam de pé, pessoal, mais firmes!

No entanto, a nossa conclusão acerca dos guiliaks foi infundada. Orkun compreendeu que estávamos alarmados, ele retirou a lança de todos, as entregou para um deles e, em seguida, todos juntos começaram a caminhar desarmados em nossa direção. Foi neste instante que percebemos que os guiliaks eram sujeitos leais às suas promessas e nos juntamos a eles, na direção em que os botes estavam escondidos. Eles os arrastaram para o nosso lado, um bote era grande e o outro menor. No bote maior, Orkun pediu que entrassem oito homens e os demais no bote menor.

E foi assim que conseguimos os dois botes, contudo, era impossível realizar, logo de imediato, a travessia. Um vento forte soprava de Amur, produzindo ondas gigantescas, que batiam com toda a força na costa. De modo algum, dentro daqueles botes e sob aquelas condições climáticas, seria possível atravessar.

Diante do vendaval, fomos obrigados a ficar mais dois dias na margem. Enquanto isso, todas as nossas reservas haviam se esgotado, enchíamos as nossas barrigas apenas com bagas, por sorte, Orkun nos trouxe quatro iúkolas[143], o peixe que eles costumavam comer. Foi assim que nos sustentamos por mais algum tempo. Aquele guiliak é honesto, que o Senhor o abençoe! Até hoje me recordo muito bem dele.

Após um dia, todos já estavam entediados. Estar naquele lugar já era algo extremamente desgastante, praticamente indescritível. Passamos uma noite, no dia seguinte apenas aquela ventania permanecia. A angústia começou a nos atormentar, aquela situação era realmente intolerável. Em meio aos fortes ventos, a borda de Amur surgia de uma forma ainda mais distinta aos nossos olhos, porque a neblina havia se dissipado do mar. Como o nosso Buran estava sentado no penhasco, fixou os olhos no lado oposto da costa e ali permaneceu. Ele não proferia uma palavra sequer, nem bagas ele colhia mais; apenas quem

[142] Referência ao fato de que a jornada era tão arriscada, que se tornava quase impossível sair da ilha, mesmo quando eles já pareciam em condições de deixá-la.
[143] Pescados secos.

se compadecia do ancião, levava algumas frutas dentro do chapéu e lhe entregava, todavia, ele comia sem se mover de seu lugar. O coração do experiente vagabundo inflamava-se. Talvez, ele estivesse prevendo a própria morte... Acontece! ...

Finalmente, tudo chegou ao limite do que se podia suportar e nossos amigos decidiram que, independente das circunstâncias, partiriam à noite! Durante a tarde seria impossível partir, uma vez que poderíamos ser vistos do cordão fronteiriço. Ao escurecer, nenhum de nós correria o risco e se Deus, por ventura, tivesse misericórdia, não permitiria que nos afogássemos. Entretanto, o vento continuava a percorrer todo o estreito, com ondas que iam e vinham; no cume, brincavam as lebres brancas, as *starítchkis* (pássaros parecidos com gaivotas) voavam sobre o oceano e gritavam como demônios. Era como se aquela costa rochosa gemesse por inteiro, enquanto o mar invadia a margem.

“Pessoal, disse, vamos descansar. A lua surgirá à meia-noite e, se Deus quiser, nós conseguiremos navegar. Para tanto, será preciso que todos durmam um pouco, pois precisaremos de força para a viagem. ”

O grupo obedeceu e se deitou. Nós escolhemos um local no alto da costa, próximo de um penhasco. Ao espiar de baixo, do lado marítimo, ninguém conseguiria nos ver: as árvores nos cobriam. Tão somente Buran ainda não havia se deitado, ele seguia observando o lado oeste. Fomos nos recostar quando o sol, pouco a pouco, desaparecia no céu, mas faltava muito para o anoitecer. Fiz o sinal da cruz e ouvi como a terra gemia, como a ventania fazia a taiga se mover e, em seguida, caí no sono.

Adormecíamos sem imaginar que algo ruim pudesse ocorrer.

Não sei precisar quanto tempo durou, apenas ouvi: Buran está me chamando. Despertei de um sonho, ao me virar, o sol já estava prestes a se pôr, o mar estava calmo e a escuridão já havia se alastrado por toda a costa. O velho sustentou sobre mim os seus olhos selvagens.

“Levante, − disse ele − eles chegaram...para pegar as nossas almas, − disse − chegaram! ” – E gesticulou com a mão, indicando a direção dos arbustos.

Sobressaltei-me quando percebi que ali haviam soldados...

Um deles já estava bem próximo, com a arma apontada, o outro estava um pouco mais distante, correndo, havia ainda mais três deles nas colinas, mais abaixo, com as armas em punho. O sono desapareceu instintivamente e gritei bem alto, com toda a minha força, o grupo se levantou, todos juntos e de uma vez só. O primeiro soldado só teve tempo de disparar e nós já partimos correndo na direção deles...

Naquele instante, uma forte comoção se abateu sobre a voz do narrador e ele abaixou a cabeça. A *iurta* foi tomada por uma penumbra, uma vez que o vagabundo não seu deu conta de que era preciso que mais lenha fosse acrescentada.

− Acho que eu não deveria contar, − disse ele, em um tom de voz que soava quase como um pedido.

− Não, de jeito nenhum, termine! O que aconteceu depois?

− Depois...o que dizer...veja só: eles estavam apenas em cinco, já nós estávamos em doze. E eles ainda acharam que nos pegariam no sono, como galos silvestres, ao invés disso, não deixamos que eles se reunissem... Nossas facas eram compridas...

Eles dispararam apenas em uma ocasião, às pressas, e falharam. Correram pela colina, contudo, era custoso reduzir a velocidade de uma forma tão brusca. Correram para baixo e lá mesmo nós os recebemos...

− Você acredita? – disse o narrador, de um modo compassivo e elevando o olhar em minha direção, com uma expressão de angústia − e eles nem conseguiram se proteger, eles moviam as baionetas como se estivessem afugentando cachorros, enquanto que nós os atacamos como lobos ferozes!...

Um dos soldados atingiu a minha perna, foi só de raspão, porém, eu tropecei e caí ...Ele veio para cima de mim. Ainda por cima, Makárov caiu... Senti o sangue correndo sobre o meu corpo... Makárov e eu nos soerguemos, mas o coitado do soldado permaneceu...

Ao conseguir me levantar, dei uma olhada, os últimos dois soldados saíram correndo, em direção à colina. À frente, estava Saltánov, um intrépido comandante do cordão fronteiriço, arrojado, conhecido por todos, mesmo nos lugares mais remotos; até os guiliaks o temiam, como a um *shaitan*[144], entre os nossos irmãos, muitos foram mortos por ele. Não obstante, desta vez não foi assim...Ele mesmo acabou se perdendo...

Dois circassianos estavam conosco, eles eram ágeis como gatos e muito corajosos. Um deles partiu em busca de Saltánov, e no meio da colina eles se encontraram. Foi então que o capitão disparou com o seu revólver; o circassiano inclinou-se e os dois caíram. O outro circassiano imaginou que seu amigo estivesse morto. Ele correu com todas as forças para aquele lugar... Nós nem percebemos, todavia, ele cortou com a própria faca a cabeça de Saltánov.

Levantou e mostrou os seus dentes...com as duas mãos suspendeu a cabeça decepada. Nós ficamos petrificados, observando aquela cena... Foi então que ele gritou algo em sua língua, em um tom de voz punjante, agitou a cabeça decepada, balançou e arremessou...

[144] Palavra que remonta ao hebraico, significa “adversário” e é uma referência direta ao demônio.

A cabeça voou penhasco abaixo, por cima de algumas árvores... Ficamos todos em silêncio, paralisados, sem mover um dedo e ouvimos, lá em baixo, o som de um objeto chocando-se sobre a água, a cabeça havia caído no mar.

E o último soldado, que ainda havia permanecido na colina, deteve-se. Em seguida, deixou a sua arma para trás, cobriu o rosto com as mãos e fugiu. Resolvemos não nos dar ao trabalho de persegui-lo: corra, Deus esteja com você! O pobre coitado ficou sozinho em todo o cordão fronteiriço, já que haviam apenas vinte homens ali. Treze deles haviam partido para a costa de Amur em busca de provisões e, devido à ventania, ainda não haviam regressado, os outros seis nós matamos.

Ao que parecia, estava tudo acabado, nos sentimos desencorajados, o que havia ocorrido era algo que não conseguíamos compreender, de modo algum, apenas olhávamos uns para os outros, o que teria sido tudo aquilo: um sonho ou realidade? De repente, só conseguimos ouvir atrás das árvores, onde havíamos parado para descansar, os gemidos do velho...

E Buran foi atingido por uma arma de fogo pelo primeiro soldado. Ele não o matou, o ancião ainda sofreu por um pouco mais de tempo, mas não muito. Quando o sol se escondeu atrás da montanha, o seu espírito partiu. Foi uma ocasião terrivelmente dolorosa! ...

Aproximamo-nos e vimos que ele estava sentado, ao pé de um cedro, com a mão apertando o peito e lágrimas caindo de seus olhos. Ele me chamou. “Ordene, − disse − que o pessoal cave a minha sepultura. Em todo o caso, agora vocês não podem atravessar, devem esperar anoitecer, pois vocês podem se deparar com outro soldado no estreito. Por isso, me enterrem, em nome de Cristo. ”

“O que é isso? O que é isso, tio Buran! – disse a ele – Como vamos cavar uma sepultura para uma pessoa viva? Nós o levaremos até a terra de Amur, lá iremos carregá-lo com as nossas mãos... Que Deus esteja conosco.” − “Não será preciso, irmão, − respondeu o velho − contra o destino não há nada que possa ser feito, e o meu destino é este, ficar nesta ilha, portanto é o melhor... meu coração já havia pressentido... A minha vida inteira eu quis fugir da Sibéria para a Rússia, e agora eu desejo morrer na terra siberiana, e não nesta ilha maldita...”

Fiquei sem palavras com o discurso de Buran, ele falava como se não fosse mais aquele velho homem, estava agora em plena consciência, havia uma clareza em seu olhar, apenas sua voz estava fraca. Ele nos reuniu ao redor dele e começou a dar as últimas instruções.

“Ouçam, amigos, − disse ele − o que irei narrar deverá ser muito bem memorizado. Vocês deverão, a partir de agora, seguir sem mim pelas terras siberianas, pois terei de ficar por aqui. O caminho que vocês estão prestes a percorrer será muito perigoso, pior ainda após matarem Saltánov. Daqui em diante, o boato chegará até bem longe deste lugar: não somente em Irkutsk, vai chegar até na Rússia. Eles vão esperá-los em Nikolaiévski. Olhe, pessoal, sigam com cuidado; terão de enfrentar a fome, o frio, e evitem entrar nos povoados, vocês serão obrigados a contornar as cidades. Não tenham medo dos guiliaks e dos golds[145], eles não irão incomodá-los. Mas agora, muita atenção, vou falar sobre o caminho no lado de Amur. Antes de vocês chegarem a Nikolaiévski, haverá um assentamento, neste assentamento vive o nosso benfeitor, um administrador comercial de Tarkhánovski. No passado, ele realizada comércios na ilha do Falcão com os guiliaks, certa vez, ele chegou com mercadorias até o alto das montanhas e se perdeu no caminho. Ele tinha problemas com os guiliaks, brigas. Eles perceberam que ele estava perdido em algum lugar e o encontraram na altura de um desfiladeiro, quase o mataram, contudo, nós estávamos caminhando justo naquele local, os vagabundos da Ilha do Falcão... O que estou narrando ocorreu na primeira vez em que eu parti da ilha do Falcão. Bom, naquela ocasião, nós ouvimos um homem russo gritando bem alto na taiga, corremos em direção ao desfiladeiro, e foi quando o administrador foi salvo dos guiliaks; desde então, ele guarda em sua memória o nosso ato de bravura. “Eu, − disse ele − até a minha morte devo cuidar do povo da ilha do Falcão...”. De fato, desde aquela época, os nossos sempre receberam todo o tipo de auxílio. “Encontrem-no, garanto que ficarão satisfeitos e terão toda a ajuda que precisarem. ”

E foi assim que o ancião narrou todo o percurso que faltava, passou todas as instruções e disse, em seguida:

“Agora, pessoal, − disse ele − não há mais nenhuma razão para perderem tempo. Ordene, Vassíli, que aqui seja cavada a minha sepultura, já que é um bom lugar. Que seja onde o vento vindo de Amur chegue até mim e que as gotas do mar respinguem. Deixem disso[146], pessoal! Comecem a trabalhar mais rápido! ”

E nós obedecemos.

No mesmo espaço em que o ancião estava sentado, junto ao cedro, ali mesmo nós escavamos uma cova, com as facas... Em seguida, prestamos uma oração a Deus, o velho já estava em silêncio, apenas acenava com a cabeça e chorava. O sol se pôs no mesmo instante em que ele morreu. Escureceu e o buraco cavado foi nivelado.

---

[145] Povos Tungus, que vivem ao longo do rio Amur, principalmente na sua porção direita.
[146] Uma referência ao semblante triste dos vagabundos que o rodeavam.

Conforme navegamos, na metade do estreito, a lua ascendeu e iluminou o céu. Todos olharam para trás, tiramos os chapéus...Atrás de nós, a ilha do Falcão com as suas montanhas e, no penhasco, o cedro de Buran...

VII

Cruzamos a costa de Amur, ao chegarmos, os guiliaks disseram: "A cabeça de Saltánov... na água". Nossa, como são rápidos estes forasteiros, fofoqueiros como comadres. Qualquer coisa que acontece, no mesmo instante tomam conhecimento. Encontramos alguns deles pescando na margem. Eles agitavam a cabeça, gargalhavam; estava claro que se divertiam. E nós pensamos: está bem, vocês, diabinhos, estão rindo, mas nem imaginam como estamos nos sentindo! Por conta desta cabeça, agora nós podemos perder as nossas. E foi assim que eles nos deram peixes, perguntamos a eles sobre todas as rotas existentes e permanecemos no caminho que havíamos escolhido. Caminhávamos pelas terras, porém, estas pareciam mais pedras quentes[147], a cada zunido nos assustávamos, a cada propriedade nos escondíamos de qualquer pessoa russa e cobríamos nossos rastros. Com efeito, sentíamos medo...

Descansávamos ao longo do dia na taiga, e à noite nós andávamos sem parar. Ao amanhecer, chegamos à *zaímka* de Tarkhanóvski. Ela estava localizada na floresta, envolta por um portão firmemente trancado. Pelas instruções dadas por Buran, aquela parecia ser a localidade. Sem demora, nos acercamos e batemos de forma polida na porta, notamos que luzes foram acesas do lado de dentro: "Quem será que está aqui, quem é? "

− Nós somos vagabundos, − dissemos − trazemos uma saudação de Buran a Stakhei Mítrich.

Naquela época, Stakhei Mítrich era o chefe administrativo de Tarkhanóvski, ele estava ausente em viagem e na *zaímka* havia deixado o seu ajudante, que havia recebido as ordens de que se, por acaso, chegassem homens da ilha do Falcão, oferecesse a cada um deles cinco rublos, e também botas, roupas de baixo e provisões, o que fosse preciso. "Não importa em quantos eles estejam – disse ele − todos devem ficar satisfeitos, você irá reunir os trabalhadores e realizará a entrega na frente deles[148], para que eles se certifiquem. Assim será!

Até mesmo ali já haviam tomado conhecimento de Saltánov. Ao nos avistar, o ajudante do administrador sobressaltou-se.

---

[147] Indicativo de que caminhavam com muito medo.

[148] O que indica de forma clara que o administrador não confiava plenamente em seu ajudante, por isso a solicitação de testemunhas.

“Ah, irmãos, − disse ele − não foram vocês que deram cabo do tal Saltánov? Que problemão! ”

“Se fomos nós ou não, isso não importa. Será que vossa senhoria[149] poderia nos ajudar? Nós viemos da parte de Buran, com saudações a Stakhei Mitrich. ”

“E o próprio, onde está? Foi cair novamente na ilha? ”

“Exatamente, − dissemos − ele se foi”.

“Que a terra lhe seja leve...Ele era um bom vagabundo, levava uma vida íntegra, embora fosse um azarado. Stakhei Mitrich recorda-se até hoje dele. Agora, acredito que ele irá solicitar uma oração pela alma de Buran, mas qual é o nome dele? Vocês não sabem, pessoal? ”

− “Nós não sabemos. Ele era chamado simplesmente de Buran. Olha, eu acho que o defunto deve ter esquecido o próprio nome, porque isso é algo que um vagabundo não precisa. ”

− É verdade. Ah, irmãos, que coisa esta vossa vida! ... Se um padre desejar realizar uma oração por vocês, não saberá como chamá-los... acredito que o velho possuía uma família: irmãos, irmãs e, quem sabe, filhos em sua terra natal”.

“Como não teria? Embora o vagabundo houvesse esquecido o seu nome de batismo, não obstante, também havia nascido de uma mulher, como qualquer um...”

“Como é amarga a vida de vocês. Oh, como é amarga! ”

“Não há nada pior, comemos a comida que foi implorada, vestimos a roupa que foi jogada, morreremos e não seremos enterrados na terra. É verdade! Nem todos nós, vagabundos, teremos uma sepultura. Nós podemos até perecer no deserto, seremos devorados por animais e bicados por pássaros... Os ossos serão carregados para diferentes localidades por lobos cinzentos. Como uma vida assim pode não ser amarga? ”

Ficamos cabisbaixos... Falávamos com um discurso plangente ao ajudante do administrador, pois quanto mais choras para um siberiano, mais ele lhe dará, por pena. No entanto, nos demos conta de que tudo que nós dizíamos era a pura verdade. Imagine, pensamos, ele agora irá bocejar, fará o sinal da cruz e irá dormir tranquilamente... aquecido e satisfeito, não há ninguém que ele possa temer; já nós, teremos que partir para a taiga selvagem e caminhar durante a noite nebulosa, como demônios selvagens, escondendo-se de qualquer cristão[150].

[149] Título dado em um tom de ironia.
[150] Literalmente, de qualquer “pessoa de Cristo”, ou qualquer pessoa “de bem”.

“Está certo, rapazes, contudo, − disse o administrador − está na hora de dormir. Posso oferecer vinte *copeques*[151] para cada um e outras coisas que estão estabelecidas, peguem e podem partir com Deus. Eu não vou acordar todos os trabalhadores, possuo três de confiança, eles servirão de testemunhas para o relatório. Uma vez que não quero ter problemas por aqui... Olhem, é melhor vocês nem entrarem na cidade de Nikolaiévski. Estes dias estive por lá, o chefe de polícia daquele lugar agora exerce as suas funções de um modo muito atuante; ele ordenou que todos os transeuntes fossem revistados, sem exceção. Nem mesmo uma pega[152] passará; nem uma lebre saltará, nenhum animal seguirá, e pior ainda um destes jovenzinhos da ilha do Falcão. Terão sorte se conseguirem passar despercebidos, e de jeito algum entrem naquela cidade. ”

Ele nos deu tudo que havia prometido, além de nos entregar mais alguns peixes e ainda acrescentar de sua parte vinte *copeques*. Em seguida, fez o sinal da cruz em direção ao céu, entrou na *zaímka* e fechou o cadeado do portão. Os siberianos apagaram as luzes, deitaram-se para dormir, havia ainda muito para o amanhecer. E nós seguimos o nosso próprio caminho, sentindo naquele anoitecer muita tristeza.

Oh, que tristeza sente um vagabundo! As noites são sombrias e a taiga muito silenciosa...a chuva te banha, o vento te seca e em todo o universo não tens um canto só teu, não tens um abrigo... A vida inteira, ansiamos seguir para o lugar de origem, mas assim que chegamos nesta terra, lá somos reconhecidos como vagabundos até pelo último cachorro... E há muitas autoridades, todas muito rígidas... Na terra natal, não é possível passear por muito tempo, pois uma prisão te espera!

Por vezes, você lembra da prisão como se ela fosse um paraíso... É por isso que naquele entardecer, após andar e andar, Volódka, de súbito, disse:

“O que vocês acham que nossos irmãos estão fazendo agora? ”

“De que irmãos você está falando? ”

“Dos nossos, na ilha do Falcão, do sétimo pavilhão. Por certo, agora estão dormindo, sem problemas!... E nós estamos aqui...Ah, por que nós fomos embora?...”

Foi então que eu gritei para ele “Basta, está dizendo asneiras! Não deveria nem ter saído, já que possui este espírito limitado, você, com as suas lamúrias, está fazendo com que todos fiquem tristes. ”

Não obstante e para falar a verdade, eu também andava pensativo. Estávamos exaustos e caminhávamos cochilando; um vagabundo tem esse costume de cochilar

[151] Moeda russa.
[152] Tipo de ave.

enquanto caminha. E tão logo perdi um pouco da consciência, vislumbrei no meu devaneio o pavilhão. A cintilação da lua fazendo a parede brilhar e, atrás das janelas gradeadas, beliches, sobre eles os prisioneiros dormindo enfileirados. E, em seguida, como se eu estivesse deitado, começo a me esticar... Estico-me, e o devaneio desaparece...

Entretanto, não há sonho pior do que aquele com a mãe e o pai. E, de repente, parecia que não havia ocorrido nada em minha vida, nem a prisão, nem a ilha do Falcão, nem o cordão fronteiriço. Estou deitado na sala da casa dos meus pais, minha mãe escova os meus cabelos, acariciando-os. Há uma vela sobre a mesa, onde meu pai, sentado com seus óculos, lê um livro antigo. Ele era um homem dogmático. Já minha mãe, parece estar cantando uma canção.

Após despertar daquele sonho, acredite, naquele mesmo instante eu poderia cravar uma faca em meu peito. Ao invés da sala da casa dos meus pais, uma trilha vazia na taiga. À frente está Makárov, e todos nós em fila, caminhando atrás dele. A brisa levanta, movimenta os galhos e se acalma. Mais adiante, por entre as árvores, foi possível notar o oceano, e sobre ele um pedaço resplandecente do céu, o que indicava a aproximação da aurora e que deveríamos nos esconder em algum desfiladeiro. E, jamais, vocês mesmos já devem ter ouvido, o mar jamais silencia-se. Ele parece dizer algo, cantar uma canção ou murmurar.... Até porque, no meu sonho ouvia a todo instante uma canção. O pior desconsolo para o nosso irmão é o que vem do mar, pois não estamos habituados a ele.

Permanecemos nas proximidades de Nikolaiévski; as *zaímkas* apareciam com mais frequência, o que se tornava ainda mais perigoso para todos nós. E, de tal modo, seguíamos adiante, pouco a pouco, calados; nós caminhávamos durante a noite e pela manhã ficávamos escondidos em algum local afastado, onde não apenas uma pessoa, mas nenhum animal ousasse atravessar e onde um pássaro não empreendesse o seu voo.

Devíamos permanecer o mais longe possível da cidade de Nikolaiévski, todavia, estávamos exaustos de tanto caminhar por áreas desabitadas e, além disso, nossas provisões haviam acabado. Ao anoitecer, beiramos um rio e avistamos algumas pessoas na margem. Olhamos atentamente, vimos que se tratava de um grupo de homens livres[153], eles estavam pescando alguns peixes. Foi então que decidimos nos acercar, sem medo:

"Olá, senhores homens livres!"

"Olá, eles responderam. De que lugar vocês foram trazidos por Deus? "

[153] Homens livres eram grupos de condenados que já haviam cumprido a sentença. Eles não viviam na prisão, mas em alojamentos livres, embora a vida privada e o trabalho deles fossem estritamente controlados e regidos por conhecidas regras. (Nota do A.)

Aos poucos, iniciamos uma conversa. Sem demora, o ancião daquele grupo olhou para nós fixamente, chamou-me em um canto e perguntou:

“Vocês, senhores andarilhos, não seriam da ilha do Falcão? Não foram vocês que “acertaram” o Saltánov? ”

Fiquei intimidado e não quis dizer toda a verdade. Ele pode até ser nosso irmão, porém, nestes casos, você nem sempre pode confiar. É preciso ressaltar que o grupo de homens livres não era o correspondente ao comando de presos, por exemplo: um deles poderia querer ficar bem com o chefe das autoridades, ir até ele e contar tudo, em segredo, já que ele é “livre”. Na prisão, conhecemos todos os alcaguetes, qualquer coisa que acontece, logo tomamos conhecimento de quem delatou. Contudo, fora da prisão, como saber?

Foi assim que ele se deu conta de que eu estava hesitante e disse outra vez:

“Não tenha medo de mim: eu jamais concordaria em trair um irmão, eu não estou nem aí. Se não foram vocês, então, não foram! Só que na cidade estão dizendo que na Ilha do Falcão fizeram um trabalho em massa; agora, vejo que vocês estão em onze, por isso liguei os pontos. Ah, pessoal, que problema, verdade, é um problema! A principal questão é que vocês estão em muitos e, ao mesmo tempo, o nosso chefe de polícia é muito ranzinza. Bem, mas este é um assunto de vocês... Se conseguirem passar da cidade, nesse caso, serão felizes; enquanto isso, nós temos provisões suficientes e como voltaremos hoje para casa, peguem os nossos pães, e ainda lhes daremos os nossos peixes. Vocês não precisariam, por acaso, de um tacho?

“Por favor, talvez seja bom um tacho extra” − disse a ele.

“Peguem um do comando... Além disso, trarei algo da cidade para vocês. É preciso prestar ajuda aos nossos irmãos”.

Deste modo, ficou tudo mais fácil para nós. Tirei o meu chapéu, cumprimentei o bom homem; os meus companheiros também o saudaram... Começamos a chorar... Aque-las provisões repartidas foram valiosas, mais valiosas ainda foram as palavras gentis que ouvimos. Até aquele ponto, apenas caminhávamos e nos escondíamos das demais pessoas, pois sabíamos: a morte vem através das pessoas, de nenhum outro lugar. Já eles, sentiram pena de nós.

Contudo, bobos de alegria, quase nos matamos.

À medida que partia o grupo de homens livres, os rapazes se animavam. Volódka chegou até a esboçar alguns passos de dança; e acabamos esquecendo de todos os nossos medos. Detivemo-nos em um barranco denominado Díckmanski; pois um alemão chamado

Díckman, que era o proprietário de uma companhia de vapores, os construía ali...Junto ao rio...Acendemos a fogueira, suspendemos os dois tachos, em um fizemos o chá e no outro preparamos uma sopa de pescado. Antes que nos déssemos conta, anoiteceu; para qualquer lado, víamos apenas a escuridão, e precipitou-se uma chuva. Porém, naquele instante nem sentimos a chuva cair, ao lado do lume e bebendo chá, aquilo não era nada!

Estávamos sentados e conversando, como se estivéssemos sob a proteção de Cristo; não obstante, nem imaginávamos que se nós estávamos enxergando as luzes vindas da cidade, o nosso fogo também poderia ser visto de lá. Imagine como o nosso irmão pode, por vezes, ser descuidado: caminhamos por montanhas, em meio a taiga, o menor ruído de qualquer farfalhar já era suficiente para nos assustar; só que agora, havíamos feito a nossa fogueira justamente na frente da cidade, e conversávamos como se fosse algo natural.

Para a nossa sorte, naquela época, na mesma cidade vivia um oficial idoso. Ele havia antes exercido a função de guarda prisional na cidade de N. E, precisamente em N., na mesma prisão, uma quantidade enorme de cidadãos havia caído naquele lugar e todos guardavam boas recordações dele. Na Sibéria, todos conheciam Samárov, como o pessoal me contou que ele havia morrido três anos atrás, fui com um determinado propósito até o padre, entreguei-lhe cinquenta copeques para que orasse pela alma dele! O velho possuía uma boa alma, que o Senhor o tenha; a única coisa é que ele gostava de berrar... Como ele berrava. Gritava e gritava, batia alto com os pés e comprimia os punhos, mas ninguém o temia. Sempre o respeitavam, é claro, pois ele era justo. Jamais fazia mal a um prisioneiro, nunca castigava, de modo algum pegava o nosso dinheiro; exceto nos casos em que nós mesmos entregávamos para ele, de forma voluntária, por suas virtudes. Para falar a verdade, os presos nunca o esqueciam, pois ele possuía uma família muito grande... Por isso, sempre recebia uma boa quantia em dinheiro...

Naquela época, o velho já havia se aposentado, vivia em paz em sua casa, na cidade de Nikolaiévski. E em nome dos bons tempos, sempre mantinha amizade com o nosso pessoal do grupo de homens livres. Naquele exato momento, ele estava sentado em sua varanda fumando um cachimbo. E foi fumando o seu cachimbo que ele distinguiu no desfiladeiro Díckmanski que alguém havia acendido uma fogueira. “Quem poderia acender aquele fogo?”, − pensou ele.

Passavam por perto dois homens do grupo de homens livres, ele os chamou e perguntou:

“Onde o seu grupo está pescando agora? Não seria no desfiladeiro de Díckmanski?”

“Não, disseram-lhe, não estão no desfiladeiro de Díckmanski. Agora, eles já devem estar mais para cima. E, de qualquer forma, o grupo de homens livres retorna hoje para a cidade.”

“É o que eu imaginei...Há uma chama lá do outro lado do rio, estão vendo? ”

“Estamos vendo. ”

“Quem será que está ao lado dela? O que lhes parece? ”

“Nós não sabemos, Stepan Saviélich. Alguns homens podem estar de passagem."

“Pois então, desgraçados...Vocês, patifes, não conseguem pensar e se preocupar com os seus irmãos. Será que eu tenho que pensar por todos?... Vocês ouviram o que chefe de polícia do terceiro dia falou sobre o ocorrido na ilha do Falcão? Eles vieram de não muito longe...Não seriam eles, seus burros, que acenderam aquela fogueira? ”

“Talvez, Stepan Saviélich. É bem provável que foram eles que a acenderam”.

“Bom, eles estão em apuros! Olhe só o que eles estão fazendo, burros!... Eu não sei, o chefe de polícia está na cidade? Pois se ele ainda não retornou, isso significa que muito em breve ele estará por aqui; verá o fogaréu e, em seguida, designará uma patrulha. Como faremos? Afinal de contas, eu tenho pena dos estúpidos: eles podem perder as cabeças por conta da morte de Saltánov! Preparem o barco, pessoal...”

Naquela ocasião, estávamos sentados e reunidos junto ao lume, esperando a sopa de peixe ficar pronta, há muito que não comíamos algo quente. E, em meio à noite sombria, nuvens pairavam sobre o oceano, gotas de chuva caíam do céu, na taiga do desfiladeiro distinguia-se tão somente um murmúrio, que nos deixava ditosos...Para o nosso irmão vagabundo, o anoitecer nuvioso é como a estimada mamãe; quanto mais escuro o céu, mais felizes os corações.

Mas, de súbito, o tártaro ouviu algo estranho. Os tártaros são sensíveis como os gatos. Agucei meus ouvidos e escutei: alguém remava quase que silenciosamente pelo rio. Aproximei-me da beirada e pude observar que havia uma embarcação nas proximidades do declive, os remadores estavam sentados, remavam sem parar e o timoneiro possuía um distintivo que cintilava, na altura de sua testa.

“Agora sim, rapazes, – falei – perdemos as nossas cabeças... É o chefe de Polícia!”

Todos ergueram-se bruscamente, até os tachos tombaram, corremos na direção da taiga!... Não ordenei que o grupo se dispersasse. Vamos ver o que vai acontecer, – disse – quem sabe em massa nos salvemos, caso eles estejam em menor número. Ficamos escondidos atrás das árvores, aguardando. O barco atracou na margem e cinco pessoas desembarcaram. Um deles escarneceu e disse:

“Por que vocês correram, idiotas? Não tenham medo, saiam todos. Vejam como são audazes, pessoal, mas correm como lebres! ”

Dárin estava sentado ao meu lado, atrás de um cedro.

“Você está ouvindo, Vassíli? − disse ele. É muito estranho, no entanto, parece que a voz do chefe de polícia é conhecida. ”

“Calado, – disse – veremos o que acontece. Eles não estão em muitos. ”

Um dos remadores saiu na frente e perguntou:

“Ei, vocês, não tenham medo: Quem vocês conhecem da prisão local? ”

Continuamos em silêncio, não respondemos à pergunta.

“O que acontece com vocês, diabos?! – ele, mais uma vez, nos chamou em voz alta. – Digam, quem vocês conhecem da prisão local; talvez nos conheçam também. ”

E, então, decidi responder.

“Conhecendo ou não, é melhor nunca nos vermos, será melhor tanto para vocês, quanto para nós. Não nos renderemos vivos ”

E, deste modo, sinalizei aos companheiros para que se preparassem. – Eles estão ao todo em cinco, a força está ao nosso lado. Só há um problema, penso, se eles começarem a disparar com os revólveres serão ouvidos na cidade. Apesar disso, tanto faz, já estamos em apuros mesmo. Sem resistir, não nos entregaremos.

Em seguida, o próprio velho começou a falar:

“Pessoal, – disse – será que nenhum de vocês conhece o Samárov?

Darin deu novamente um empurrão em mim:

“É isso mesmo! Pelo visto, este aí é o guarda da cidade de N.... Está bem. – ele perguntou em voz alta – E você, vossa excelência, conhece o Dárin? ”

“Como não, – disse – eu conheço, ele era o líder, quando trabalhava no N. Acho que se chamava Fiedot. ”

“Sou eu mesmo, vossa excelência. Saiam, pessoal! Este é o nosso benfeitor[154].”

Em seguida, todos nós saímos.

“Muito bem, – dissemos – será que vossa excelência veio nos pegar? Nós jamais esperávamos por isso. ”

“Vocês são uns tolos! Eu me compadeci de vocês, idiotas. Vocês tiveram a grande ideia de acender uma fogueira de frente para a cidade? ”

“Chovia muito, vossa excelência, estávamos encharcados. Chuviscava. ”

[154] No original, “otiets”, que significa “pai”.

“Chuviscava? E ainda se dizem vagabundos! Eu não acho que irão derreter. Deus está do vosso lado, porque os vi antes do chefe policial, quando saí à varanda para fumar um cachimbo. Se o chefe tivesse visto a chama de vocês, encontraria o local onde se secam...Ah, pessoal, pessoal! Acho que vocês não são muito espertos, embora tenham matado o Saltánov, seus canalhas! Apaguem rápido o fogo e sumam da costa, nas profundezas do barranco. Lá poderão acender dez fogueiras, seus filhos da mãe! ”

Enquanto o ancião berrava, continuamos ao redor dele, ouvindo e dando risadas. Em seguida, ele parou de gritar e disse:

“Pois bem, eu trouxe no barco para vocês pão e chá, três tijolos[155]. Não se lembrarão do experiente Samárov com palavras maldosas. Se Deus permitir que saiam com sucesso daqui, talvez um de vocês tenha a sorte de visitar Tobólsk[156], peço que coloquem na catedral uma vela para o meu santo. Como podem notar, eu já estou velho e morrerei para estes lados mesmo, pois a casa da minha esposa agora é a minha casa, e ela é daqui...Bom, eu estou muito velho... E, às vezes, também me recordo da terra natal. Agora, adeus!

Contudo, ainda gostaria de lhes dar um conselho: dividam-se em pequenos grupos e partam separadamente. Em quantos estão agora? ”

“Onze”, − dissemos.

“Bem, mas vocês são idiotas? Todos os conhecem até Irkutsk[157], e vocês ainda caminham juntos.”

O ancião sentou-se no barco e partiu; nós seguimos mais à frente, fervemos o chá, cozinhamos a sopa de peixe, dividimos as provisões e nos despedimos, nós acatamos o conselho do velho.

Eu formei um par com Dárin e seguimos viagem. Makárov partiu com os circassianos, o tártaro se juntou a dois vagabundos e os outros três também seguiram juntos. E, desde então, não nos vimos mais. Não sei se todos os meus camaradas continuam vivos ou se alguém morreu. Acerca do tártaro, ouvi dizer que ele foi mandado para cá, contudo não sei se isso é verdade.

Naquela mesma noite, antes do céu amanhecer, marchei ao lado da cidade de Nikolaiésvski com Dárin, de um modo sorrateiro e com discrição. Quando estávamos perto da *zaímka*, escutamos tão somente o latido de um cachorro.

---

[155] Havia, entre os prisioneiros, um costume de beber o chá muito concentrado, para que conseguissem se manter fortes durante um longo tempo. Estes tijolos seriam o chá concentrado, que deveria ser dissolvido na água.

[156] Trata-se de uma grande cidade, antiga capital da Sibéria.

[157] Capital da subdivisão administrativa e territorial (óblast) de Irkutsk.

Com o nascer do sol, já havíamos caminhado por cerca de dez verstas pela taiga e, por mais uma vez, nos aproximamos de uma passagem. Foi neste momento que, de repente, ouvimos algo, um tilintar de sinos. Deitamos rapidamente atrás de um arbusto, vimos passar uma *troica*[158] dos correios e em uma *telega* o chefe de polícia cochilando, coberto pelo seu capote.

Dárin e eu fizemos o sinal da cruz: graças a ti, Senhor, ele não estava na cidade no anoitecer anterior. Parecia que ele estava em viagem para nos capturar.

VIII

A chama da lareira apagou. A *iurta* já estava aquecida como um forno. A neve depositada nas janelas começava a derreter e, a partir disso, foi possível inferir que o frio no pátio havia diminuído. Quando o clima ainda está intenso, o gelo não funde, não importa quão quente esteja do lado de dentro. Por esta razão, já não acrescentávamos mais lenha ao fogo; saí para fechar o tubo da chaminé.

Com efeito, a neblina havia se dissipado por completo, o céu estava límpido e, de certo modo, suave. Mais ao norte, o cume das montanhas estava encoberto por uma massa enegrecida, formada pelas florestas, que timidamente cintilava; algumas nuvens ainda se elevavam, com um tom esbranquiçado, cruzando rapidamente o céu. Naquela noite marcadamente álgida, era como se alguém desse um suspiro calado e uma fumaça de vapor fosse emanada de um peito gigantesco, varrendo surdamente o céu, de uma ponta a outra e, por fim, dissipando-se suavemente naquela profusão de azul. Aquela era uma frágil aurora boreal.

Cedendo àquele melancólico encanto, permaneci sobre o telhado, observando, de forma reflexiva, as frágeis modulações da aurora boreal. A noite ostentava toda a sua beleza, fria e deprimente. No céu, os astros brilhavam, já em baixo, a neve conserva-se como um véu branco, a taiga assemelhava-se a uma massa escura e as montanhas, ao longe, pareciam azuladas. E de todo esse quadro silencioso e frio, uma tristeza soprava até a alma; era como se uma nota elegíaca tremulasse no ar: “Distante, bem distante! ”

Quando voltei para dentro da *isbá*, o vagabundo já estava dormindo e na *iurta* era possível distinguir o som de sua respiração regular.

Deitei-me também, contudo, não pude simplesmente adormecer devido às fortes impressões que a pouco havia escutado através daquelas narrativas. Algumas vezes, o sono parecia repousar sobre a minha cabeça quente, entretanto, naqueles minutos, como que de

[158] Trenó puxado por três cavalos.

modo proposital, o vagabundo começava a se mover na bancada e delirava baixinho. O seu tom de voz leve, que soava como um murmúrio vago e inconsciente, fazia com que os meus sonhos se dissipassem e na minha imaginação, uma após a outra, imagens de sua odisseia se edificassem. De tempos em tempos, quando eu começava a dormir, parecia que sobre mim farfalhavam os lariços e os cedros e que ao dirigir o olhar para baixo, do alto penhasco, podia enxergar as casas brancas do cordão no desfiladeiro, e entre meus olhos e a parede branca, voava uma águia, batendo suas asas quase em silêncio. O meu devaneio fazia com que eu viajasse para cada vez mais longe daquela penumbra sem fim de minha pequena e apertada *iurta*. O vento livre parecia me envolver, nos ouvidos eu escutava o fragor do oceano, o sol começava a se pôr, havia iniciado o anoitecer e o meu barco boiava calmamente nas ondas do estreito.

Todo o meu sangue fervia com aquelas narrativas do jovem vagabundo. Eu ficava imaginando como seria se tudo aquilo fosse narrado em um quartel prisional abafado e que tipo de impressão aquela epopeia do vagabundo poderia causar nas quatro paredes de uma prisão firmemente trancafiada. Eu chegava a indagar para mim mesmo o motivo daquela história se imprimir tão fortemente; não eram as dificuldades do caminho, nem os sofrimentos, nem mesmo a "forte tristeza do vagabundo", mas tão somente a poesia daquele desejo pungente por liberdade? Por que eu apreendia dele apenas o grito de liberdade e vastidão, do mar, da taiga e das estepes? E se eu havia ficado tão comovido e chamado por aquela distância desconhecida, imagine como ela compelia um vagabundo, que já havia bebido do cálice um pouco daquele desejo envenenado?

O vagabundo dormia, mas os meus pensamentos não permitiam que eu descansasse. Era como se eu houvesse esquecido as razões que o haviam levado ao exílio e à prisão, o que ele havia sofrido, o que fazia na época em que "deixou de obedecer aos seus pais". Eu vi naquele sujeito apenas a vida jovem, cheia de energia e força, que com toda a paixão ambiciona a liberdade.... Para onde?

Sim, para onde?...

Através de seus sussurros vagos, eu distingui certos suspiros ininteligíveis sobre algo. Eu fiquei refletindo sobre a pergunta sem resposta, e sobre minha cabeça pairaram sonhos nebulosos... O sol se pôs. A terra imensa, vasta e triste estava toda submersa em um pensamento doloroso. Uma nuvem silenciosa e carregada estava suspensa... Tão somente o contorno do céu ainda resplandecia, com o brilho dos raios no anoitecer, em algum lugar ao longe, em meio a um ar meditativo nas montanhas azuladas, há um fogo...

O que seria aquilo: a chama da terra natal, de um lar há tempos abandonado, ou uma flama acima de um túmulo, na escuridão?...

Eu fui dormir muito tarde.

IX

Quando eu acordei, já eram aproximadamente onze horas. No chão, através do gelo que havia se rachado na janela, refletiam-se os brilhos dos raios oblíquos do sol. O vagabundo já não estava na *iurta*.

Eu precisava ir ao povoado para resolver alguns assuntos, por isso aparelhei o meu cavalo em um pequeno trenó e saí pelo meu portão, avançando pelas ruas. O dia estava deslumbrante e, de um certo modo, tépido. O clima girava em torno de uns vinte graus, mas... tudo é relativo no mundo, o que para uns pode ser o pico do inverno, aqui nós interpretamos apenas como o primeiro sopro que anuncia a chegada da primavera. As nuvens de vapor ergueram-se juntas em todas as *iurtas* do povoado, elas não ficaram retas e imóveis, como é costume em períodos álgidos, elas estavam inclinadas para o oeste, o vento soprava à leste, carregando o calor desde o Grande oceano[159].

No vilarejo, quase a metade da população era composta por tártaros exilados, como aquele era um dia de festividade para esse povo, nas ruas havia muito movimento. A cada minuto, um portão rangia em algum lugar, dos pátios saíam trenós de carga ou cavalos montados, que trotavam rapidamente, sobre os quais, balançando de um lado para o outro, estavam sentados os cavaleiros embriagados. Estes tais adoradores de Mohammed não eram particularmente rígidos com as escrituras do Alcorão e, assim, tanto cavaleiros como pedestres caminhavam ao longo das ruas e atravessavam, em trajetos zigue-zague. Por vezes, um cavalo mais arisco se atirava bruscamente para um lado. O trenó caia, o animal corria pela rua e o dono levantava uma nuvem de poeira de neve com o seu próprio corpo, que se arrastava segurando as rédeas. O ato de não conseguir manter-se sob controle e cair do trenó era algo que poderia acontecer com qualquer pessoa embriagada, mas para os "bons tártaros" era vergonhoso soltar as rédeas das mãos, ainda que sob circunstâncias difíceis.

De repente, em uma rua reta como uma flecha, teve início uma agitada movimentação. Homens montados viraram e estacionaram ao lado de uma cerca, os pedestres se afastaram, mulheres tártaras vestindo véus avermelhados, adornados e coloridos, reuniram as crianças nos pátios. Das *iurtas*, curiosos saíram correndo, e todos com os rostos virados na mesma direção.

[159] Trata-se do oceano Pacífico.

No final de uma rua comprida, surgiu um grupo de cavaleiros; e eu compreendi que havia uma corrida em andamento, a qual os iacutos e os tártaros eram grandes entusiastas. Havia um total de cinco, eles cavalgavam rápido como o vento e, quando os corredores se aproximaram de onde eu estava, notei que o corcel que seguia na frente era cinza, o mesmo que na noite anterior havia se acercado com Baguylai. A cada golpe dos cascos, a distância que o separava dos demais aumentava. Em poucos minutos, todos eles passaram na minha frente, com muita velocidade, como se fossem o vento.

Os olhos dos tártaros brilhavam de uma excitação que parecia até de raiva. Todos eles galopavam fortemente, agitavam as mãos e as pernas, gritavam freneticamente, colocando o corpo para trás, quase deitados sobre as costas do cavalo. Apenas Vassíli cavalgava "da maneira russa", inclinando-se em cima do pescoço e, de vez em quando, produzindo silvos curtos, com um som estridente, como as batidas de um chicote. O cavalo cinzento quase se deitava sobre o chão, esparramando-se no ar, como um pássaro durante o voo.

A compaixão nas ruas, como sempre nestes casos, direciona-se para o lado do campeão.

− Oh, que sujeito corajoso! – bradavam admirados os expectadores, já os velhos ladrões de cavalos, amantes entusiastas de esportes radicais, ficavam agachados e batiam em seus joelhos, no ritmo das batidas dos cascos.

Na metade da rua, Vassíli conseguiu me alcançar, retornando com o seu cavalo excessivamente suado. Os oponentes, humilhados, caminhavam lentamente bem atrás dele.

O semblante do vagabundo estava pálido, porém os seus olhos ardiam de excitação. Pude notar que ele já "havia começado a bebedeira"

− A farra começou! – gritou ele, inclinando-se e acenando com o seu chapéu.

− É problema seu... – respondi.

− Que nada, não fique bravo!... Posso farrear, contudo, a minha mente não se gasta jamais com a bebida. A propósito, não entregue, em hipótese alguma, o meu equipamento de pesca! E se até mesmo eu lhe pedir, não dê! Ouviu?

− Ouvi. − respondi friamente − Por favor, só não venha bêbedo à minha casa.

− Não irei. − respondeu o vagabundo e açoitou o cavalo com a ponta do chicote. Ele relinchou, deu um salto e partiu galopando por umas três braçadas, de súbito, Vassíli o deteve e inclinou-se novamente na minha direção.

− Este aqui vale ouro! Eu o apostei. Você viu como ele saiu galopando? Agora, posso pedir dos tártaros qualquer quantia por ele, estou lhe dizendo a verdade, pois um tártaro ama um bom corcel de paixão!

− Por que você pretende se desfazer dele? Em que irá trabalhar?

− Eu vou vender – é chegada a hora!

Ele o açoitou mais uma vez e, de novo, o deteve.

− Na verdade, eu encontrei aqui um camarada. Vou deixar tudo. Oh, gente boa! Olhe lá, um tártaro está vindo para cá sobre um cavalo ruço... Ei, você, − gritou ele ao tártaro que vinha atrás − Akhmietka! Venha até aqui.

O animal, agitando a cabeça e inclinando as pernas de forma abrupta, acercou-se do meu trenó. Sentado sobre ele, o tártaro tirou o seu chapéu e nos cumprimentou com um sorriso alegre. Lancei um olhar curioso na direção dele.

O semblante de embusteiro de Akhmietka resplandecia por inteiro, com o seu sorriso largo. Os pequenos olhos brilhavam alegremente, observando o seu interlocutor com uma familiaridade picaresca. "Nós, irmão, entendemos um ao outro" – era o que aqueles olhos pareciam dizer. "Certamente, eu não passo de um malandro, mas a questão é: não é verdade que para ser um malandro é preciso ser esperto? " – E o interlocutor, ao distinguir aquela face proeminente, aquelas rugas alegres nos cantos dos olhos, aquelas orelhas finas e grandes, que eram, de um jeito engraçado e ao acaso, abertas em direções opostas, também esboçou um sorriso. E, então, convencido de que o compreendíamos, Akhmietka ficou satisfeito e acenou de modo condescendente com a sua cabeça, em sinal de solidariedade àqueles olhares.

− Companheiro! – disse ao acenar a cabeça para Vassíli. – Este vagabundo andou comigo.

− E agora, onde você mora?... Eu não o vi no assentamento antes.

− Eu vim em busca de notinhas[160]. Eu vim à mina trazendo álcool[161].

Eu lancei um olhar para Vassíli. Ele baixou os olhos diante do meu olhar. Ele, em seguida, pegou as suas rédeas, porém, logo depois ergueu novamente sua cabeça e de forma desafiadora me afrontou, com olhos inflamados. Seus lábios estavam fortemente comprimidos, todavia, o seu lábio inferior claramente tremia.

---

[160] Tentativa de aproximação com o termo russo "bumagui".

[161] O comércio de álcool na região das minas e ao redor delas era uma prática estritamente proibida e, sendo assim, os garimpos na taiga seguiam o sistema Lienski, que se caracterizava como uma prática de restrição especial ao comércio – acontece que os vendedores de álcool costumavam distribuí-lo nas minas em troca de ouro. O que era extremamente perigoso, pois a punição para aquele que cometesse esse ato era o envio aos trabalhos forçados. Somado a isso, a própria natureza selvagem já apresentava muitas dificuldades. Muitos desses vendedores morriam, devido às privações que estavam sujeitos na taiga, além disso, havia as balas dos cossacos e, com frequência, eles também morriam sob as lâminas de seus próprios irmãos, vindos de outros grupos. Apesar de tudo isso, essas práticas comerciais davam lucro e mostravam-se como uma boa alternativa de trabalho nas minas (Nota do A.).

− Partirei com ele para a taiga... O que você quer dizer me olhando deste jeito? Eu sou um vagabundo, um vagabundo!...

As últimas palavras foram ditas enquanto ele já estava galopando. Um minuto depois, restou apenas uma nuvem gelada de poeira, que sumiu pela rua, juntamente com os galopes dos cascos dos cavalos.

Passado um ano, Akhmietka retornou mais uma vez ao assentamento “em busca de notinhas”, entretanto, Vassíli nunca mais regressou.

Comentários sobre o conto

Conforme pudemos constatar com a leitura, Korolienko dá voz a um protagonista que compartilha com o narrador algumas de suas aventuras vividas ao longo de sua jornada de fuga de Sacalina. A imagem do animal "falcão", típico das estepes e que alcança velocidades inimagináveis, relaciona-se diretamente com os anseios dos presos. A mesma coragem, a força e a determinação em seguir para destinos desconhecidos, buscando a sobrevivência, acabará aproximando a "massa cinzenta" do seu emblemático representante. A ponto de os fugitivos cobiçarem empreender um voo para longe daquela realidade opressora, quando estão prestes a seguir pelo Amur.

O enredo é introduzido pela voz de um herói que vive uma vida sem grandes aventuras, mas que auxilia um estranho, servindo-lhe chá e consentindo que ele desfrute de seu fogo. Em um segundo momento, após se recuperar do frio e de externar a sua gratidão a quem o acolheu, o visitante Baguylai resolve contar, na terceira parte do conto, como conseguiu escapar de sua sentença. O mais interessante é que ambos questionam as suas próprias escolhas, um sentimento de incompletude os une e, no caso do vagabundo, permite uma repentina mudança de direção em sua jornada pela Sibéria.

Por mais uma vez, evidencia-se a relação entre os elementos da natureza e a sua influência sobre os caminhos das personagens. Além disso, o fluxo dos acontecimentos é por vezes interrompido, com pausas precisas do narrador-vagabundo, que ora realiza a tarefa de adicionar mais lenha e cuidar de seu cavalo, ora é absorvido por penosas recordações que o invadem, a ponto de ele questionar para si mesmo e para o seu interlocutor se deve ou não continuar, uma vez que o seu passado, repleto de eventos trágicos e perdas dolorosas, dificultam o seu raciocínio e a linearidade de sua narrativa.

Merejkóvski (1889) considerou esta composição como uma das melhores de Korolienko, por abordar a vida de representantes nacionais russos vindos das massas, que para o crítico foi o terreno onde o escritor melhor desenvolveu toda a sua força criativa. Para Tchékhov, esta era uma de suas narrativas preferidas, conforme ele atesta em uma de suas cartas ao autor: "O seu "Sokolínets", na minha opinião, é a produção mais notável dos últimos tempos. Ele foi escrito, como uma boa composição musical, com todas as regras que sugerem ao artista o seu instinto[162]. "

A sucessão de episódios relatados pelo vagabundo, permite a transfiguração

[162] No original "Ваш "Соколинец", мне кажется, самое выдающееся произведение последнего времени. Он написан, как хорошая, музыкальная композиция, по всем тем правилам, которые подсказываются художнику его инстинктом". (Moscou, 9 de janeiro de 1888)

psicológica do solitário morador da *iurta*, o narrador-principal, conforme a história contada toma forma. Aquele homem, inicialmente abatido e desanimado, torna-se um ouvinte sagaz, a ponto de não se dar conta de quão difícil é para o seu visitante rememorar certas passagens. O fogo da lareira complementa a sucessão de fatos dessa vigorosa narrativa, criando uma atmosfera que gradualmente preenche-se de luz, vida e calor.

Em relação ao cárcere, ele será apresentado pela voz da personagem Baguylai, e não será um presídio qualquer, com suas típicas solitárias e inúmeros departamentos e pavilhões, como em "Iachka". A primeira descrição do ambiente de contenção será a bordo de um barco a vapor, o "Níjni Nóvgorod", com uma "carga de prisioneiros", percorrendo as águas do mar do Japão para a ilha de Sacalina, todos eles alocados em uma cela no porão, com inúmeros guardas os vigiando e prontos a agir, em casa de insurgência.

Acerca da histórica presença dos vagabundos, uma pesquisa minuciosa sobre esse tipo social permite que sejam identificadas produções em diferentes partes da Europa sobre eles. Como exemplo, a obra *Landlopers*[163] (2013) retrata esses indivíduos na região belga de Wortel, entre os séculos XIX e XX, por meio de um estudo que oferece informações muito precisas sobre a sua organização, rotina e economia.

Bankóvski (2003)[164], por sua vez, considera em sua análise que esses cidadãos russos e o seu latente desejo de seguir sem rumo, caracteriza-se muito mais como uma dependência, um ciclo vicioso, uma vez que eles ganham a liberdade, mas perdem a direção e as suas andanças acabam esvaziadas, segundo ele, sem um sentido preciso. É como se quanto mais eles viajassem, mais essa necessidade de não se fixar em algum lugar aumentasse, em uma busca apaixonadamente romântica pela liberdade individual.

O crítico ainda enfatiza a característica poética e a cultura musical destes cidadãos, dentro e fora das prisões, cantando e compondo a todo o tempo. Ele discorre, inclusive, sobre o poeta americano Walt Whitman, que adotou um estilo de vida que questionava as imposições materialistas, guiado pela *Beat Generation* (ou movimento beat) de escritores que se popularizaram apenas nos anos 1950. Eles viviam o nomadismo, entretanto, também estabeleciam comunidades.

Em *Ilha Sacalina* (1895, p. 202) Tchékhov enfatiza que conheceu vagabundos que estabeleciam laços afetivos, ainda que fora da tradição ortodoxa, como Ivan, de trinta e cinco anos, que dizia até "com um certo sorriso no rosto" que possuía duas concubinas em Derbínski e uma terceira em Nikolaiévski. No conto de Korolienko, Baguylai deixa

[163] Literalmente "Vagabundos", escrito pelo jornalista e escritor belga Toon Horsten.
[164] apud Park (2003, p.35) acerca das relações de consciência e movimento destes cidadãos.

claro que o casamento vai contra a sua natureza:

> [...] Ao que tudo indicava, na vida do vagabundo o que faltava era unicamente um casamento, no entanto, era aí que residia o problema, porque normalmente vagabundos não se casam, todavia, neste lugar, por uma pequena quantia em dinheiro, uma vaca ou um bom bezerro, isso tudo poderia ser facilmente arranjado.

Para a narrativa em questão, resta-nos compreender que esses que fogem da ilha do Falcão são sujeitos inconformados em cumprirem a pena na colônia prisional e se arriscam com o objetivo de seguir para outras regiões da vasta Sibéria, seja para praticar novos delitos ou para suprir uma necessidade interior de continuar vagando e arquitetando meios dos mais inusitados para se sustentar.

A simplicidade de suas aspirações e desejos, ao mesmo tempo, os colocam em situações complexas, uma vez que ao optarem por caminhos ilegais, eles acabam envolvendo uma série de testemunhas. Há aqueles que continuam com as suas atividades delituosas, chegando a assassinar aqueles que se colocam contra os seus intentos. E estes traços não são minimizados por Korolienko, que pinta um retrato daquilo que viu e experienciou nas prisões, mas que nos seus contos busca humanizar estes homens, revelando a sua consciência e suas principais fragilidades.

Na construção da personagem Baguylai, cumpre assinalar o fato de que os crimes que o levaram à prisão nem sequer são apontados. Contudo, ele relembra fragmentos de sua infância, da época em que obedecia aos seus pais. Há, por conseguinte, a identificação de traços que ora apontam para uma nostalgia da pureza e conforto dos primeiros anos, ora a certeza dos benefícios de sua vida errante e criminosa.

Acerca da origem das personagens, não havia uma regularidade, tal como concebemos, em atribuir nomes aos prisioneiros de Sacalina. O próprio fugitivo que narra a sua história afirma ao seu interlocutor que se chamava Vassíli, ao modo russo, já Buran nem sequer recordava o seu nome e alguns deles são apresentados unicamente por sua etnia, como os dois circassianos. Denise Salles (2010, p.7) enfatiza um curioso registro do recenseamento empreendido por Tchékhov na ilha penal:

> [...] Entre os vadios, o nome mais disseminado é Ivan; e o sobrenome, Nãomelembro. Eis alguns cognomes de vadios: Mustafá Nãomelembro, Vassili Sempátria, Frants Nãomelembro, Ivan Nãomelembro 20 anos, Iakov Semalcunha, o vadio Ivan 35 anos e Homem de Nome Desconhecido.[165]

[165] (In:TCHÉKHOV, 1963, p. 72)

Na narrativa, os condenados reforçam quanto era dispensável uma alcunha. Por conta de seus estilos de vida errantes e delituosos, torna-se claro o porquê desta afirmação. O episódio em Tarkhanóvski acentua um outro aspecto muito marcante da construção desses cidadãos, o sentimento constante de melancolia. Os protagonistas do ciclo siberiano, de fato, sofrem de uma profunda tristeza, como quando lamentam a inexistência de um lugar para chamar de seu e um túmulo, para que no fim de suas vidas possam ser enterrados. Todavia, reside na mente do escritor e de seus heróis, a crença em uma sensatez e uma essência verdadeiramente positiva no mundo, onde as adversidades não extinguem a "esperança de uma vida melhor, em que a luz resplandece nas trevas e as trevas não são capazes de absorvê-la". (MAKAROVA, 2006, p. 40).

Os homens que marcham por terrenos nada acolhedores, empreendem caminhos solitários impostos por suas próprias escolhas; eles não negam a sua essência, são autênticos e uma vez que agem contra a sua verdade são tomados por uma profunda agonia e desilusão. Porém, acima de tudo, eles jamais se esquecem daqueles que um dia lhe prestaram ajuda. O que atesta, novamente, as complexas construções de suas variadas personalidades, tanto quanto são as definições para o seu arriscado estilo de vida

No desenvolvimento da narrativa, um primeiro episódio assume importância fundamental: a execução dos renegados. Mesmo diante dos preparativos dos guardas contra qualquer possibilidade de insurgência no vapor, ocorre o homicídio de três prisioneiros, que somente são descobertos na manhã seguinte, com a costumeira chamada. O que denota um lado marcante da periculosidade daqueles indivíduos que seguiam para a ilha, capazes de eliminar todos aqueles que divergissem dos interesses previstos pelo "comando". Não obstante, esse evento servirá de mote para a fuga, propriamente dita.

Após o incidente, obviamente, nenhum deles ousou apontar um ou alguns de seus colegas de cela como os culpados pelo crime, a situação começou a suscitar discussões das autoridades, que identificavam claros "indícios de violência" no crime cometido. No entanto, os interrogatórios não surtiram efeito no caso em questão, uma vez que os detentos também temiam represálias, caso alguma informação fosse repassada aos guardas.

A personagem Buran, que manifesta o seu desejo de morrer longe daquela colônia penal, comporta-se de modo afirmativo e confiante, em um primeiro momento. É curioso notar que o plano de fuga, inicialmente articulado na prisão flutuante e em épocas de recentes homicídios, não permitiria que o experiente prisioneiro rejeitasse prontamente a missão de guiar os vagabundos de Sacalina, pois isso claramente o colocaria na fila para se

tornar o próximo executado pelo comando. O que realça a engenhosidade de Korolienko, mais uma vez, ao manejar os traços de suas personagens e discorrer sobre esta organização social hierarquizada, um verdadeiro microcosmo denominado "comando".

Cumpre notar que a escolha dos presos para a empreitada resgata a ênfase na diversidade étnica da ilha, que acolhia diferentes criminosos. Sujeitos astuciosos, muitos com alto grau de periculosidade, embusteiros e com trajetórias distintas e que ao acabarem reunidos, revelavam o seu comprometimento e a sua união. Sendo assim, com os russos, segue um tártaro, representante do grupo étnico dos turcomanos, escolhido muito mais por sua agilidade, do que pela nobreza de seu caráter, além de dois circassianos, representantes de um povo originário da porção norte do Cáucaso e que no conto comprovam a sua lealdade aos amigos e, também, a brutalidade e destreza com que executam o soldado Saltánov.

No conto, também estarão presentes representantes do povo indígena guiliak, nativos da ilha muito antes da chegada dos russos, conforme registro de Tchékhov no capítulo XI de seu citado livro. O autor pontua a alegria e a sociabilidade destes residentes, seus modos de vida, vestimentas, alimentação, suas feições tipicamente asiáticas, com expressões sempre gentis e atentas, mas também a sua cultura polígama. Ou seja, esse panorama permite reconhecer melhor suas especificidades, evidenciadas a partir da coleta de dados e observações detidas deste habilidoso escritor.

Já na compilação de informações relativas à Conferência de Paz, publicado em 1920, um levantamento sobre a ilha, elaborado por uma seção especial, cujo objetivo era fornecer informações precisas às delegações britânicas, incluindo dados sobre a sua política, história, economia, geografia e a ocupação da área, assim se refere a eles:

> [...] Embora as lendas dos Guiliaks do norte de Sacalina apontem sua chegada a partir das margens do baixo Amur, a menos de trezentos anos atrás, o certo é que os visitantes civilizados mais antigos encontraram esses habitantes no norte da ilha e, também, os Ainus[166], na porção sul[167].

Em "Sokolínets", estes nativos serão introduzidos no momento em que os fugitivos travam uma espécie de diálogo com o seu líder Orkun e conseguem, por fim, escapar da colônia penal, utilizando-se de dois botes, pagos com os roupões extras que cada prisioneiro carregava, seguindo as instruções que Buran havia dado previamente, quando ainda estavam se preparando para a fuga.

[166] Outro grupo indígena desta ilha.
[167] (tradução nossa).

Infere-se que os russos, de fato, estavam habituados a negociar com eles, uma vez que o experiente fugitivo já sabia da necessidade de que todos carregassem um roupão extra como pagamento pela ajuda prestada com os botes. Korolienko parece resgatar com precisão os modos de vida e a subsistência deste povoado, ressaltando a sua cultura de pesca e uma natureza gentil, honesta, o que se coaduna com os valores comprovados anos depois por Tchékhov, em sua viagem.

Um segundo episódio marcante e que delimitará os destinos dos fugitivos ao longo de todos os seus percursos, será a morte de Saltánov. Ou melhor, o seu homicídio por decapitação. É evidente que dentre os prisioneiros alguns possuíam, de fato, a coragem e destreza para eliminar aqueles que ameaçassem a consolidação de seus intentos. Não obstante, essas personagens não se reduzem a um mero dualismo. Pelo contrário, enfatiza-se ao longo do conto todo o vigor com que buscam seus ideais e a capacidade de criar laços afetivos. Se voltarmos para a primeira parte da narrativa, temos bem clara a fala do narrador-principal:

> [...] A Sibéria nos ensina a ver em um assassino uma pessoa e, claro, ao observá-lo melhor não será possível idealizar o "coitadinho", que destrói fechaduras, rouba cavalos ou quebra as cabeças de seus conhecidos; contudo, apesar disso, este primeiro encontro permite que você compreenda as complexas motivações humanas. Você é capaz de identificar quando e o que pode esperar de uma pessoa. Um assassino não é aquele que simplesmente mata, ele ainda vive uma vida e sente as mesmas emoções que todas as pessoas sentem, incluindo a gratidão àquele que lhe ofereceu abrigo [...].

Deste modo, evidencia-se que os conflitos impostos aos presos definem os seus destinos, em uma relação de causa e consequência. No entanto, eles ainda contam em grande parte com a sorte, pois ao acenderem uma fogueira nas proximidades de Nikolaiévski, por exemplo, eles sobrevivem graças ao conhecido guarda aposentado Samárov, que residia na cidade e já havia tomado conhecimento da fuga e do crime cometido em massa. Tudo acaba convergindo para o sucesso da empreitada, todavia, a forma como a narrativa se desenvolve na voz de Baguylai, permite que o leitor conclua que aqueles detentos, rebeldes, que não abriam mão de seguir os seus impulsos e fugir às normas de seu meio, muito provavelmente, teriam trajetórias semelhantes à do experiente vagabundo Buran.

3.0 Iacútia, a resistência e o sonho

Sabemos e reiteramos ao longo deste trabalho, quanto Korolienko se valeu de suas

composições siberianas para resgatar os costumes, modos de vida e os comportamentos dos povos que habitavam a região em que ele próprio percorreu e foi exilado. No caso de "Sokolínets", os elementos marcantes da etnografia local serão explorados com uma ênfase no retrato e impressões específicas, em um primeiro momento, da Iacutia.

A presença iacuta é um reflexo do interesse do próprio autor em estudar e conhecer a cultura, canções, crenças e histórias desse povo. Após o seu degredo, no período em que se fixou em Níjni Nóvgorod, ele solicitava aos seus amigos que lhe enviassem materiais referentes a essa região. O fato é que especialmente o seu folclore e realidade imprimiram-se sobremaneira na sua poética, a ponto de entrar em sua consciência e modificar a sua compreensão dos fatos do mundo. Foi em Amga, no seu tempo de exílio, que ele colheu materiais para a construção de sua mais famosa personagem: o Makar[168], de "O sonho de Makar".

Ivánova (2012, p. 58) enfatiza que a natureza acolhedora e hospitaleira dos iacutos, presente em diferentes contos siberianas, contrapõe-se, por diversas vezes, com a arrogância dos colonos russos e reitera que é uma marca característica dessa poética uma certa equidade entre os elementos das estéticas romântica e realista, de modo que se tenha uma expressão de equivalência dos sentimentos de protesto, das críticas e de uma calma contida.

Sobre este aspecto, a crítica assinala o "motivo da resistência" em contraste com a tese de não-resistência ao mal, extremamente relevante e que tem suas origens na extraordinária gravidade e opressão sentidas pelo autor em Iacutia. Acerca desta tese, que tem suas raízes na Índia e fortaleceu-se através das correspondências entre Tolstói[169] e Gandhi[170], o consagrado romancista russo acreditava que nenhum movimento que se pautasse pela luta armada poderia libertar o povo, tendo ele passado a professar a doutrina do amor, com "a aspiração das almas humanas à união".

Para Korolienko, que nutria grande admiração por Tolstói, dedicando a ele uma uma série de artigos, a necessidade de resistência contra as arbitrariedades da administração *tsarista*, ainda que fazendo uso de métodos violentos, se fazia mais do que necessária. Em suas viagens, as evidências de miséria e o descaso com a população camponesa o levaram a concluir que sem uma mudança de postura, essa massa de

[168] Já assinalamos, o protótipo de Makar foi o camponês Zakhar Nefiodovitch Tsikunov, cujos descendentes ainda residem em Amga, conforme atesta Barabánova (Disponível em: yakutskhistory.net).
[169] O eminente escritor chegou a estudar a filosofia adotada por Gandhi quando estava na África do Sul.
[170] Conforme atestam as traduções de Belkiss J. Rabello das correspondências entre esses dois grandes pacifistas (in: Cadernos de Literatura em Tradução, n.9 p. 85- 113).

cidadãos não veria as suas maiores reivindicações serem atendidas.

Como exemplo, em sua composição "A lenda de Flor, Agrippa e Menakhem, filho de Iekhudá[171]" a sua discordância com a teoria tolstoiana de não-resistência[172] é ilustrada. O seu enredo reflete a luta do próprio escritor pela liberdade de seu povo. Esta narrativa se concentra no retrato do poder bélico de Roma e a sua ocupação na Judeia, seguida da descrição minuciosa dos traços dos comandantes romanos, além de inúmeras metáforas religiosas e, por fim, a disputa no acampamento judeu, com passagens consistentes sobre as orações de Menakhem por proteção. Cumpre salientar que a defesa dos judeus hostilizados na Rússia foi uma constante na trajetória de Korolienko, o que se comprova em suas produções ficcionais e, sobretudo, em sua publicística, conforme discutido em "Iachka".

Apesar de ser um representante da nobreza letrada, o escritor foi atuante na busca pelo progresso de seu país. Contudo, sem a ânsia de propagar uma ideologia. Pode-se afirmar, inclusive, que a sua postura ativa em defesa dos desprotegidos e marginalizados eclipsou, de certa maneira, a sua vida profissional de beletrista. De fato, ele viu nos jornais e revistas um campo muito fértil para tornar públicos os problemas reais enfrentados pela população nos mais recônditos vilarejos.

É interessante pontuar que as penosas condições de sobrevivência do povo e as arbitrariedades do império russo são discutidas em suas narrativas de um modo muito particular, onde são revelados todo o vigor e o empoderamento desta mesma população, por meio da construção de heróis aparentemente comuns, como Iachka e Baguylai, mas que são retratadas com toda a coragem e pujança de suas convicções, especialmente quando compelidas ou desafiadas.

Acerca das já referidas influências das estéticas romântica e realista nos ciclos de escritos prisionais, podemos observar que o anoitecer, o "apagar de luzes" dos siberianos, a "noite sombria" e a "taiga silenciosa" são trabalhadas como metáforas do sofrimento dos fugitivos. A natureza interage constantemente com as personagens.

Merece atenção também o fato de que a sexta parte do conto, com marcas claras de oralidade, preenche-se com elementos que a aproximam do *skaz*[173]. Em diferentes passagens, não apenas Baguylai assume o seu modo despojado de falar o russo, quando

[171] Escrito e publicado em 1886 na revista russa *Siévernyi Viéstnik* [Mensageiro do Norte], n.10.
[172] Bazílova, B.; Jussupova, J. In: Journal of Language, Linguistics and Literature,2015, p.96).
[173] Narrativas russas marcadas por elementos da tradição oral e que foram amplamente estudadas pelo formalista russo Boris M. Eikhenbaum (1886-1959) em finais de 1910, principalmente ao tecer uma análise sobre "O Capote", obra de Nikolai Gógol. Para o crítico, o *skaz* seria a base da literatura russa.

conta a sua própria história. As falas atribuídas a Buran também apresentam uma linguagem até rudimentar, contraposta com a linguagem do narrador principal, que sempre assume uma posição ativa e gentil em relação ao seu recém-conhecido, além de uma compreensão clara dos acontecimentos sendo este, muitas das vezes, um membro da *intelligentsia*. (CONLIFFE, 1999, p. 222)

Logo após ser cavada a sepultura de Buran, restou aos fugitivos tão-somente a certeza de que todos agora teriam uma razão para saudar aquela ilha. As últimas instruções, explicadas em pormenores, garantiram a sobrevivência do grupo. A Lua ascendeu ao céu e, neste instante, os vagabundos de Sacalina despediram-se do penhasco onde jazia o corpo de seu ancião. Uma imagem poética que retoma a comiseração e a fidelidade daqueles homens, revelando o pleno entendimento de seus dramas interiores, impostos por suas penosas jornadas.

Cumpre notar que Baguylai revela as suas emoções mais íntimas, como a realidade insuportável de uma vida regrada e fixa, com uma porção de terra para arar, além de animais em seu pasto. Enquanto isso, o narrador principal, idealiza tudo o que ouve, imaginando como seria contada aquela experiência arriscada em uma prisão e as fortes impressões que causariam em seus interlocutores. Em determinadas passagens, no limite da realidade e do sonho, ele visualiza o desfiladeiro, o barco sobre o mar, tal como lhe foi descrito na noite anterior.

As menções ao elemento onírico, recorrentes na poética de Korolienko, são trabalhadas como instantes de revelação[174]. Como quando Baguylai se dá conta que Buran o chama, ainda sem despertar totalmente. Todavia, elas também surgem na forma de confrontos com o passado, como quando ao cochilar caminhando, o narrador-vagabundo rememora a sala de casa, sendo acariciado por sua mãe, ao som de uma bela canção cantada por ela. É aí, precisamente, que a mescla entre as estéticas romântica e realista se faz presente, já que a idealização materna, dá lugar, tão logo ele desperta, a uma taiga hostil, o que o faz querer apunhalar o próprio peito, nesse confronto entre o devaneio intangível e a sua realidade.

Por outro lado, nas obras de Korolienko também podemos distinguir claramente um "sopro vital", que inspira o artista, além de um ideal excitante, que move os seus protagonistas e os guia para caminhos desconhecidos. As formas de controle, por exemplo, são contestadas de diferentes maneiras e só assim reconhecemos a voz do escritor, que claramente fugiu às prescrições de seu tempo, conforme atesta Eisemann (1913, p.82):

[174] Igorevitch (2006) discute em seu artigo o "sono não-declarado" na poética de Korolienko.

> [...]O seu deus é o homem; o seu ideal, a humanidade; o seu "leitmotiv", a poesia do sofrimento humano. Esta conexão íntima com tudo que é humano encontra-se em sua análise psicológica, assim como em suas descrições dos fenômenos naturais. Ambos, Deus e a natureza, são, por sua vez, espiritualizados e humanizados.

Em "Iachka", vimos um herói que questionava a sua condição de preso, criticando a arbitrariedade de seu julgamento, ou seja, ele não admitia estar trancafiado sem ter, ao que ele tanto repetia, cometido crime algum. Em "Sokolínets", longe da ilha penal, tendo cruzado tantas e diferentes cidades e corrido incontáveis riscos, Baguylai sente o desejo de pôr-se em movimento e de arriscar-se, por mais uma vez, com a venda de álcool nas minas.

Irina V.Tumákova (2005-2006) salienta que esse desejo intrínseco reforça que "apenas na natureza o homem pode sentir-se calmo, feliz e que por essa razão o autor frequentemente posiciona as suas personagens exatamente lá: na floresta, na estepe, na taiga, no mar..." E só assim podemos compreender "os chamados" que Baguylai prontamente atende e as razões de seu constante enfado diante de uma vida regrada, quase estática e que o consome, ou seja, que se opõe à sua concepção de felicidade e realização.

Na oitava parte do conto, os percursos do vagabundo pela taiga imprimem-se de modo tão intenso na mente do solitário morador da iurta, que ele rememora uma série de passagens e, mais uma vez, os elementos da natureza repercutem em suas lembranças e alimentam o seu devaneio, com quadros alegres e instigantes, tal como o dia que se inicia.

Além disso, pela primeira vez, os termos "odisseia" e "epopeia" são empregados, quando o narrador descreve tudo aquilo que ouviu, algo que por sinal também remonta à tradição oral clássica, pois graças a ela foi mantida por séculos a transmissão de valores, por meio das aventuras e dilemas vividos pelos heróis gregos. Se nos detivermos em toda a estrutura da obra grega, temos novamente uma aproximação com a composição de Korolienko.

Há, em um primeiro momento, as considerações e impressões acerca de um viajante que invade uma *iurta*. Em todo o desenvolvimento da história narrada, o visitante conta como conseguiu escapar da ilha de Sacalina e como cruzou povoados distantes, até a conclusão de seu percurso, chegando em segurança àquela pequena habitação. Deste

modo, temos um herói russo que, ao seu modo, reencarna a força e a determinação daquele outro herói da Antiguidade.

A construção do protagonista Baguylai é, evidentemente, a de um criminoso, mas que demonstra em diferentes passagens a gratidão àqueles que lhe prestaram ajuda e também o seu respeito à fé, materializada nos cinquenta copeques entregues a um padre para que ele orasse pela alma de Samárov, cumprindo um pedido daquele guarda a quem ele acreditava dever a sua própria vida. Sendo assim, o papel de humanizar a literatura e o caráter educador de "Odisseia", uma eterna influência clássica, atestam que a visão homérica das personagens "se embasa numa concepção de exemplo seja sobre o que se deve ter como referência, seja sobre o que não se deve. Há um papel social a ser cumprido por estas personagens" (GOMES, 2011, p.4).

Ao fazer uso desta referência, Korolienko, de modo evidente, também se valeu de sua experiência e compreensão do social e humano. Os anos de exílio refletiram-se para sempre em sua vida e obra, conforme atesta Rossana Platone (2000, p. 232):

> Poucos são os escritores russos que estabeleceram com a Sibéria tamanha intimidade e conexão vital, como no caso de Korolienko. Possivelmente, apenas Arséniev, que foi um pesquisador e topógrafo militar, tendo vivido por tanto tempo no extremo oriente da Sibéria, tenha sido atraído para essa região com a mesma intensidade. Os outros eram curiosos, argutos, viajantes sensíveis, mas que não modificaram a sua natureza de observadores europeus da realidade asiática.[175]

Na penúltima parte do conto, ao despertar de um sono intranquilo, por conta das já citadas lembranças dos relatos ouvidos na noite anterior, o narrador se dá conta de que seu hóspede já havia deixado a *iurta*. Como em todo o amanhecer, com a conhecida temática das luzes e o seu papel de renascimento, uma nova realidade se apresenta. Agora, com a sua ida ao povoado, composto por quase metade de tártaros muçulmanos exilados[176], ele avista a comemoração de um feriado.

E ao distinguir uma agitação, devido a uma corrida de cavalos, Baguylai novamente cruza o seu caminho, só que pela última vez. Ao vencer a disputa, ele deixa claro que fará uma negociação com os tártaros, conforme expressa ao dizer: "é chegada a hora". O que ele já havia aventado na noite anterior, quando disse que o animal retornaria para o seu povo. E, de tal modo, ao ser apresentado a Akhmietka, ele toma conhecimento da nova jornada

[175] (tradução nossa).

[176] Em artigo para a revista *Cekaw*, Syrychi (2008, nº 2) reitera a forte presença tártaro- muçulmana, desde a Rus Kievana, o seu controle sobre amplas faixas territoriais no século XIII, até as batalhas que levaram Vladislav IV (1595-1648) ao trono.

criminosa dos dois pela taiga: o comércio de álcool na região das minas de ouro.

As últimas palavras de Baguylai: “O que você quer dizer me olhando deste jeito? Eu sou um vagabundo, um vagabundo! ”, apenas reiteram a autêntica rebeldia, típicas dos heróis destas narrativas. Essa é grande marca deixada por Korolienko, que construiu personagens que buscaram, à sua maneira e sem hesitar, uma realização pessoal. A superação das inúmeras privações, das ameaças e punições impostas funcionaram, até mesmo para o próprio escritor, como um mecanismo propulsor, ao invés de inibi-lo.

O seu legado às futuras gerações é de uma ficção marcada pelo retrato histórico, étnico e social da Sibéria do século XIX, repleta de elementos poéticos e discutida em aspectos que transcendem a experiência do exílio interno. A sua leitura de mundo, os seus valores e as suas crenças, por conseguinte, repercutem sobremaneira em suas produções, que nos ensinam sobre a sobrevivência em meio ao caos, com todas as formas imagináveis de controle e exploração, quando o homem é levado ao seu limite e busca dentro de si a força para permanecer vivo.

Podemos concluir que é impossível ler esses contos, sem embeber-se dos motivos e das cores que enriquecem a nossa compreensão sobre as complexas e, muitas vezes, inóspitas áreas retratadas e sobre a essência humana. Daí a importância da autenticidade garantida pelo autor de “Sokolínets” ao seu leitor, que é presenteado com representações instigantes de culturas, de um modo geral, marcadamente díspares, mas que resgatam as muitas identidades presentes no gigantesco território russo, inerentemente diverso e multiétnico.

Considerações Finais

Esta dissertação buscou apresentar e difundir ao público leitor de língua portuguesa parte da poética de Vladímir Korolienko, ainda pouco estudado e traduzido na América Latina, mas que gradualmente tem conquistado o seu espaço entre os tradutores de escritores que se propuseram a reivindicar mudanças sociais, sem se utilizar de meios artificiosos ou a propagação de uma visão partidário-política.

Com a minuciosa pesquisa e seleção de duas das narrativas mais apreciadas pela crítica russa e pelos contemporâneos do autor, "Iachka" e "Sokolínets", esperamos que o reconhecimento de seu papel político e social que, conforme notado na introdução, não estão indissociados em nenhum momento de suas composições literárias e de sua publicística, inspire estudiosos e entusiastas em literatura russa a prosseguirem com os estudos de sua vida e obra.

Admirado por sua sensibilidade literária pelo grande Tolstói, com quem ele chegou a se corresponder, Korolienko travou um contato intenso com os gênios da moderna literatura russa, como os já citados Tchékhov e Górki, e se inspirou nos seus antecessores Gógol, Púshkin e Turguéniev que, como o próprio autor, se utilizaram da arte de compor histórias para anunciar as mudanças necessárias à Rússia.

Cumpre-nos assinalar que ao delimitarmos o exame de tão somente dois contos, pertencentes ao primeiro ciclo de composições, tendo a temática prisional como plano de fundo, abrimos espaço para que futuras abordagens se concentrem em outros tópicos de suas produções, como os seus inúmeros artigos, diários, cartas e novelas sobre as suas experiências posteriores de viagens pela Europa e os Estados Unidos, estudos folclóricos e sua obra mais completa, História do meu contemporâneo (1921).

Ao adentrarmos o universo criativo deste grande literato, fomos ensinados a reconhecer a Sibéria pela sua dimensão cultural e étnica, muito mais do que por suas vastas paisagens frias e pelo o seu conhecido papel de "abrigo" de criminosos e presos políticos. A propósito, esta foi uma experiência fundamental para compreendermos o contexto histórico repressivo russo do século XIX, em um período em que os tsares não poupavam aqueles que se colocavam contra os interesses de seus governos.

Nos anos iniciais da revolução, com a sua percepção clara e justa dos fatos que se sucederam, Korolienko se deu conta do quanto o projeto de construção e transformação da nova Rússia havia sido corrompido por interesses escusos e pela concentração gananciosa do poder, suprimindo os esforços pela mudança da realidade vivida pelos trabalhadores

pobres dos campos e cidades. Conforme citado, com os relatos de Soljenítsin e Chalámov, publicados a partir da segunda metade do século XX, pudemos compreender quanto os traumas advindos dos campos de trabalhos forçados stalinistas revelaram um aperfeiçoamento dos formatos de punição, tortura e execuções brutais, com passagens impactantes de violações dos direitos e condições mínimas de sobrevivência dos prisioneiros.

Ao longo desta pesquisa, nos propusemos a assinalar o fato de que o autor encontrou na literatura as ferramentas para transmitir artisticamente os episódios de sua biografia, com o emprego decisivo de narradores em primeira pessoa, além de ter se proposto a criticar e a se posicionar em relação aos embates fervorosos que alimentavam as discussões políticas e o dia a dia de nobres e da massa de cidadãos russos. Ele fez uso também, com certa frequência, da ficcionalização de eventos e personalidades reais, presentes em seus artigos, para problematiza-los em seus contos.

Para apreendermos, por mais uma vez, o respeito e a importância deste intelectual para a sua época, basta citarmos como exemplo a publicação feita em comemoração ao seu sexagésimo ano de vida, no jornal Kíevskaia Mysl [O Pensamento de Kiev], de junho de 1913, onde o escritor é exaltado como um verdadeiro "guardião da consciência moral, com uma clara compreensão de sua nação", "cultura e da humanidade", além de um "guardião da igualdade", "da justiça "da lei", "da liberdade" e, finalmente, "da verdade das relações e do amor entre os homens".

Definitivamente, Korolienko foi um intelectual que compreendeu plenamente as normas que regiam o seu tempo e, ainda assim, não se curvou diante dos desafios que lhe foram impostos. Apesar de não ter nascido no mesmo ambiente social pobre de muitos dos camponeses com quem ele conviveu em seus degredos, ele se preocupou sobremaneira com os artifícios empregados por seu governo para subjugar os famintos e desfavorecidos que residiam em povoados e vilarejos que ele, inclusive, percorreu e prestou todo o tipo de ajuda, tanto no território russo como na atual Ucrânia, a sua terra natal. De fato, ele regressou nos anos finais de sua vida para Poltáva, onde não resistiu ao agravamento de uma pneumonia, vindo a falecer no dia 25 de dezembro de 1921.

Ao defender a luta contra os burocratas que dominavam todos os cantos de seu país, ele chegou a acreditar que a revolução poderia instituir novos arranjos democráticos em sua sociedade, onde a causa agrária assumiria um primeiro plano. Entretanto, conforme atestamos ao longo desta dissertação, os excessos e as ações truculentas praticadas por aqueles que supostamente deveriam defender os interesses da massa camponesa tão logo

desapontaram Korolienko e fizeram com que ele perdesse a esperança em um futuro promissor para a sua nação.

O que pode ser comprovado em suas já citadas Cartas a Lunatchárski (1920), onde o autor narra todo o seu desencanto com os meios empregados pelos bolcheviques, chegando a declarar: "Não desejo parecer um profeta, mas o meu coração é comprimido por um pressentimento de que estamos apenas no limiar de futuras catástrofes". Para ele, aqueles que ainda sobreviviam seriam, muito em breve, ofuscados pelas novas lideranças reinantes.

Com efeito, hoje compreendemos quanto o conteúdo de sua declaração assumiu um tom profético. Conforme assinala Chub (1969, p. 325), ao ser instituída a ditatura, a Rússia foi submetida a ondas terríveis de fome, com a perda de milhões de vidas. Sem que precisemos pormenorizar, as imagens e os relatos que nos chegam hoje, revelam as assustadoras e cruéis condições de vida impostas aos cidadãos russos neste período.

Finalmente, não há modo melhor de concluirmos as linhas deste trabalho do que transmitindo ao leitor trechos das considerações do próprio Korolienko sobre a sua vida de lutas sociais. Em uma carta dirigida a Serguei Dmítrevitch Protopópov, datada em 29 de julho de 1920, ele assim se expressa:

> [...] Revejo antigos cadernos de anotações e encontro neles muitos dos "fragmentos" concebidos, por vezes, em alguns trabalhos que, por uma razão ou outra, não foram finalizados. Tais excertos estão escritos em um grande livro reservado, a fim de facilitar o trabalho de minha filha[177] de colocar em ordem a minha pequena herança literária. [...] foi necessário que a literatura de nosso tempo não permanecesse indiferente à vida[178]. De um modo geral, eu não me arrependo de nada [...] Dedicamo-nos àquilo que era impossível não se dedicar nas nossas condições [...] E sem as nossas "aspirações", possivelmente, teria sido muito pior.[179]

[177] Com efeito, Sofia V. Korolienko (1886-1957) deu continuidade às memórias de seu pai.

[178] Ao recordar os principais casos judiciais em que ele se dedicou e obteve sucesso, como o de Beilis, um judeu acusado de ter assassinado um menino, e dos camponeses udmurtos do vilarejo Multan, que haviam sido acusados de um ritual de assassinato. Cumpre notar que como muitos dos julgamentos que ocorriam na Rússia naquela época, grande parte deles não possuíam nem sequer provas ou testemunhas que corroborassem qualquer tipo de sentença; eles eram guiados pelo ódio antissemita e de classe, sendo que por estes motivos muitos cidadãos acabaram presos e exilados sem que tivessem cometido crime algum.

[179] (tradução nossa)

Referências Bibliográficas

ANDERSON, N. The hobo: The sociology of the homeless man. Chicago, 1923.

AVÉRIN, B. V. *Rasskázi, etiude i otcherkí V. G. Korolienko* [Contos, esboços e ensaios de V. G. Korolienko], in: *V. G. Korolienko Izbrannyie Proizvedenia* [V G. Korolienko - Obras Escolhidas], Leningrado: Lenizdat, 1978.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BALASUBRAMANIAN, R. *The Poetics of Korolenko's Fiction*. New York: Peter Lang, 1997.

_____. *Eastern Wisdom in Korolenko* // Russian Philology. – 1985. – № 4. – C. 20-35.

_____. *Harmonious Compositions: Korolenko's Siberian Stories* // Rocky Mountain Review. – 1990. – № 44. – C. 201-10.

_____. *Spatial Form and Character Revelations: Korolenko's Siberian Stories* // Canadian Slavonic Papers. – 1993. – № 35. – C. 249-60.

BARABANOVA, I. C; IVANOV, V. N. V.G. *Korolienko i Iacútia*, Iakútsk, 2005.

_____.V. G. *Korolienko v Iakútskoi ssílke, Iakutsk* [Korolienko no exílio em Iakutsk] , 1997, p. 50-57. Disponível em: http://www.yakutskhistory.net Acesso em 8 de mai. 2016.

BERDIAEFF, N. *El Cristianismo y el problema del comunismo*, 1941. In: Oliveira, Cássia de. C. C. Dostoiévski e o Niilismo Russo, Cultura e Comunidade. Minas Gerais, v.7, n. 12, p. 49-68, jul./ dez/ 2012.

BERNARDINI, A. et alli (org.). *Púchkin e o começo da literatura russa*, in: Caderno de literatura e cultura russa. No.1. Departamento de Letras Orientais – FFLCH – USP. São Paulo: Ateliê editorial, março 2004, p. 31-40.

CANDIDO, A. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva,1968.

CAVALIERE, Arlete. *A magia das máscaras*. São Paulo: Edusp, 1990

CHRISTIAN, R.F."V.G. Korolenko (1853-1921): *A Centennial Appreciation."Slavonic and East European Review* vol. 32 (1953-1954), p.449-463.

CONLIFFE, M. *Isolation and Russian Short Fiction, 1877-1890: Garshin, Chekhov and Korolenko*.1999. 302f. Tese (Doctor of Philosophy) – Graduate Department of Slavic Languages and Literatures, University of Toronto, Toronto, 1999.

CHALÁMOV, V. *Contos de Kolimá*, Coleção Leste, Ed. 34: São Paulo, 2015.

CHUB, D. N. *Lenin and Vladimir Korolenko* // Russian Review. – 1966. – № 25. – C. 46- 53.

_____. *Polititchéskie Deiateli Ross*i [Personalidades Políticas Russas], Waldon Press: New Youk, 1969, p. 319-326.

CORTÁZAR, Julio. *Alguns aspectos do conto*. In: *Valise de Cronópio*. São Paulo: Perspectiva, p. 147 – 163, 1974.

CRISTOVÃO, M. L. C. Descrição pictórica: a influência da pintura impressionista na literatura francesa do século XIX. 2009. 131f. Dissertação de Mestrado. Departamento de Letras Modernas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2009.

DOSTOIÉVSKI, F. M. *Recordações da Casa dos Mortos*, Ed. Martin Claret: São Paulo, 2006.

_____. Crime e castigo. São Paulo: Editora 34, 2001.

SVIATOPOLK-MÍRSKI, D. P. *Korolienko, In: Istóri rússkoi literatura c drievneichikh vriémen do 1925 góda* [História da literatura russa desde os primórdios até 1925], London: Overseas Publications, 1992, p. 533-537. Disponível em: http://az.lib.ru/k/korolenko_w_g/text_1050.shtml

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. Nascimento da Prisão. Trad. Raquel Ramalhete. 23a Ed. Vozes - RJ, 2000.

GLASER, A. M. Jews and Ukrainians in Russia's Literary Borderlands, Northwestern University Press: Illinois, 2012.

GORBUNÓV-POSADÓV, I. I. *Rietch na vietchere pamiati V. G. Korolienko* [Discurso na noite em memória de V. G. Korolienko], Poltava, janeiro de 1922. Disponível em: http://az.lib.ru/g/gorbunowposadow_i_i/text_0090.shtml Acesso em 20 de abr. 2016.

GÓRKI, M. *Iz vospomináni o V. G. Korolienko* [Das recordações sobre V. G. Korolienko], Moscou, 1918.
_____*V. G. Korolienko, in: Izbránnoe* [Favoritos], Moscou, 1987. Disponível em: http://az.lib.ru/g/gorxkij_m/text_0310.shtml Acesso em: 9 de abr. 2015.

_____. *From Reminiscences of V.G. Korolenko*, tr. Suzanne Rosenberg, Moscow: Progress Publishers, 1978.

_____. ANDREYEFF, L.; KOROLENKO, V. *Hours Spent in Prison*, trad.: Marya Galinska. London: Oxford. (1909)

GUMILIÉVSKI, L. *Literatúrnyi zavet V G. Korolienko* [Aliança literária de V. G. Korolienko], Kultura, n. 1, 1922.
Disponível em: http://az.lib.ru/k/korolenko_w_g/text_1922_literatyrny_zavet Acesso em: 10 de jun. 2014.

GUSSIEVA, E. A. *Fákty i dokumenty v problemnyx otcherkakh V. G. Korolienko* [Fatos e documentos sobre as problemáticas nos ensaios de V G. Korolienko], 2009.

GUSKOV, C. IA. *Korolienko - Pisátel XX Bieká* [Korolienko - Escritor do século XX], Moscou, 2009. Disponível em: http://www.hrono.ru/biograf/bio_k/korolenko.php Acesso em 4 de mar. De 2015.

IÚRKOV, D. I. *Poetika nieobiavlennogo sna v proizvedeniakh V.G. Korolienko* [Poética do sono não-declarado das obras de V.G. Korolienko], 2012, n. 10. Disponível em: http://www.jurnal.org/articles/2012/fill14.html Acesso em 30 de agosto de 2015.

IVÁNOVA, O. I. *Kontsept <<Sibír>> v próze V. G. Korolienko*, [O conceito <<Sibéria>> na prosa de V. G. Korolienko], Iakútsk, 2013, p.215-225. Disponível em: http://slovo.s-vfu.ru/?p=236 Acesso em: 16 de fev. 2016.

_____. *Vlianie Iakútskoi Deistvítelnosti na poéticy proizvedeni* V. G. Korolienko [A influência da realidade iacuta nas produções poéticas de V. G. Korolienko] n. 2, p. .94-98, 2011. Disponível em: cyberleninka.ru/ Acesso em 20 de abr. 2016

KATÁIEV, V. B. *Korolienko – Mgnovenie geroízma* [Instantes de heroísmo], in: Izbrannoe (Obras Escolhidas), Moscou, 1987. Disponível em: http://az.lib.ru/k/korolenko Acesso em: 5 de fev. 2014.

KLIMOVA, I. I.; KARTUZOVA, I. S. V. G. Korolienko v Amgínkoi ssylke [Korolienko no exílio em Amga], Novasibírsk, 2013. Disponível em: http://sibac.info/studconf/hum/xi/32806 Acesso em 30 de jun. 2015.

KOGAN, P. S. *Pamiáti V G. Korolienko* [Lembranças de V. G. Korolienko, Moscou:Revista Krásnaia Nov, 1922, n.1 p. 238-243

KOROLIENKO, *V. G. Pisma k Lunatchárskomy* [Cartas a Lunatchárski], in: Sovrieménnye zapíski [Recordações Contemporâneas], Paris, 1922.

_____. At-Daván y otros relatos, Espanha: Alianza Editorial S.A., 2013.

_____. *Povesti i rasskazy* [Novelas e contos] Moskva: Khudojiéstvennaia Literatura, 1986.

_____. The history of my contemporary, tr. Neil Parson. London New York: Oxford University Press, 1972.

_____. *Povesti i rasskazy*. Moskva: Khudojestvennaia Literatura, 1950.

_____. Sobranie sotchinenii v desiati tomakh. Moskva: Khudojestvennaia Literatura, 1953.

_____. Sobranie sotchineni v 5 tomakh. T. 1-2 Moskva: Moskovski Rabotchi, 1971, 448c..

_____. The Vagrant and other tales, tr. Aline Delano, New York: Thomas and Crowell & Co, 1887.

_____. Korolenko's Siberia: Three Short Stories, tr. R.F. Christian, Liverpool: University Press of Liverpool, 1954.

_____. Izbránnye proizvedenia [Obras selecionadas], Moscou,1978, 527f.

KÓTOV, A. Vladímir Galaktiónovitch Korolienko - *Krítico biografitchéski otchérk* [Ensaio crítico-biográfico],Moscou, 1953. Disponível em:

http://az.lib.ru/k/korolenko_w_g/text_0900 Acesso em 18 de mar. 2013.

KULECHOV, F. I. *Miatejnyi Talant* [Talento Rebelde], Minsk, 1984. Disponível em: http://az.lib.ru/k/korolenko_w_g/text_1070.shtml

LESKOV, N. Homens interessantes e outras histórias. Tradução de Noé Oliveira Policarpo Polli. Coleção Leste, Ed. 34, São Paulo, SP, 2012.

LUKÁCS, G. A teoria do Romance: Um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica, São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000, p. 160.

LUNATCHÁRSKI, A. V. *Vladímir Galaktiónovitch Korolienko*, Revista Plámia [Chama] 1918, n.5, agosto 1918. Disponível em: http://az.lib.ru/l/lunacharskij_a_w/text_1921_korolenko.shtml Acesso em 8 de ago. 2013.

MAGOMEDOVA, D. M. *Rússkaia literatura kontsa XIX – natchala XX* [A literatura russa em finais do século XIX e começo do XX], Moscou, 2005

MAKAROVA, E. A. *Tipologia Gepoia* i <<Svietotsvietovoie>> Vidienie Mira v Sibirskikh Rasskazakh i otcherkakh V.G. Korolienko, Tomsk: Gosudapstviennoi Univiersitiet, 2006.
MEREJKÓVSKI, D. S. Rasskazy Vl. Korolienko,Seviernyi Viestnik,n. 5,1889, C.1-29.

MARÍNOVA, M. D. Americans and Russians Discover Each Other in Narratives of Travel Between 1867 and 1905. 2005. 366f. Tese (Doctor of Philosophy) – University of Texas. Austin. 2005.

MELETÍNSKI, E. M. - Os arquétipos literários (trad. Aurora F. Bernardini, Arlete Cavaliere e Homero Freitas de Andrade). São Paulo, Ateliê Editorial, 1998.

MEREJKÓVSKI, D. S. *Rasskázy Vl. Korolienko* [Contos de Vl. Korolienko], Revista Siévernyi Viéstnik [Mensageiro do Norte], 1889, nº 5, p. 1-29. Disponível em: http://dugward.ru/library/merejkovskiy Acesso em: 11 de dez. 2014.

MINOIS, G. História do riso e do escárnio. In: ALMEIDA, R. C. de., Tese de Doutorado: Recortes do grotesco na história da literatura portuguesa: cantigas de maldizer; satíricos barrocos; Bocage; Camilo Pessanha; Mário de Sá Carneiro e Alberto; USP, São Paulo:2012, 354p.

MOROZOVA, T.Г. *Korolienko kritik Dostoiévskovo* [Korolienko, crítico de Dostoiévski] Литературное наследство. Т. 86. - Moscou, 1973, p. 621-642. Disponível em: http://az.lib.ru/k/korolenko_w_g/text_0540.shtml Acesso em 5 de abr. 2014.

NIKOLAEV, A.C. Tsenzorskii otzyv o rasskazakh V. G. Korolienko [Avaliação do censor acerca dos contos de V. G. Korolienko], in: Otcherki i rasskázy, 1886. Disponível em: http://az.lib.ru/k/korolenko_w_g/text_1900_tzenzorsky_otzyv.shtml Acesso em 26 de mai. 2016.

NOVA ANTOLOGIA DO CONTO RUSSO (1792-1998), org. Bruno Barretto Gomide, Coleção Leste, São Paulo: Ed. 34, 2011.

PARK, R. *Soznanie brodiagui: rassujdenia po povody sootnochenia soznania i premechtchenia* [A consciência dos vagabundos: os argumentos sobre a relação de consciência e movimento], Sotsiologuitchéskie obozrenie [Revisão sociológica], tomo 3, n. 1, 2003.

PILD, L. Típi naródnogo soznania v tvortchestvie V. G. Korolienko vtoroi poloviny 1880-1890 godov [Tipos de consciência nacional nos trabalhos de V. G. Korolienko na segunda metade dos anos 1880-1890], Tartu, 1994. p.146-155 Disponível em: http://www.ruthenia.ru/reprint/trudy_i/pild.pdf Acesso em 29 de mai. 2016.

PLATONE, R. Literaturnye Sibiri [Literaraturas da Sibéria], Slavia Tergestina, n.8, 2000.P. 227-240

POKATILOVA, N. V. *Poetika Rasskázov V. G. Korolienko* [Poética dos contos de V. G. Korolienko], Iakutsk: Viestnik Sievero-Vostotchnova Federalnovo Univiersitieta, n. 3, Tom. 3, 2006. Disponível em: http://cyberleninka.ru/article/n/poetika-rasskazov-v-g-korolenko

RIBEIRO, R. A. O. da S. Romantismo contextualização histórica e das artes. 2010. 90 f. Dissertação de Mestrado em Música. Instituto Politécnico de Castelo Branco, Castelo Branco. 2010.

RIEZUN, D. IA., CHILOVSKI, M. *V. Sibir, Koniets XVI – Natchalo XX Vieka: Frontir v kontiekstie etnosotsialnykh i etnokulturnykh protsiessov*[A Sibéria no começo do século XVI ao século XX: A fronteira no contexto de processos étnico-socias e étnico-culturais], Novosibirsk: 2005. Disponível em: http://kraeved.lib.tomsk.ru/page/749/ Acesso em 27 de jun. 2015

REVISTA ELETRÔNICA MORASHÁ. Cem anos de Kishinev, Edição 40, 2003. Disponível em: http://www.morasha.com.br/antissemitismo/cem-anos-de-kishinev.html Acesso em jan. 2016.

SALLES, D. R. de. A ilha de Tchékhov, in: Anais do X SEL – Seminário de estudos literários, UNESP, São Paulo, 2012.

SANTOS, K. D. IMPRESSIONISMO EM LITERATURA: Bel-Ami de Guy de Maupassant, Revista Icarahy, Rio de Janeiro, n, 5, 2011.

SILVA, D. E. da. Uma breve diacronia do grotesco: considerações sobre esse conceito. Anais do II Colóquio do LAHES: Micro história e os caminhos da história social, UFJF: Minas Gerais, 2008.

SILVA, A. Z. M. da. Sobre a prosa de Varlam Chalámov, in: RUS- Revista de literatura e Cultura Russa, v.3, n. 3, 2014.

SOLJENÍTSIN, A. I. Um dia na vida de Ivan Denísovitch, Sinta: Ed. Europa América, 1970.

TATÁRINOV, V.E. *Jánrovo-poetitchéskaia struktura rasskáza V. G. Korolienko At-Daván* [Gênero da estrutura poética do conto At-Daván de V. G. Korolienko], 1989, p. 105-112

TUMÁKOVA, I. V. Poetika rasskázov V. G. Korolienko [Poética dos contos de V. G. Korolienko], Moscou, 2005. Disponível em: http://festival.1september.ru/authors/104-233-309 Acesso em 20 de out. 2015.

TCHÉKHOV, Anton. A dama do cachorrinho e outros contos (posfácio e apêndice de Boris Schnaiderman). São Paulo, Max Limonad, 1986.

_____Cartas a Suvórin [1886-1891] Introdução, Tradução e Notas de Autora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Edusp, 2002.

TCHUKÓVSKI, K. *Korolienko v krúgu druziei* [Korolienko no círculo de amigos], Revista Oktiabr, 1960, n. 9, c. 191-205. Disponível em: http://az.lib.ru/k/korolenko_w_g/text_1030.shtml

TODOROV, T. Apresentação, In: Literatura e Realidade: Que é o Realismo?. Dom Quixote: Lisboa, 1984.

VARELLA, Drauzio. Estação Carandiru, Companhia das Letras: São Paulo, 1999.

VITRUK, N. V. – *V.G. Korolienko – pisátel i pravozaschtchitnik* [V. G. Korolienko – escritor e ativista de direitos humanos], Ijevsk: Udmúrtia, 2003.

WACHTEL,A.B.; VINITSKY,I. Russian Literature, United Kingdom: Polity Press, 2009.

WATT, I. Realismo e a forma romanesca. In: Literatura e Realidade: Que é o Realismo?, Dom Quixote: Lisboa, 1984.

ZAKIROVA, N. N. *Glazóvski Period Jízni V. Korolienko* [O período em Glazóv na vida de V. Korolienko], in: Revista Idnakar, Moscou, nº 1, 2012. Disponível em: http://cyberleninka.ru/article Acesso em: 17 de ago. 2015.

_____. *Kontseptualizatsia Miestnografizma Gradobedtcheskogo Nasledia V. G. Korolienko* [Conceitualização de aspectos locais na herança de descrições urbanas de V. G. Korolienko]. Utchenie Zapíski Kazánskovo Seriva Gumanitanie Nauki, Glazóv, 2016, vol. 158, nº 1, p. 37-52. Disponível em: http://kpfu.ru/portal/docs Acesso em: 10 de maio 2016.

ZIMBARDO, P.; HANEY, C,; BANKS, W.C. & JAFFE, D. The Stanford Prison Experiment: A simulation study of the psychology of imprisonment, Stanford University: California, Agosto de 1971.

Bibliografia de Apoio

LoGATTO, E. Literatura Rusa Moderna. Buenos Aires: Losada, 1972.

PIETROVA, M.G. *Korolienko: Vysota primipiaiuchtchei mysli* [Korolienko: Elevados pensamentos de reconciliação, Moscou, 2003, p. 356-402.

VALERIAN, P. Zaprechtchennyi rasskaz V. G. Korolienko [Conto proibido de V. G. Korolienko], Krásnyi Arkhiv, n.5, 1927.

Anexo A - Conto original – “Iachka”

Яшка

I

Жестокие, сударь, нравы...
Островский

...Нас ввели в коридор одной из сибирских тюрем, длинный, узкий и мрачный. Одна стена его почти сплошь была занята высокими окнами, выходившими на небольшой квадратный дворик, где обыкновенно гуляли арестанты. Теперь, по случаю нашего прибытия, арестантов "загнали" в камеры. Вдоль другой стены виднелись на небольшом расстоянии друг от друга двери "одиночек". Двери были черны от времени и частых прикосновений и резко выделялись темными четырехугольниками на серой, грязной стене. Над дверями висели дощечки с надписями: "За кражу", "За убийство", "За грабеж", "За бродяжничество", а в середине каждой двери виднелось квадратное отверстие со стеклышком, закрываемое снаружи деревянною заслонкой. Все заслонки были отодвинуты, и из-за стекол на нас смотрели любопытные, внимательные глаза заключенных.

Мы повернули раз и другой. Над первою дверью третьего корпуса я прочел надпись: "Умалишенный", над следующею -- то же. Над третьей надписи не было, а над четвертой я разобрал те же слова. Впрочем, не надо было и надписи, чтобы угадать, кто обитатель этой каморки,-- из-за ее двери неслись какие-то дикие, тоскующие, за сердце хватающие звуки. Человек ходил, по-видимому, взад и вперед за своею дверью, выкрикивая что-то похожее то на еврейскую молитву, то на горький плач с причитаниями, то на дикую плясовую песню. Когда он смолкал, а в коридоре наступала тишина, тогда можно было различить монотонное чтение какой-то молитвы, произносимой в первой камере однозвучным голосом. Дальше видны были еще такие же двери, и из-за них слышалось мерное звяканье цепей. Надпись гласила:"За убийство".

Это был "коридор подследственного отделения", куда нас поместили за отсутствием помещения для пересыльных. По той же причине, то есть за отсутствием особого помещения, в этом коридоре содержались трое умалишенных. Наша камера, без надписи, находилась между камерами двух умалишенных, только справа от одной из них отделялась лестницей, над которой висела доска: "Вход в малый верх".

Пока надзиратели подбирали ключи, чтобы открыть нашу камеру, сосед наш по правую сторону-- третий умалишенный -- не подавал никаких признаков своего существования. Сколько можно было видеть в дверное оконце, в его камере было темно, как в могиле.

-- Яшка-то молчит ноне,-- тихо сказал "старший надзиратель" младшему.

-- Не видит... Ну его! -- ответил тот так же тихо.

Вдруг из-за стеклышка сверкнула пара глаз, мелькнул конец носа, большие усы, часть бороды. Вслед за тем дверь застонала и заколебалась. Яшка стучал ногою в нижнюю часть двери так сильно, что железные болты гнулись и визжали. Каждый удар гулко отдавался под высоким потолком и повторялся эхом в других коридорах. Надзиратели вздрогнули. "Старший" -- седой, низенький старичок из евреев, с наружностью старой тюремной крысы, с маленькими, злыми, точно колющими глазами, сверкавшими из-под нависших бровей,-- весь съежился, попятился к стенке и бросил в сторону стучавшего взгляд, полный глубокой ненависти и злобы.

-- Полно, Яшка, что задурил-то? -- отозвался коридорный надзиратель, серьезный старик, с длинными опущенными вниз усами, в большой папахе.-- Чего не видал? Видишь, арестантов привели!

Тот, кого называли Яшкой, окинул нас внимательным взглядом. И, как бы убедившись, несмотря на наши "вольные" костюмы, что действительно мы арестанты, прекратил стук и что-то заворчал за своею дверью. Слов мы не могли расслышать -- "одиночка" уже приняла нас в свои холодные, сырые объятия. Запоры щелкнули за нами, шаги надзирателя стихли в другом конце коридора, и жизнь "подследственного отделения" вошла опять в свою обычную колею.

Пять шагов в длину, три с половиной в ширину -- вот размеры нового нашего жилища. Стекла в небольшом, в квадратный аршин, окне разбиты, и в него видна, на расстоянии двух сажен, серая тюремная стена. Углы камеры тонули в каком-то неопределенном полумраке. Карнизы оттенены траурною каймой многолетней пыли, стены серы, и, при внимательном взгляде, видны на них особые пятна -- следы борьбы какого-нибудь страдальца с клопами и тараканами,-- борьбы, быть может, многолетней, упорной. Я не мог освободиться от ощущения особого рода неприятного запаха, который, как мне казалось, несся от этих стен. Внизу, у самого пола, в кирпич было вделано толстое железное кольцо, назначение которого для нас было ясно: к нему была некогда приделана короткая цепь... Две кровати, стул и маленький столик составляли роскошь "одиночки", которую ей, быть может, привелось видеть впервые. В остальных камерах, таких же, как наша, не было ничего, кроме тюфяка, брошенного на пол, и живого существа, которое на нем валялось...

За стеной послышалось дребезжание телеги. Мимо окна проехал четырехугольный ящик, который везла плохая, заморенная клячонка. Два арестанта вяло плелись сзади, шлепая "кеньгами" по грязи. Они остановились невдалеке, открыли люк и так же вяло принялись за работу... Отвратительною вонью пахнуло в наши разбитые окна, и она стала наполнять камеру...

Мой товарищ, улегшийся было на своей постели, встал на ноги и тоскливо оглядел комнату.

-- Од-на-ко! -- сказал он протяжно.

-- Д-да! -- подтвердил я.

Больше говорить не хотелось, да и не было надобности,-- мы понимали друг друга. На нас глядели и говорили за нас темные стены, углы, затканные паутиной, крепко запертая дверь... В окно врывались волны миазмов, и некуда было скрыться. Сколько-то нам придется прожить здесь: неделю, две?.. Нехорошо, скверно! А ведь вот тут, рядом, наши соседи живут не одну неделю и не две. Да и в этой камере после нас опять водворится жилец на долгие месяцы, а может, и годы...

А арестантики продолжали работу -- это была их ежедневная обязанность. Ежедневно приезжали они сюда со своим неблаговонным ящиком и вяло черпали час, другой, уезжая и приезжая,-- все мимо целого ряда плохо прилаженных, часто разбитых окон.

Мы заткнули разбитое окно казенной подушкой. Запах несколько уменьшился, или мы притерпелись, но только тоскливое чувство, внушенное нашей беспомощностью, тишиной, бездеятельностью одиночки, из острого стало

переходить в тупое, хроническое... Мы стали прислушиваться к тихому жужжанию внешней жизни, прорывавшемуся сквозь крепкие двери.

Внешняя жизнь для нас была жизнь двора и коридора тюрьмы. В дверное оконце, когда его забывали закрыть наружною заслонкой, виднелись гуляющие арестанты. Они "толкались" по квадратному дворику парами, тихо и без шума. Казалось, серые халаты налагали какое-то обязательство тихой солидности.

В известные часы по двору проносилась команда: "Пошел за кипятком!", "Пошел за хлебом!", "Обедать пошел!", "По-шо-ол, расходись по камерам!" Выпускали на время подследственных из строгого одиночного заключения или каторжников в цепях. Последние еще солиднее прохаживались по коридору: цепи уже, несомненно, налагали это обязательство. Под вечер где-то на третьем дворе раздавался звонок: приближалась "поверка". Ежедневно в семь часов смотритель или его помощник обходили с караульным офицером и конвоем солдат все камеры, считая заключенных.

Так проходил день в "подследственном отделении".

...Раз, два, три, четыре...-- гулко раздавался по временам сильный стук. Это Яшка тревожил чуткую тишину коридора. Среди этой тишины, на фоне бесшумной, подавленной жизни, его удары, резкие, бешено-отчетливые, непокорные, составляли какой-то странный, режущий, неприятный контраст. Я вспомнил, как маленький "старший" съежился, заслышав эти удары. Нарушение обычного безмолвия этой скорбной обители, казавшееся даже мне, постороннему, диссонансом, должно было особенно резать ухо "начальства".

Не знаю, зачем, собственно, понадобилось мне считать эти удары. Раз, два, три... около шести стук усиливался; семь, восемь, девять...-- стоял сплошной гул, затем на одиннадцати, редко на двенадцати, звук резко обрывался. В это мгновение у меня являлось в правой ноге мимолетное ощущение ноющей боли. Мне казалось, что Яшка прекращал свой стук именно от такой боли в ноге. Через несколько секунд раздавалось еще пять-шесть ударов, и затем в коридоре наступала напряженная тишь, или же угрюмое ворчание Якова смешивалось со скорбными выкрикиваниями еврея.

Чаще других приходилось дежурить в нашем коридоре старику надзирателю, давно, по-видимому, свыкшемуся с тюрьмой и ее обитателями. Казалось, старик обрел на этом месте то особого рода душевное равновесие, которое так облегчает жизнь и сношения с людьми во всякой профессии. Он имел вид человека, обладающего обстоятельным миросозерцанием, был философски спокоен и неизменно равнодушен, никогда не возвышал голоса, не бранил арестантов, не стеснял их без нужды. Он был надзиратель,-- это было его общественное положение, налагавшее на него известные обязанности. Другие были арестанты,-- это опять их общественное положение, также сопряженное с обязанностями. Каждый должен исполнять свои обязанности, что значит: "веди себя с толком, поступай благородно, то есть не попадай на замечание начальства". Таковы были основы его философии, и он сумел провести их в жизнь подведомственного ему "отделения". Главное нравственное правило: "не попадай на замечание" -- проникало во все детали этой жизни. Сам старик Михеич двигался и действовал, не торопясь, как хорошо рассчитанная машина. Я никогда не видел, чтоб он препирался с арестантом из одиночки, когда тот просился "до ветру", как это делали другие надзиратели. Он просто шел на стук и отпирал двери. Зато, если Михеич отказывал в каком-нибудь облегчении, значит, у него была резонная причина, имеющая отношение к близости начальственного ока, и отказ был всегда решительный, безапелляционный. Когда, бывало, старый Михеич сидел на окне коридора и дремал, при чем из-под его папахи, вечно нахлобученной на самые брови, виднелись концы длинных усов и ястребиного носа, тихо и благосклонно "клевавшего" в спокойной дремоте, в коридоре подследственных воцарялась непринужденность и даже некоторая развязность, конечно, в возможных для этого места пределах. Арестанты франтовато ходили с папиросами в зубах мимо философа-начальника, с очевидным знанием невозможности явиться в "эдаком виде" в другие часы дня. Это делало особенно драгоценной эту привилегию в данное время. Они уже сами смотрели в оба, чтобы не попасться в "эдаком виде" кому-нибудь из высшего тюремного начальства и не подвести старого Михеича, так как хорошо понимали, что в подобном ротозействе не заключается ни "толку", ни "благородства". Даже умалишенные чувствовали импонирующее влияние Михеичевой философии. Когда рулады сумасшедшего еврея, одержимого какою-то музыкальной манией, достигали чрезмерной напряженности и экспрессии, когда, казалось, его глотка скоро откажется производить какие бы то ни было звуки, а уши слушателей рисковали потерять всякую способность воспринимать их, Михеич спокойно слезал с окна, подходил к двери еврея и, стукнув связкой ключей, произносил ровным, спокойным голосом:

-- Эй, ты, свиное ухо! По какой причине раскричался? Вопрос звучал деловито, как будто вопрошавший допускал возможность существования какой-либо "причины", и даже название "свиное ухо" казалось просто необидным собственным именем. Еврей смягчал экспрессию, понижал тон и издавал рулады, выражавшие очевидную готовность к компромиссу.

-- Нарукавники желаешь? -- спрашивал Михеич так же спокойно, и опять в вопросе слышалась возможность со стороны еврея такого неестественного желания.

-- Покричи еще,-- что ж, я и принесу нарукавники тебе... Это, брат, можно во всякое время...-- соглашался Михеич, и рулады еврея спускались до обычного диапазона.

-- Стекло-то опять зачем сожрал, а? Разве полагается тебе казенные стекла жрать? Видишь вот, вчера вставили, а ты опять слопал, свиное ухо! -- говорил Михеич, выковыривая остатки дверного стекла, которое еврей, действительно, имел обыкновение разбивать и грызть зубами.

Урезонив еврея, Михеич снова направлялся к излюбленному месту на окне, где спина его скоро прилипала к натертому жирному пятну косяка, а нос и усы принимали обычное положение. Еврей продолжал свои рулады, возвратившись к нотам, более свойственным человеческому голосу, или начинал что-то таинственно выстукивать в стену, как бы сообщая кому-то смысл сейчас слышанных слов.

Другой умалишенный, остяк Тимошка, помещавшийся в первой камере у входа в коридор подследственных, пользовался некоторым благорасположением Михеича. Однажды, когда я проходил по коридору, Михеич с видимым удовольствием указал на камеру Тимошки.

-- Тимошка тут, Тимофей, остяк... Набожный... Всякую молитву знает. Поди, и теперь молится...

Я заглянул в оконце. Длинная узкая камера была еще мрачнее нашей, так как угловая стена примыкавшего здания закрывала в нее доступ свету. Вначале я не мог никого разглядеть среди этих темных стен, но вскоре увидел в углу, под самым окном, какую-то коленопреклоненную фигуру. Тимошка мерно покачивался, стоя на коленях перед какими-то болванчиками, неопределенно черневшими в углу. На окне лежало что-то вроде шапки. Мебели, как и в других одиночках, не было, только рядом с болванчиками стояла "парашка". Остяк молился ровным, своеобразно-диким голосом, тоном опытного чтеца. По временам он произносил целые длинные фразы на каком-

то непонятном, вероятно, остяцком языке, а иногда, нисколько не изменяя молитвенной интонации, произносил скверные ругательства, как будто и они составляли часть его культа.

-- Трех человек задушил руками,-- отрекомендовал мне его Михеич.-- Из себя невидный, а сила в ем ба-а-альшая!

-- А что это в углу у него расставлено? -- спросил я.

-- Идолы это... Бога... Ка-ак же! Сам делает. Сколько раз отымали, сейчас опять смастерит.

-- Чем же?

-- На выдумки ловок, беда! Нож из жести оконной у него, об камень выточен. А шапку видели... на окне у него лежит? Тоже сам сшил. Окно-то у него разбито, чорт ему кошку шальную и занеси. Он ее сцапал, содрал шкуру зубами,-- вот и шапка! Иголка тоже у него имеется, нитки из тюфяка дергает... Ну, зато набожен: молитвы получше иного попа знает. Бога у него свои, а молитвы наши... Молится, да!.. И послушен тоже... Тимошка, спой песенку! Тимошка прервал молитву, взял в руки палку и повернулся кМихеичу.

-- С барабаном? -- спросил он

В его диком голосе звучала какая-то юмористическая нотка. Переход от молитвы к скоморошеству был для него, по-видимому, нетруден.

-- Неуж без барабана, чудак! -- ответил Михеич. Тимошка запел бесконечную песню, постукивая в такт палкой. В этой песне, с довольно быстрым темпом, слышалось что-то своеобразное, заунывно-дикое. Мы старались потом с товарищем воспроизвести этот нехитрый мотив, но он не давался нашей памяти.

-- Без конца у него песня эта,-- заметил Михеич.-- Теперь все будет петь, пока не скажу: довольно! Раз этак я забыл остановить его -- он и поет себе. Проверка пришла, смотритель и спрашивает: "Ты что делаешь?" -- "Песню, говорит, Михеич приказал петь". Право, послушный он!.. А тре-ех человек задавил руками. Ноги ему в сумасшедшем доме отшибли -- ходить не может. Зачинает мало-мало подыматься, да плохо. Видно, отстукали ловко!

-- Неужто в больнице у вас ноги отшибают? Ведь это...

-- Да уж это не так, чтобы превосходно, что и говорить. Опять же и зря: послушный он, остяк-то. Ему толком скажи -- он слушает. Только там это у них живо, в сумасшедшем-то доме: чуть что, пожалуй, не долго им, и совсем устукают. Этому стукальщику скоро вот то же будет,-- как-то недружелюбно мотнул Михеич головой в сторону Яшкиной двери.

В его голосе исчезли мягкие, благосклонные ноты, с какими он обращался к послушному Тимошке, давившему людей руками и сдиравшему шкуры с живых кошек. Очевидно, в глазах Михеича Яшка был хуже остяка.

Вообще этот странный субъект находился на каком-то особом, исключительном положении, и он интересовал меня все более и более. В его стуке я, наконец, начал различать некоторую систему. Так, однажды, когда он вдруг загремел очень сильно, я увидел, что Михеич стал беспокойно озираться, как будто ожидая чьего-нибудь появления. Потом старик деловито обратился кЯкову:

-- Что ты? Зачем? Никого ведь нету.

Яшка тотчас же смолк. Очевидно, он не просто стучал в пространство, а адресовал эти гремящие звуки чьему-нибудь слуху. Вскоре я убедился, что стуком этим он салютовал всякому начальству, начиная со "старшего надзирателя". Чем выше было начальство, тем, вообще говоря, громче были салюты. Ночью они раздавались значительно тише, точно Яшка стучал спросонок. Проснется он,-- так думалось мне,-- стукнет раза три-четыре и опять, исполнив эту обязанность, уляжется спать. Однажды только среди ночной тишины удары Яшки раздались точно гром канонады: на следующее утро оказалось, что ночью "на малом верху кержаки произвели немалую драку",-- стало быть, являлось высшее тюремное начальство.

Удары эти доставались Яшке не дешево. "Ноги вовсе у него попухли,-- говорил мне Михеич,-- а все ведь неймется".

На третий день нашего заключения мы потребовали у начальства, чтобы нас отпускали гулять, и нас приказано было отпускать "после поверки", когда остальные заключенные запираются в камеры на ночь. Это-то время я решил употребить для приобретения ближайшего знакомства с Яшкой.

II

Звонок. "Становись на поверку!"

В подследственном отделении все стихло. Где-то далеко, в третьем или четвертом коридоре, лязгнула дверь, послышались раскаты, точно рокот далекого наводнения. "Поверка" толпой ввалилась в наше отделение. Яшка принялся за свое дело.

Когда "поверка" обошла наши камеры и поднялась на "малый верх", Михеич отворил нашу дверь. Коридорный арестант подследственного отделения, Меркурий, исполняющий обязанности "парашечника", убирающий камеры и бегающий на посылках у "привилегированных" арестантов, явился в нашу камеру с самоваром. Пока "поверка" не ушла совсем, Михеич просил нас для "порядку" не выходить в коридор.

Вот "поверка" сходит с лестницы. Наша дверь не затворена, и нам ясно слышны не только удары Яшки, но и его возгласы:

-- Беззаконники! -- кричал Яшка, когда "поверка" проходила мимо его двери.-- Пошто держите, пошто морите меня? Сказывайте, слуги антихристовы!

Я вспомнил надпись над Яшкиной дверью. Неужто,-- мелькнуло у меня в уме,-- это недоразумение? Неужто этот человек, запертый, наглухо заколоченный в эту ужасную дыру, в этот гроб, вовсе не умалишенный и способен сознавать весь ужас своего положения?..

-- За что это Яшку держат в одиночке, да еще так строго? -- спросил я Меркурия.

-- Человека убил, каторжник беглый,-- вмешался Михеич тоном убежденного человека.

-- Не-ет,-- протянул Меркурий,-- что ты, Михеич! Что по-пустому говорить! Неизвестно это,-- обратился он ко мне.-- Звания своего, фамилии, например, он не открывает. Сказывают так, что за непризнание властей был сослан. Убег ли, што ли, этого доподлинно не могу знать...

-- Над его дверью написано, что он сумасшедший?

-- Приставляется,-- сказал Михеич, по-своему, кратко и утвердительно.

-- Не-ет... опять же и это... кто знает! Может, и не сумасшедший,-- сказал опять Меркурий как-то уклончиво.-- Собственно, держат его в одиночке за непризнание властей, за грубость. Полицместер ли, кто ли придет, хоть тут сам губернатор приходи,-- он и ему грубость скажет. Все свое: "беззаконники да слуги антихристовы!" Вот -- через это самое... А то раньше свободно он ходил по всейдаже тюрьме без препятствий...

-- А зачем он стучит?

-- И опять же, как сказать... Собственно для обличения!.. Меркурий ушел. Мы заварили чай и вышли "на прогулку" в коридор. Вдали, где-то в третьем коридоре, слышались еще шаги удалявшейся "поверки". У Яшкина оконца виднелись усы, часть бороды, конец носа. Яшка стоял неподвижно и будто чего-то ждал.

Вдруг дверь опять заколебалась от неистовых ударов.

-- Зачем ты это, Яков, стучишь? Кто тебя слышит? Ведь никого нет! -- сказал я.

-- Эвона! -- отвечал Яшка серьезно, мотнув головой по направлению к окну коридора, через которое виднелся противоположный фасад расположенного четырехугольником здания и в нем сквозной просвет высокой двери, ведущей на другой двор.

В этом просвете маячила в сумерках фигура последнего солдата "поверки". Фигура вскоре исчезла. Яшка счел возможным прекратить стук и обратился ко мне.

Он нагнулся, чтобы окинуть меня внимательным взглядом из-за своего оконца. Мне все не удавалось увидеть его лица в целом. Теперь на меня глядели серые выразительные глаза, слегка лишь подернутые какою-то мутью, как у сильно утомленного человека. Лоб был высокий и по временам собирался в резкие -- не то гневные, не то скорбные -- складки. По-видимому, Яшка был высок ростом и очень крепко сложен. Лет, вероятно, было ему около пятидесяти.

-- Што будешь за человек? -- спросил он.-- Куда тебя гонят?

Я назвал себя и сообщил, куда меня гонят.

-- А тебя как зовут? -- спросил я.

-- Был Яков... Яковом звали.

-- А величают как? Родом откуда?

Яков взглянул на меня с каким-то подозрительным вниманием и, помолчав, ответил кратко:

-- Забыл (После я узнал, что родом он из Пермской губернии).

Понемногу мы разговорились.

Как арестант, содержимый на особых правах, в "вольной одежде" и тому подобное, я представлял для Яшки явление не совсем обычное. Передо мною же был обыкновенный заключенный, говоривший сдержанно, ровно, вообще, в будничном настроении.

-- Беспокойно тебе,-- стучу я этто. Ничего, привыкнешь,-- говорил он, усмехаясь.-- Ночью тише же стучу я, не громко. На росписку сюда слуга-то антихристов является, так ему я это постукиваю.

-- Скажи мне, Яков, зачем ты стучишь? -- спросил я. Яков вскинул на меня своими большими глазами, и в голосе его, когда он отвечал, послышалась какая-то "обрядная"важность:

-- Стою за бога, за великого государя, за христов закон, за святое крещение, за все отечество и за всех людей.

Я несколько удивился, что, по-видимому, не ускользнуло от внимания Якова.

-- Обличаю начальников,-- пояснил он,-- начальников неправедных обличаю. Стучу.

-- Какая же от этого польза?

-- Польза? Есть польза...

-- Да какая же? В чем?

-- Есть польза,-- повторил он упрямо.-- Ты слушай ухом: стою за бога, за великого государя...-- и он целиком повторил свою формулу.

Я понял теперь: Яков не искал реальных, осязательных последствий от своего стучания для того дела, за которое он "стоял" столь неуклонно среди глухих стен и не менее глухих к его обличениям людей; он видел "пользу" уже в самом факте "стояния" за бога и за великого государя, стало быть, поступал так "для души".

-- А за что тебя держат? -- спросил я далее.

-- За что?.. Беззаконники! -- заговорил Яшка и возбужденно завозился за своею дверью.-- За что держат? Скажи вот: безо всякого преступления... Нет моего преступления ни в чем. А и было бы преступление, так разве им судить?.. Бог суди!

-- Человека ты убил,-- сказал Михеич, внимательно слушавший наш разговор.-- Пошто приставляешься?

-- Неправда, неправда,-- заговорил Яшка каким-то страдальчески-возбужденным голосом.-- Ишь чего выдумали, беззаконники! Неправда, не верь им, Володимер, не верь слугам антихристовым. Нет моего никакого преступления. Отрекись, вишь, от бога, от великого государя, тогда отпустим. Где же отречься?.. Невозможно мне. Сам знаешь: кто от бога, от истинного прав-закону отступит,-- мертв есть. Плотью-то он живет, а души в нем живой нету...

В это время из темного коридора, под прямым углом примыкавшего к нашему, показалась маленькая фигурка в сером пальто с медными пуговицами. Я узнал "старшего". Седая тюремная крыса точно выползала из норы за добычей. Старик крался, прижимаясь вдоль стены, чтобы Яшка не мог его увидеть из своей конурки. В руках у него были тетрадь и карандаш. Каждый вечер он клал эту тетрадь на окно коридора и ночью обязан был несколько раз написать в ней: "был в таком-то часу". В эти-то часы и раздавалось тихое постукивание Яшки.

-- Отопри "малый верх",-- шепнул Михеичу "старший", быстро шмыгнув мимо Яшкиной двери.

Михеич стал тихо снимать засов с дверей, которые вели на лестницу с надписью: "Вход на малый верх". На этом "верху" находилась особая воровская колония. О ней так и говорили:

"Нонче в воровской драка приключилась".-- "Воры-то ночью за картами развозились". Этот "верх" не даром носил название "малого". Дело в том, что тюрьма была рассчитана на число жителей чуть не на половину менее того, какое в ней находилось в действительности. Пришлось поэтому пуститься на хитрости, и вот губернская архитектура кое-как приляпала к высоким камерам новые потолки, значительно их понизившие и послужившие полом для "малого верха". Часть высоких окон, отхваченная этими антресолями, пришлась, таким образом, в "малом верху" и получила назначение снабжать его светом. Нечего говорить, что назначение это исполнялось далеко не удовлетворительно, и воровской "малый верх" представлял помещение, совершенно невозможное в гигиеническом отношении.

-- Тут у вас ничего еще, -- говорил мне Меркурий о наших помещениях.-- Тут и хорошему, образованному человеку прожить мало-мало можно... А вот в воровской -- не приведи господи! Вонько, темно, сыро... Чистая смерть!..

Чтобы несколько вознаградить за отсутствие воздуха и света, начальство тюрьмы дало ворам некоторые льготы. Они, например, не запирались по камерам и ночью, так как даже при сибирских взглядах на правила гигиены оказалось невозможным ставить у воров на ночь зловонные "парашки". Таким образом, начав задыхаться в одной камере, жилец воровского "малого верха" мог для разнообразия отправиться задыхаться в другую. Как бы то ни было, "малый верх" вознаграждал за некоторые неудобства жилища широким развитием общественности. По ночам оттуда слышался шумный говор, по временам неслись отчаянные крики. Тогда призывалось начальство, иногда даже военный конвой, и расшумевшиеся "воры" накрывались за картежом или пьянством, подобно разодравшимся воробьям, которых берут руками мальчишки.

Итак, Михеич стал тихо снимать засов, и "старший", расписавшись в тетради, опять было прошмыгнул мимо Яшкиной двери, направляясь на лестницу. "За водкой...-- шепнул мне Михеич: -- воры в карты дуются, водку пьют... накроет".

Но в этот критический момент, когда старый тюремный хищник стал подыматься на лестницу, Яшка, каким-то чутьем угадавший присутствие одного из "беззаконников", внезапно загремел своею дверью. Старик вздрогнул, точно ошпаренный. Я ясно представил себе, как болезненно задело его напряженные нервы это неожиданное громовое вмешательство. Он подпрыгнул на месте, точно его захлопнуло западней, заерзал, попытался было броситься на верх, но, сообразив, что дело потеряно, и воры успели все припрятать, возвратился назад.

-- Запри! -- изнеможенно обратился он к Михеичу.-- О, Яшка, Яшка! -- прошипел он, обращаясь к дверям.-- Кажется, ежели мог бы, вот как бы тебя растер, проклятого, вот как!..

Он сжал свои кулачонки и стал их тереть друг о друга, как бы воображая, что Яшка находится между ними и испытывает процесс растирания.

Яшка появился у своей двери, очевидно, довольный, что удар, направленный во имя господне чисто наудачу, попал в цель так метко.

-- Не любо тебе, беззаконник? -- гремел он вдогонку.-- Долго ли держать меня будете, слуги антихристовы?..

-- Пос-с-той, пог-год-ди! -- шипел "беззаконник", пораженный в наболевшее место, и бросал при этом на нас косвенные взгляды, как будто между нашим присутствием и необходимостью для Яшки "погодить" была некоторая необъяснимая связь.

Смысл этого "погоди" был совершенно ясен: Яшка был во власти этой старой тюремной крысы, один, без союзников, и, тем не менее, он жестоко измучил того, от кого вполне зависел. А он именно его измучил. Для меня стала очевидною та странная связь, которая установилась между Яшкой, запертым в одиночке, и державшими его "беззаконниками". Казалось бы, заперли Яшку -- и делу конец, его можно игнорировать. Но он успел своим неукротимым протестом раздражить их нервы, натянуть их до болезненной восприимчивости к этому стуку, и торжествовал над связавшими его по рукам и по ногам врагами. Побежденный физически, он считал себя не сдавшимся победителю, пока еще "господь поддерживает его" в единственно возможной форме борьбы: "Стучу вот". В этом он видел свою миссию и свое торжество.

-- И всегда так-то: стучит без толку... Уж именно что без пользы, один вред себе получает...-- говорил Михеич, запирая ход на лестницу.-- Что толку в стуке? Ну, вот, заперли его, в карцере сколь перебывал, нарукавники надевали,-- все неймется. Погоди,-- обратился Михеич к Яшке,-- в сумасшедший дом свезут, там недолго настучишь! Там тебя устукают получше Тимошки.

-- Хоть куда отдавай, все едино! Меня не испугаешь,-- отвечал Яшка. -- Я за бога, за великого государя стою, -- за бога, слуги антихристовы, стою! Слышишь? Думаете: заперли, так уж я вам подвержен? Не-ет! Стучу, вот, слава-те, господи, царица небесная... поддерживает меня бог-от! Не подвержен я антихристу.

-- Нарукавники тебе... связать тебя, стукальщика, да и держать этак... Не стал бы стучать... Осенние сумерки, выползая из углов старой тюрьмы, все более и более сгущались в коридорах.

-- На молитву пора,-- сказал мне Яков,-- прощай! Он отошел от двери и, когда я, спустя некоторое время, взглянул в его оконце, он уже "стоял на молитве". Его окно было завешено какими-то тряпками, сквозь которые скудно прорывался полусвет наступающего вечера. Фигура Яшки рисовалась на этом просвете черным пятном. Он творил крестные знамения, причем как-то судорожно, резко подавался туловищем вперед и затем подымался несколько тише. Его точно "дергало".

Мы с товарищем прохаживались по темнеющим коридорам. Подходя к Тимошкиной двери, мы слышали мерное, точно заупокойное чтение. Из двери еврея вместе с дикими, стонущими звуками неслись убийственные миазмы. В соседней с ним камере каторжник, помещенный сюда опять-таки за недостатком места, совершал свою обычную прогулку, гремя кандалами, а наверху гоготали и шумно возились воры. Остальные камеры хранили безмолвие наступающего сна. Двое бродяг, сидевших вместе, варили что-то в печурке. Это, очевидно, были любители "очага". Весь день употребляли они на розыски щепок и всякой дряни, которую подбирали на тюремных дворах, на последние деньжонки покупали "крупок" и вечером, когда всех запирали, они разводили в своей печке огонь. В эти минуты я иногда подходил к их двери и тихонько заглядывал в нее так, чтобы не нарушить их мирного наслаждения. Один, суровый бродяга, лет за сорок, сидел прямо против печки, обхватив колени руками, внимательно следя за огнем и за маленьким горшочком, в котором варилась крупа. Другой приволакивал к печке свой тюфяк и ложился на него лицом к огню, положив подбородок на руки. Это был почти еще мальчик, с бледным, тюремного цвета лицом и большими выразительными глазами. Он, очевидно, мечтал. Огонек потрескивал, вода в горшочке шипела и бурлила, а в камере царило глубокое молчание. Бродяги точно боялись нарушить музыку импровизированного очага тюремной каморки... Затем, когда огонек потухал и крупа была готова, они вынимали горшок и братски делили микроскопическое количество каши, которая, казалось, имела для них скорее некоторое символическое, так сказать, сакраментальное значение, чем значение питательного материала.

В самой крайней камере, служившей как бы продолжением коридора, жильцы беспрерывно сменялись.

Эта камера не отличалась от других ничем, кроме своего назначения, да еще разве тем, что в ее дверях не было оконца, которое, впрочем, удовлетворительно заменялось широкими щелями. Заглянув в одну из этих щелей, я увидел двух человек, лежавших в двух концах камеры, без тюфяков, прямо на полу. Один был завернут в халат с головою и, казалось, спал. Другой, заложив руки за голову, мрачно смотрел в пространство. Рядом стояла нагоревшая сальная свечка.

-- Антипка! -- заговорил вдруг последний и, вздрогнув, точно от прорвавшейся тяжелой, мучительной мысли, сел на полу.

Другой не шевелился.

-- Антипка, ирод!.. Отдай, слышишь... Думаешь, вправду у меня пятьдесят рублей?.. Лопни глаза, последние были... Антипка притворялся спящим.

-- У-у, подлая душа! -- произносит арестант и изнеможенно опускается на свое жесткое ложе; но вдруг он опять подымается со злобным выражением.

-- Слышь, Антипка, не шути, подлец! Убью!.. Ни на што не посмотрю... Сам пропаду, а уж пришью тебя, каиново отродье.

Антипка всхрапывает сладко, протяжно, точно он покоится на мягких пуховиках, а не в карцере рядом со злобным соседом; но мне почему-то кажется, что он делает под своим халатом некоторые необходимые приготовления.

-- Кержаки это... разодрались ночесь на малом верху,-- поясняет мне Михеич,-- вот смотритель в карцер обоих и отправил. Антип это деньга, што ли, у Федора украл. Два рубля денег, сказывают, стянул.

-- Как же это их вместе заперли? Ведь они опять раздерутся?

-- Не раздерутся, -- ответил Михеич, многозначительно усмехнувшись.-- Помнят!.. Наш на это-- беда, нетерпелив! "Посадить их, говорит, вместе, а подеретесь там, курицыны дети, уж я вам тогда кузькину мать покажу. Сами знаете..." Знают... Прямо сказать: со свету сживет. В та-акое место упрячет... Это что? -- только слава одна, что карцером называется. Вон зимой карцер был, то уже можно сказать. Сутки если в нем который просидит, бывало, так уж прямо в больницу волокут. День поскрипит, другой, а там и кончается.

Мне привелось увидеть этот карцер, или, вернее, не увидеть, а почувствовать, ощутить его... Мне будет очень трудно описать то, что я увидел, и я попрошу только поверить, что я, во всяком случае, не преувеличиваю.

На квадратном дворике по углам стоят четыре каменные башенки, старые, покрытые мхом, какие-то склизкие, точно оплеванные. Они примыкают вплоть ко внутренним углам четырехугольного здания, и ход в них -- с коридоров. Проходя по нашему коридору, я увидел дверь, ведущую, очевидно, в одну из башенок, и наш Меркурий сказал мне, что это ход в бывший карцер. Дверь была не заперта, и мы вошли.

За нами в коридоре было темно, в этом помещении -- еще темнее. Откуда-то сверху сквозил слабый луч, расплывавшийся в холодной сырости карцера. Сделав два шага, я наткнулся на какие-то обломки. "Куб здесь был раньше,-- пояснил мне Меркурий,-- кипяток готовился, сырость от него осталась,-- беда! Тем более, печки теперь не имеется..." Что-то холодное, проницающее насквозь, затхлое, склизкое и гадкое составляло атмосферу этой могилы... Зимой она, очевидно, промерзала насквозь... Вот она -- "кузькина-то мать"!-- подумал я.

Когда я, отуманенный, вышел из карцера, тюремная крыса, исполнявшая должность "старшего", опять крадучись, ползла по коридорам отбирать от надзирателей на ночь ключи в контору, и опять Яшка бесстрашно заявлял ей, что он все еще продолжает стоять за бога и за великого государя...

"О, Яшка,-- думал я, удаляясь на ночь в свою камеру,-- воистину бесстрашен ты человек, если видал уже "кузькину мать" и не убоялся!.."

III

-- Отчего у Яшки в камере так темно и холодно? -- спросил я, заметив, что в его камере темно, как в могиле, и из его двери дует, точно со двора.

-- Рамы, пакостник, вышибает,-- ответил Михеич.-- Беспокойный, беда!.. А темно потому, что снаружи окно тряпками завешано, -- от холоду. Стекла повышибет, тряпками завесит,-- все теплее будто!.. Ну, не дурак? "Для бога, для великого государя". Кому надобность, что у тебя стекол нет...

И Михеич презрительно пожал плечами.

С тем же вопросом я обратился к Яшке.

-- Видишь ты,-- серьезно ответил он,-- беззаконники хладом заморить меня хотят, потому и раму не вставляют.

-- Зачем же ты ее вышиб?

-- Не вышиб я, нет!.. Зачем вышибать?.. Вижу: идут ко мне слуги антихристовы людно. Не с добром идут -- с нарукавниками. Сам знаешь: жив человек смерти боится. Я на окно-то от них... за раму-то, знаешь, и прихватился. Стали они тащить, рама и упади... Вот!.. Что поделаешь. Согрешил: нарукавников испужался...

Несколько слов об этих нарукавниках.

Идея нарукавников -- идея целесообразная и, если хотите, даже гуманная. Чтобы буйный или бешеный субъект не мог нанести своими руками вред себе или другим, руки эти должны быть лишены свободы действия с возможным притом избежанием членовредительства. Для этой цели надеваются крепкие кожаные рукава, коими руки притягиваются к туловищу. Чтобы удержать их в этом положении, рукава стягиваются двумя крепкими ремнями, которые двумя кольцами охватывают спину и грудь. В чистом виде идея нарукавников имеет только предупредительный характер, и если Михеич грозит ими, как чем-то наказующим и мстящим, то это свидетельствует еще раз печальную истину, что грубая действительность искажает всякие идеи. Надо, впрочем, сознаться, что этому искажению в весьма значительной мере способствует самое устройство нарукавников, легко допускающее возможность многих "преувеличений". Пряжки, например, стягивающие ремни, могут быть затянуты в меру, не более того, сколько требуется самою идеей притяжения рук к ребрам, но они также могут быть затянуты и с преувеличением, причем пострадают и ребра (Я не говорю уже о заведомых посягательствах на самое устройство нарукавников. Бывают и такие. Так, например, иногда к ним прибавляют еще ремень, притягивающий шею книзу. Это ничем не оправдываемое прибавление дает в результате уже несомненное членовредительство. Я знал здорового парня, у которого после пятичасового пребывания в нарукавниках с этим добавлением кровь бросилась горлом, и грудь оказалась радикально испорченною). Если принять в соображение, что редко -- вернее, никогда -- субъект не обнаруживает стремления надеть их добровольно и что, стало быть, их надевают силой, то станет понятно, почему Яшка приравнивал процесс надевания нарукавников к смерти.

IV

Среда арестантов относилась к Якову довольно равнодушно. Был, впрочем, один остроумец, приходивший чуть не ежедневно изощрять на заключенном "в темнице" (на этот раз употребляю это выражение в буквальном значении) свое тяжелое скоморошество.

Это был один из тех остроумцев, каких много и не в остроге. Субъект этот наложил, по-видимому, на себя тяжелый искус развлекать публику балагурством, в котором было очень мало юмора, еще меньше веселья и уж вовсе не было смысла. Это было просто какое-то напряженное словоизвержение, поддерживаемое с усилием, достойным более веселого дела, по временам оскудевавшее и вновь напрягаемое, пока, наконец, сам остроумец не впадал от этих усилий в некоторое яростное исступление. Впрочем,-- добрая душа у русского человека,-- слушатели находили возможным награждать бескорыстное "старание" вялым смехом.

Яшка почему-то считал нужным делать этому скомороху принципиальные возражения, громил слуг антихриста, ссылался на авторитет "енерал-губернатора" (который, по его убеждению, стоял за него, хотя почему-то безуспешно), вообще, метал свой бисер, попиравшийся самым бестолковым образом.

-- Енерал-губернатор! -- грохотал остроумец сиплым голосом настоящего пропойцы.-- Вишь, чем удивить вздумал! Мы и сами в настранницких племянниках состоим... Хо-хо-хо! Не слыхивал еще, так слушай, развесь уши-то пошире. А то с енерал-губернатором выехал. Ха-ха-ха!

Когда Яков замечал, что возражения "настранницкого племянника" являются одним сквернословием, то он плевал и уходил от греха. Но "настранницкий племянник", успевший достаточно раскалиться на огне собственного остроумия, начинал бить ногою в Яшкину дверь, мешая Яшке "стоять на молитве". К этому присоединялся обыкновенно пронзительный голос музыкального еврея, сочувственно откликавшегося на всякие сильные звуки, и в результате выходил такой раздирательный концерт, что Михеич просыпался у своего косяка и укрощал разбушевавшегося "настранницкого племянника". Тот удалялся, впрочем, весьма довольный собою. Зрители тоже расходились, зевая и вяло поощряя остроумца: "Молодец, Соколов! За словом в карман не полезет!"

Были, однако, некоторые признаки, указывавшие, что где-то в остроге, среди этих однообразных серых халатов, в грязных камерах, у Яшки были если не союзники, то люди, понимавшие подвиг неуклонного стучания и сочувствовавшие его "обличениям". Однажды, проходя по коридору, я увидел у Яшкиной двери высокого старика в арестантском сером халате. У него были седые волосы и серьезное лицо, суровость которого несколько смягчалась каким-то особенным "болезным" выражением. В отношении к Якову он держался с видным уважением. Они о чем-то разговаривали у оконца негромко исерьезно.

-- Верно тебе сказываю, -- говорил Якову старик. -- Ефрем решен, и Сидор тоже решен. Сказывают, в свою губернию по этапу отправлять будут... А твое, вишь, дело...

Конца фразы я не расслышал. Когда я проходил обратно, Яков, с которым я уже был знаком довольно близко, указал на меня, и старик поклонился, но затем опять припал к окошечку. Мне не удалось более увидеть этого арестанта. Очевидно, он заходил сюда из какого-нибудь другого отделения.

Однажды я дал коридорному денег, прося купить Якову, что ему нужно. Тот не понял и передал деньги непосредственно. После этого Яков остановил меня, когда я проходил по коридору.

-- Слышь, Володимер, -- сказал он. -- Спасибо тебе. Милостинку ты христову сотворил, дал коридорному для меня... Да, видишь вот: не беру я их. Прежде, на миру, грешил, брал в руки, а теперь не беру! Вот они тут на полу и валяются. А ты хлебную милостинку сотвори! Из теплых рук хлебная милостинка благоприятнее. Ироды-то меня на полуторной порции держат. Сам знаешь, что в ей, в полуторной-то порции... Просто сказать, что гладом изводят. Ну, да не вовсе еще бог от меня отступился,-- добрые люди поддерживают: вчера кто-то два ярушничка спустил на веревочке сверху-то. Спасибо, не оставляют православные христиане.

Как бы то ни было, хотя эти факты указывают на некоторое сочувствие среды, тем не менее, в самые страшные минуты, когда живая Яшкина душа содрогалась от дыхания близкой смерти и заставляла его судорожно хвататься за рамы и за холодные решетки тюремного оконца,-- в эти минуты душу эту, несомненно, должно было подавлять сознание страшного, ужасающего одиночества...

Был ли Яшка сумасшедший? Конечно, нет. Правда, сибирская психиатрия решила этот вопрос в положительном смысле, и Яшке предстояло вскоре испытать те же упрощенные приемы лечения, какие испытал остяк Тимошка. Тем не менее, я не сомневаюсь, что Яшка был вовсе не сумасшедший, а подвижник.

Да, если в наш век есть еще подвижники строго последовательные, всем существом своим отдавшиеся идее (какова бы она ни была), неумолимые к себе, "не вкушающие идоло-жертвенного мяса" и отвергшиеся всецело от греховного мира, то именно такой подвижник находился за крепкою дверью одной из одиночек подследственного отделения.

-- Есть семья у тебя? -- спросил я однажды Якова.

-- Была...-- ответил он сурово.-- Была семья у меня, было хозяйство, все было...

-- А теперь живы ли дети твои?

-- Бог знает... Как бог хранит... Не знаю...

-- Тоскливо, должно быть, за своими тебе, за домашними? Может, письмо тебе написать?

-- Нет, не тоскливо, -- мотнул он головой, как бы отбиваясь от тягостных мыслей.-- Одно вот разве: как бы им устоять, от прав-закону не отступить,-- об этом крушусь наипаче...

Несколько времени он сурово молчал за своею дверью.

-- На миру душу спасти,-- проговорил он задумчиво,-- и нет того лучше... Да трудно. Осилит, осилит мир-от тебя. Не те времена ноне... Ноне вместе жить, так отец с сыном, обнявши, погибнет, и мать с дочерью... А душу не соблюсти. Ох, и тут трудно, и одному-те... ах, не легко! Лукавый путает, искушает... ироды смущают... Хладом, гладом морят. "Отрекись от бога, от великого государя"... Скорбит душа-те, -- ох, скорбит тяжко!.. Плоть немощная прискорбна до смерти.

Тем не менее, легче было бы даже Михеича совратить с пути, на котором он обрел свое прочное душевное равновесие, чем заставить Яшку свернуть с тернистой тропинки, где он встречал одни горести... Казалось, он не доступен ни страху, ни лести, ни угрозе, ни ласке.

Как-то однажды, в прекрасный, но довольно холодный день поздней уже сибирской осени, Яшка к обычным своим обличениям во время поверки прибавил новое:

-- Пошто меня хладом изводите, пошто раму мне, слуги антихриста, не вставляете?

На следующий день была вставлена рама. Теплее и светлее стало в комнате Яшки, но вечером он стучал столь же неуклонно.

Эта черная неблагодарность поразила "его благородие" до глубины возмущенной души.

-- Подлец ты, Яшка, истинно подлец! -- произнес смотритель укоризненно, остановившись против Яшкиной двери.-- Я тебе раму вставил, а ты опять за прежнее принимаешься.

-- Беззаконник ты! -- загремел Яшка в ответ.-- Что ты меня рамой обвязать, что ли, хочешь?.. Душу рамой купить?.. Нет, врешь, не обвязал ты меня рамой своей, еще я тебе не подвержен. Для себя раму ты вставил, не для меня. Я без рамы за бога стоял и с рамой все однопостою же...

И дверь загремела бодрою частою дробью.

-- Слыхал? -- говорил мне после этого Яшка с глубоким презрением. -- Беззаконник-то на какую хитрость поднялся? Раму, говорит, вставил,-- за раму отступись от бога, от великого государя!.. Этак вот другой ирод из начальников тоже меня сомущал!.. Калачами!.. Привели меня с партией в Тюмень. Смотритель купил два калача, подает милостинку, да и говорит: "Вот, бает, тебе христова милостинка, два калача,-- только уж ты меня слушайся. У меня чтоб в смирении"... Слыхал? -- "Милостинку я, мол, возьму. Она христовым именем принимается... Хоть сам сатана принеси, и от того возьму... А тебе, беззаконнику, я не подвержен". Н-е-ет! Меня лестью не купишь. Слава тебе, господи, поддерживает меня царица небесная. Стучу вот!..

Что же это за "прав-закон", за который Яшка принимал свое страстотерпство?

Привелось мне как-то писать официальное заявление, для чего я был вызван в тюремную контору. Меня посадили за стол, дали бумагу, перо и предоставили сочинять мое заявление под шум обычных конторских занятий. В это время "принимали новую партию". Письмоводитель выкликал по списку арестантов и опрашивал их звание, лета, судимость и так далее. Смотритель сидел тут же и рассеянно посматривал на принимаемых. Во всем этом было мало интересного для его благородия; для меня -- тем более, поэтому я сочинял свое заявление, не обращая внимания на происходившее.

Но вот монотонный разговор стал оживленнее. Я поднял глаза и увидел следующую картину.

Перед столом стоял человек небольшого роста в сером арестантском халате. Наружность его не отличалась ничем особенным. Казалось, он принадлежал к мелкому мещанству, к тому его слою, который сливается в маленьких городах и пригородах с серым крестьянским людом. Вид он имел равнодушный, пожалуй, можно бы сказать -- апатичный, если бы, порой, по лицу его не пробегала чуть заметная саркастическая улыбка, а в глазах не вспыхивал огонек какого-то сознательного превосходства или торжества. Но эти проблески были едва уловимы; они пробегали, на мгновение оживляя неподвижные черты, на которых тотчас опять водворялось выражение вялости. В передней толпились арестанты. Видимо заинтересованные ходом опроса, они тянулись друг из-за друга, вытягивая шеи и следя за разговором сотоварища с начальством.

-- Ты что ж не говоришь? -- кипятился письмоводитель.-- Что молчишь? Ты ведь мещанин из Камышина? Ведь тут, в твоем статейном списке, написано ясно. Вот!

Письмоводитель ткнул пальцем в лежавшую перед ним бумагу и поднес ее к носу арестанта. Тот презрительно отвернулся, и огонек в его глазах вспыхнул сильнее.

-- И ладно, коли написано,-- произнес он спокойно.

-- Да ты должен отвечать. Веры какой?

-- Никакой.

Смотритель быстро повернулся к говорившему и посмотрел на него выразительным долгим взглядом. Арестант выдержал этот взгляд с тем же видом вялого равнодушия.

-- Как никакой? В бога веруешь?

-- Где он, какой бог?.. Ты, что ли, его видел?..

-- Как ты смеешь так отвечать? -- набросился смотритель.-- Я тебя, сукина сына, сгною!.. Мерзавец ты этакой!

Мещанин из Камышина слегка пожал плечами.

-- Что ж,-- сказал он.-- Было бы за что гноить-то. Я прямо говорю... За то и сужден.

-- Врешь, мерзавец, наверное, за убийство сужден. Хороша, небось, птица!

Мещанин из Камышина сделал было движение, как будто хотел возражать, но через мгновенье опять повел плечами...

-- Там судите, за что сами знаете.

-- Какой твой родной язык? -- продолжает письмоводитель опрос по рубрикам.

-- Что еще? -- спрашивает опять мещанин с пренебрежением.-- Какой еще родной?.. Не знаю я....

-- Ах, ты, подлец! Ведь не по-немецки же ты говоришь? По-русски, чай?

-- Слышите сами, по-каковски я говорю.

-- Слышим-то мы слышим, да мало этого. Пиши ты, анафема! Надо знать: русский ты или чуваш, мордва какая-нибудь. Понял?

-- Чего понимать?.. Не знаю,-- решительно отрезал мещанин из Камышина.

Письмоводитель убедился, что с камышинским мещанином ничего не поделаешь, и камышинский мещанин был отпущен. При этом смотритель сделал многозначительное обещание:

-- Погоди,-- сказал он, провожая атеиста своим тюремным взглядом.-- Мы еще с тобой, дружок, потолкуем на досуге. Авось, разговоришься.

От этих слов мне вчуже стало жутко. Арестант только пожал плечами...

Когда я дописал свою бумагу и вышел из конторы, опрос партии еще не был окончен, и в передней толпились арестанты. Они кучкой обступили камышинского мещанина, который стоял среди них с тем же видом вялого равнодушия, хотя, очевидно, находился в положении героя минуты.

-- Как же это, чудак! -- говорил какой-то рыжеватый философ, с тузом на спине. -- Пра-а, чудак! Ведь ежели сказываешь к примеру: "бога нет", так что же есть, по-твоему? А?

-- Ничего! -- отрезал тот коротко и ясно.

"Ничего!" Выходит, что камышинский мещанин сужден, осужден, закован, сослан, готовится принять неведомую меру мучений из-за... ничего! Казалось бы, к тому, что характеризуется этим словом "ничего", можно относиться лишь безразлично. Между тем, камышинский мещанин относится к нему страстно, он является подвижником чистого отрицания, бесстрашно исповедуя свое "ничего" перед врагами этого учения.

Яшка начертал на своем знамени другую формулу: "За бога, за великого государя!.." Он был сектант, приверженец "старого прав-закону", но когда я, вернувшись из конторы, проходил мимо его двери, невольная мысль поразила мое воображение: как много общего между этими двумя исповедниками! Яшка порвал свои связи с родиной, с семьей, с родной деревней. Камышинский мещанин сделал то же и даже словом не хочет признать эту связь, когда она ясно установлена на бумаге. "Я вам не подвержен",-- говорит Яшка. Камышинский мещанин тоже, очевидно, не признает власти, которой он обязан повиновением. "Нет моего преступления ни в чем,-- говорит Яшка,-- а и было преступление, так не вам судить -- богу!" "Судите, за что знаете",-- говорит камышинский мещанин, не желая даже косвенно принять участие в процессе этого суждения. Но в то время как камышинский мещанин скептически вопрошает: "Какой бог, и кто его видел?" -- Яшка производит неуклонное стучание во имя господне.

Кто же это: непримиримые враги, или союзники? Однородные ли это явления, или явления разных порядков? Что тут существеннее: пункты сходства или пункты разногласия,-- общее у обоих отрицание существующих

условий или религиозно-сектантские взгляды, которые есть у Якова и которые изгнал из своего обихода камышинский мещанин?

У Якова, по-видимому, было положительное миросозерцание, основами которого являлись "бог и великий государь". Но это была какая-то странная смесь мифологии и реализма! Несуществующие безбожники, направляемые несуществующими министрами Финляндцевыми (министр финансов), заполняют мир, ловят души, требуют отречения "от бога, от великого государя". И рядом -- несомненно существующее, самое реальное страдание, несомненное гонение за дело, которое Яшка считает правым, сознательная готовность погибнуть и -- страшно подумать -- полная возможность такого исхода... Яшка предсказывает это на основании своей фантастической теории, а Михеич подтверждает как несомненную позитивную истину. "Этому стукальщику то же будет, что и Тимошке, а то похуже"...

Для камышинского мещанина "ничего" означает отсутствие всякой цели и смысла в жизни. По мнению Якова, все в мире клонится к злу. Было уже три "сменения"... Какие? Яшка имеет об них лишь смутные понятия.

-- Видишь вот,-- ответил он на мой вопрос об этих сменениях.-- Читал я в "Сборнике", да, видно, запамятовал. Первое -- Рим отпал... Раз... Второе -- Византия будто... Два. Ну, третье -- московское. Ноне идет четвертое -- горше первых. С шестьдесят первого году началось.

-- Какое же?

-- Какое? Ты теперича как пишешься? -- неожиданно спросил у меня Яков.

Я не знал, как я пишусь, но Яков ответил за меня сам:

-- Ты теперь пишешься: бывший государственный крестьянин. Понимай: бывший! Значит, был -- да нету. Вот какое сменение!.. Земское сменение пошло, гражданские власти пошли. Государственных отменили.

С шестьдесят первого года мир резко раскололся на два начала: одно -- государственное, другое -- гражданское, земское. Первое Яшка признавал, второе отрицал всецело без всяких уступок. Над первым он водрузил осьмиконечный крест и приурочил его к истинному прав-закону. Второе назвал царством грядущего антихриста.

-- Что же, Яков: под гражданскими-то властями тяжелее, что ли?

-- Как не тяжелее! Жить стало не можно. Ранее государевы подати платили, а ноне земские подати окромя накладывают... на тех, кто им, значит, подвержен.

-- Ты податей не платишь? -- спросил я, начиная догадываться о ближайших причинах Яшкина заключения.

-- Государственные платим. Сполна великому государю вносим. А на земские мы не обязались. Вот беззаконники и морят, под себя приневоливают. Кресты с церквей посняли.

-- Ну, кресты-то на церквах есть.

-- Не настоящие... Настоящих не стало... И крещение не настоящее-- щепотью... Все их дело, их знамение.

-- Постой, Яков! Как это ты рассудишь: ведь и великий государь в те же церкви ходит?

-- Великий государь,-- ответил Яшка тоном, не допускающим сомнения,-- в старом прав-законе пребывает... Ну, а царь Польский, князь Финляндский... тот, значит, в новом...

Оказывалось, что будущее принадлежит новым началам. Уступая давлению этих начал, великий государь издал циркуляр, в котором написано: "Быть по тому и быть по сему", что значит: кого успеют слуги антихриста заманить,-- заманивай. Над теми он властен, на тех подати налагай и душами владей. А кто не обязался, кто в истинном прав-законе стоит крепко, того никто не смеет приневолить.

Новые начала берут силу все более и более. "Беззаконники" пошли против какого-то циркуляра и стали под свою руку приневоливать насильно. Становится все труднее... Пущены в ход всякие средства...

-- На тридцать на шесть губерен пущено тридцать шесть лисиц. Честью да лестью все пожгут... народу погубят-- страсть!..

Нигде нет защиты. Государственное начало с осьмиконечным крестом меркнет. Государственные власти "стоят плохо". Народ подается, не видя опоры. "Пишутся, правда, циркуляры-те, да что уж..." Суды пошли гражданские, тихие...

Тихие суды с шестьдесят первого года, то есть именно с тех пор, как в жизнь стала вторгаться гласность! Я не утерпел и попытался разрушить Яшкину фантасмагорию, для чего стал излагать основания нового гласного судопроизводства. Яков слушал довольно внимательно.

-- Постой,-- перебил он меня наконец.-- Думаешь, я не сужден? Сужден, как же! Безо всякого преступления судебною палатою сужден. Не признаю я ихнего... Ну, все же-- судили. Вот набольший-то судья и говорит мне: "Не найдено твоей вины ни в чем. Расступитесь, стража!.. От суда-следствия оправлен". Ну, думаю, вот меня на волю выпихнут, вот выпихнут... А они тихим-то судом эвона выпихнули куда!

Я понял: суд гласно оправдал Якова, администрация его выслала... Яшка полагает, что гласный приговор -- хитрость антихриста, что, кроме этого приговора, был еще другой, тихий. "Видишь вот, на каки хитрости идет". И все это, конечно, имеет определенную цель: судебная палата, министры, губернаторы, тюремный смотритель, Михеич... все они в заговоре, чтобы предать антихристу Яшкину душу...

Вследствие всего этого на миру "жить стало не можно". "Вместе отец с сыном, обнявши, погибнет". Общественные связи нарушены. Приходится душу блюсти в одиночку, вразброд. Победа "слугам антихриста" почти обеспечена. Бросил Яшка семью, бросил хозяйство, бросил все, чем наполнялась его труженическая земледельческая жизнь, и теперь он один во власти "беззаконников".

-- И пошто только мучают? -- удивляется Яшка. -- Невозможно мне от истинного прав-закону отступить. Не будет этого, нет! Наплюю я им под рыло. Вот взял -- приколол, только и есть, а то... морят попусту! -- Он был вполне уверен, что если до сих пор его еще "не прикололи", то лишь потому, что живая Яшкина душа доставит антихристу большее удовольствие.

Но даже и это положение казалось Яшке лучше того, которое ожидает "на миру" всех, принявших печать антихриста. Новые порядки грозят всеобщею неминучею бедой.

-- Что дальше, то и хуже будет. Худа ждать надо, добра не видать,-- в "Сборнике" писано... Земля на выкуп пойдет.

-- Да ведь и теперь земля идет на выкуп,-- заметил я.

-- То-то, и теперь идет,-- отвечал Яшка невозмутимо.-- А там и еще хуже будет. У кого двенадцати тыщей будет, тот и землей владеть станет. А и кто тыщу-другую имеет, и те без земли погибнете. Верно я тебе говорю. Молод ты еще, поживешь -- вспомнишь.

-- Как же, Яков, неужто можно думать, что антихрист сильнее бога? Неужто божия правда не сладит с кривдой?

Яков подумал. Я заметил на его лице следы усиленной умственной работы. Он почерпнул откуда-то определенный ответ:

-- Ну, -- сказал он,-- не бывать тому. Поработают, да и погибнут... Верно!..-- повторил он через минуту. -- Поработают, да и погибнут. А только не увидать нам с тобой правды....

V

-- Ты, Яков, не признаешь гражданского суда. А государственный признаешь? -- допытывал я в другой раз.
-- Признаю государственный.
-- Какие же, по-твоему, государственные власти? Например, генерал-губернатор?
-- Енерал-губернатор -- государственный... От великого государя. Правильный.
-- Значит, его решение правильное?..
-- Давно велел отпустить меня. Да вот, видишь ты...
-- Постой. Ну, положим, твое дело стал бы судить генерал-губернатор.
-- За что меня судить? Не за что.
-- Погоди! Ты, вот, говоришь: не за что, а гражданские власти говорят: есть за что. Надо ведь кому-нибудь рассудить. Государственные власти ты признаешь? Ну, вот, они и судят, и решают твое дело против тебя...
-- Не могут они... Они должны правильно...
-- Да ты обдумай хорошенько. Говорят тебе гражданские власти: пусть, мол, рассудит генерал-губернатор твое дело. Ведь он имеет право решать дела, так ли?
-- Ну? -- сказал Яков, видимо, ожидая, что из этого выйдет.

-- Ты ему должен подчиниться, как правильной государственной власти?..
-- Нн-у-у? -- протянул Яков, осторожно избегая ответа, и, очевидно, заинтересованный возможностью некоторой новой комбинации.
-- Ну, вот, и выходит от него решение: подчиняйся, Яков, новым порядкам, неси земские повинности...
Яшка смутился.
-- Эвона! Видишь ты... Вот...-- подыскивал он ответ.
-- Теперь отвечай мне: покоришься ты или нет?
-- То-оно (То-оно... в этом слове сказывается уроженец Пермской или Вятской губернии. Оно употребляется в тех местах каждый раз, когда говорящий испытывает затруднение и не находит подходящего выражения)... Видишь ты... Где уж, поди... Нет! -- отрезал он наконец.-- Где, поди, покориться. Како коренье... Невозможно мне...
И на лицо его легло то же выражение непоколебимого сурового упорства.
-- Слушай, что я тебя спрошу, Володимер,-- сказал он мне однажды.-- Ты какого прав-закону будешь? Нашего же, видно?
Чтобы испытать Яшкину терпимость, я резко отверг свою солидарность с Яшкиным прав-законом и поставил перед этим фанатиком "старого прав-закону" основания совершенно несродного ему учения. В выражениях, понятных для Якова, я развил известный кодекс практической нравственности с основами братства и равенства. Злоупотребляя несколько его невежеством в догматике и св. писании, я опирался на изречение: "по делам их познаете их" и на подходящих, текстах из Иоанна, совершенно отвергая обрядность и ставя на ее место "дела", то есть практическое стремление к осуществлению формулы любви. Все это я выдал за свою религию.
Яшка слушал внимательно, но, к моему удивлению, вовсе не заметил самого существенного в моем исповедании.
-- Что ж? -- удивил он меня. -- Это и по-нашему так: все от Адама.
Я поставил вопрос яснее и обрушился со своею критикой на двуперстное знамение.
-- Читал ты в писании: "Поклонитесь в духе и истине"?.. А что такое персты: дух или плоть? Тут Яшка понял.
-- Сказано тоже...-- медленно заговорил он, -- поклонитесь душою и телом...
-- А где это сказано? -- спросил я. Яков задумался и не ответил.
-- Что ж? Это тоже хорошо...-- сказал он в раздумьи, -- конечно, всяк по своему разумению. И,
вздохнув, прибавил со странным выражением:
-- Всяк по-своему с ума-то сходит...

VI

Спустя две недели после нашего прибытия в острог, перед вечером,-- но еще задолго до поверки,-- арестантов стали загонять в камеры. Коридоры опустели, и в подследственном отделении воцарилась тяжелая, будто выжидающая тишина, по которой мы привыкли уже угадывать приближение высшего тюремного начальства. Вскоре громыхнула дверь дальнего коридора, послышалось звяканье оружия, шаги многочисленной толпы.
Ближе и ближе. Толпа ввалила в наш коридор. Шаги отдавались отчетливо и смолкали у Яшкиной двери.
Лязгнули запоры, дверь отворилась. Несколько секунд стояло гробовое молчание, затем раздался голос старика -- "помощника":
-- Выходи, Яков... на волю.
-- Врешь! -- послышался в ответ суровый голос Якова.-- Врешь, обманываешь, беззаконник! Не те времена, чтобы на волю меня...
Конвойные бросились в камеру: послышался шум борьбы, что-то грузно повалилось на пол.
-- По душу! -- вскрикнул Яков подавленным, как будто задыхающимся голосом.-- По душу пришли, господи!.. Смерть, смерть моя! -- кричал он все громче и громче. В его голосе, то сдавленном, то резком и громком, слышалась глубокая тоска и страх смерти.
Сердце у меня сильно билось... Мною начинала овладевать Яшкина фантасмагория в связи с комментариями реалиста Михеича: "У них это живо!" Яшку вязали, чтобы свезти в дом сумасшедших, где царили известные упрощенные приемы лечения. Яков отбивался в последней степени отчаяния.

-- Володимер, Володимер! -- вскрикнул он, вдруг вспомнив, что рядом, хотя за такою же дверью, есть человек, быть может, способный понять его положение.

-- Володимер, Володимер, Володимер!.. Фантасмагория овладела мною всецело. Я громко застучал в свою дверь.

-- Что такое еще? -- послышался голос помощника смотрителя.-- Кто это стучит?

-- Политические стучат, ваше благородие, -- сказал Михеич.

-- Спроси, что надо?.. Постой, я сам спрошу. Седой старик в мундире и папахе подошел к нашей двери и уставился в меня своими старчески бесстрастными, подслеповатыми глазами.

-- Вам что угодно?

Вопрос меня озадачил. Что мне было угодно? Реальная действительность глядела на меня в лице этого старика, и я не знал, что сказать реальной действительности. Я сам был заперт в одиночке, за крепкою дверью, и мне ли было вступаться за Яшку? На каком основании?

-- Что тут творится? -- спросил я.-- Что вы делаете с Яковом?

-- Это... позвольте... Какое вам дело?.. Дело это не ваше... Получено предписание от начальства: отправить номер пятый в дом сумасшедших. Ну, мы и отправляем... Может ли все это до вас касаться?

VII

В отделении подследственных водворилась тишина, Яшку связанного пронесли по коридорам, уложили в телегу и увезли вон из тюрьмы.

Отступит ли Яков "от бога, от великого государя"? Отступит ли сибирская психиатрия от упрощенных приемов лечения? Ответ был ясен... Тяжелые мысли теснились в мозгу: меня подавляла мертвая тишь одиночки и коридоров.

Старик Михеич тихо запер дверь Яшкиной камеры, постоял перед нею, задумчиво покачал головой и затем уселся на своем излюбленном месте. Старая тюремная крыса бодро прошла по коридору, бросая довольные взгляды на опустевшую каморку, из которой не слышалось более громового Яшкина стука. Старик бормотал что-то и скверно улыбался.

Вечером "поверка" обходила камеры обычным порядком. Все было тихо.

-- Нет уже стукальщика,-- сказал его благородие, обращаясь к конвойному офицеру.-- Свезли нынче в дом сумасшедших.

Вдруг по коридору пронеслись громкие удары... Его благородие вздрогнул, тюремная крыса уронила карандаш и тетрадку, офицер как-то нервно обернулся в ту сторону. Вся "поверка" точно застыла.

-- Пошто держите меня, пошто морите, беззаконники?! -- раздался вдруг козлиный голос Тимошки-остяка, и общее напряжение разразилось смехом.

Эта выходка была совершенно неожиданна. Козлиный голосок остяка так смешно подражал могучим окрикам Якова, все это в общем представляло столь жалкую и смешную пародию, что его благородие расхохотался. За его благородием захохотала вся "поверка". Смеялся старичок-помощник, моргая подслеповатыми глазками, грохотал толстяк офицер, сотрясаясь тучными телесами, хихикала тюремная крыса, улыбка шевелила длинные усы Михеича, смеялись в бороду солдаты, вытянувшись в струнку и держа ружья к ноге...

На следующий день и мы тронулись в путь. (1880)

ANEXO B - Conto original “Sokolínets”

Соколинец

Из рассказов о бродягах

I

...Мой сожитель уехал. Мне приходилось ночевать одному в нашей юрте.

Не работалось; я не зажигал огня и, полулежа на своей постели, незаметно отдавался тяжелым впечатлениям молчания и мрака, пока короткий северный день угасал среди холодного тумана. Последние слабые лучи понемногу уходили сквозь льдины окон из небольшой юрты; густая тьма выползала из углов, заволакивала наклонные стены, которые, казалось, все плотнее сдвигаются над головой. Несколько времени маячили еще в глазах очертания стоявшего в середине юрты громадного камелька. Казалось, неуклюжий пенат якутского жилья простирает навстречу тьме широко раздвинутые руки, точно в молчаливой борьбе... Но вот и эти смутные очертания исчезли... Тьма!.. Только в трех местах тихо мерцали расплывчатые фосфорические пятна; это снаружи сквозь оконные льдины тускло заглядывал в юрту мертвящий якутский мороз.

Минуты, часы безмолвною чередой пробегали над моею головой, и я не спохватился, как незаметно подкрался тот роковой час, когда тоска так властно овладевает сердцем, когда "чужая сторона" враждебно веет на него всем своим мраком и холодом, когда перед встревоженным воображением грозно встают неизмеримою, неодолимою далью все эти горы, леса, бесконечные степи, которые залегли между тобой и всем дорогим, далеким, потерянным, что так неотступно манит к себе и что в этот час как будто совсем исчезает из виду, рея в сумрачной дали слабым угасающим огоньком умирающей надежды... А подавленное, но все же неотвязное горе, спрятанное далеко-далеко в глубине сердца, смело подымет теперь зловещую голову и среди мертвого затишья во мраке так явственно шепчет ужасные роковые слова: "Навсегда... в этом гробу, навсегда!.."

Легкий, ласковый визг, донесшийся до меня с плоской крыши сквозь трубу камелька, вывел меня из тяжелого оцепенения. Это умный друг, верный пес Цербер, продрогший на своем сторожевом посту, спрашивал, что со мною и почему в такой страшный мороз я не зажигаю огня.

Я отряхнулся, почувствовал, что изнемогаю в борьбе с молчанием и мраком, и решился прибегнуть к спасительному средству, которое было тут же под руками. Средство это -- бог юрты, могучий огонь.

У якутов по зимам никогда не прекращается топка, и потому у них нет приспособлений для закрывания трубы. Мы кое-как приладили эти приспособления, наша труба закрывалась снаружи, и каждый раз для этого приходилось взбираться на плоскую крышу юрты.

Я взошел на нее по ступенькам, протоптанным в снегу, которым юрта была закидана доверху. Наше жилье стояло на краю слободы, в некотором отдалении... Обыкновенно с нашей крыши можно было видеть всю небольшую равнину, и замыкавшие ее горы, и огни слободских юрт, в которых жили давно обьякутившиеся потомки русских поселенцев и частью ссыльные татары. Но теперь все это потонуло в сером, холодном, непроницаемом для глаз тумане. Туман стоял неподвижно, выжатый из воздуха сорокаградусным морозом, и все тяжелее налегал на примолкшую землю; всюду взгляд упирался в бесформенную, безжизненную серую массу, и только вверху, прямо над головой, где-то далеко-далеко висела одинокая звезда, пронизывавшая холодную пелену острым лучом.

А вокруг все замерло. Горный берег реки, бедные юрты селения, небольшая церковь, снежная гладь лугов, темная полоса тайги -- все погрузилось в безбрежное туманное море. Крыша юрты, с ее грубо сколоченною из глины трубой, на которой я стоял с прижимавшеюся к моим ногам собакой, казалась островом, закинутым среди бесконечного, необозримого океана... Кругом -- ни звука... Холодно и жутко... Ночь притаилась, охваченная ужасом -- чутким и напряженным.

Цербер тихо и как-то жалобно взвизгивал. Бедному псу, по-видимому, тоже становилось страшно ввиду наступающего царства мертвящего мороза; он прижимался ко мне и, задумчиво вытягивая острую морду, настораживая чуткие уши, внимательно вглядывался в беспросветно серую мглу.

Вдруг он повел ушами и заворчал. Я прислушался. Сначала все было по-прежнему тихо. Потом в этой напряженной тишине выделился звук, другой, третий... В морозном воздухе издали несся слабый топот далеко по лугам бегущей лошади.

Подумав об одиноком всаднике, которому, судя по слабому топоту, предстояло проехать еще версты три до слободы, я быстро сбежал с крыши по наклонной стенке и кинулся в юрту. Минута в воздухе с открытым лицом грозила отмороженным носом или щекою. Цербер, издав громкий, торопливый лай в направлении конского топота, последовал за мною.

Вскоре в камельке, широко зиявшем открытою пастью в середине юрты, вспыхнул огонек зажженной мною лучины. К этому огоньку я приставил сухих поленьев смолистой лиственницы, и в несколько мгновений мое жилье изменилось до неузнаваемости. Молчаливая юрта наполнилась вдруг говором и треском. Огонь сотней языков перебегал между поленьями, охватывал их, играл с ними, прыгал, рокотал, шипел и трещал. Что-то яркое, живое, торопливое и неугомонно-болтливое ворвалось в юрту, заглядывая во все ее углы и закоулки. По временам трескучее, разыгравшееся пламя стихало. Тогда мне было слышно, как, вылетая в короткую прямую трубу камелька, шипели, трескались в морозном воздухе горячие искры. Но через минуту огонь принимался за свою игру с новой силой, и в юрте раздавались частые взрывы, точно пистолетные выстрелы.

Теперь я уже не чувствовал себя в такой степени одиноким, как прежде. Все, казалось, вокруг меня шевелится, говорит, суетится и пляшет. Оконные льдины, в которые за минуту перед тем глядела снаружи морозная ночь, теперь искрились и переливались отблеском пламени, точно самоцветные камни. Я находил особого рода отраду в мысли, что во мгле холодной ночи моя одинокая юрта сверкает светлыми льдинами и сыплет, точно маленький вулкан, целым снопом огненных искр, судорожно трепещущих в воздухе, среди клубов белого дыма.

Цербер уселся против камелька, уставился на огонь и сидит неподвижно, точно белое изваяние; по временам только он поворачивает ко мне голову, и в умных глазах собаки я читаю благодарность и ласку. Тяжелые шаги скрипят по двору у наружной стены, но Цербер остается спокоен, а только снисходительно взвизгивает; он знает,

что это наши лошади, стоявшие до сих пор где-нибудь под плетнем, прижав уши и пожимаясь от мороза, вышли на огонь, чтобы стать у стены и смотреть на весело прыгающие искры, на широкую ленту теплого белого дыма.

Но вот собака с неудовольствием отвернулась от меня и заворчала. Через минуту она бросилась к двери. Я выпустил Цербера, и, пока он неистовствовал и заливался на своем обычном сторожевом посту, на крыше, я выглянул из сеней. Очевидно, одинокий путник, которого приближение я слышал ранее среди чуткого безмолвия морозной ночи, соблазнился моим веселым огнем. Он раздвигал теперь жерди моих ворот, чтобы провести во двор оседланную и навьюченную лошадь.

Я не ждал никого из знакомых. Якут едва ли приехал бы в слободу так поздно, а если б и приехал, то, без сомнения, знал бы, где живут его догоры {Догор -- друг, приятель. (Примеч. В.Г.Короленко.)}, а не повернул бы на первый огонь. Стало быть, рассуждал я, это может быть только поселенец. В обыкновенное время мы не особенно радовались подобным гостям, но теперь живой человек был очень кстати. Я знал, что скоро веселый огонь станет смолкать, пламя лениво и томно потянется по раскаленному дереву, потом останется только куча углей, и по ним, нашептывая что-то, побегут огненные змейки все тише, все реже... Тогда в юрте настанет опять безмолвие мрака, а в мое сердце опять вольется тоска. Камелек глянет в темноте слабою искоркой из-под пепла, точно из полузакрытого глаза, -- глянет раз и другой, и... заснет. А я опять останусь один... один перед долгою, тоскливою, бесконечною ночью.

Мысль о том, что, быть может, мне придется провести ночь с человеком, прошлое которого запятнано кровью, не приходила мне в голову. Сибирь приучает видеть и в убийце человека, и хотя ближайшее знакомство не позволяет, конечно, особенно идеализировать "несчастненького", взламывавшего замки, воровавшего лошадей или проламывавшего темною ночью головы ближних, но все же это знакомство позволяет трезво ориентироваться среди сложных человеческих побуждений. Вы узнаете, когда и чего можно ждать от человека. Убийца не все же только убивает, он еще и живет, и чувствует то же, что чувствуют все остальные люди, в том числе и благодарность к тому, кто его приютил в мороз и непогоду. Но когда мне приходилось приобретать в этой среде новое знакомство и если при этом у нового знакомого оказывалась оседланная лошадь, а в седле болтались вьючные "сумы-переметы", то вопрос о принадлежности лошади внушал некоторые сомнения, а содержимое "переметов" вызывало на размышления о способе его приобретения.

Тяжелая, обитая конской шкурой дверь юрты приподнялась в наклонной стене; со двора хлынула волна пара, и к камельку подошел незнакомый пришелец. Это был мужчина высокого роста, широкоплечий и статный. Уже на первый взгляд можно было отличить, что это не якут, хотя одет он был по-якутски. На ногах у него были надеты торбаса из белой, как снег, конской шкуры. Широчайшие рукава якутской соны подымались складками на плечах выше ушей. Голова и шея были закутаны большою шалью, концы которой завязаны вокруг стана. Вся шаль, вместе с острою верхушкой торчавшей над нею якутской шапки (бергес), была обильно усыпана хлопьями крепкого, плотно смерзшегося инея.

Незнакомец приблизился к камельку и неловко, полузастывшими руками стал развязывать шаль, потом ремешки шапки. Когда он откинул свои треух на плечи, я увидал молодое, раскрасневшееся от мороза лицо мужчины лет тридцати; крупные черты его были отмечены тем особенным выражением, какое нередко приходилось мне замечать на лицах старост арестантских артелей и вообще на лицах людей, привыкших к признанию и авторитету в своей среде, но в то же время вынужденных постоянно держаться настороже с посторонними. Черные выразительные глаза его кидали быстрые, короткие взгляды. Нижняя часть лица несколько выдавалась вперед, обнаруживая пылкость страстной натуры, но бродяга (по некоторым характерным, хотя трудно уловимым признакам, я сразу предположил в моем госте бродягу) давно уже привык сдерживать эту пылкость. Только легкое подергивание нижней губы и нервная игра мускулов выдавали по временам беспокойную напряженность внутренней борьбы.

Усталость, морозная ночь, а быть может и тоска, которую испытывал одинокий путник, пробиравшийся среди непроницаемого тумана, -- все это несколько смягчило резкие очертания лица, залегло над бровями и в черных глазах выражением страдания, гармонировавшего с моим настроением в этот вечер, и внушило мне сразу невольную симпатию к незнакомому гостю.

Не раздеваясь дальше, он прислонился к камельку и вынул из кармана трубку.

-- Здравствуйте, господин, -- сказал он, вытряхивая трубку об уголок и в то же время искоса окидывая меня внимательным взглядом.

-- Здравствуйте, -- ответил я, продолжая, в свою очередь, пытливо осматривать незнакомую фигуру.

-- Вы уж меня, господин, извините, что я так прямо к вам взошел. Мне вот только обогреться маленько да трубочку покурить -- я и уеду, потому что у меня тут знакомые, которые меня во всякое время принимают, в двух верстах отсель, на заимке.

В его голосе слышалась сдержанность человека, очевидно не желавшего показаться навязчивым. Говоря это, он кинул на меня несколько коротких внимательных взглядов, как будто выжидая, что я скажу, чтобы сообразно с этим установить дальнейшие отношения. "Как ты со мной, так и я с тобой", -- казалось, выражали эти пристальные, холодные взгляды. Во всяком случае, приемы моего гостя составляли приятный контраст с обычною назойливостью якутского поселенца, хоть для меня и было очевидно, что если б он не рассчитывал остаться у меня ночевать, то не стал бы вводить лошадь во двор, а привязал бы ее к городьбе, снаружи.

-- Кто вы такой, -- спросил я, -- как вас зовут?

-- Меня-то? Зовут меня Багылай, то есть это, видите ли, по-здешнему, а настояще-то, по-расейски -- Василий... Может, слыхали? Байагантайского улусу.

-- Родом с Урала, бродяга?..

На губах незнакомца чуть-чуть промелькнула улыбка удовольствия.

-- Ну, вот, вот! Он самый. Вы, стало быть, обо мне маленько наслышаны?

-- Да, слышал от Семена Ивановича. Вы ведь с ним жили по соседству.

-- Верно. Семен Иваныч меня довольно знают.

-- Ну, рад гостю, милости просим. Оставайтесь у меня ночевать, кстати же я один. Сейчас самовар поставим.

Бродяга охотно принял приглашение.

-- Спасибо, господин! Ежели уж вы приглашаете, то я останусь. Надо вот переметы с седла снять, кое-что в избу внести. Оно хоть, скажем, конь-то у меня во дворе привязан, а все же лучше: народ-то у вас в слободе фартовый, особливо татары.

Он вышел и через минуту внес в юрту две переметные сумы. Развязав ремни, он стал вынимать оттуда привезенные с собою припасы: круги мерзлого масла, мороженого молока, несколько десятков яиц и т.д. Кое-что из привезенного он разложил у меня на полках, остальное вынес на мороз, в сени, чтобы не растаяло. Затем он

снял шаль, шубу и кафтан и, оставшись в красной кумачной рубахе и шароварах из "бильбирета" (род плиса), уселся против огня на стуле.

-- Вот, господин, -- поднял он голову и усмехнулся, -- стану вам правду говорить: еду этто к вашим воротам, а сам думаю: неужто не пустит меня ночевать? Потому что я довольно хорошо понимаю: есть из нашего брата тоже всякого народу достаточно, которого и пустить никак невозможно. Ну, я не из таких, по совести говорю... Да вы, вот, сказываете, про меня слыхали.

-- Действительно, слышал.

-- Ну, вот! Живу, могу сказать, не похваставшись, честно и благородно. Имею у себя корову, бычка по третьему году, лошадь... Землю пашу, огород.

Бродяга говорил все это странным тоном, как-то раздумчиво глядя в одну точку, а при последних словах даже развел руками, как будто удивляясь: "А что, ведь и вправду все это так и есть в действительности!"

-- Да, -- продолжал он тем же тоном, -- работаю! То есть вполне даже как следует, по божьему приказанию. Что ж, я так понимаю, что это гораздо лучше, нежели воровать или наипаче еще разбойничать. Вот скажем хоть к этому примеру: еду я ночью, увидел огонь и заезжаю к вам... и сейчас вы мне уважение, самоварчик... Я это должен ценить. Так ли я говорю?

-- Конечно, -- подтвердил я, хотя, в сущности, бродяга обращался больше к себе самому, себя убеждал в преимуществах своей настоящей жизни.

Я действительно знал Василия по слухам от товарищей; это был бродяга-поселенец, уже два года живший в своем домике, среди тайги, над озером, в одном из больших якутских наслегов {Якутская область в административном отношении разделяется на округи, соответствующие нашим уездам. Округ, в свою очередь, разделяется на улусы, а улусы подразделяются на наслеги. Если улус приравнять к русской волости, то наслег будет соответствовать отдельному обществу в среде волости. Деление это имеет характер отчасти родовой, отчасти административный. (Примеч. В.Г.Короленко.)}. В бесшабашной и потерянной среде поселенцев, бедствовавших, воровавших и нередко разбойничавших по наслегам, он был одним из немногих, предпочитавших трудовую жизнь, которая здесь давала легкую возможность подняться. Якуты, вообще говоря, народ очень добродушный, и во многих улусах принято, как обычай, оказывать новоприбывшим поселенцам довольно существенную помощь. Правда, что без этой помощи человеку, закинутому в суровые условия незнакомой страны, пришлось бы или в самом скором времени умереть от голода и холода, или приняться за разбой; правда также, что всего охотнее эта помощь оказывается в виде пособия "на дорогу", посредством которого якутская община старается как можно скорее выпроводить поселенца куда-нибудь на прииск, откуда уже большая часть этих неудобных граждан не возвращается; тем не менее человеку, серьезно принимающемуся за работу, якуты по большей части также помогают стать на ноги. Василий получил от наслега избу, быка, и на первый год ему засеяли обществом шесть пудов хлеба. Урожай выдался хороший; кроме того, он выгодно нанялся у якутов косить сено, стал слегка торговать табаком, и года в два хозяйство его сложилось. Якуты относились к нему с почтением, поселенцы величали в глаза Василием Ивановичем и только за глаза звали Васькой; попы, выезжая на требу, охотно заезжали к нему на перепутье и сами сажали его за стол, когда ему случалось приезжать к ним. Водил он также знакомство и с нашею братиею, интеллигентными людьми, заброшенными судьбой в эти далекие страны. Казалось бы, всем житье бродяге -- оставалось только жениться; тут, конечно, встречалось маленькое затруднение, так как бродяг обыкновенно не венчают, но в той стороне за небольшие деньги, за телку или хорошего жеребенка можно было устроить и это.

И тем не менее, вглядываясь в энергичное лицо молодого бродяги, я все яснее различал в нем какую-то странность. Теперь это лицо нравилось мне уже несколько менее, чем в первую минуту, но все же оно было довольно приятно. Темные глаза глядели по временам задумчиво и умно, все черты выражали энергию; обращение его было свободно, в тоне слышалось удовлетворенное самолюбие гордой натуры. Только по временам нижняя часть лица как-то нервно вздрагивала и блеск глаз потухал. Было видно, что Багылаю стоит некоторого усилия держать этот ровный тон, сквозь который что-то как будто силилось пробиться наружу, что-то горькое, подавляемое только напряжением воли...

Сначала я не мог отдать себе отчета, что именно это было. Теперь я уже знаю: привычный бродяга обманывал себя, уверяя, что он доволен своим спокойным существованием, своим домком, и коровкой, и бычком по третьему году, и оказываемым ему уважением. В глубине души он сознавал, -- хотя и подавлял пока это сознание, -- что эта серая жизнь, жизнь на чужбине, постылой и неприветной, не про него. Из глубины души уже подымались в нем призывы тайги, его манила уже от серых будней безвестная, заманчивая и обманчивая даль. Так объяснил я себе эту черту впоследствии, но тогда я видел только, что бродягу, несмотря на кажущееся спокойствие, что-то гложет внутри, что-то прорывается наружу...

Пока я хлопотал с самоваром, Василий сидел против камелька, задумчиво глядя на огонь. Я окликнул его, когда все было готово.

-- Спасибо, господин, -- сказал он, подымаясь. -- Много доволен и на ласковом слове. Ах, господин, господин! -- обратился он вдруг ко мне как-то страстно, -- поверишь ты: как завидел я твой огонек, сердце во мне взыграло, -- право, не лгу! Потому что знаю: у расейского человека этот огонь горит... Ехал этто лугами... темень, мороз... Юрта где задымится в сторонке, -- конь так и воротит к ней, так и воротит; известно, скотина якутская, лестно ей. Ну, а у меня сердце туда не лежит. Что мне в ней, хоть бы и в юрте? Конечно, согреют, может, и водка нашлась бы. Да нет!.. А твой огонь увидал -- вот, думаю, куда заезжать, если примет. Спасибо, что не прогнал. В нашем наслеге, может, когда быть доведется, -- милости просим ко мне. Найдем чем угостить, слава те господи! Примем как следует, честно!

II

Напившись чаю, Василий опять уселся против огня. Ему нельзя было еще ложиться: приходилось выждать, пока остынет его лошадь, чтобы спустить ее к сену. Якутская лошадь не особенно сильна, зато удивительно нетребовательна; якут доставляет на ней масло и другие припасы на дальние прииска или в тайгу к тунгусам, на дальний Учур {Учур -- река, приток Алдана, впадающего в Лену. (Примеч. В.Г.Короленко.)}, проходя сотни верст по местам, где нечего и думать о запасах сена. Приехав на ночевку в дикой тайге, он разгребает снег, разводит костер, а стреноженных лошадей пускает в тайгу; привычный конь добывает себе из-под снега высохшую прошлогоднюю траву и наутро опять готов для утомительного перехода.

Но при этом у якутской лошади есть одна особенность: ее нельзя кормить тотчас после поездки, и перед отправлением в путь сытую лошадь тоже выдерживают без пищи иногда в течение суток и даже больше.

Василию нужно было выждать часа три. Я тоже не ложился, и мы сидели оба, изредка перекидываясь словами. Василий, или, как он уже привык называть себя, Багылай, то и дело подкладывал в огонь по одному полену. Это в нем сказывалась местная привычка, приобретенная в течение длинных вечеров якутской зимы.

-- Далеко! -- сказал он вдруг после долгого молчания, как будто отвечая собственной мысли.

-- Что это? -- спросил я.

-- Наша-то сторона, Расея... Здесь вот все не по-нашему, что ни возьми. Взять хоть скотину, лошадь, к примеру: у нас лошади, ежели приехал на ней, первым делом требуется пища, а эту вот накорми горячую -- подохнет. Как тепло станет, сейчас у ней в сердце сделается льдина, и кончено! Тоже и народ взять: живут по лесу, конину жрут, сырое мясо едят, падаль, прости господи, и ту трескают... тьфу! Стыда у здешнего народа нисколько нету: вынь в юрте у них кисет с табаком, и сейчас, сколько ни есть тут народу, всякий к тебе руку тянет: давай!

-- Что ж, это у них обычай, -- возразил я. -- Зато и сами они дают. Ведь вот помогли же вам завести хозяйство.

-- Помогли, правда.

-- Довольны вы своею жизнью? -- спросил я, вглядываясь в лицо бродяги.

Он как-то загадочно улыбнулся.

-- Да, жизнь... -- сказал он, помолчав и подбрасывая в огонь новое полено. Пламя

осветило его лицо: глаза глядели тускло.

-- Эх, господин, ежели рассказать вам!.. Не видал я в жизни своей хорошего и теперь не вижу. Только и видел хорошего до восемнадцати лет. Ладненько тогда жил, пока родителей слушал. Перестал слушаться -- и жизнь моя кончилась. С самых тех пор, я так считаю, что и на свете не живу вовсе. Так... бьюсь только понапрасну.

По красному лицу бродяги пробегают тени, и нижняя губа нервно вздрагивает, как у ребенка, точно он на это время опять возвратился к тому возрасту, когда "слушался родителей", точно вновь стал ребенком, только этот ребенок готов теперь расплакаться над собственною разбитою жизнью!

Заметив, что я пытливо гляжу на него, бродяга спохватился и тряхнул головой.

-- Ну, да что тут... Не хотите ли лучше послушать, как мы с Соколиного острова бежали?

Я, конечно, согласился и всю ночь до рассвета прослушал рассказы бродяги.

III

В летнюю ночь 187* года пароход "Нижний Новгород" плыл по водам Японского моря, оставляя за собой в синем воздухе длинный хвост черного дыма. Горный берег Приморской области уже синел слева в серебристо-сизом тумане; справа в бесконечную даль уходили волны Лаперузова пролива. Пароход держал курс на Сахалин, но скалистых берегов дикого острова еще не было видно.

На пароходе все было спокойно и тихо. На рубке виднелись освещенные луной фигуры лоцманов и дежурных офицеров. Огни из люков трепетали, отражаясь на темной поверхности океана.

"Нижний Новгород" шел с "грузом арестантов", назначенных на Сахалин. Морские уставы вообще очень строги, а на корабле с подобным грузом они еще строже. Днем арестанты посменно гуляли по палубе, оцепленные крепким караулом. Остальное время они проводили в своих помещениях под палубой.

Обширная камера под низко нависшим потолком... Свет проникает днем сквозь небольшие люки, которые выделяются на темном фоне, точно два ряда светлых пуговиц, все меньше и меньше, теряясь на закругленных боках пароходного корпуса. В середине трюма оставлен проход вроде коридора; чугунные столбы и железная решетка отделяют этот коридор от помещения с нарами для арестантов. В проходе, опершись на ружья, стоят конвойные часовые. По вечерам тут же печально вытянутою линией тускло горят фонари.

Вся жизнь серых пассажиров парохода проходит на виду, за этою решеткой. Стоит ли над морем яркое тропическое солнце, свистит ли ветер, скрипят и гнутся снасти, ударит ли волной непогода, разыграется ли грозная буря и пароход весь застонет под ударами шторма, -- здесь, все так же взаперти, прислушиваются к завыванию ветра сотни людей, которым нет дела до того, что происходит там, наверху, и куда несется их плавучая тюрьма.

Арестантов гораздо больше на пароходе, чем конвоя, но зато каждый шаг, каждое движение серой толпы введены твердою рукой в заранее намеченную железную колею, и экипаж обеспечен против всякой возможности бунта.

Впрочем, здесь принято во внимание все, даже и невероятное: если бы в толпе прорвался ожесточенный разъярившийся зверь и она в отчаянии стала бы кидаться на явную опасность, если бы выстрелы сквозь решетку не оказали действия и зверь грозил бы сломать свою железную клетку, -- тогда в руках командира оставалось бы еще одно могучее средство. Ему стоило только крикнуть в машинное отделение несколько слов:

"Рычаг такой-то... отдать!"

"Есть!" -- и вслед за этим ответом в арестантское помещение были бы пущены из машины струи горячего пара, точно в щель с тараканами. Это страшное средство предотвращало всякую возможность общего бесчинства со стороны серого населения пароходного трюма.

Тем не менее и под давлением строгого режима это серое население жило за железными решетками своею обычною жизнью. И в ту самую ночь, когда пароход шлепал колесами по спокойному морю, дробясь в мрачной зыбучей глубине своими огнями, когда часовые, опершись на ружья, дремали в проходах трюма и фонари, слегка вздрагивая от ударов никогда не засыпавшей машины, разливали свой тусклый, задумчивый свет в железном коридоре и за решетками... когда на нарах рядами лежали серые неподвижные фигуры спавших арестантов, -- там, за этими решетками, совершалась безмолвная драма. Серое кандальное общество казнило своих отступников.

На следующее утро, во время переклички, три арестанта не поднялись с своих мест. Они остались лежать на нарах, несмотря на грозные оклики начальства. Когда вошли за решетку и приподняли халаты, которыми они были прикрыты, то начальство убедилось, что эти трое никогда уже не поднимутся на перекличку.

Во всякой арестантской артели все важнейшие дела вершатся более влиятельным и сплоченным ядром. Для массы, по-арестантски "шпанки", серой, безличной толпы, подобные события нередко бывают совершенною неожиданностью. Пораженное мрачною ночною трагедией, население пароходного трюма вначале примолкло; под низким потолком стояла пугливая тишина. Только плеск моря доносился снаружи, бежали с рокотом вдоль

ватерлинии разбиваемые грудью парохода волны, да тяжелое пыхтение машины глухо отдавалось вместе с мерными ударами поршней.

Но скоро начались среди арестантов разговоры и толки о последствиях "происшествия". Начальство, очевидно, не намерено было замять неприятное дело, приписав смерть случайности или скоропостижным болезням. Признаки насилия были очевидны; пошли допросы. Арестанты отвечали единодушно; быть может, в другое время начальству и нетрудно было бы найти несколько человек, которых страхом или обещанием выгоды можно бы склонить к доносу, но теперь, кроме чувства "товарищества", языки были скованы ужасом. Как ни страшно начальство, как ни грозны его окрики, -- "артель" еще страшнее: в эту ночь, там, на нарах, на виду у часовых, она показала свое ужасное могущество. Без сомнения, многие в ту ночь не спали; не одно ухо чутко ловило заглушенные звуки борьбы "под крышкой" {"Сделать крышку" -- на арестантском жаргоне значит убить кого-либо в среде самой тюрьмы. При этом обыкновенно на голову жертвы накидывается халат с целью заглушить ее крики. Это и есть крышка. (Примеч. В.Г.Короленко.)}, хрипение и вздохи, не совсем похожие на вздохи спящих, но никто ни одним словом не выдал исполнителей страшного приговора. Начальству не осталось ничего более, как приняться за официальных ответчиков: старосту и его помощника. В тот же день их обоих заковали в кандалы.

Помощником был Василий, носивший тогда другое имя.

Прошло еще дня два, и дело было обсуждено арестантами с полною обстоятельностью. На первый взгляд казалось, что концы спрятаны, виновных открыть невозможно и закованным представителям артели грозила лишь легкая дисциплинарная ответственность. На все вопросы у них был прямой и резонный ответ: "Спали!"

Однако при более тщательном рассмотрении дело стало возбуждать некоторые сомнения. Сомнения эти относились именно к Василию. Правда, в подобных случаях артель действует всегда таким образом, чтобы неприкосновенность к делу первых "ответчиков" кидалась по возможности в глаза, и в этом случае Василий мог легко доказать, что он не принимал в ночной трагедии прямого участия. Тем не менее, обсуждая положение помощника старосты, опытные арестанты, прошедшие и огонь, и медные трубы, покачивали головами.

"Слышь, парень, -- подошел раз к Василию старый, бывалый в переделках бродяга, -- как приедем на Соколиный остров, запасай ноги. Дело, братец, твое неприятно. Совсем табак твое дело!"

"А что?"

"Да вот то же!.. Ты в первый раз осужден или вторично?"

"Вторично".

"То-то. А помнишь, покойный Федька на кого доносил? Все на тебя же. Ведь из-за него ты ходил неделю в наручнях, так ли?"

"Было дело".

"Ну, а что ты ему тогда сказал? Солдаты-то ведь слышали! Ты как об этом думаешь? Ведь это есть угроза!"

Василий и другие слушатели поняли, что тут было от чего почесаться.

"Ну вот! Сообрази-ка ты все это, да и готовься к расстрелу!"

В партии поднялся ропот.

"Не болтай, Буран", -- заговорили арестанты с неудовольствием. "Хлопает старик зря".

"От старости, видно, из ума выжил. Шутка ли чего сказал: к расстрелу!"

"Не выжил я из ума, -- сердито заговорил старик и плюнул с досады. -- Много вы, шпанье {Презрительная кличка от слова "шпанка" (объяснение выше) (Примеч. В.Г.Короленко.)}, понимаете! Вы судите по-расейски, а я по-здешнему. Я здешние-то порядки знаю... Верно тебе говорю, Василий: пошлют дело к амурскому генералу-губернатору, -- готовься к расстрелу. А ежели за великую милость на кобылу {Кобылой называют скамью особого вида, к которой привязывают наказываемого плетьми (Примеч. В.Г.Короленко.)} велят ложиться, так это еще хуже: с кобылы-то уж не встанешь. Потому что ты понимай: это, братец, корапь! На корабле закон против сухопутья вдвое строже. Ну, а впрочем, -- глухо добавил старик, запыхавшийся от этой длинной речи, -- мне все одно, хоть пропадите вы все пропадом..."

Потухшие глаза старого, разбитого незадачливою жизнью бродяги давно уже глядели на мир тускло и с угрюмым равнодушием. Он махнул рукой и отошел к сторонке.

Среди арестантских партий встречается немало юристов, и если такая партия во всем составе по тщательном обсуждении данного дела постановит свой предполагаемый приговор, то он почти всегда в точности совпадает с действительным. В данном случае все такие юристы согласились с мнением Бурана, и с этих пор было решено, что Василий должен бежать. Так как он мог пострадать из-за "артельного дела", то артель считала себя обязанной оказать ему помощь. Запас сухарей и галет, образовавшийся из "экономии", поступил в его распоряжение, и Василий стал "сбивать партию" желающих участвовать в побеге.

Старый Буран бегал уже с Сахалина, и потому первый выбор пал на него. Старик долго не раздумывал.

"Мне, -- ответил он, -- на роду уж написано в тайге помирать. Да оно, пожалуй, в тайге-то бродяге и лучше. Одно вот только: годы мои не те, поизносился".

Старый бродяга заморгал тусклыми глазами.

"Ну, ин сбивай артель. Вдвоем али втроем нечего и идти -- дорога трудная. Наберется человек десять -- и ладно. А уж я пойду, поколе ноги-то носят. Хоть помереть бы мне в другом месте, а не на этом острову".

Буран заморгал еще сильнее, и по сморщенному, обветрелому лицу покатились старческие слезы. "Ослаб старый бродяга", -- подумал Василий и пошел "сбивать артель", подыскивать других товарищей.

IV

Обогнув высокий мыс, пароход вошел в залив. Арестанты толпились у люков и с тревожным любопытством смотрели на горные высокие берега острова, все выраставшие среди сумрака приближавшегося вечера.

Темною ночью подошел пароход к порту. Очертания берега надвинулись и встали черною громадой. Пароход остановился, команда выстроилась; стали выводить арестантов.

На берегу в темноте виднелись кое-где огни; море плескалось в берег, на небе висели тучи, а на сердце у всех такая же темная, такая же мрачная нависла тоска.

"Порт это, -- тихо говорил Буран, -- Дуя {Порт Дуэ, на западном берегу Сахалина. (Примеч. В.Г.Короленко.)} называемый. Тут на первое время в казармах жить придется".

После проверки в присутствии местного начальства вывели партию на берег. Проведя несколько месяцев на море, арестанты впервые чувствовали под ногами твердую почву. Пароход, на котором они прожили столько времени, покачивался в темноте и вздыхал среди ночи клубами белого пара.

Впереди задвигались огни. Послышались голоса:

"Партия, что ли?"

"Партия".

"Ступай сюда, в седьмую казарму!"

Арестанты двинулись на огонь. Шли вразброд, в беспорядке, и всех поражало то обстоятельство, что сбоку никто не толкает их прикладами.

"Братцы, -- послышались удивленные голоса, -- никак, караулу-то с нами нету?"

"Молчи! -- угрюмо проворчал в ответ на это Буран. -- Зачем тебе здесь караул? Небось и без караулу не убежишь. Остров этот большой да дикой. В любом месте с голоду поколеешь. А кругом острова море. Не слышишь, что ли?"

Действительно, среди влажной ночи подымался ветер; огни фонарей неровно мерцали под его порывами, и глухой гул моря доносился с берега, точно рев просыпающегося зверя.

"Слышь, как ревет? -- обратился Буран к Василию. -- Вот оно: кругом-то вода, посередке беда... Беспременно море переплывать надо, да еще до переправы островом сколько идти придется... Гольцы, да тайга, да кордоны!.. На сердце у меня что-то плохо; нехорошо море-то говорит, неблагоприятно. Не избыть мне, видно, Соколиного острова, не избыть будет -- стар! Два раза бегал; раз в Благовещенске, другой-то раз в Расее поймали, -- опять сюда... Видно, судьба мне на острову помереть".

"Авось не помрешь!" -- ободрил старика Василий.

"Молод ты, а я уж износился. Эх, море-то, море-то как жалостно да сердито взыграло!"

Из казармы No 7 вывели всех живших в ней каторжных и отвели ее новоприбывшим, приставив на первое время караул. Привыкши к тюремной неволе и крепким запорам, они непременно разбились бы по острову, как овцы, выпущенные из овчарни. Других, живших здесь подольше, не запирали: пооглядевшись и ознакомившись с условиями, ссыльные убеждаются, что побег на острове -- дело крайне рискованное, почти верная смерть, и потому на это дело отваживаются только исключительные удальцы, да и то после тщательных сборов. А таких, все равно запирай незапирай -- убегут, если не из тюрьмы, то с работы.

"Ну, Буран, советуй теперь, -- приставал к Бурану Василий дня через три по приезде на остров, -- ты ведь у нас старший будешь, тебе впереди идти, тебе и порядки давать. Чай, ведь запас нужно делать".

"Чего советовать-то, -- ответил старик вяло. -- Трудно... годы мои не те. Вот видишь ты: пройдет еще дня три, караулы поснимут, станут партиями в разные места на работы выводить, да и так из казармы выходить дозволяется. Ну, только с мешком из казармы не выпустят. Вот тут и думай".

"Ты придумай, Буранушка, -- тебе лучше знать".

Но Буран ходил осунувшийся, угрюмый и опустившийся. Он ни с кем не говорил и только что-то бормотал про себя. С каждым днем, казалось, старый бродяга, очутившийся в третий раз на старом месте, "ослабевал" все больше и больше. Между тем Василий успел подобрать еще десять охотников, молодец к молодцу, и все приставал к Бурану, стараясь расшевелить его и вызвать к деятельности. Порой это удавалось, но даже и тогда старик всегда сводил речь на трудность пути и дурные предзнаменования.

"Не избыть острова!" Это была постоянная фраза, в которой вылилась безнадежная уверенность неудачника-бродяги. Тем не менее в светлые минуты он оживлялся воспоминаниями о прежних попытках, и тогда, в особенности по вечерам, лежа на нарах рядом с Васильем, он рассказывал ему об острове и о пути, по которому придется идти беглецам.

Порт Дуэ расположен на западной стороне острова, обращенной к азиатскому берегу. Татарский пролив в этом месте имеет около трехсот верст в ширину; переплыть его в небольшой лодочке, понятно, нечего и думать, и потому беглецы поневоле направляются в ту или другую сторону по острову. Побег, собственно на острове, не труден. "Куда хошь ступай, -- говорил Буран, -- коли помирать хочется: остров большой, весь в гольцах да в тайге. Гиляк-инородец на что привычный человек, и тот не во всяком месте держится. На восток ежели пойдешь -- заплутаешься в камнях: либо пропадешь, расклюет тебя голодная птица, либо сам к зиме опять сюда явишься. На полдень пойдешь -- дойдешь до конца острова, а там море-окиян: на корабле разве переплыть. Одна нам дорога -- на север, все берегом держаться. Море-то само дорогу укажет. Верст триста пройдем, будет пролив, узкое место; тут нам и переправу держать на амурскую сторону на лодках".

"Ну только что скажу тебе, парень, -- начинал Буран обычный унылый припев, -- и тут трудно, потому что мимо кордонов идти придется, а в кордонах солдаты. Первый кордон Варки называется, предпоследний Панги, последний самый -- Погиба. А почему Погиба? -- больше всех тут нашему брату погибель. И хитро же у них кордоны поставлены: где этак узгорочек круто заворачивает, тут и кордон выстроен. Идешь, идешь да прямо на кордон и наткнешься. Не дай господи!"

"Ну, да ведь уж два раза ходил, чай, знаешь?"

"Ходил, парень, ходил... -- и потухшие глаза старика опять вспыхнули. -- Ну, слушай меня, да делайте, как я велю. Станут скоро на мельницу на постройку людей выкликать, вы все в то число становитесь; станут туда провизию запасать, и вы свои сухари да галеты в телегу складывайте. На мельнице-то Петруха сидит, из каторжных. От него вам и будет ход, с мельницы то есть. Три дня здесь вас не спохватятся, такой здесь порядок: три дня можно на перекличку не являться -- ничего. Доктор от наказания избавляет, потому что, говорит, больница плохая; иной это притомится на работе, занеможет: чем ему в больницу идти, лучше он в кусты уйдет да там как-нибудь на воздухе-то и отлежится. Ну, а уж если на четвертый день не явился, то прямо считают в бегах. И сам после явишься, все равно: приходи да прямо на кобылу и ложись".

"Зачем на кобылу? -- сказал Василий. -- Даст бог уйдем, так уж охотой не вернемся".

"А не вернешься, -- глухо заворчал Буран, и глаза его опять потухли, -- не вернешься, так все равно воронье тебя расклюет в пади где-нибудь, на кордоне. Кордону-то небось с нашим братом возиться некогда; ему тебя не представлять обратно, за сотни-то верст. Где увидел, тут уложил с ружья -- и делу конец".

"Не каркай, старая ворона!.. Завтра, смотри, идем мы. Ты Боброву сказывай, чего надо, -- артель отпустит".

Старик проворчал что-то в ответ и отошел, понурив голову, а Василий пошел к товарищам сказать, чтобы готовились. От должности помощника старосты он отказался ранее, и на его место уже выбрали другого. Беглецы уложили котомочки, выменяли лучшую одежду и обувь, и на следующий день, когда действительно стали снаряжать рабочих на мельницу, они стали в число выкликаемых. В тот же день с постройки все они ушли в кусты. Не было только Бурана.

Отряд подобрался удачно. С Васильем пошел его приятель, который "по бродяжеству" носил кличку Володьки, Макаров, силач и хват, бегавший два раза с Кары, два черкеса, народ решительный и незаменимый в отношении товарищеской верности, один татарин, плут и проныра, но зато изобретательный и в высшей степени ловкий. Остальные были тоже бродяги, искусившиеся в путешествиях по Сибири.

Артель просидела в кустах уже день, переночевала, и другой день клонился к вечеру, а Бурана все не было. Послали татарина в казарму; пробравшись туда тихонько, он вызвал старого арестанта Боброва, приятеля Василья, имевшего в среде арестантов вес и влияние. На следующее утро Бобров пришел в кусты к беглецам.

"Что, братцы, как бы мне вам какую помощь сделать?"

"Посылай непременно Бурана. Без него нам не ход. Да если чего просить станет из запасу -- дайте. За Бураном у нас только и дело-то стало".

Вернулся Бобров в казарму, а Буран и не думает собираться. Суется по камере, сам с собою разговаривает да размахивает руками.

"Ты что же это. Буран, думаешь?" -- окликнул его Бобров.

"А тебе что?"

"Как что? Почему не собрался?"

"В могилу мне собираться, вот куда!"

Бобров рассердился.

"Да ты что в самом деле! Ведь ребята четвертые сутки в кустах. Ведь им теперь на кобылу ложиться... А еще старый бродяга!"

Заплакал от покоров старик.

"Отошло мое время... Не избыть мне острова... Износился!.."

"Износился ты аль нет, это дело твое. Не дойдешь, помрешь в дороге, -- за это никто не завинит; а ежели ты подвел одиннадцать человек под плети, то обязан идти. Ведь мне стоит артели сказать, что тогда над тобой сделают?"

"Знаю, -- сказал Буран сумрачно, -- сделают крышку, потому что стою... Нечестно старому бродяге помирать такою смертью. Ну, ин видно, идти мне доводится. Только вот ничего-то у меня не припасено".

"Все живою рукою будет. Что надо?"

"А вот что: первым делом неси мне двенадцать хороших халатов, новых".

"Да ведь у ребят свои есть".

"Ты слушай меня, что я говорю, -- заговорил Буран с сердцем, -- знаю, что есть у них по халату, а надо по два. Гилякам за лодку с человека по халату придется. Да еще надо мне двенадцать ножей хороших, по три четверти, да два топора, да три котла".

Бобров собрал артель и объяснил, в чем дело. У кого были лишние халаты, все поступились в пользу беглецов. У всякого арестанта живуче какое-то инстинктивное сочувствие смелой попытке вырваться из глухих стен на вольную волю. Котлы и ножи нашлись частью даром, частью за деньги у старожилов-ссыльных. Все было готово дня в два.

Со времени прибытия партии на остров прошло тринадцать дней.

На следующее утро Бобров доставил Бурана в кусты вместе с запасом. Беглецы "стали на молитву", отслужили нечто вроде молебна на этот случай по особому арестантскому уставу, попрощались с Бобровым и двинулись в дорогу.

V

-- Что же, небось весело было в путь отправляться? -- спросил я, вслушиваясь в окрепший голос рассказчика, вглядываясь в его оживившиеся в этом месте рассказа черты.

-- Да как же не весело! Как изошли из кустов да тайга-матушка над нами зашумела, -- верите, точно на свет вновь народились. Таково всем радостно стало. Один только Буран идет себе впереди, голову повесил, что-то про себя бормочет. Невесело вышел старик. Чуяло, видно, Бураново сердце, что не далеко уйти ему.

Видим мы с первого разу, что командер у нас не очень надежный. Он хоть бродяга опытный и даже с Соколиного острова два раза бегал, да и дорогу, видно, знает: идет, знай, покачивается, по сторонам не глядит, ровно собака по следу, -- ну, а все же нас с Володькой, с приятелем, сомнение берет.

"Гляди-ко, -- говорит мне Володька, -- с Бураном как бы на беду не напороться. Видишь: он не в себе что-то".

"А что?" -- говорю.

"А то, что старик как будто не в полном рассудке. Сам с собой разговаривает, голова у него мотается, да и распоряжениев от него никаких не видится. Нам бы давно уж хоть маленький привал сделать, а он, видишь, прет себе да прет. Неладно, право!"

Вижу и я, что неладно. Подошли мы к Бурану, окликнули:

"Дядя, мол, а дядя! Что больно разошелся? Не пора ли привал сделать, прилечь, отдохнуть?"

Повернулся он к нам, посмотрел да опять вперед пошел.

"Погодите, говорит, зачем торопитесь ложиться? Вон в Варках либо в Погибе уложат пулями -- належитесь еще".

"Ах, чтоб те пусто было!" Ну все же спорить не стали, потому что он старый бродяга. И притом сами видим, что не дело и мы затеяли: в первый-то день побольше уйти надо -- тут не до отдыху.

Прошли еще сколько-то. Володька опять меня толкает:

"Слышь, Василий, дело-то все же неладно!"

"Что такое опять?"

"До Варков-то, сказывали, двадцать верст; ну, уж мы восемнадцать-то верных прошли. Как бы на кордон не напороться".

"Буран, а Буран!.. Дядя!" -- кричим опять.

"Что вам?"

"Варки, чай, близко".

"Далеко еще", -- отвечает и опять пошел.

Была бы тут беда, да, на счастие, увидели мы -- на речке челнок зачален стоит. Как увидели мы этот челнок, так все и остановились. Бурана Макар силой удержал. Уж ежели, думаем себе, челнок стоит, значит, и житель близко. Стой, ребята, в кусты!

Вот вошли мы в тайгу, а на ту пору шли мы падью по речке; по одну сторону горы и по другую тоже горы, лиственью поросли густо. С весны с самой по Соколиному острову туманы теплые ходят, и в тот день с утра тоже туман был. А как взобрались мы на гору да прошли малое место верхами, -- дохнул из пади ветер, туман, как нарочно, в море и угнало. Смотрим мы: внизу за горкой кордон, как на ладонке, солдаты по двору ходят, собаки лежат, дремлют. Все мы тут ахнули: ведь без малого волку в пасть своею охотой не полезли.

"Как же, говорим, дядя Буран. Ведь это кордон".

"Кордон, -- отвечает Буран. -- Самые это Варки".

"Ну, -- говорим мы ему, -- уж ты, дядя, не прогневайся: хоть ты и старше нас всех, однако, видно, нам самим о себе промышлять надо. С тобой как раз беды наживешь".

Заплакал старик.

"Братцы! -- говорит, -- стар я, простите ради Христа. Сорок лет хожу, весь исходился, видно, память временами отшибать стало: кое помню, а кое вовсе забыл. Не взыщите! Надо теперь поскорей уходить отсюда: не дай бог, за ягодой кто к кордону пойдет или ветер бродяжьим духом на собаку пахнет -- беда будет".

Пошли мы дальше. Дорогой поговорили меж собой и все так порешили, чтобы за Бураном смотреть. Меня ребята выбрали вожатым; мне, значит, привалами распоряжаться, порядки давать; ну, а Бурану все же впереди идти, потому что он с дороги-то не сбивается. Ноги у бродяги привычные: весь изомрет, а ноги-то все живы, -- идет себе, с ноги на ногу переваливается. Так ведь до самой смерти все старик шел.

Шли мы больше горами; оно хоть труднее, да зато безопаснее: на горах-то только тайга шумит да ручьи бегут, по камню играют. Житель, гиляк, в долинах живет, у рек да у моря, потому что питается рыбой, которая рыба в реки ихние с моря заходит, кыта называемая. И столь этой рыбы много, так это даже удивлению подобно. Кто не видал, поверить трудно: сами мы эту рыбу руками добывали.

Так все и идем, нос-то по ветру держим. Где этак безопаснее, к морю аль к речке спустимся, а чуть малость сомневаться станем, сейчас опять на верхи. Кордоны-то обходим со всякою осторожностью, а кордоны-то стоят разно: где двадцать верст расстояние, а где и все пятьдесят. Угадать никак невозможно. Ну, все же как-то нас бог миловал, обходили все кордоны благополучно, вплоть до последнего...

VI

Рассказчик нахмурился и замолчал. Спустя некоторое время он поднялся с места.

-- Что же дальше? -- спросил я.

-- Лошадь вот... Чай, уж просохла. Пора, пожалуй, спустить с привязи.

Мы оба вышли на двор. Мороз сдавал, туман рассеялся. Бродяга посмотрел на небо.

-- Стожары-то высоко поднялись, -- сказал он. -- За полночь зашло.

Теперь юрты соседней слободы виднелись ясно, так как туман не мешал. Слобода спала. Белые полосы дыма тихо и сонно клубились в воздухе; по временам только из какой-нибудь трубы вдруг вырывались снопы искр, неистово прыгая на морозе. Якуты топят всю ночь без перерыва: в короткую незакрытую трубу тепло вытягивает быстро, и потому первый, кто проснется от наступившего в юрте холода, подкладывает свежих поленьев.

Бродяга постоял некоторое время в молчании, глядя на слободу. Затем он вздохнул.

-- Вот и ровно бы село наше, право! Давно уж я села не видал. Якуты по наслегам живут, как звери в лесу, все в одиночку... Эх, хоть бы сюда мне перебраться, что ли. Может, и выжил бы здесь.

-- Ну, а в наслеге разве не выживете? Ведь у вас хозяйство. Вот вы говорили, что довольны своим положением.

Бродяга ответил не сразу.

-- Мочи моей нету, вот что! Не глядели бы глаза на здешнюю сторону.

Он подошел к коню, пощупал у него под гривой, потрепал по шее. Умный конек повернул к нему голову и заржал.

-- Ну, ладно, ладно! -- сказал Василий ласково. -- Спущу сейчас. Смотри, Серко, завтра не выдай!.. В бега его завтра пущу с татарами. Конек хороший, набегал я его -- теперь с любым скакуном потягается. Ветер!

Он снял недоуздок, и конь веселою рысцой побежал к сену. Мы вернулись в избу.

Лицо Василья сохраняло пасмурное выражение. Он как будто забыл или не хотел продолжать свой рассказ. Я напомнил ему, что жду продолжения.

-- Да что рассказывать-то, -- сказал он угрюмо, -- не знаю, право... Нехорошо у нас вышло. Ну, да уж начал, так надо кончать...

...Шли мы уже двенадцать ден и все еще с Соколиного острова не вышли, а по-настоящему надо бы на восьмой день уже на амурскую сторону перебраться. И все потому, что опасаемся, на командера своего надежды не имеем. Где бы ровным местом идти, берегом, а мы по верхам рыщем, по оврагам, по гольцам, да тайгой, да по бурелому... Много ли тут уйдешь? Вот и стала у нас провизия кончаться, потому что всего на двенадцать ден и запасали. Стали мы поначалу порции уменьшать; сухарей понемногу отпускали, и промышляй всяк для своей утробы как знаешь: ягоды-то по тайге много. И пришли мы таким родом к заливчику, лиман называемый. Вода в том заливчике соленая, а как припрет ину пору с Амуру, то и пресная бывает. Вот хорошо: надо в этом месте лодки добывать, на амурскую сторону переправу иметь.

Стали мы тут думать-гадать: где нам взять лодки? Приступили к Бурану: советуй! А Буран-старик притомился у нас вовсе: глаза потускли, осунулся весь и никакого совету не знает. "У гиляков, говорит, лодки добывать надо", а где они, гиляки эти, и каким, например, способом лодки у них получить, этого не объясняет.

Вот и говорим мы с Володькой ребятам: "Погодите-ка вы здесь, а уж мы по берегу пойдем, может, на гиляков наткнемся: как-нибудь лодку ли, две ли промыслим. А вы тут, ребята, смотрите, ходите с опаской, потому что кордон, надо быть, поблизости находится".

Остались ребята, а мы втроем пошли по берегу. Шли-шли, вышли на утесик, глядим, а внизу, над речкой, гиляк стоит, снасть чинит. Бог нам его, Оркуна этого, послал.

-- Это что же Оркун, имя, что ли? -- спросил я рассказчика.

-- Кто его знает? Может, и имя, а вернее, что старосту это по-ихнему обозначает. Нам неизвестно, а только как подошли мы к нему потихоньку (не сбежал бы, думаем), окружили его, он и стал тыкать себя пальцем в грудь: Оркун, говорит, Оркун; а что такое Оркун -- мы не понимаем. Однако стали с ним разговаривать. Володька взял в руки палочку и начертил на земле лодку; значит: вот нам от тебя какой предмет требуется! Гиляк сообразил сразу; замотал головой и начинает нам пальцы казать: то два покажет, то пять, то все десять. Не могли мы долго в толк взять, что такое он показывает, а потом Макаров догадался:

"Братцы, говорит, да ведь это ему надо знать, сколько нас, какую лодку готовить".

"Верно!" -- говорим и показываем гиляку, что, мол, двенадцать нас всех человек. Замотал готовой, -- понял. Потом велит себя к остальным товарищам вести. Взяло нас тут маленько раздумье, да что станешь делать? Пешком по морю не пойдешь! Привели. Возроптали на нас товарищи: "Это вы, мол, зачем гиляка сюда-то притащили? Казать ему нас, что ли?.." -- "Молчите, говорим, мы с ним дело делаем". А гиляк ничего, ходит меж нас, ничего не опасается; знай себе халаты пощупывает.

Отдали мы ему запасные халаты, он их ремнем перевязал, вскинул на плечи и пошел себе вниз. Мы, конечно, за ним. А внизу-то, смотрим, юртенки гиляцкие стоят, вроде как бы деревушка.

"Что ж теперь? -- сумлеваются ребята. -- Ведь он в деревню пошел, народ сгонять станет!.."

"Ну, так что ж, -- говорим мы им. -- Их всего-то четыре юрты -- мною ли тут народу наберется? А ведь нас двенадцать человек, ножи у нас по три четверти аршина, хорошие. Да и где же гиляку с русским человеком силой равняться? Русский человек -- хлебной, а он рыбу одну жрет. С рыбы-то много ли он силы наест? Куда им!"

Ну все-таки надо правду говорить, маленько и у меня по сердцу скребнуло: не было бы какого худа. Вот, мол, и край Соколиного острова стоим, а приведет ли бог на амурской-то стороне побывать? А амурская-то сторона за проливом край неба горами синеет. Так бы, кажись, птицей снялся да полетел. Да, вишь, локоть и близок, а укусить -- не укусишь!..

Вот хорошо. Подождали мы маленько, смотрим, идут к нам гиляки гурьбой. Оркун впереди, и в руках у них копья. "Вот видите, -- ребята говорят, -- гиляки биться идут!" -- Ну, мол, что будет... Готовь, ребята, ножи. Смотрите: живьем никому не сдаваться, и живого им в руки никого не давать. Кого убьют, делать нечего -- значит, судьба! А в ком дух остался, за того стоять. Либо всем уйти, либо всем живым не быть. Стой, говорю, ребята, крепче!

Однако на гиляков мы это подумали напрасно. Увидел Оркун, что мы сумлеваемся, обобрал у своих копья, одному на руки сдал, а с остальными к нам идет без оружия. Тут уж и мы увидали, конечно, что у гиляков дело на чести, и пошли с ними к тому месту, где у них лодки были спрятаны. Выволокли они нам две лодки: одна побольше, другая поменьше. В большую-то Оркун приказывает восьмерым садиться, в маленькую -- остальным.

Вот мы, значит, и с лодками стали, а только переправляться-то сразу нельзя. Повеял с амурской стороны ветер, волна по проливу пошла крупная, прибой так в берег и хлещет. Никак нам в этих лодочках по этой погоде переехать невозможно.

И пришлось нам из-за ветру прожить на берегу еще два дня. Припасы-то между тем все прикончились, ягодой только брюхо набиваем, да еще Оркун, спасибо ему, четыре юколы дал -- рыба у них такая. Так вот юколой этой еще сколько-нибудь питались. Честных правил, отличный гиляк был, дай ему, господи! И по сю пору о нем вспоминаю.

День прошел, все мы на берегу томимся. И до чего досадно было, так и сказать невозможно. Ночь переночевали, на другой день -- все ветер. Тоска донимает, просто терпеть нельзя. А амурская-то сторона из-под ветру-то еще явственнее выступает, потому что туман с моря согнало. Буран наш как сел на утесике, глазами на тот берег уставился, так и сидит. Не говорит ничего и ягод не собирает; сжалится кто над стариком, принесет ему ягоды в шапке -- ну он поест, а сам ни с места. Загорелось у старика бродяжье сердце. А может, и то: смерть свою увидал... Бывает!..

Наконец всем уже невтерпеж стало, и стали ребята говорить: ночью как-никак едем! Днем невозможно, потому что кордонные могут увидеть, ну, а ночью-то от людей безопасно, а бог авось помилует, не потопит. А ветер-то все гуляет по проливу, волна так и ходит; белые зайцы по гребню играют, старички (птица такая вроде чайки) над морем летают, криком кричат, ровно черти. Каменный берег весь стоном стонет, море на берег лезет.

"Давайте, говорю, ребята, спать ляжем. Луна с полночи взойдет, тогда что бог даст, поплывем. Спать уж тогда немного придется, надо теперь силы наспать".

Послушались ребята, легли. Выбрали мы место на высоком берегу, близ утесу. Снизу-то, от моря, нас и не видно: деревья кроют. Один Буран не ложится: все в западную сторону глядит. Легли мы, солнце-то еще только-только склоняться стало, до ночи далеко. Перекрестился я, послушал, как земля стонет, как тайгу ветер качает, да и заснул.

Спим себе, беды и не чаем.

Долго ли, коротко ли спали, только слышу я: Буран меня окликает. Проснулся от сна, гляжу: солнце-то садиться хочет, море утихло, мороки над берегом залегают. Надо мною Буран стоит, глаза у него дикие.

"Вставай, говорит, пришли уж... по душу, говорит, пришли!.." -- рукой этак в кусты показывает.

Вскочил я тут на ноги, гляжу: в кустах солдаты...

Один, поближе, из ружья целится, другой, подальше, подбегает, а с горки этак еще трое спускаются, ружья подымают. Мигом сон с меня соскочил; крикнул я тут громким голосом, и поднялись ребята сразу все, как один. Только успел первый солдат выстрелить, мы уж на них набежали...

Глухое волнение сдавило голос рассказчика; он понурил голову. В юрте стояла полутьма, так как бродяга забыл подкладывать поленья.

-- Не надо бы рассказывать, -- сказал он тоном, в котором слышалось что-то вроде просьбы.

-- Нет уж, все равно, кончайте! Что же дальше?

-- А дальше... да что уж тут... сами подумайте: ведь их всего-то пять человек, а нас двенадцать. Да еще думали они нас сонных накрыть, все равно как тетеревей, а вместо того мы им и оглянуться-то и собраться в кучу не дали... Ножи у нас длинные...

Выстрелили они по разу наспех -- промахнулись. Бегут с горки, и удержаться-то трудно. Сбежит вниз, а тут внизу мы его и принимаем...

-- Верите вы? -- как-то жалостливо проговорил рассказчик, поднимая на меня глаза с выражением тоски, -- и обороняться-то они нисколько не умели: со штыками этак, как от собак, отмахиваются, а мы на них, мы на них, как лютые волки!..

Пхнул один солдат штыком меня в ногу, оцарапал только, да я споткнулся, упал... Он на меня. Сверху еще Макаров навалился... Слышу: бежит по мне кровь... Мы-то с Макаровым встали, а солдатик остался...

Поднялся я на ноги, гляжу -- последние двое на пригорок выбежали. Впереди-то Салтанов, начальник кордона, лихой, далеко про него слышно было; гиляки -- и те его пуще шайтана боялись, а уж из нашего-то брата не один от него смерть себе получил. Ну, на этот раз не пришлось... Сам себя потерял...

Было у нас два черкеса, проворны, как кошки, и храбрость имели большую. Кинулся один к Салтанову навстречу, в половине пригорка сошлись. Салтанов в него из револьвера выпалил; черкес нагнулся, оба упали. А другой-то черкес подумал, что товарищ у него убит. Как бросится туда же... Оглянуться мы не успели, он уж Салтанову голову напрочь ножом отмахнул.

Вскочил на ноги, зубы оскалил... в руках голову держит. Замерли мы все тут, глядим... Скрикнул он что-то по-своему, звонко. Размахал голову, размахал и бросил...

Полетела голова поверх деревьев с утесу... Тишина у нас настала, стоим все ни живы, ни мертвы и слышим: внизу по морю плеск раздался -- пала голова в море.

И солдатик последний на пригорке стоит, остановился. Потом ружье бросил, закрыл лицо руками и убежал. Мы и не гонимся: беги, бог с тобой! Один он, бедняга, на всем кордоне остался, потому что было двадцать человек. Тринадцать на амурскую сторону за провизией поехали, да из-за ветру не успели еще вернуться, а шестерых мы уложили.

Кончилось все, а мы испугались, никак сообразиться не можем, друг на друга глядим: что же, мол, это такое -- во сне али вправду? Только вдруг слышим: сзади, на том месте, где спали мы, под деревом, Буран у нас стонет...

А Бурана нашего первый солдат из ружья убил. Не вовсе убил, -- помаялся старик еще малое время, да недолго. Пока солнце за гору село, из старика и дух вон. Страсть было жалко!..

Подошли мы к нему, видим: сидит старик под кедрой, рукой грудь зажимает, на глазах слезы. Поманил меня к себе. "Вели, говорит, ребятам могилу мне вырыть. Все одно вам сейчас плыть нельзя, надо ночи дождаться, а то как бы с остальными солдатами в проливе не встретиться. Так уж похороните вы меня, ради Христа".

"Что ты, что ты, дядя Буран! -- говорю ему. -- Нешто живому человеку могилу роют? Мы тебя на амурскую сторону свезем, там на руках понесем... Бог с тобой". -- "Нет уж, братец, -- отвечает старик, -- против своей судьбы не пойдешь, а уж мне судьба лежать на этом острову, видно. Так пусть уж... чуяло сердце... Вот всю-то жизнь, почитай, все из Сибири в Расею рвался, а теперь хоть бы на сибирской земле помереть, а не на этом острову проклятом..."

Подивился я тут на Бурана -- совсем не тот старик стал: говорит как следует, в полной памяти, глаза у него ясные, только голос слабый. Собрал нас всех вокруг себя и стал наставлять.

"Слушайте, говорит, ребята, что я стану рассказывать да запоминайте хорошенько. Придется теперь вам без меня по Сибири идти, а мне здесь оставаться. Дело ваше теперь очень опасно -- пуще всего, что Салтанова убили. Слух теперь пройдет об этом деле далеко: не то что в Иркутске, в Расее об этом деле узнают. Станут вас в Николаевском сторожить. Смотри, ребята, идите опасно; голод, холод терпите, а уж в деревни-то заходите поменьше, города обходите подальше. Гиляка и гольда не бойтесь -- эти вас не тронут. Ну, теперь замечайте хорошенько, стану вам про дорогу по амурской стороне рассказывать. Будет тут перед Николаевским городом заимка, в той заимке наш благодетель живет, приказчик купца Тарханова. Торговал он раньше на Соколином острову с гиляками, заехал с товарами в горы, да и сбился с дороги, заблудился. А с гиляками у него нелады были, ссора. Увидели они, что забрался он в глухое место, и застукали его в овраге; совсем было убили, да как раз на ту пору шли мы самым тем оврагом, соколинские бродяжки... В первый раз еще тогда я с Соколина уходил. Вот заслышали мы, что русский человек в тайге голосом голосит, кинулись в овраг и приказчика от гиляков избавили; с тех самых пор он нашу добродетель помнит. "Должон я, говорит, по гроб моей жизни соколинских ребят наблюдать..." И действительно, с тех пор нашим от него всякое довольствие идет. Разыщите его -- счастливы будете и всякую помощь получите".

Вот рассказал нам старик все дороги, наставления дал, а потом говорит:

"Теперь, говорит, ребята, вам времени-то терять незачем. Прикажи-ка, Василий, на этом месте домовину мне вырыть, потому что место хорошее. Пусть хоть ветер с амурской стороны долетает, да море оттуда плещет. Не мешкайте, полно, ребята! Принимайтесь за работу живее!"

Послушались мы.

Тут старик под кедрой сидит, а тут мы ему могилу роем; вырыли могилу ножами, помолились богу, старик уж у нас молчит, только головой качает, слезно плачет. Село солнце, старик у нас помер. Стемнело, мы уж и яму сровняли.

Как выплыли мы на середину пролива, луна на небо взошла, посветлело. Оглянулись все, сняли шапки... За нами, сзади, Соколиный остров горами высится, на утесике-то Буранова кедра стоит...

VII

Переехали мы на амурскую сторону, а уж там гиляки говорят: "Салтанова голова... вода". Бедовые эти инородцы, сороки им на хвосте вести носят. Что ни случись, все в ту же минуту узнают. Повстречали мы их несколько человек у моря, рыбу они ловили. Мотают головами, смеются; видно, что рады сами. А мы думаем: хорошо, мол, вам, чертям, смеяться, а нам-то каково! Из-за этой головы нам, может, всем теперь своих голов не сносить. Ну, дали они нам рыбы, расспросили мы их про все дороги, какие тут были, и пошли себе по своей. Идем по земле, словно по камню горячему, каждого шороху пугаемся, каждую заимку обходим, от русского человека тотчас в тайгу хоронимся, следы заметаем. Страшно ведь...

Днем больше в тайге отдыхали, по ночам шли напролет. К Тархановой заимке подошли на рассвете. Стоит в лесу заимка новая, кругом огорожена, вороты заперты накрепко. По приметам выходит та самая, про какую Буран рассказывал. Вот подошли мы, вежливенько постучались, смотрим, вздувают в заимке огонь. "Кто, мол, тут, что за люди?"

-- Бродяжки, -- говорим, -- от Бурана Стахею Митричу поклон принесли.

А на ту пору Стахей Митрич, главный-то приказчик тархановский, в отлучке находился, а на заимке подручного оставил, и был от него подручному наказ: в случае придут соколинские ребята, давать им по пяти рублей на брата, да сапоги, да полушубок, белья и провизии -- сколько потребуется. "Сколько бы их ни было, говорит, всех удовлетвори, собери работников, да при них выдачу и засвидетельствуй. Тут и отчет весь!"

А уж на заимке тоже про Салтанова узнали. Приказчик-то увидел нас и испужался. "Ах,

братцы, -- говорит, -- не вы ли же этого Салтанова прикончили? Беда ведь!"

"Ну, мол, мы аль не мы, об этом разговаривать нечего. А не будет ли от вашей милости какой помощи? От Бурана мы к Стахею Митричу с поклоном".

"А сам-то Буран что же? Али опять на остров попал?"

"Попал, говорим, да приказал долго жить".

"Ну, царство ему небесное... Хороший бродяга был, честных правил, хотя и незадачливый. Стахей Митрич и по сю пору его вспоминает. Теперь, чай, в поминанье запишет, только вот имя-то ему как? Не знаете ли, ребята?"

-- "Не знаем мы. Буран да Буран, так и звали. Чай, покойник и сам-от свое имя забыл, потому что бродяге не к чему".

-- "То-то вот. Эх, братцы, жизнь-то, жизнь ваша!.. Захочет поп об вас богу сказать, и то не знает, как назвать... тоже, чай, у старика в своей стороне родня была: братья и сестры, а может, и родные детки".

"Как, чай, не быть. Бродяга-то хоть имя свое крещеное бросил, а тоже ведь и его баба родила, как и людей..."

"Горькая ваша жизнь, ох, горькая!"

"Чего горше: едим прошеное, носим брошеное, помрем -- и то в землю не пойдем. Верно! Не всякому ведь бродяге и могила-то достанется. Помрешь в пустыне -- зверь сожрет, птица расклюет... Кости -- и те серые волки врозь растащут. Как же не горькая жизнь?"

Пригорюнились мы... Хоть жалостные-то слова мы для приказчика говорим, -- потому сибиряку чем жалостнее скажешь, то он больше тебя наградит, -- ну, а все же видим и сами, что правда, так оно и по-настоящему точка в точку выходит. Вот, думаем, он сейчас зевнет, да перекрестится, да и завалится спать... в тепле, да в сытости, да никого-то он не боится, а мы пойдем по дикой тайге путаться глухою ночью да точно нечисть болотная с петухами от крещеных людей хорониться.

"Ну, однако, ребята, -- говорит приказчик, -- пора мне и на боковую. Жертвую вам от себя по двугривенному на брата да по положению, что следует, получите и ступайте себе с богом. Рабочих всех будить не стану, -- трое есть у меня понадежнее, так они и засвидетельствуют для отчету. А то как бог с вами беды не нажить... Смотрите, в Николаевский город лучше не заглядывайте. Намеднись я оттуда приехал: исправник ноне живет бойкой; приказал всех прохожих имать, где какой ни объявится. "Сороке, говорит, пролететь не дам, заяц мимо не проскачет, зверь не прорыщет, а уж этих я молодцов-соколинцев изымаю". Счастливы будете, ежели удастся вам мимо пройти, а уж в город-то ни за коим делом не заходите".

Выдал он нам по положению, рыбы еще дал несколько, да от себя по двугривенному накинул. Потом перекрестился на небо, ушел к себе на заимку и дверь запер. Погасили сибиряки огни, легли спать -- до свету-то еще не близко. А мы пошли себе своею дорогой, и очень нам всем в ту ночь тоскливо было.

Ох, и люта же тоска на бродягу живет! Ночка-то темная, тайга-то глухая... дождем тебя моет, ветром тебя сушит и на всем-то, на всем белом свете нет тебе родного угла, ни приюту... Все вот на родину тянешься, а приди на родину, там тебя всякая собака за бродягу знает. А начальства-то много, да начальство-то строго... Долго ли на родине погуляешь -- опять тюрьма!

Да еще и тюрьма-то иной раз раем вспоминается, право... Вот и в ту ночь, идем-идем, вдруг Володька и говорит:

"А что, братцы, что-то теперь наши поделывают?"

"Это ты про кого, мол?"

"Да наши, на Соколином острову, в седьмой казарме. Чай, спят себе теперь, и горюшка мало!.. А мы вот тут... Эх, не надо бы и ходить-то..."

Прикрикнул я на него. "Полно, мол, тебе бабиться! И не ходил бы, коли дух в тебе короткий -- на других тоску нытьем нагоняешь".

А сам, признаться, тоже задумался. Притомились мы, идем -- дремлем; бродяге это в привычку на ходу спать. И чуть маленько забудусь, сейчас казарма и приснится. Месяц будто светит и стенка на свету поблескивает, а за решетчатыми окнами -- нары, а на нарах арестантики спят рядами. А потом приснится, и сам будто лежу, потягиваюсь... Потянусь -- и сна не бывало...

Ну, нет того сна лютее, как отец с матерью приснятся. Ничего будто со мною не бывало -- ни тюрьмы, ни Соколиного острова, ни этого кордону. Лежу будто в горенке родительской, и мать мне волосы чешет и гладит. А на столе свечка стоит, и за столом сидит отец, очки у него надеты, и старинную книгу читает. Начетчик был. А мать будто песню поет.

Проснулся я от этого сна -- кажись, нож бы в сердце, так в ту же пору. Вместо горенки родительской -- глухая тропа таежная. Впереди-то Макаров идет, а мы за ним гусем. Ветер подымется, пошелестит ветвями и стихнет. А вдали, сквозь дерев, море виднеется, и над морем край неба просвечивает -- значит, скоро заря, и нам куда-нибудь в овраге хорониться. И никогда-то -- может, и сами слышали, -- никогда оно не молчит, море-то. Все будто говорит что-то, песню поет али так бормочет... Оттого мне во сне все песня и снилась. Пуще всего нашему брату от моря тоска, потому что мы к нему не привычны.

Стали ближе к Николаевскому подаваться; заимки пошли чаще, и нам еще опаснее. Как-никак подвигаемся помаленьку вперед, да тихо; ночью идем, а с утра забиваемся в глушь, где уж не то что человек -- зверь не прорыщет, птица не пролетит.

Николаевск город надо бы подальше обойти, да уж мы притомились по пустым местам, да и припасы кончились. Вот подходим к реке под вечер, видим: на берегу люди какие-то. Пригляделись, ан это вольная команда {Вольную команду составляют каторжники, отбывшие положенный срок испытания. Они живут не в тюрьме, а на вольных квартирах, хотя все же и они лично, и их труд подвергаются известному контролю и обусловлены известными правилами. (Примеч. В.Г.Короленко.)} с сетями рыбу ловит. Ну, и мы без страху подходим:

"Здорово, мол, господа, вольная команда!"

"Здравствуйте, -- отвечают. -- Издалеча ли бог несет?"

Слово за слово, разговорились. Потом староста ихний посмотрел на нас пристально, отозвал меня к сторонке и спрашивает:

"Вы, господа проходящие, не с Соколиного ли острову? Не вы ли это Салтанова "накрыли"?"

Постеснялся я, признаться, сказать ему откровенно всю правду. Он хошь и свой брат, да в этаком деле и своему-то не сразу доверишься. Да и то сказать: вольная команда все же не то, что арестантская артель: захочет он, например, перед начальством выслужиться, придет и доложит тайком -- он ведь "вольный". В тюрьмах у нас все фискалы наперечет -- чуть что, сейчас уж знаем, на кого думать. А на воле-то как узнаешь?

Вот видит он, что я позамялся, и говорит опять:

"Вы меня не опасайтесь: я своего брата выдавать никогда не согласен, да и дела мне нет. Не вы, так и не вы! А только, как было слышно в городе, что на Соколине сделано качество, и вижу я теперь, что вас одиннадцать человек, то я и догадался. Ох, ребята, беда ведь это, право, беда! Главное дело: качество-то большое, да и

исправник у нас ноне дошлый. Ну, это дело ваше... Пройдете мимо -- счастливы будете, а покамест вот осталось у нас артельного припасу достаточно, и как нонче нам домой возвращаться, то получайте себе наш хлеб, да еще рыбы вам отпустим. Не нужно ли котла?"

"Пожалуй, говорю, лишний не помешает".

"Берите артельный... Да еще из городу ночью я вам кое-чего привезу. Надо ведь своему брату помощь делать".

Легче тут нам стало. Снял я шапку, поклонился доброму человеку; товарищи тоже ему кланяются... Плачем... И то дорого, что припасами наделил, а еще пуще того дорого, что доброе слово услыхали. До сих пор шли, от людей прятались, потому знаем: смерть нам от людей предстоит, больше ничего. А тут пожалели нас.

Ну, на радостях-то чуть было беды себе не наделали.

Как отъехала вольная команда, ребята наши повеселели. Володька даже в пляс пустился, и сейчас мы весь свой страх забыли. Ушли мы в падь, называемая та падь Дикманская, потому что немец-пароходчик Дикман в ней свои пароходы строил... над рекой... Развели огонь, подвесили два котла, в одном чай заварили, в другом уху готовим. А дело-то уж и к вечеру подошло, глядишь, и совсем стемнело, и дождик пошел. Да нам в то время дождик, у огня-то за чаем, нипочем показался.

Сидим себе, беседуем, как у Христа за пазухой, а о том и не думаем, что от нас на той стороне городские огни виднеются, стало быть, и наш огонь из городу тоже видать. Вот ведь до чего наш брат порой беспечен бывает: по горам шли, тайгой, так и то всякого шороху пугались, а тут против самого города огонь развели и беседуем себе, будто так оно и следует.

На счастье наше, жил в то время в городу старичок чиновник. Был он в прежнее время в N тюремным смотрителем. А в N тюрьма большая, народу в ней перебывало страсть, и все того старика поминали добром. Вся Сибирь Самарова знала, и как сказали мне недавно ребята, что помер он в третьем годе, то я нарочно к попу ездил, полтину за помин души ему отдал, право! Добрейшей души старичок был, царствие ему небесное, только ругаться любил... Такой был ругатель, просто беда. Кричит, кричит, и ногами топает, и кулаки сжимает, а никакого страху от него не было. Уважали ему, конечно, во всякое время, потому что был старик справедливый. Никогда от него арестанту обиды не было, никогда ничем не притеснял, копейкой артельной не прибытчился, кроме того, что добровольно артель за его добродетель награждала. Не забывали, надо правду говорить, и его арестанты, потому что семья у него была немалая... Имел доход порядочный...

В то время старичок этот был уж в отставке и жил себе в Николаевске на спокое, в собственном домишке. И по старой памяти все он с нашими ребятами из вольной команды дружбу водил. Вот сидел он тем временем у себя на крылечке и трубку покуривал. Курит трубку и видит: в Дикманской пади огонек горит. "Кому же бы это, думает, тот огонек развести?"

Проходили тут двое из вольной команды, подозвал он их и спрашивает:

"Где ноне ваша команда рыбу ловит? Неужто в Дикманской пади?"

"Нет, -- говорят те, -- не в Дикманской пади. Ноне им повыше надо быть. Да и то, никак, вольной команде нонче в город возвращаться".

"То-то вот и я думаю... А видите, вон огонек за рекой горит?"

"Видим".

"Кому же у того огня быть? Как по-вашему?"

"Не могим знать, Степан Савельич. Какие-нибудь проходящие".

"То-то вот и я думаю... А видите, вон огонек за рекой горит?". Подумать, все я об вас обо всех думай... А слыхали, что исправник третьего дня про соколинцев-то сказывал? Видали, мол, их недалече... Не они ли это, дурачки, огонь развели?"

"Может статься, Степан Савельич. Не диво, что и они развели".

"Ну, плохо ж их дело! Вот ведь, подлецы, чего делают!.. Не знаю, исправник-то в городе ли? Коли не вернулся еще, так скоро вернется; увидит этот огонь, сейчас команду нарядит. Как быть? Жаль ведь мерзавцев-то: за Салтанова им всем своих голов не сносить! Снаряжай-ка, ребята, лодку..."

Вот сидим мы у огня, ухи дожидаемся -- давно горячего не видали. А ночь темная, с окияну тучи надвинулись, дождик моросит, по тайге в овраге шум идет, а нам и любо... Нашему-то брату, бродяжке, темная ночь -- родная матушка; на небе темнее -- на сердце веселее.

Только вдруг татарин у нас уши насторожил. Чутки они, татары-то, как кошки. Прислушался и я, слышу: будто кто тихонько по реке веслом плещет. Подошел ближе к берегу, так и есть: крадется под кручей лодочка, гребцы на веслах сидят, а у рулевого на лбу кокарда поблескивает.

"Ну, говорю, ребята, пропали наши головы... Исправник!"

Вскочили все, котлы опрокинули -- в тайгу!.. Не приказал я ребятам врозь разбегаться. Посмотрим, мол, что еще будет: может, гурьбой-то лучше спасемся, если их мало. Притаились за деревьями, ждем. Пристает лодка к берегу, выходят на берег пятеро. Один засмеялся и говорит:

"Что, дурачки, разбежались? Небось выйдете все -- я на вас такое слово знаю. Видишь, удалые ребята, а бегают, как зайцы!"

Сидел рядом со мной Дарьин за кедрой.

"Слышь, говорит, Василий? Чудное дело: голос у исправника будто знакомый".

"Молчи, говорю, что еще будет. Немного их".

Вышел тут один гребец вперед и спрашивает:

"Эй вы, не бойтесь: Кого вы в здешнем остроге знаете?"

Притаили мы дух, не откликаемся.

"Да что вы это, лешие! -- окликает тот опять. -- Сказывайте, кого вы в здешнем остроге знаете, может, и нас узнаете тоже".

Отозвался я.

"Да уж знаем ли, нет ли, а только если б век вас не видать, может и нам и вам лучше бы было. Живьем не дадимся".

Это я товарищам признак подал, чтобы готовились. Их всего пятеро -- сила-то наша. Беда только, думаю, как начнут из револьверов палить -- в городе-то услышат. Ну, да уж заодно пропадать. Без бою все-таки не дадимся.

Тут старик сам заговорил:

"Ребята, говорит, неужто никто из вас Самарова не знает?"

Дарьин опять меня толкнул:

"Верно! Кажись, это N-ской смотритель... А что, -- спрашивает громко, -- вы, ваше благородие, Дарьина знавали ли когда?"

"Как, мол, не знать, -- старостой у меня в N находился. Федотом, кажись, звали". "Я самый, ваше благородие. Выходи, ребята! Это отец наш".

Тут все мы вышли.

"Что же, мол, ваше благородие, неужто вы нас ловить выехали? Так мы на это никак не надеемся".

"Дураки вы! Пожалел я вас, олухов. Вы это что же с великого-то ума надумали, прямо против города огонь развели?"

"Обмокли, говорим, ваше благородие. Дождик".

"Дожди-ик? А еще называетесь бродяги! Чай, не размокнете. Счастлив ваш бог, что я раньше исправника вышел на крылечко, трубку-то покурить. Увидел бы ваш огонь исправник, он бы вам нашел место, где обсушиться-то... Ах, ребята, ребята! Не очень вы, я вижу, востры, даром, что Салтанова поддели, кан-нальи этакие! Гаси живее огонь да убирайтесь с берега туда вон, подальше, в падь. Там хоть десять костров разводи, подлецы!"

Ругается старик, а мы стоим вокруг, слушаем да посмеиваемся. Потом перестал кричать и говорит:

"Ну, вот что: привез я вам в лодке хлеба печеного да чаю кирпича три. Не поминайте старика Самарова лихом. Да если даст бог счастливо отсюда выбраться, может, доведется кому в Тобольске побывать -- поставьте там в соборе моему угоднику свечку. Мне, старику, видно, уж в здешней стороне помирать, потому что за женой дом у меня взят... Ну, и стар уж... А тоже иногда про свою сторону вспоминаю. Ну, а теперь прощайте. Да еще совет мой вам: разбейтесь врозь. Вас теперь сколько?"

"Одиннадцать", -- говорим.

"Ну, и как же вы не дураки? Ведь про вас теперь, чай, в Иркутске знают, а вы так всею партией и прете".

Сел старик в лодку, уехал, а мы ушли подальше в падь, чай вскипятили, сварили уху, раздуванили припасы и распрощались -- старика-то послушались.

Мы с Дарьиным в паре пошли. Макаров пошел с черкесами. Татарин к двум бродягам присоединился; остальные трое тоже кучкой пошли. Так больше мы и не видались. Не знаю, все ли товарищи живы или помер кто. Про татарина слыхал, будто тоже сюда прислан, а верно ли -- не знаю.

В ту же ночь, еще на небе не зарилось, мы с Дарьиным мимо Николаевска тихонько шмыгнули. Одна только собака на ближней заимке взлаяла.

А как стало солнце всходить, мы уж верст десяток тайгой отмахали и стали опять к дороге держать. Тут вдруг слышим -- колокольчик позванивает. Прилегли мы тут за кусточком, смотрим, бежит почтовая тройка, и в телеге исправник, закрывшись шинелью, дремлет.

Перекрестились мы тут с Дарьиным: слава те, господи, что вечор его в городе не было. Чай, нас ловить выезжал.

VIII

Огонь в камельке погас. В юрте стало тепло, как в нагретой печи. Льдины на окнах начали таять, и из этого можно было заключить, что на дворе мороз стал меньше, так как в сильные морозы льдина не тает и с внутренней стороны, как бы ни было тепло в юрте. Ввиду этого мы перестали подбавлять в камелек дрова, и я вышел наружу, чтобы закрыть трубу.

Действительно, туман совершенно рассеялся, воздух стал прозрачнее и несколько мягче. На севере из-за гребня холмов, покрытых черною массой лесов, слабо мерцая, подымались какие-то белесоватые облака, быстро пробегающие по небу. Казалось, кто-то тихо вздыхал среди глубокой холодной ночи, и клубы пара, вылетавшие из гигантской груди, бесшумно проносились по небу от края и до края и затем тихо угасали в глубокой синеве. Это играло слабое северное сияние.

Поддавшись какому-то грустному обаянию, я стоял на крыше, задумчиво следя за слабыми переливами сполоха. Ночь развернулась во всей своей холодной и унылой красе. На небе мигали звезды, внизу снега уходили вдаль ровною пеленой, чернела гребнем тайга, синели дальние горы. И от всей этой молчаливой, объятой холодом картины веяло в душу снисходительною грустью, -- казалось, какая-то печальная нота трепещет в воздухе: "Далеко, далеко!"

Когда я вернулся в избу, бродяга уже спал, и в юрте слышалось его ровное дыхание.

Я тоже лег, но долго еще не мог заснуть под впечатлением только что выслушанных рассказов. Несколько раз сон, казалось, опускался уже на мою разгоряченную голову, но в эти минуты, как будто нарочно, бродяга начинал ворочаться на лавке и тихо бредил. Ею грудной голос, звучащий каким-то безотчетно-смутным ропотом, разгонял мою дремоту, и в воображении одна за другой вставали картины его одиссеи. По временам, когда я начинал забываться, мне казалось, что надо мной шумят лиственницы и кедры, что я гляжу вниз с высокого утеса и вижу белые домики кордона в овраге, а между моим глазом и белою стеною реет горный орел, тихо взмахивая свободным крылом. И мечта уносила меня все дальше и дальше от безнадежного мрака тесной юрты. Казалось, меня обдавал свободный ветер, в ушах гудел рокот океана, садилось солнце, залегали синие мороки, и моя лодка тихо качалась на волнах пролива.

Всю кровь взбудоражил во мне своими рассказами молодой бродяга. Я думал о том, какое впечатление должна производить эта бродяжья эпопея, рассказанная в душной каторжной казарме, в четырех стенах крепко запертой тюрьмы. И почему, спрашивал я себя, этот рассказ запечатлевается даже в моем уме -- не трудностью пути, не страданиями, даже не "лютою бродяжьей тоской", а только поэзией вольной волюшки? Почему на меня пахнуло от него только призывом раздолья и простора, моря, тайги и степи? И если меня так зовет она, так манит к себе эта безвестная даль, то как неодолимо должна она призывать к себе бродягу, уже испившего из этой отравленной неутолимым желанием чаши?

Бродяга спал, а мои мысли не давали мне покоя. Я забыл о том, что привело его в тюрьму и ссылку, что пережил он, что сделал в то время, когда "перестал слушаться родителей". Я видел в нем только молодую жизнь, полную энергии и силы, страстно рвущуюся на волю... Куда?

Да, куда?..

В смутном бормотании бродяги мне слышались неопределенные вздохи о чем-то. Я забылся под давлением неразрешимого вопроса, и над моим изголовьем витали сумрачные грезы... Село вечернее солнце. Земля лежит громадная, необъятная, грустная, вся погруженная в тяжелую думу. Нависла молчаливая, тяжелая туча... Только край неба отсвечивает еще потухающими лучами зари да где-то далеко, под задумчиво синеющими горами, стоит огонек...

Что это: родное пламя давно оставленного очага или блудящий огонь над ожидающею во мраке могилой?.. Заснул я очень поздно.

IX

Когда я проснулся, было уже, вероятно, часов одиннадцать. На полу юрты, прорезавшись сквозь льдины, играли косые лучи солнца. Бродяги в юрте не было.

Мне нужно было съездить по делам в слободу, поэтому я запряг коня в маленькие саночки и выехал из своих ворот, направляясь вдоль улицы селения. День был яркий и сравнительно теплый. Мороз стоял градусов около двадцати, но... все в мире относительно, и то самое, что в других местах бывает в развал зимы, мы здесь воспринимали как первое дыхание наступавшей весны. Клубы дыма, дружно поднимаясь изо всех слободских юрт, не стояли прямыми, неподвижными столбами, как бывает обыкновенно в большие морозы, -- их гнуло к западу, веял восточный ветер, несущий тепло с Великого океана.

Слобода почти наполовину населена ссыльными татарами, и так как в тот день у татар был праздник, то улица имела довольно оживленный вид. То и дело где-нибудь скрипели ворота, и со двора выезжали дровни или выбегали рысцой верховые лошади, на которых, раскачиваясь в стороны, сидели хмельные всадники. Эти поклонники Магомета не особенно строго блюдут запрещение Корана, и потому как верховые, так и пешеходы выписывали вдоль и поперек улицы самые причудливые зигзаги. Порой какой-нибудь пугливый конек кидался в сторону слишком круто, дровни опрокидывались, лошадь мчалась вдоль улицы, а хозяин подымал целую тучу снеговой пыли собственною фигурой, волочась на вожжах. Не сдержать коня и вывалиться с дровней -- это во хмелю может случиться со всяким; но для "хорошего татарина" позорно выпустить из рук вожжи, хотя бы при таких затруднительных обстоятельствах.

Но вот прямая, как стрела, улица приходит в какое-то особенное суетливое оживление. Ездоки приворачивают к заборам, пешие сторонятся, татарки в красных чадрах, нарядные и пестрые, сгоняют ребят по дворам. Из юрт выбегают любопытные, и все поворачивают лица в одну сторону.

На другом конце длинной улицы появилась кучка всадников, и я узнал бега, до которых и якуты, и татары большие охотники. Всадников было человек пять, они мчались как ветер, и когда кавалькада приблизилась, то впереди я различил серого конька, на котором вчера приехал Багылай. С каждым ударом копыт пространство, отделявшее его от скакавших сзади, увеличивалось. Через минуту все они промчались мимо меня как ветер.

Глаза татар сверкали возбуждением, почти злобой. Все они на скаку размахивали руками и ногами и неистово кричали, отдавшись всем корпусом назад, почти на спины лошадям. Один Василий скакал "по-расейски", пригнувшись к лошадиной шее, и изредка издавал короткие свистки, звучавшие резко, как удары хлыста. Серый конек почти ложился на землю, распластываясь в воздухе, точно летящая птица.

Сочувствие улицы, как всегда в этих случаях, склонилось на сторону победителя.

-- Эх, удалой молодца! -- вскрикивали в восторге зрители, а старые конокрады, страстные любители дикого спорта, приседали и хлопали себя по коленам в такт ударам лошадиных копыт.

В половине улицы Василий догнал меня, возвращаясь на взмыленном коне обратно. Посрамленные соперники плелись далеко сзади.

Лицо бродяги было бледно, глаза горели от возбуждения. Я заметил, что он уже "выпивши".

-- Закутил! -- крикнул он мне, наклоняясь с коня, и взмахнул шапкой.

-- Дело ваше... -- ответил я.

-- Ничего, не сердись!.. Кутить могу, а ум не пропью никогда. Между прочим, переметы мои ни под каким видом никому не отдавай! И сам просить стану -- не давай! Слышишь?

-- Слышу, -- ответил я холодно, -- только уж вы, пожалуйста, пьяным ко мне не приходите.

-- Не придем, -- ответил бродяга и хлестнул коня концом повода. Конек захрапел, взвился, но, отскакав сажени три, Василий круто остановил его и опять нагнулся ко мне.

-- Конек-то золото! Об заклад бился. Видели вы, как скачет? Теперича я с татар что захочу, то за него и возьму. Верно тебе говорю, потому татарин хорошего коня обожает до страсти!

-- Зачем же вы его продаете? На чем будете работать?

-- Продаю -- подошла линия!

Он опять хлестнул коня и опять удержал его.

-- Собственно, потому, как встретил я здесь товарища. Все брошу. Эх, мил-лай! Посмотри вон, татарин едет, вон на чалом жеребчике... Эй ты, -- крикнул он ехавшему сзади татарину, -- Ахметка! Подъезжай-ка сюда.

Чалый жеребчик, играя головой и круто забирая ногами, подбежал к моим саночкам. Сидевший на нем татарин снял шапку и поклонился, весело ухмыляясь. Я с любопытством взглянул на него.

Плутоватая рожа Ахметки вся расцветала широкою улыбкой. Маленькие глазки весело сверкали, глядя на собеседника с плутовской фамильярностью. "Мы, брат, с тобой понимаем друг друга, -- как будто говорил каждому этот взгляд. -- Конечно, я плут, но ведь в том-то и дело, не правда ли, чтобы быть плутом ловким?" И собеседник, глядя на это скуластое лицо, на веселые морщинки около глаз, на оттопыренные тонкие и большие уши, как-то особенно и потешно торчавшие врозь, невольно усмехался тоже. Тогда Ахметка убеждался, что его поняли, удовлетворялся и снисходительно кивал головой в знак солидарности во взглядах.

-- Товарища! -- кивнул он головой на Василья. -- Вместе бродяга ходил.

-- А теперь-то ты где же проживаешь?.. Я что-то раньше в слободе тебя не видал.

-- За бумагам пришел. Приискам ходим, спирту таскаем {Торговля водкой на приисках и вблизи приисков строго воспрещена, и потому в таежных приисках Ленской системы развился особый промысел -- спиртоносов, доставляющих на прииски спирт в обмен на золото. Промысел чрезвычайно опасный, так как в наказание за это полагаются каторжные работы и, кроме того, дикая природа сама по себе представляет много трудностей. Множество спиртоносов гибнет в тайге от лишений и казачьих пуль, а нередко и под ножами своей же братии из других партий. Зато промысел этот выгоднее приисковой работы. (Примеч. В.Г.Короленко.)}.

Я взглянул на Василья. Он потупился под моим взглядом и подобрал поводья лошади, но потом поднял опять голову и вызывающе посмотрел на меня горящими глазами. Губы его были крепко сжаты, но нижняя губа заметно вздрагивала.

-- Уйду с ним в тайгу... Что на меня так смотришь? Бродяга я, бродяга!..

Последние слова он произнес уже на скаку. Через минуту только туча морозной пыли удалялась по улице вместе с частым топотом лошадиных копыт.

Через год Ахметка опять приходил в слободу "за бумагам", но Василий больше не возвращался.

(1885)